



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JÚCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**VÉU DO TEMPO: INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NO ESPÓLIO DE
FRANCISCO TANCREDO TORRES**

João Pessoa
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JÚCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**VÉU DO TEMPO: INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NO ESPÓLIO DE
FRANCISCO TANCREDO TORRES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de doutoramento em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade. Linha de Pesquisa: Informação Memória e Sociedade.

Orientação: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

João Pessoa
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Defesa nº 094

Ata da Sessão Pública de Defesa de Tese do(a) Doutorando(a) **JUCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA** como requisito para obtenção do grau de Doutor(a) em Ciência da Informação, Área de Concentração em Informação, Conhecimento e Sociedade e com Linha de pesquisa em Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Aos dezenove dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro (19/03/2024), às quatorze horas e trinta minutos, no Miniáuditorio I do Bloco da Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar o(a) candidato(a) ao Grau de Doutor(a) em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, o(a) doutorando(a) **JUCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA**. A banca examinadora foi composta pelos (as) professores(as): Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora), Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Izabel França de Lima – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Zeny Duarte de Miranda – UFBA (Examinadora externa), Dra. Patrícia Ladeira Penna Macêdo – UFRN (Examinadora externa), Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – PPGCI/UFPB (Suplente Interna) e Dra. Ana Claudia Medeiros de Sousa – UFBA (Suplente Externa). Dando início aos trabalhos, o(a) Professor(a) Dr(a). Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra ao(à) discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de tese intitulado: **“VÉU DO TEMPO: INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NO ESPÓLIO DE FRANCISCO TANCREDO TORRES”**. Após a apresentação, o(a) doutorando(a) foi arguido(a) na forma regimental pelos examinadores. Respondidas todas as arguições, o(a) Professor(a) Dr.(a). Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente(a) da Banca Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

()Aprovado ()Insuficiente ()Reprovado.

Observações da Banca:

A banca Examinadora considerou o trabalho de **excelência acadêmica** com comprovada inovação teórico-metodológica e **recomenda** sua indicação para premiação no âmbito interno e externo a UFPB, órgão de fomento ou entidade científica da área. Recomenda ainda sua publicação em formato de livro e artigos

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Professor(a) Dr.(a) Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros.

João Pessoa, 19 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA**
Data: 20/03/2024 21:07:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientador(a)/Presidente (a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **MARIA CLEIDE RODRIGUES BERNARDINO**
Data: 21/03/2024 09:06:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **IZABEL FRANÇA DE LIMA**
Data: 22/03/2024 17:39:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Izabel França de Lima
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **ZENY DUARTE DE MIRANDA**
Data: 25/03/2024 16:59:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos Santos
Examinador(a) Externo(a) – UFBA

Documento assinado digitalmente
 **PATRICIA LADEIRA PENNA MACEDO**
Data: 23/03/2024 14:52:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Patrícia Ladeira Penna Macêdo
Examinador(a) Externo(a) – UFRN

Documento assinado digitalmente
 **MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE**
Data: 28/03/2024 17:59:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque
Suplente Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **JUCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA**
Data: 28/03/2024 19:36:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Claudia Medeiros de Sousa
Suplente Externo(a) – UFBA

Juccia Nathielle do Nascimento Oliveira
Doutorando(a)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48v Oliveira, Júccia Nathielle do Nascimento.
Véu do tempo : informação e memória no espólio de Francisco Tancredo Torres / Júccia Nathielle do Nascimento Oliveira. - João Pessoa, 2024.
328 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Biblioteca universitária. 2. Espólio pessoal. 3. Francisco Tancredo Torres. 4. Memória - Areia. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 027.7(043)

JÚCCIA NATHIELLE DO NASCIMENTO OLIVEIRA
VÉU DO TEMPO: INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NO ESPÓLIO DE
FRANCISCO TANCREDO TORRES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de doutoramento em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade. Linha de Pesquisa: Informação Memória e Sociedade.

Orientação: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Profa Dra Izabel França de Lima
(Examinadora Interna)

Profa Dra Maria Cleide Rodrigues Bernardino
(Examinadora Interna)

Profa Pós-Dra Zeny Duarte de Miranda
(Examinadora Externa)

Profa Dra Patrícia Ladeira Penna Macêdo
(Examinadora Externa)

Profa Dra Ana Cláudia Medeiros de Souza
(Examinadora Externa Suplente)

Profa Pós-Dra Maria Elizabeth Baltar Carneiro De Albuquerque
(Examinadora Interna Suplente)

João Pessoa
2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha imensa gratidão aos que contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Primeiramente a Deus, pela graça divina da vida, por tamanhas bênçãos que ele tem me permitido testemunhar.

Aos meus familiares, pela educação, amor, apoio e orações, minha mãe Ireneide, por sempre me incentivar nos estudos e por ser espelho, meu pai Oliveira, meus avós Irene e José Gomes, meus irmãos Nara e Natanael. Minhas tias, Galega e Nilce, meus priminhos todos, Pedro Kauã *in memoriam* (ele em sonho me avisou que daria certo a aprovação na seleção e com certeza o êxito na caminhada desses três anos tem a sua mão). Amo muito todos vocês.

A minha companheira, Nayara Souza, pelo amor partilhado por tantos anos dividindo a vida e pelas batalhas vencidas, essa é mais uma para conta!

Aos meus filhinhos de 4 patas, Toby e Khalessi que ensinam tanto sobre amor e companheirismo.

Aos colegas, professores, alunos e servidores do PPGCI/UFPB, que dividiram comigo textos, trocas, conhecimentos, atenção, trabalhos, aprovações, ideias, conquistas. Em especial, Karina, Lelê, Lili e Nathalia, minha gratidão sincera.

Em especial, à professora Bernardina pela orientadora que foi, cuja orientação sábia e apoio contínuo foram fundamentais para o sucesso deste projeto. Mais que isso, foi amiga, mãe, confidente, companheira. Participou e participa da minha vida, vai além de academia. Consegui sentir dela a paixão e o amor pelo conhecimento, a dedicação no ato de ensinar, na humildade em aprender, sua resiliência com o seu ofício, o estender a mão ao próximo. É inegável o seu amor pelo livro, com a memória, com os acervos, com a literatura. Que Deus te abençoe e te guarde e te dê saúde. Obrigada por tanto, professora.

Agradeço à banca feminina, mulheres fortes, sábias, que muito me inspiram, e que tive a honra de tê-las na minha banca, lendo meu trabalho e me ajudando na pesquisa. Professora, Cleide, Izabel, Patrícia, Zeny, Ana Medeiros e Elizabeth Baltar.

Aos meus colegas de trabalho Edilson e Luciana, que são verdadeiramente meus amigos, que estiveram também presentes na construção desta pesquisa,

seguraram a barra do setor de trabalho para que eu pudesse me afastar e me dedicar exclusivamente à minha pesquisa, meu muito obrigada.

Aos alunos do CCA, de variados cursos, que contribuíram nos projetos ao longo de quase sete anos de extensão, pesquisando, desenvolvendo ações, nutrindo esse amor pela memória e história da cidade de Areia, em especial aos bolsistas, sendo o primeiro deles Rogério Pereira, o primeiro que topou desbravar nesta aventura comigo.

A todos que fazem a Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres, terceirizados e efetivos, que também deram suas contribuições para pesquisa, pessoas que honram seus trabalhos no serviço público, comprometidos com aquilo que fazem. Em especial, Adriana e Júlia.

A direção do Centro de Ciências Agrárias, professores Bandeira e Ricardo, por todo apoio neste afastamento para minha qualificação.

A todos os amigos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, direta ou indiretamente. Cada um de vocês desempenhou um papel crucial no sucesso deste projeto.

RESUMO

A biblioteca universitária, enquanto instituição, desempenha um importante papel na ação de organização, preservação e disseminação de conjuntos documentais pessoais, aqui trabalhado enquanto espólio pessoal, que, entendendo seu caráter patrimonial, possuem potencial de memória e história. O espólio pessoal de Francisco Tancredo Torres, sob guarda da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, revela parte da memória e história da cidade de Areia (PB), que está registrada nos escritos e naquilo que ele escolheu guardar, documentando por décadas as narrativas daquele lugar. O espólio passa a ser fonte documental, resultado da intenção de ser o suporte/subsídio do presente, reserva de memórias e histórias, contribuindo para a preservação e ressignificação da memória e da história da cidade de Areia. Cidade histórica, tombada pelo IPHAN, Areia esteve presente nos grandes embates políticos, participação em grandes feitos culturais, religiosos e econômicos, o município possui grandes nomes de filhos célebres que continuam a evidenciar sua cidade natal, projetando seu patrimônio. Portanto, este estudo objetiva investigar as contribuições dos achados do espólio de Francisco Tancredo Torres, considerando as potências infomemoriais das diferentes mídias de memória, com vistas a construção e ressignificação da memória da cidade de Areia, a partir de um conjunto de estudos e operações investigativas, possibilitando a organização, acesso e uso das informações contidas no espólio. A metodologia utilizada compreende uma investigação arqueológica, buscando aporte na pesquisa narrativa, somando aos estudos de cunho bibliográfica e documental. Ressignificar e possibilitar o acesso e uso da informação que tais documentos carregam é (re)visitar uma parte da história de Areia, dos seus personagens e dos feitos que fazem desta, uma cidade histórica. Os resultados revelam documentos inéditos encontrados no espólio que auxiliam na narrativa memorialística e histórica da cidade e de seus personagens, no sentido de preencher as lacunas da memória e história já ditas.

Palavras-Chave: biblioteca universitária; espólio pessoal; Francisco Tancredo Torres; memória; Areia (PB).

ABSTRACT

The university library, as an institution, plays an important role in the organization, preservation and dissemination of personal documentary sets, worked here as personal assets, which, understanding their patrimonial character, have the potential for memory and history. The personal estate of Francisco Tancredo Torres, under the custody of the Sectorial Library of the Centro de Ciências Agrárias of Universidade Federal da Paraíba, reveals part of the memory and history of the city of Areia (PB), which is recorded in the writings and in what he chose to keep, documenting for decades the narratives of that place. The estate becomes a documentary source, the result of the intention to support/subsidize the present, a reserve of memories and stories, contributing to the preservation and redefinition of the memory and history of the city of Areia. A historic city, listed by IPHAN, Areia was present in major political clashes, participated in major cultural, religious and economic events, the municipality has great names of famous children who continue to highlight their hometown, projecting its heritage. Therefore, this study aims to investigate the contributions of findings from the estate of Francisco Tancredo Torres, considering the infomemorial powers of different memory media, with a view to constructing and re-signifying the memory of the city of Areia, based on a set of studies and investigative operations, enabling the organization, access and use of information contained in the estate. The methodology used comprises an archaeological investigation, seeking support in narrative research, in addition to bibliographic and documentary studies. Reframing and enabling access and use of the information that such documents carry is to (re)visit a part of Areia history, its characters and the achievements that make it a historic city. The results reveal unpublished documents found in the collection that help in the memorialistic and historical narrative of the city and its characters, in order to fill in the gaps in memory and history already mentioned.

Keywords: university library; personal estate; Francisco Tancredo Torres; memory; Areia (PB).

LISTA DE ABREVIATURAS

AMOL	Academia Mossoroense de Letras
BSCCA	Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CI	Ciência da Informação
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
EAN	Escola de Agronomia do Nordeste
FTT	Francisco Tancredo Torres
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
IPGH	Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Etapas da Pesquisa	36
Figura 2 -Espécies documentais e quantitativos do Espólio de Tancredo Torres	41
Figura 3 - Francisco Tancredo Torres	68
Figura 4 - Árvore Genealógica da família de Tancredo Torres.....	70
Figura 5 - Parentes de Tancredo Torres	72
Figura 6 - Bento Victório Barbosa Torres, avô de Tancredo Torres	73
Figura 7 - Poemas de Tancredo Torres aos 9 anos.	77
Figura 8: Residência de Tancredo Torres.	78
Figura 9 - Correspondência sobre ida de Tancredo Torres para EAN	81
Figura 10 - Correspondência sobre ida de Tancredo Torres para EAN	82
Figura 11 - Alteração da lotação de Tancredo Torres	83
Figura 12 - Linha do tempo de Francisco Tancredo Torres	87
Figura 13 - Poemas de Tancredo Torres.	103
Figura 14 - Espólio de Tancredo Torres.	106
Figura 15 - Gêneros do espólio de Tancredo Torres.....	108
Figura 16 - Dedicatória de Rachel de Queiroz.	109
Figura 17 - Marcas de posse de Tancredo Torres.	109
Figura 18 - Ex-líbris de Horácio de Almeida e carta de Ignês de Almeida	110
Figura 19 - Marcas de proveniência.	111
Figura 20 - Horácio de Almeida com 19 anos.	112
Figura 21: Passaporte de Pedro Américo.	114
Figura 22 - Engenho Ipueira.....	118
Figura 23 - Engenho Guarim.....	119
Figura 24 - Ata da 1ª Sessão da Pia	123
Figura 25 - Júlia Leal e José Américo de Almeida.	124
Figura 26 - Júlia Leal e José Américo de Almeida.	124
Figura 27: Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque	126
Figura 28: Padre João da Silva Coutinho.	129
Figura 29 - Listas de alunas do Colégio Santa Rita.	130
Figura 30 - Livro de registro de ata Colégio Santa Rita.....	130
Figura 31 - Diploma de Professora, Colégio Santa Rita.	131
Figura 32 - Colégio Santa Rita.	131
Figura 33 - Ata da sessão de inauguração da Escola de Agronomia.....	134
Figura 34 - Revista A Gleba	136
Figura 35 - Jornais "A Navalha" e "A Papada"	136
Figura 36 - Correspondência de professores da EAN para José Américo.	137
Figura 37 – Centro de Ciências Agrárias.	138
Figura 39 - Descerramento do quadro com o retrato de Carlota Barreira.	139
Figura 38 - Capela da escola Carlota Barreira.	139
Figura 40 - Termo de Inauguração do Banheiro Público do Quebra	146
Figura 41- Horácio de Almeida e amigos.	151

Figura 42 - Lançamento do Livro “Dicionário Erótico da Língua Portuguesa”	152
Figura 43 - Federação das Academias de Letras do Brasil	153
Figura 44 - Fundação da Academia Paraibana de Letras.	154
Figura 45 - Horácio de Almeida na atividade Política	155
Figura 46: Casamento de Horácio de Almeida e Corintha de Almeida.	156
Figura 47: Filhos do casal Horácio de Almeida e Corintha.	157
Figura 48 - José Américo de Almeida na biblioteca da Escola de Agronomia do Nordeste.	159
Figura 49 - Relação de pessoas escravizadas.	160
Figura 50 - Bilhete de loteria	163
Figura 51: Documento da Irmandade do Santíssimo Sacramento	164
Figura 52 - Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques.	166
Figura 53 - Forro da Igreja Matriz de Areia.	168
Figura 54 - Igreja Matriz	169
Figura 55 - Salão Paroquial em 2023.	170
Figura 56: Salão Paroquial em 1975.	170
Figura 57 - Igreja Nossa Senhora do Rosário	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados do quantitativo de trabalhos recuperados.....	38
Quadro 2 - Legislação sobre a proteção ao patrimônio bibliográfico.....	62
Quadro 3 - Quantitativos trabalhos de FTT	92
Quadro 4 - Lista dos Vultos Areienses	143

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAMINHOS DA PESQUISA	29
2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	35
2.2 ASPECTOS PROCEDIMENTAIS.....	36
3 ENTRE CONCRETOS E ESTANTES: BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, MEMÓRIA E COLEÇÕES ESPECIAIS	43
3.1 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA NO BRASIL: NO COMPASSO DO TEMPO.....	43
3.2 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: LUGAR DE MEMÓRIA	49
3.3 COLEÇÕES ESPECIAIS: O LIVRO COMO PATRIMÔNIO	58
4 FRANCISCO TANCREDO TORRES: UM ESPÓLIO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA	65
4.1 FRANCISCO TANCREDO TORRES: UM HOMEM EM MOVIMENTO.....	68
4.2 TANCREDO TORRES EM AÇÃO: ESCRITOS, FEITOS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	90
5 AREIA SOB A ÓTICA DE FRANCISCO TANCREDO TORRES	116
5.1 EDUCAÇÃO	119
5.1.1 Curso Júlia Leal.....	121
5.1.2 Colégio Santa Rita.....	126
5.1.3 Escola de Agronomia do Nordeste	132
5.1.4 Grupo Escolar Carlota Barreira.....	139
5.2 A IMPRENSA	140
5.3 A MÚSICA EM AREIA.....	145
5.4 FILHOS DE AREIA.....	148
5.4.1 Pedro Américo	148
5.4.2 Horácio de Almeida	150
5.4.3 José Américo de Almeida.....	158
5.5 AREIA E A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA.....	159
5.6 RELIGIÃO	165
5.6.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	167
5.6.2 Salão Paroquial	170
5.6.2 Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	171
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	173

REFERÊNCIAS.....	177
ANEXO A – CORRESPONDÊNCIA DE IGNEZ ALMEIDA PARA TANCREDO	189
ANEXO B – LISTA DE 111 PROFESSORES DE AREIA, ENTRE OS ANOS DE 1822 A 1960.....	193
ANEXO C – DISCURSO DE JÚLIA VERÔNICA DOS SANTOS LEAL	196
ANEXO D – VULTOS AREIENSES	197
APÊNDICE A – CATÁLOGO DAS FOTOGRAFIAS	268
APÊNDICE B – CATÁLOGO DOS JORNAIS	287

1 INTRODUÇÃO

Areia, de longe mar, / verde cume, verde vento / de Pedro Américo, museu, / de Augusto dos Anjos, / poesia. / Areia que é porto e praia / da tradição que a resguarda / enquanto segue com o tempo, / Areia onde o folklore / veio em náu catarineta, / montou cavalo marinho, / dançou nos bumba-meu-boi, / e ficou solta nas gentes. / Areia que é Padre Ruy, / nova e eterna gameleira, / que luta, abriga e abençoa / os que chegam malferidos / e os que partem, sonho e busca, / inventando novos rumos para o Amor Eternidade, / luz além do vil tormento. Areia, âncora e rumo, / Areia de areia e vento, / eu te amo. / (Nísia Nóbrega – Ode à Cidade de Areia).

A cidade de Areia, também consagrada pela imprensa como a terra da cultura, preserva um patrimônio urbanístico, arquitetônico e paisagístico, tombado desde 2005, como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹. Localizada no Brejo Paraibano, Nordeste do Brasil, é frutífera de intelectuais que fizeram história no Brasil e no mundo, entre os quais: José Américo de Almeida², Horácio de Almeida³, José Simeão Leal⁴, Pedro Américo⁵, Carlota Lúcia de Brito⁶, Adauto Aurélio de Miranda Henriques⁷ e tantos outros nomes, de consagrado valor, que fizeram história com valiosas contribuições. Além dessas contribuições intelectuais, Areia desfruta de alguns feitos culturais que

¹ O Decreto nº 8312, de 8 de dezembro de 1979 reconhece como patrimônio estadual o núcleo urbano. E em 2006 é tombado o centro histórico como patrimônio histórico e nacional, pelo processo de tombamento nº 1489-T-02 (Ferreira, 2010).

² Escritor, professor, advogado, ministro e político destacado nacionalmente. Membro da Academia Brasileira de Letras.

³ Historiador, advogado e bibliófilo. “Fundador e sócio efetivo de dezenas de instituições literárias e culturais no Estado da Paraíba e do Rio de Janeiro. [...] Membro fundador da Academia Paraibana de Letras (APL) e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP)” (Gaudêncio, 2020, p.02).

⁴ Diplomata, crítico de arte, jornalista, médico e editor público (Oliveira, 2009)

⁵ Um dos mais importantes pintores do Brasil Império, cujas obras tem projeção nacional (Pekala, 2011; Farias, 2022).

⁶ Conhecida pelo famoso crime, o qual Carlota mandara matar um ex-Vice-Presidente da Província da Parahyba, em 1849, ela é um símbolo que dialoga com o feminismo. Mulher forte, que, vivendo numa sociedade patriarcal, sofre ameaças e teve coragem de revidá-las (Medeiros, 2018)

⁷ Primeiro Bispo e primeiro Arcebispo da Paraíba, assumindo a função em 1894, e fica na liderança até 1935 (Tavares, 2020).

potencializam e destacam seu valor. Considerando o estado da Paraíba, Areia têm alguns pioneirismos: primeiro teatro, inaugurado em 1859, primeira escola de ensino superior da Paraíba, a Escola de Agronomia do Nordeste, inaugurada em 1936 e a primeira cidade a decretar a libertação das pessoas escravizadas, em 3 de maio de 1888, apesar de Torres (1990a) afirmar que em 25 de abril de 1888 a câmara entregou os últimos títulos de alforria, o que deu a Areia muitas glórias e muita história. É também em Areia que até hoje existe o grupo musical Filarmônica Abdon Felinto Milanez, uma das primeiras orquestras do Brasil, tendo completado 176 anos de fundação neste 2023 (Farias, 2023).

Em 1934, instala-se na cidade, a Escola de Agronomia do Nordeste (EAN), graças aos esforços de José Américo de Almeida, devido sua reiterada influência política no cenário nacional. A EAN foi o primeiro estabelecimento de ensino superior do estado da Paraíba e a primeira Escola de Agronomia do Nordeste. Mais tarde, na década de 60, no ano de 1968, esta escola foi incorporada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), passando a denominar-se, desde então, Centro de Ciências Agrárias (CCA), um marco nas Ciências Agrárias do Nordeste. Sua história se entrelaça à história da própria cidade de Areia, pois contribui diretamente com o desenvolvimento educacional, cultural, social e político da região.

Nesse cenário, especificamente em 1958, entra em cena Francisco Tancredo Torres, que doravante adotaremos, para fins deste estudo Tancredo Torres, nome pelo qual era mais conhecido, personagem que vai permear os espaços da cidade, assim como, o cotidiano da EAN e da cidade de Areia, documentando as narrativas do lugar. Mais que documentar, Tancredo Torres passa a registrar a cidade, escrevendo sobre seus personagens, sua história, seus prédios arquitetônicos, os acontecimentos e eventos, atuando como exímio historiador de ofício. Natural da cidade de Esperança, município circunvizinho de Areia, ganha o título honorífico de cidadão Areiense em 30 de novembro de 1979. Em 1948 Tancredo Torres cursa Agricultura na EAN, e mais tarde, dez anos depois, retorna à Areia para trabalhar na EAN como secretário do curso de Agronomia.

De volta à cidade, ele começa a colecionar toda a rotina acadêmica da instituição. Tornando-se uma espécie de guardião voluntário dos saberes e fazeres daquela casa. Foi escritor, cronista, historiador e jornalista da cidade, compondo textos que registraram a história do município e da instituição, dando-lhe um carimbo singular aos registros materiais da memória daquele município, bem como da EAN.

Tancredo Torres, como ficou conhecido, escreveu livros e textos em vários formatos, como plaquetes⁸, boletins, publicações técnicas e discursos. A maioria de sua produção fora publicada na Coleção Mossoroense⁹, e muitos outros por outras editoras. As temáticas desenvolvidas nos livros rememoram personagens e histórias do lugar, materializando, a partir desses registros, uma espécie de testemunho. Sempre se fazia presente, como convidado para proferir discursos em vários eventos comemorativos municipais.

Fez parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, irmandade esta que tem uma história singular na formação religiosa da cidade e sociabilização dos homens negros, sobretudo em razão do processo escravocrata da qual a cidade tem participação ativa, tendo inclusive uma senzala urbana, o Casarão José Rufino¹⁰ (Silva, 2009). Para além do município, a Irmandade tem um papel fundamental em todo o estado da Paraíba. Ela realizava atividades, de modo a garantir o culto ao santo padroeiro da cidade, além de auxiliar o socorro aos irmãos doentes, aprisionados, na hora da morte e na compra de cartas de alforria. Eram nesses espaços da Irmandade que os negros reconstruíam seus laços sociais, utilizando-os para um processo de “construção de liberdade” (Alves, 2006, p.7).

Grande parte da história de Areia se encontra nos escritos de Tancredo Torres, e curiosamente, a ele pouco lhe é dado o devido crédito. Desenvolve ainda intensa ação cultural, organizando eventos culturais na cidade. Acompanhou parte das atividades das irmãs Franciscanas, dedicadas ao Ginásio Santa Rita¹¹, tombado pelo IPHAN, junto ao centro histórico. O Ginásio foi fundado em 1937 e dedicava-se ao ensino para moças da cidade. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), ocupando a cadeira 17 e também membro do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande, na cadeira número 20. Já o Instituto Histórico e

⁸ Publicação similar ao livro de poucas páginas

⁹ Seu acervo bibliográfico é composto de títulos, boletins, periódicos e cordéis. Configurou-se como um instrumento político onde grupos de intelectuais podiam narrar histórias regionais, uma janela para publicação científica. “Provavelmente o maior conjunto eclético de textos sob um único selo do país, fundada no final dos anos 40 do século passado e idealizada por Jerônimo Vingt-un Rosado, guarda, no conjunto de seus mais de 4 mil títulos” (Mendes, p.2, 2018).

¹⁰ Foi erguido em 1818, tendo como proprietário o português marinheiro Francisco Jorge Torres, oriundo de Portugal. O local era também a residência do Jorge Torres, seu comércio e nos fundos, doze senzalas, seis na parte superior e seis na inferior (Silva, 2010).

¹¹ Instituição de ensino dedicado a educação cristã feminina, fundada em 1937, administrado inicialmente pelas irmãs Franciscanas de Dillingen. Município da Alemanha. A edificação foi tombada integralmente pelo IPHAN em 2006, sob o Decreto nº 8312, de 8 de dezembro de 1979, uma vez que está localizado no conjunto histórico e urbanístico do centro da cidade.

Geográfico de Areia leva seu nome em homenagem. Também foi membro da Academia de Letras de Areia e da Academia de Letras de Campina Grande.

Tancredo Torres escreveu vários artigos para jornais locais de relevância, como “**O Areiense**”, que circulou entre os anos de 1979 a 1984, pertencente à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia, e no qual exerceu a função de secretário do jornal e o **Diário da Borborema** e de 1979 a 1984. Dentre outras tantas atribuições, Tancredo Torres por muito tempo foi registrando e documentando o cotidiano seu e da cidade, compondo desse modo seu espólio, que guarda parte da história da cidade de Areia, bem como do Centro de Ciências Agrárias.

No espólio de Tancredo Torres, é possível encontrar, fotos, livros, revistas, jornais, objetos, cartas, documentos de ordem religiosa, cédulas, documentos oficiais, dentre outros tantos que compõem seu espólio, que está desde o ano de 2019 sob a guarda da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias, que também leva seu nome em homenagem.

A data de criação da Biblioteca Setorial remonta à criação da EAN, com um conjunto de acervos doados que saíam para empréstimo. No regulamento da EAN, publicado em 1936, já contemplava o cargo de bibliotecário, valendo lembrar que a profissão só foi regulamentada em 1962 no país. Em 1973, um fato inédito, a contratação da primeira bibliotecária, Emeide Nóbrega Duarte¹². Desde então, a biblioteca vem exercendo seu papel de organismo vivo, com a ampliação do seu acervo, que além das coleções de livros didáticos e científicos relacionados às temáticas dos cursos existentes no CCA, Agronomia, Ciências Biológicas, Medicina Veterinária, Química e Zootecnia, além dos cursos de pós-graduação, e um acervo de literatura, ela abriga também coleções especiais, conquistadas por doações, como de professores e pesquisadores que de alguma forma contribuíram com a Escola de Agronomia, fato que culminou com a doação da Coleção de Francisco Tancredo Torres.

Dentre os documentos encontrados na coleção de Tancredo Torres, destaca-se o livro de inauguração da EAN, escritos que relatam o primeiro dia da escola e as rotinas acadêmicas, dentre as quais o percurso educacional, até chegar à EAN, além de atas e discursos proferidos por Tancredo Torres. Constitui-se ainda de fotografias inéditas do escritor Horácio de Almeida¹³, passaporte original de

¹² Professora pós-doutora em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

¹³ Personagem que é apresentado na sessão 5.

Pedro Américo datado de 1888, um bilhete de loteria do século XIX, cuja renda revertia em favor da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, comunidade que lutava na libertação das pessoas escravizadas entre outras frentes religiosas, coleções de jornais, muitos estão com as edições completas de todos os números publicados, que circularam na cidade a partir de 1888, a exemplo do **Jornal O Areense, O Século, Jornal da Festa, Verdade**, entre outros jornais, dentre várias outras espécies documentais. Tais documentos, se revelam significativos na sólida compreensão da história e da memória da cidade de Areia, uma vez que, Tancredo Torres é um ser circunscrito pela sociedade, história e cultura que o constituiu.

As bibliotecas universitárias, muitas vezes, acabam recusando o recebimento de coleções especiais, por inúmeras motivações, desde a falta de espaço, recursos¹⁴, pessoal, mas também, por desconhecer o valor patrimonial da coleção. A partir dessas coleções especiais a biblioteca universitária pode assumir um protagonismo regional, revisitando seu lugar, identidade, memória e história.

Algumas premissas, aparentemente, como a de construção de acervos especiais, não estariam dentro das responsabilidades de uma biblioteca universitária, uma vez que, estas estão inclinadas apenas a renovação e circulação do acervo. Razão pela qual concentram esforços no processo de avaliação com ênfase na eliminação, descartando, muitas vezes, distantes de uma efetiva política de avaliação do patrimônio bibliográfico-documental, que estabeleça os critérios seguros de descarte, considerando inclusive os aspectos bibliológicos e bibliográficos importante nesse processo.

Por outro lado, a biblioteca que desenvolvemos é ainda apegada ao acumular. Culturalmente, as pessoas que querem fazer doações de acervos a uma biblioteca, almejam, na verdade, descartar materiais e acham que a biblioteca seria o lugar certo para fazer aquele descarte. Os bibliotecários(as) muitas vezes se veem em situações de receber um determinado conjunto que pode não ser relevante para coleção que gerenciam. Cada documento que entra na biblioteca precisa complementar a biblioteca, ele é parte. Não se pode introduzir um acervo que não tenha significado ou relação com a biblioteca. Toda biblioteca tem um perfil, uma

¹⁴ No caso em específico da Biblioteca Setorial FTT não há um recurso específico em que a coordenação possa gerenciar, há solicitações por meio de processo administrativo destinados a Direção de Centro e a Biblioteca Central, solicitando materiais e/ou infraestrutura que podem ou não serem atendidos. Há um valor, nem sempre anual, designado pela Biblioteca Central, destinado a compra de livros.

identidade, uma missão de guarda. Essas características precisam ser avaliadas para aceitar que coleções especiais possam ser integradas ao acervo.

Diante do exposto, ao considerar a relevância da biblioteca universitária, entendo que uma de suas missões, incluindo-se a de guarda, é o compromisso com sua memória institucional, a documentação produzida pela instituição, as produções dos acadêmicos da universidade, seus pesquisadores, professores e técnicos. Além do potencial, de seus acervos em relação a ciência e sua evolução. Daí a importância da preservação de acervos documentais constituídos e acumulados por titulares representados por personagens fundadores. Tal feito, deve fazer parte da missão institucional da Biblioteca e do fazer científico dos acervos universitários.

Na seara das coleções especiais da Biblioteca, que compreendem os acervos especiais, encontra-se o espólio pessoal de Tancredo Torres, e cujo teor de seus documentos possui um potencial informacional para além de sua vida particular, sendo aqui tratado como uma espécie de testemunho, a partir dos seus registros materiais. É a transformação de “uma prova de mim” para “uma prova de nós”, numa reconstrução não só de fatos e datas, mas de narrativas.

O espólio¹⁵ está dentro das coleções especiais da biblioteca. Nesta pesquisa optamos por utilizar o termo *espólio*, para nos referirmos ao conjunto de documentos de Tancredo Torres, por entender a amplitude conceitual e também jurídica do termo. Nos estudos terminológicos brasileiros da biblioteconomia e arquivologia os termos *acervo especial*, *coleção especial* e *arquivo privado* é comumente adotado em pesquisas desta natureza. Todavia, a compreensão jurídica de espólio, conduziu-nos por sua preferência, principalmente por combinar elementos materiais que configuram a herança deixada pelo titular.

No Brasil, o termo foi, pioneiramente, adotado no campo da Ciência da Informação por meio dos estudos de Santos (2019, 2000), que compreendeu sua amplitude, bem como sua adequação quando se trata de acervos deixados por herança. A autora explica o termo em Portugal é comum sua utilização. Este compreende também a acepção jurídica, em que se discute que “espólio é empregado post mortem e se aproxima do conceito “herança”, enquanto conjunto de bens do de cujus (do falecido)”. Desta forma, o entendimento jurídico de espólio “também se adequa ao significado da documentação deixada intacta, como bem

¹⁵ Termo que designa o arquivo pessoal do titular pós-vida.

que, após a morte do titular, passa a pertencer a outrem. Além do mais, ela foi recolhida sem ter sido possível o consentimento do titular” (Santos, 2019). Assim, o espólio de Tancredo Torres, composto por espécies e tipologias documentais, extrapola a condição de documentos arquivísticos.

O espólio de Tancredo Torres é composto por fotografias, livros, revistas, jornais, objetos, cartilhas, cartas, manuais, documentos de ordem religiosa, cédulas, quadros, documentos oficiais, dentre outras fontes, que relatam o cotidiano da cidade e da instituição, configurando uma rica e valiosa contribuição para a preservação e conhecimento da história e da memória do município de Areia.

Essa documentação era privada e privativa do titular, o que significa dizer que pouco se sabia sobre sua existência. Deixar o espólio disponível para a pesquisa é retirá-lo do silenciamento, pois conforme afirma Ricoeur (2007), este poderá levá-lo ao esquecimento. Por isso, a urgência em preservar esses registros, em trazer à cena espólios pessoais, como o de Tancredo Torres, para ser possível minimizar o apagamento da memória e com isto o enfraquecimento identitário da região, narrada a partir dos documentos. Do ponto de vista conceitual, entendendo o livro enquanto patrimônio, bem material, tomados individualmente ou em conjunto, são portadores de referências à identidade, à ação. O mérito da memória é justamente o da construção e do fortalecimento identitário. Não existe memória sem identidade, e não existe identidade afastada da memória, são indissociáveis, se aproximando das discussões de Candau (2011) em seu livro *Identidade e Memória*, essas duas categorias estão integrantes de um mesmo corpo.

A partir dos escritos de Tancredo Torres, muitos deles publicados nos livros e jornais, é possível traçar um percurso sobre a memória da cidade e dele próprio, uma vez que à medida que ele fala da cidade ele também fala de si. Conforme Tancredo Torres vai traçando o perfil de Areia e de seus personagens, ele não fala só da cidade, numa perspectiva bucólica e saudosista, mas do movimento dessas pessoas, da ebulição que essa cidade tem a partir de seus personagens, costumes, e dos hábitos cotidianos. As múltiplas dimensões que Tancredo Torres carrega em seu espólio, revelam a potencialidade do que ele escolheu preservar sobre si e sobre seu espaço.

Nesta pesquisa, levanta-se a seguinte questão problema: *de que forma as potências infomemoriais¹⁶, das diferentes mídias de memória, constante dos achados do espólio de Tancredo Torres, podem ser mobilizadas para a construção e ressignificação da memória da cidade de Areia?*

Parto da **hipótese** de que o valor do espólio memorial, uma vez preservado, como fonte documental, resulta na intenção de ser o suporte/subsídio do presente, reserva de memórias e histórias, contribuindo para a preservação e ressignificação da memória e da história da cidade de Areia. O espólio em questão nunca foi investigado/estudado, o que revela a existência de faces nunca desveladas, da memória do lugar e do próprio Tancredo Torres, uma vez que a narrativa do eu funde-se com a da coletividade.

A memória é sempre alimentada e estará presente na formação de suas identidades, pois, conforme mencionado anteriormente, a construção da identidade é uma permanente negociação entre indivíduo e sociedade: não uma construção identitária vista como algo estático ou pronto, mas como um processo permanente de interação e mediação.

Ao chegar no final de 2017 na instituição, recém aprovada no concurso público da UFPB, para o cargo de bibliotecário-documentalista, encontrei algumas salas da biblioteca repletas de livros antigos, os quais, conforme fui informada, estavam em desbaste e teriam que seguir para descarte. As justificativas variavam: porque eram livros velhos, outros estavam desatualizados e haviam edições mais recentes no acervo geral, alguns se encontravam em deterioração, ou por fim, que eram livros cujos temas não havia interesse. Ao analisar minuciosamente esses materiais, para construir um laudo técnico que justificasse o descarte, percebi que se tratava de obras que revelavam uma pluralidade e riqueza informacional da memória e identidade daquele lugar. Eram coleções de antigos professores da instituição, que doaram seus acervos pessoais para biblioteca, cuja data de aquisição não é possível precisar, e que nunca foram organizadas em coleções.

Percebi que aqueles livros desvelavam a memória acadêmica daquela instituição: tudo o que foi trabalhado nas salas de aulas por aqueles professores, sendo fonte de pesquisas para as temáticas das ciências agrárias. De pronto, submetemos um projeto de extensão universitária, o “A reconstrução da memória do

¹⁶ O caráter infomemorial dos documentos reflete a possibilidade que a informação assume enquanto capacidade de alimentar a memória.

CCA-UFPB: coleções especiais”, que foi aprovado, e em 2018 começamos o trabalho nestes acervos.

Essas primeiras movimentações foram primordiais para que nós, enquanto biblioteca universitária, pudéssemos despertar os primeiros passos neste sentido. Ali, começaram a ser desenhadas as ações que precisariam ser feitas. Buscamos estudar sobre coleções especiais, bem como sobre a nossa história. Viajamos para outro estado em busca de uma oficina sobre a temática, participamos de eventos e palestras, e pouco a pouco, esse sentimento de incorporar os acervos especiais ao acervo da biblioteca, bem como a tomada de decisão de não o descartar foi enfim consolidada.

Como bibliotecária da instituição, realizando exposições de outros acervos da biblioteca na cidade, fui questionada sobre o espólio de Tancredo Torres, que, naquele momento, não tinha nenhuma informação. Ao conversar com a direção do Centro, fui informada que este espólio foi recolhido por um professor, que ao perceber seu descarte na rua, realizado pela família após o falecimento de Tancredo Torres, e sabendo da importância do espólio, o leva para a universidade.

Transferido para o CCA, o material foi trancado numa sala, e ficou sujeito à deterioração dos documentos, sem qualquer tipo de organização ou preservação, e assim permaneceu por alguns anos. Com o agravante da impossibilidade de consulta por quaisquer pesquisadores, a coleção se encontrava no ostracismo. Pesquisando o espólio e compreendendo sua importância histórica, identitária e memorial, solicitamos em 2018 que ele fosse para a biblioteca setorial para que pudéssemos realizar o tratamento técnico e de preservação para disponibilizá-lo aos pesquisadores.

Em 2019 recebemos o espólio de Tancredo Torres, que logo foi incorporado ao acervo de coleções especiais da biblioteca e, devido à experiência que adquirimos com os demais acervos, começamos também a desenvolver atividades nele. Pesquisando no espólio, fomos surpreendidos por sua variedade, grandeza informacional e sua vontade memorial, definida pelo seu colecionador, Tancredo Torres, que anunciou como e pelo que queria ser lembrado. Sem dúvidas, a riqueza deste espólio comporta, mais que todos os outros preservados, uma grandiosidade narrativa com potência de ressignificação da memória.

No projeto de extensão, anteriormente anunciado, que neste ano de 2024 se encontra no seu sétimo ano de execução, conseguimos realizar algumas

atividades técnicas importantes como a transferência, organização, guarda, higienização e pesquisa neste espólio.

Nesse período, em que essas ações, em função da proteção e guarda do espólio, acontecem, somos atravessados por uma política que tem como projeto o apagamento de instituições detentoras do nosso patrimônio nacional, tendo na figura do presidente da república, à época, Jair Bolsonaro, o maior expoente defensor dessa destruição. São grandes os cortes de orçamento, narrativas negacionistas e incompatíveis com os valores da nossa democracia, num cenário de desvalorização e desmonte com a cultura, educação e memória. A verdade histórica e memorial fora contestada, postas em questão, numa tentativa ora de silenciamento, ora de ocultamento e/ou apagamento.

Cabe aqui mencionarmos alguns desses episódios que caracterizam a afirmativa anterior: desmonte da Comissão da Anistia, incêndio na Cinemateca Brasileira, extinção do Ministério da Cultura, destruição do acervo da Fundação Palmares... Como podemos impor ao futuro nossas memórias em tempos de apagamento?

O país atravessava um momento crítico na política de direita que, se alastra para demais áreas, sem precedentes, deixa clara a ordem de destruição a tudo que nos conecta com nossa cultura, identidade e patrimônio. Então, é também um ato político lutar pela preservação deste espólio.

Desde a graduação, os acervos pessoais, as bibliotecas e arquivos particulares, as histórias dos colecionadores e como organizaram seus acervos, me seduzem, atravessa tudo em mim. Pude adquirir experiências profissionais em acervos de renomados nomes da história do meu lugar de origem. Estagiando, prestando serviços voluntários ou atuando como bolsista de extensão, pude viver momentos inenarráveis.

A Biblioteca Particular do Padre Cícero, que foi minha primeira passagem, me fez ter contato com algumas obras raras, me desafiando a buscar conhecimento sobre o manuseio e tratamento destas obras. Um mundo novo se abria para mim ali. Pude me conectar e tomar posse da história da minha cidade natal, Juazeiro do Norte – CE, e entender as práticas religiosas que estão imbricadas na figura do religioso. No Memorial Patativa do Assaré, localizado na cidade de Assaré-CE, uma segunda e importante experiência, entrei no mundo da poesia, oralidade, literatura, rima, verso, cordel e cantoria, pois o ilustre “poeta popular”, deixou imortalizado na

literatura brasileira sua poesia. Após estes meus primeiros passos, terminado o curso de mestrado, continuei minha saga a trabalhar com acervos pessoais, meu privilégio profissional mais uma vez sendo garantido: o acervo Severino Bezerra de Carvalho, que faz parte da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, localizada na Universidade Estadual da Paraíba. Este acervo tinha uma diversidade de suportes, e reunia parte da história da cidade de Campina Grande, além dos livros históricos de literatura. E, em mais uma reviravolta profissional, chega em minhas mãos o acervo de Tancredo Torres, que por reparação a esses outros personagens, que remexi em seus escritos e memória, pela primeira vez, trabalharei na pesquisa acadêmica.

Pude exercitar, ao longo da minha caminhada profissional, de quase 10 anos em acervos, arquivos e bibliotecas pessoais, a investigação, a pesquisa, entender o não dito, as marcas de proveniência que o livro carrega, entendê-lo para além de um simples objeto, percebê-lo além do que se vê, conseguir entender sua trajetória, por onde ele caminhou, juntar quebra-cabeças com as informações soltas que iam sendo colhidas...

Percebi quão “detetive” a pessoa bibliotecária precisa ser para alcançar quaisquer vestígios que esses lugares de memória suscitam, fugir do lugar-comum, entender o livro enquanto elemento da cultura material. Oliveira (2018, p. 346), vai nos dizer que o livro como elemento da cultura material “[...] registra marcas deixadas pelo homem [...]. Esses são vestígios que, de alguma forma, tornam-se palpáveis, concretos, pois, os livros só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas, materializadas”. E que “essa materialidade estabelece para o leitor um conjunto de regras e de ordenamento” (Oliveira, 2018, p.348) de interesse social e histórico; o livro em sua materialidade “detém conteúdos decifráveis, o que a ele se integra, também (Oliveira, 2018, p.357).

Compreendi, quantas narrativas há naqueles espaços completamente silenciosos, o quanto todos aqueles colecionadores falavam, e falavam comigo. De certa forma, estas trajetórias acadêmicas e profissionais, aqui em parte, narradas, foram fundamentais para refletir o personagem central desta investigação, me possibilitando um olhar mais estratégico para compreender Tancredo Torres em seu tempo, espaço, religião, nos seus escritos, entender suas motivações e angústias. Entendê-lo a partir de suas mídias de memória (Assmann, 2011).

Conforme dito anteriormente, estranhamente, nenhum destes acervos ou personagens foram meus objetos de investigação científica, e sinto que estou em

dívida com eles, pois preciso registrar este conhecimento para que todos possam olhá-los a partir de como eu os vi: de suas confissões manuscritas, seus ângulos expressos nas fotografias reveladas e colecionadas, suas correspondências trocadas, temáticas dos livros que compuseram seus acervos, jornais recortados, desenhos, publicações, diários, gravações... Quem sabe, retirar Tancredo Torres deste ostracismo, é também um começo de minha reparação.

Quando entrei em contato com algumas pessoas que conheceram e beberam na fonte de Tancredo Torres, sendo professores, pesquisadores, amigos e historiadores, percebi a comoção e a felicidade de que finalmente ele seria retirado do esquecimento. A própria instituição, inclusive na biblioteca, pouco sabe sobre os feitos de Tancredo Torres.

Ao longo da pesquisa realizada no espólio, entendi que precisaria dissecá-lo, para que, me fosse permitido entender este homem e as memórias que ele decidiu preservar, os materiais nos quais ele ordenou o protagonismo, a maneira a qual ele queria ser lembrado. Digo isso, porque percebi que Tancredo Torres deixou ordenamentos, informações adicionais, descrições nas fotografias, entre outras pistas para aqueles que tivessem disposição de investigar seu acervo, para além do dito, do oficial. É perceptível a sua vontade de memória e as oportunidades que criou para concretizá-la: seja nos jornais que por muito tempo foi colunista, nos discursos proferidos, na coleção de fotografias ou nas publicações de seus livros. Registros estes, que carregam grande potência, podem ser vistos por diferentes ângulos, também e principalmente ver aquilo a que ele reservou ao esquecimento.

Até então, tudo estava no campo da prática profissional, entendia que precisava de um tratamento técnico e a partir do projeto de extensão poderíamos desenvolver as atividades para salvaguardar os documentos e a memória. Esta ação se transforma em pesquisa, quando tomei conhecimento que na cidade de Areia, iria ser lançado um livro, “José Simeão Leal: o editor público brasileiro”, um célebre personagem areiense, que igualmente a Tancredo Torres, pouco prestígio era dado. Fui no lançamento da obra, conheci a escritora, Bernardina Freire, a época vice-reitora da UFPB. Mal sabia que minha história com Bernardina começaria naquele encontro.

Assisti a palestra de lançamento, conversei com ela sobre a atividade que estávamos desenvolvendo na biblioteca com o espólio de Tancredo Torres, ganhei seu livro com uma dedicatória: “Para Júccia, espero que sirva de inspiração”. Foi

lendo o livro que fui levada a descobrir uma grande paixão. Foi um abraço, pois reacendeu a vontade de estar na academia, de fazer pesquisa, e que sim, já tinha meu objeto de estudo dialogando comigo diariamente no meu ambiente de trabalho. Fui apresentada a conceitos, descobrindo “os fios da memória”, entendendo a trajetória de memória e história, os conceitos de escrita de si, o arquivo privado como fonte autobiográfica, conheci o livro enquanto cultura material, marcas de proveniência e a narrativa histórica. Bernardina Freire e sua obra foram meu aporte sinalizador. Era tudo o que eu queria para Tancredo Torres. As camadas de investigação que Bernardina Freire desvelou, a construção da narrativa da vida e obra de José Simeão Leal, e a maneira a qual ela conseguiu dar o mérito devido a ele, foram minha inspiração e motivação a escrever um projeto de seleção, o qual tive mérito, e o privilégio de tê-la como minha orientadora nesta pesquisa.

Desta forma, serão investigados os temas que compõem o espólio, a escolha de Tancredo Torres por tais temas, o personagem Tancredo Torres, onde a história da cidade chegou a partir de seus escritos e o motivo do desconhecimento ou do pouco conhecimento de Tancredo Torres. Ao mesmo tempo, em que fui arrebatada por sua história e seus feitos, a minha vontade era também que sua memória fosse revelada e disseminada, saísse do lugar injusto onde foi colocada, no esquecimento, sucumbida pela solidão intelectual que Tancredo Torres viveu, reduzida ao pequeno círculo literário que ele pertenceu em vida.

É neste sentido que precisamos também refletir sobre o papel da Ciência da Informação (CI) e seu dever nos estudos e nas práticas memoriais, ou simplesmente o seu dever de memória. A CI precisa retomar seu objeto de estudo, apropriar-se dele, buscar estar alinhada à sua identidade, dar a importância devida, para ser possível cada vez mais estudos sobre os suportes informacionais, a informação materializada, expressar preocupação com esses materiais, que pouco a pouco estão sendo destruídos e fadados ao esquecimento. Nós, enquanto CI, deveríamos descobrir, tratar, disponibilizar, viabilizar o acesso a estes patrimônios bibliográficos, criando estruturas de mediação, sob pena desses patrimônios desaparecerem. É fundamental nosso papel: muito mais do que repetir conceitos derivados de outras áreas, e da própria CI, é pensar o papel da CI na realização das práticas e dos estudos memoriais.

Do ponto de vista científico, esta pesquisa justifica-se, por não haver, em um levantamento prévio, nenhum estudo envolvendo o espólio de Tancredo Torres

levando em consideração a memória de Areia. Aqui também se encontra o ineditismo da pesquisa, que além do específico objeto de espólio de Tancredo Torres, revela um novo valor para biblioteca universitária, agregando a esta instituição valores de patrimônio, memória e identidade. Assim, o acesso e uso dessa informação por parte de pesquisadores contribuirá com várias áreas de conhecimento. Em relação a estudos que envolvam coleções especiais como corpus analítico e como espaço referencial de memória e informação em biblioteca universitária, carece de novas investigações na CI, considerando que ao adotar a lógica booleana, conforme levantamento prévio realizado em algumas bases de dados, que serão apresentadas no delineamento da pesquisa, na seção da metodologia, poucos trabalhos foram recuperados

Do ponto de vista social, considerando a grandeza do que Tancredo Torres produziu ao falar da cidade, seus personagens e suas dinâmicas do passado histórico, este trabalho contribui na construção e ressignificação da memória coletiva e identitária, visto que o espólio citado é uma reserva de possibilidades e investigações, além da visibilidade sócio-histórica capaz de representar parte de sociedade cujas dinâmicas interveio no âmbito estadual em todas as suas performances.

Vale ressaltar que este trabalho é pertinente à linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, pois produz uma investigação sobre processos da memória coletiva no CCA e na cidade de Areia, possibilitando a organização, acesso e uso das informações recuperadas no espólio.

Assim, essa investigação justifica-se pela relevância histórica dos documentos que compõem o espólio de Francisco Tancredo Torres, entendendo que não é suficiente apenas a disponibilização dos documentos para consulta e apreciação da comunidade acadêmica e a população em geral. É necessária a ampliação destes recursos em favor dos usuários, acrescentando dados de identificação, marcas de proveniência, revelando e contextualizando as micronarrativas.

É importante lembrar que para a nova história cultural¹⁷, a ação de interpretação a partir das micronarrativas possibilitará uma reescrita da história e

¹⁷ Um novo paradigma de pesquisa e de produção histórica, que tem, entre outros teóricos, Michel Foucault, Nibert Elias, Pierre Bourdieu e Peter Burke. Pensa as descontinuidades, as rupturas,

ressignificações da memória dos sujeitos e dos lugares. Desse modo, o trabalho de identificação dos documentos deverá ser síncrono à sua contextualização, pois essa possibilidade de escrita e reescrita da história, objetiva promover diálogos, partilhas e encadeamentos de conhecimentos que alcancem tanto a comunidade acadêmica quanto a comunidade em geral.

Ressignificar e possibilitar o acesso e uso da informação que tais documentos carregam é (re)visitar uma parte da história de Areia, dos seus personagens e dos feitos que fazem desta uma cidade, uma cidade histórica de reconhecimento patrimonial nacional.

Os **objetivos** propostos buscam atender as provocações apontadas pela questão norteadora desta pesquisa. Como objetivo geral: *Analisar as contribuições dos achados do espólio de Tancredo Torres, considerando as potências infomemoriais das diferentes mídias de memória, com vistas a construção e ressignificação da memória da cidade de Areia (PB)*. E, como objetivos: a) Investigar as singularidades do espólio de Tancredo Torres, considerando o potencial informacional que veicula específicos discursos memoriais, históricos, culturais e sociais; b) Desvendar memórias inexploradas por meio do potencial informacional e memorial constante das mídias produzidas e recebidas associadas à singularidade de Tancredo Torres, enfatizando a relação entre as narrativas pessoais e coletivas; c) Estabelecer a composição da memória, observando as interrelações discursivas e seu vínculo com a Biblioteca Universitária do CCA e o patrimônio bibliográfico da cidade de Areia; e, d) Avaliar o potencial e a relevância dos discursos de Tancredo Torres na moldagem, legitimação e percepção da atual identidade e realidade da cidade de Areia.

O estudo está estruturado em seis seções, a saber: **A primeira seção**, intitulada **INTRODUÇÃO** apresenta os aspectos temáticos, a justificativa, o problema de pesquisa, a hipótese e os objetivos do trabalho.

A segunda seção, CAMINHOS DA PESQUISA, aborda os aspectos metodológicos da pesquisa e os procedimentos percorridos para alcançar os objetivos propostos, tomando como escopo teórico o método arqueológico de Foucault (2005).

estudo das práticas e representações: “Antes ligada à visão tradicional, a narrativa volta para dar voz as pessoas comuns, histórias de vida, narrativas culturais suas estruturas e versões que infere sobre a percepção do leitor” (Burke, 2008, p.157).

Na terceira seção, **ENTRE CONCRETOS E ESTANTES: BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, MEMÓRIA E COLEÇÕES ESPECIAIS**, discute-se as categorias centrais desta pesquisa, fazendo um passeio pela história das bibliotecas universitárias no Brasil, compreendendo-as enquanto lugar de memória e suas relações com as coleções especiais, concebendo o livro enquanto patrimônio bibliográfico e seus aspectos conceituais.

A quarta seção, denominada de **FRANCISCO TANCREDO TORRES: UM ESPÓLIO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA** discorre sobre o personagem central dessa investigação, Tancredo Torres, sua vida e pesquisa, apresentando as produções em vida realizadas.

Na quinta seção, denominada de **AREIA SOB A ÓTICA DE FRANCISCO TANCREDO TORRES**, são apresentados os achados, numa narrativa memorialística - histórica, a partir das investigações dos itens que compõem as espécies documentais do espólio: jornais, correspondências, bibliográfico e fotográfico.

Na última seção, a sexta, as **CONSIDERAÇÕES FINAIS** do trabalho, no sentido das contribuições do espólio de Tancredo, a partir do que fora encontrado e narrado sob a perspectiva da memória, comprovando a tese de que o referido espólio apresenta as contribuições significativa para a reconstrução da memória da cidade.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

Se arqueologia é descobrir uma profunda estrutura histórica que não pode ser vista, e dirigir uma peça de teatro é descobrir uma estrutura invisível enterrada na encenação, então qual a diferença entre estrutura histórica e narrativa? Entre fósseis e momentos narrativos escondidos no sedimento? O que está oculto e o que está inacabado? A compulsão para concluir a narrativa histórica ou a estrutura teatral é profunda. Imagino, porém, as crianças que, ao escavar a areia, encontram uma linda concha e a contemplam em sua totalidade, mas, então, ao invés de coletá-la, devolvem-na à areia (Ruhl, 2014, p. 198).

O caminho teórico-metodológico desta pesquisa está relacionado às questões que envolvem a informação e a memória, compreendida a partir dos conceitos de alguns teóricos, pensando em que sentido aquilo que lembramos ou silenciados reflete em nosso comportamento enquanto sociedade.

É também buscado auxílio, para fundamentar o estudo, a teoria da arqueologia do saber. Compreendo Foucault (2005), foi escolhida sua obra intitulada “Arqueologia do saber”, para guiar as discussões metodológicas deste trabalho. Tal proposta arqueológica, defendida pelo autor, contribui para as discussões da pesquisa na construção de escrita narrativa histórica, procurando descrever os discursos, enquanto documento, percebidos no espólio de Tancredo Torres.

Pensando o método arqueológico, o autor sugere “[...] que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência nem à instância *a priori* de um conhecimento; mas que, nele mesmo, o questionamos sobre as regras de sua formação” (Foucault, 2005, p. 89). O autor nos instiga entender o jogo de interrupções, bem como as rupturas de cada um dos cortes em análise neste método de investigação arqueológica, para ser possível entender a verticalidade histórica dos acontecimentos. Desta forma, a arqueologia não está interessada na ordem temporal ou de continuidade dos acontecimentos, mas seu interesse reside

no nível do saber, das ideias, em buscar controvérsias e discontinuidades. É buscado compreender como os saberes e as verdades são produzidos e transformados historicamente, pois são eles que moldam e constroem a realidade social.

A arqueologia do saber também entende que o poder pode ser exercido por meio da produção de saber. Isso pode ocorrer porque o conhecimento pode ser utilizado como uma ferramenta de poder que poderá influenciar as opiniões e as decisões das pessoas, afetando assim as relações de poder entre indivíduos e grupos. Além disso, a produção de saber, que passa também por uma esfera política, pode ser utilizada para moldar as percepções das pessoas e influenciar suas crenças e valores, o que pode afetar suas escolhas e comportamentos. Dessa forma, quem produz, reproduz, articula estratégias para perpetuar um dado conhecimento em detrimento a outro, dita o que é considerado verdade ou não, o que merece ser lembrado e esquecido, o que deve ser memorializado e o que precisa ser apagado, influenciando a forma como as pessoas pensam e agem enquanto sociedade. Assim, a produção de saber pode ser uma forma poderosa de exercer influência sobre as pessoas e as relações de poder entre elas.

Foucault (2005) argumenta que o poder é uma relação social que é exercida em todos os aspectos da vida social, incluindo a produção de conhecimento, e daí precisamos interrogar porque há interesse em silenciar memórias em detrimento a outras que são reveladas e historicizadas. Dessa forma, é preciso pensar novas possibilidades de se relacionar com o passado, pois todo passado é construído no presente, no agora.

Sobre a tradição da história do pensamento, o autor sugere aproximar-se do discurso como descontinuidade, conforme dito anteriormente, isso significa avaliá-lo individualmente e singularmente, uma vez que o papel do método arqueológico é analisar o “domínio das coisas ditas”. Por isso, “é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos (Foucault, 2005, p. 28)”. Pois para ele,

[...] nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros (Foucault, 2005, p.28).

Assim, “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (Foucault, 2005a, p. 28). O autor defende a necessidade de pensar e narrar uma história cultural, considerando também o discurso como documento, ou seja, aquilo que as pessoas dizem sobre os eventos, percebendo-as como seres discursivos, como elas constroem sua própria experiência. Tais discursos podem estar, em alguns casos, invisíveis, nas entrelinhas, e, noutros casos, talvez nem fossem percebidos.

Considerando os variados tipos de espólios existentes, será acatado neste trabalho a realização do método arqueológico, compreendendo o discurso enquanto condição de vivência, ou seja, é preciso abordá-lo a partir do que o torna admissível seu acontecimento e, assim, admitir as regras que autorizam com que ele surja.

Ainda sobre o documento, Foucault (2005) entende que a história:

[...] o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (Foucault, 2005, p.7).

Neste sentido, o autor propôs relacionar os documentos em monumentos, e, como possibilidade, a indagação: interrogá-los, decifrar seus rastros, fixar-lhes o limite, compreender e descrever as relações, constituir as séries e “fazer falar seu rastro”:

[...] a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifram rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (Foucault, 2005, p.8).

Nesta compreensão foucaultiana, do documento enquanto monumento, há de se perceber também as contribuições de Walter Benjamin (1987), em seu texto Escavando e Recordando. Imersos nesta característica arqueológica de Foucault, pensemos também, fazendo uma breve analogia, a prática de escavação

arqueológica de Benjamin, pois, em busca de decifrar os rastros, é “indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura” (Benjamin, 1987, p.239):

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. [...] e certamente é útil avançar em escavações segundo planos. [...] E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. [...] assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anterior (Benjamin, 1987, p.239).

Será percebida então as camadas do espólio, de modo que, o caminho será percorrido conforme o que for sendo encontrado nos documentos. É salutar mencionar que o espólio nunca foi explorado, então este percurso por camadas é que vai direcionar para outras possibilidades.

Outro aspecto que precisa estar claro nesta discussão, é a concepção da documentalidade, que está posta em Paul Otlet e Suzanne Briet. A autora expande a visão de Otlet, no que diz respeito a constituição de um documento. Otlet entendia que documento seria qualquer informação registrada em um suporte físico, já Briet, por sua vez, argumentou que a definição de documento necessitaria ser mais ampla, para isto, seria incluído qualquer coisa que transmitisse informação, seja objetos físicos ou conceitos abstratos.

Na obra “O que é a documentação”, de Suzanne Briet (2016), compreendendo que qualquer objeto possui possibilidade de documento, carregado com sentido de status de evidência, a partir da constituição de seu aspecto valorativo. Além disso, ela ressaltou a importância do contexto na compreensão dos documentos, argumentando que a informação em si não tem valor, é preciso compreender o contexto que a rodeia, seja na produção ou na transmissão de informações.

Desta forma, a documentação do espólio de Tancredo Torres que será investigada, materializa informações que não são apenas produtos a serem interpretados, mas reconhecidos também quanto a sua potência de memória que vislumbra a reconstituição do passado.

Partilhando desse pensamento, pensando na metodologia aqui apresentada, optei, então, por apresentar o registro descritivo de todas as coleções que formam o espólio, para que possam subsidiar a construção da narrativa memorialística da cidade de Areia-PB. Tais registros correspondem a livros, periódicos, correspondências, recortes de jornais, fotografias, manuscritos, documentos pessoais, entre outros variados documentos que auxiliarão, por meio de fragmentos, na compreensão da memória/história da cidade.

Outra metodologia que se soma como opção teórico-metodológica ao estudo, é a pesquisa narrativa histórica.

Trata-se de uma das mais antigas modalidades de pesquisa qualitativa. Refere-se a estudos baseados em relatos escritos ou falados, ou em representações visuais dos indivíduos. Em sua forma mais comum, consiste em reunir histórias sobre determinado assunto com o propósito de conhecer um fenômeno específico. Constitui, portanto, uma modalidade de pesquisa em que a própria história dos indivíduos é o objeto de estudo (Gil, p.51, 2022).

A pesquisa narrativa é uma abordagem metodológica que busca entender fenômenos sociais, culturais e históricos por meio de narrativas pessoais e coletivas. Nesta pesquisa, os dados são obtidos e analisados a partir das histórias contadas por indivíduos ou grupos sobre suas experiências, vivências e perspectivas. Esses dados podem ser coletados por meio de entrevistas, diários, relatos escritos ou outros meios. A pesquisa narrativa permite ao autor ser um contador dos fatos observados, no nosso caso, a partir dos documentos.

Um fato que torna esse tipo de pesquisa interessante e que permite aplicação na metodologia deste trabalho é que ela permite que as vozes dos participantes sejam ouvidas e valorizadas, no nosso caso, a voz de Tancredo Torres e aqueles que ele decidiu lembrar, contribuindo para uma compreensão mais completa e rica dos fenômenos estudados, para que assim seja possível pensar a história e memória da cidade de Areia. Essa principal vantagem, e motivo da escolha desta metodologia, incide justamente na possibilidade de dar voz a grupos marginalizados e ignorados pela história oficial. Ela permite a compreensão de eventos e experiências de um ponto de vista subjetivo, muitas vezes invisível ou suprimido na história dominante: ela enfatiza a importância do contexto histórico e social em que as narrativas foram produzidas. É importante perceber que esta

pesquisa aborda investigação de questões complexas e multifacetadas, que não podem ser facilmente medidas ou quantificadas, daí a intenção em valer-se do método arqueológico e da pesquisa narrativa histórica.

Arendt (2011) nos lembra que entre o passado e o futuro, contra o esquecimento, o ato de narrar é um exercício do pensamento, um modo de representar o passado, os acontecimentos de gerações anteriores, que podem ser reconstituídos pela história, por meio de estórias. Narrar é uma forma de tentar compreender o mundo comum experienciado.

Uma característica que nos chama atenção neste tipo de pesquisa narrativa é sua abordagem inclusiva: a pesquisa narrativa permite, como dito anteriormente, que as vozes dos participantes, que geralmente são marginalizadas ou silenciadas de outras formas de pesquisa, sejam ouvidas. Isso inclui pessoas de diferentes origens étnicas, culturais, sociais, econômicas e outras. Assim, a pesquisa narrativa pode ter um impacto positivo, ela pode ajudar a melhorar a compreensão de problemas sociais e a encontrar soluções inovadoras para esses problemas. Em resumo, a pesquisa narrativa histórica é importante porque nos permite explorar a experiência humana de maneira mais rica e profunda, envolvendo e valorizando a participação dos participantes e criando conhecimento qualitativo útil para a teoria e prática em uma determinada área de conhecimento.

A pesquisa narrativa comporta diferentes modalidades (Gil, 2022, p.51):

- a) Estudo biográfico, “em que o pesquisador descreve as experiências de vida de outras pessoas, obtidas mediante contato direto com elas”;
- b) Autoetnografia: “é escrita e registrada pelos próprios indivíduos que são objeto de estudo, e que contribuem para compreender sua experiência cultural”;
- c) História oral: “consiste na obtenção de depoimentos de pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, instituições, modos de vida, conjunturas ou outros aspectos de interesse para a investigação social”, e
- d) História de vida: “consiste no relato pessoal de um indivíduo acerca de sua própria existência. Pode-se referir à sua vida inteira, mas na maioria dos estudos abrange episódios ou situações particulares de interesse para a pesquisa”.

Clandinin e Connelly (2000) apontam diversas fontes de dados para pesquisas narrativas, como diários, escritos autobiográficos, notas de campo

elaboradas pelo pesquisador como espécie de diário de bordo, correspondências, gravações, conversas, entrevistas, histórias de familiares, depoimentos, documentos variados, anotações, fotografias e artefatos pessoais e/ou familiares.

Ao estabelecer as bases metodológicas deste projeto, nos aproximamos da memória, principalmente por reconhecê-la como qualidade de sua função discursiva na produção e interpretação textual (Pêcheux, 1981). Ancorada nas formulações de Pierre Nora e Jacques Le Goff, a memória é entendida neste projeto como grupo complexo, anterior e exterior ao organismo, composto por uma série de camadas de características compreensíveis, que constitui um corpo sócio-histórico de rastros. A questão conceitual de memória será trabalhada com profundidade na seção terceira.

2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa, quanto aos objetivos, enquadra-se como descritiva, como aponta Gil (2008): esta tem como objetivo a “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p.28). Este empreendimento é também de caráter exploratório, pois, segundo Braga (2007): “tem o objetivo de reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior” (Braga, 2007, p. 25).

Quanto à fonte de dados/procedimentos podemos considerar esta pesquisa como bibliográfica, documental e narrativa. Para Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa bibliográfica apresenta recursos para definir, resolver, não somente impasses já revelados, como também perscrutar novas áreas, tendo como objetivo permitir ao pesquisador um reforço na investigação temática ou domínio de suas informações. Já a pesquisa documental: “[...] vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas, tais como assentamento, autorização, comunicação, etc. Mas há fontes que ora são consideradas bibliográficas, ora documentais” (Gil, p.45, 2022). Ela também é narrativa, e segundo Gil (p.135, 2022) a pesquisa narrativa “[...] é adequada para descrever histórias detalhadas ou experiências de vida de um único indivíduo ou as vidas de um ou de poucos indivíduos”.

Considerando as abordagens de análise dos dados, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) conceituam pesquisa qualitativa: “consiste em práticas materiais que transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes” (Denzin; Lincoln 2006, p.17). O autor ainda complementa: “seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem” (Denzin; Lincoln 2006, p.17).

Uma vez realizada o delineamento da pesquisa, é importante agora traçar os aspectos procedimentais, pensando as etapas da pesquisa.

2.2 ASPECTOS PROCEDIMENTAIS

A pesquisa foi dividida em 4 etapas que serão discutidas em detalhe na sequência. Mas, para que seja permitido compreender todo o processo, a figura 1 a seguir ilustra as 4 etapas:

Figura 1 - Etapas da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para iniciar a pesquisa, a **primeira etapa** foi realizada a **revisão teórica**: recorrer às bases de dados no sentido de realizar um levantamento bibliográfico sobre o que já foi publicado até aqui sobre Tancredo Torres e seu espólio. A partir daí, a ideia seria inferir novos questionamentos e/ou continuar pesquisas sobre o objeto de estudo que possibilitasse novas abordagens. A investigação inicial revelou que não há nenhum trabalho específico sobre Tancredo Torres e seu espólio, além do que a autora já publicou¹⁸.

O estado da arte, ou melhor, a falta dele, motivou-nos a fortalecer nossa justificativa de pesquisa, uma vez que, pudemos refletir a lacuna na história/memória da cidade a partir do espólio de Tancredo Torres, a qual será explorada e poderá ser preenchida com o presente estudo.

Adicionalmente, como recurso auxiliar, foi pesquisado também trabalhos com temáticas similares que permeassem o universo do estudo. Foram pesquisados estudos que envolvam coleções especiais como corpus analítico e como espaço referencial de memória e informação em biblioteca universitária. Os termos de busca foram: a) Francisco Tancredo Torres, b) Memória e Acervos Pessoais, e c) Coleções especiais e Bibliotecas Universitárias, no intuito de observar estudos que dialogue sobre a memória em coleções especiais que estão dentro de bibliotecas universitárias, além de levantamentos bibliográficos sobre a história e memória da cidade de Areia para estudo. Optamos, no momento da pesquisa, utilizar o termo “acervos”, por entendermos que teríamos mais resultados, uma vez que este termo é comumente usado na área.

Essa consulta a diversas fontes informacionais auxilia na compreensão do já dito sobre a história e memória de Areia a partir do espólio de Tancredo Torres, do próprio Tancredo Torres, e permite pensar coleções especiais em bibliotecas universitárias sobre o prisma da memória e história, para que seja facilitado o processo de reflexão e reescrita da memória, a partir das coleções especiais contidos no espólio de Tancredo Torres.

Realizamos, a partir dos termos de busca, a procura nos Repositórios Institucionais das instituições de universidades paraibanas, sendo duas federais e

¹⁸ Disponível em: <<https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/fontesdocumentais/article/view/1505/1463>>. Acesso em 23 jul. 2023.

uma estadual: Universidade Federal da Paraíba¹⁹, Universidade Federal de Campina Grande²⁰ e Universidade Estadual da Paraíba²¹. Esta busca procurava inspecionar produtos de trabalhos acadêmicos, seja de nível de graduação ou de pós-graduação. Também foi buscado trabalhos no Portal de Periódicos da Capes²², na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações²³ e na Base de Dados em Ciência da Informação, a BRAPCI²⁴.

Os trabalhos encontrados foram garimpados: a partir da massa documental encontrada, foi inspecionado o conteúdo de cada um dos trabalhos, para compreender se de fato versava a temática que buscávamos e excluídos os que se repetiam em outras bases. A exemplo, nos interessavam pesquisas sobre algum personagem que descrevesse, a partir do seu espólio, sua memória e feitos. Depois, pesquisamos dentre os trabalhos selecionados, aqueles que tinham como campo de pesquisa a biblioteca universitária.

Foram lidos os elementos pré-textuais dos trabalhos para conseguirmos filtrar os resultados apresentados de modo que estivessem alinhados aos critérios da pesquisa. Os resultados podem ser acompanhados no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Resultados do quantitativo de trabalhos recuperados

	Francisco Tancredo Torres	Memória e Acervos Pessoais	Coleções Especiais e Biblioteca Universitária
Repositório UFPB	0	5	2
Repositório UFCG	0	0	0
Repositório UEPB	0	6	1
Portal de Periódico da Capes	0	11	9
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação	0	6	4
BRAPCI	1 (trabalho da autora)	7	8
Total	1	35	24
			= 60

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

¹⁹ Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/?locale=pt_BR>. Acesso em 06 abr de 2023.

²⁰ Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/community-list>>. Acesso em 06 abr de 2023.

²¹ Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/>>. Acesso em 06 abr de 2023.

²² Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>>. Acesso em 06 abr de 2023.

²³ Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em 06 abr 2023.

²⁴ Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/>>. Acesso em 06 abr de 2023.

Este levantamento do estado da arte, nos revelou alguns dados interessantes sobre essa temática, que nos impulsiona a refletir os rumos dos dados na ciência. Uma primeira observação é que, de longe, o número de trabalhos que versam sobre figuras masculinas é bem maior que o de mulheres. Este fato incide em questões complexas, o que não é o objetivo do trabalho esgotá-las, mas vale a reflexão que a memória que está sendo preservada, a partir destes acervos, é prevalescente de homens, e foram eles que ao longo dos anos tiveram mais acesso à educação, poder político e econômico, resultado da cultura misógina, patriarcal e de desigualdade econômica que o país atravessou (ou ainda atravessa?).

As tímidas iniciativas de preservação/ colecionismo/ homenageados/ representações, em sua grande maioria, são figuras masculinas, héteros, ricos, brancos, entre outros recortes possíveis, que mais uma vez, refletem nossa sociedade. Esse cenário está em mudança, uma vez que o protagonismo feminino tem ganhado espaço, principalmente a partir da luta feminista, assim, com certeza, poderemos ter, num futuro próximo, mais espólios pessoais de mulheres a serem preservados pelas instituições, para que possam ser investigados.

Outro dado observado é que a maioria dos ditos acervos pesquisados são, na verdade, fundos de arquivo pessoal ou institucional, e, portanto, estão dentro da área de arquivologia. Foram encontrados trabalhos na área de biblioteconomia e ainda encontrado um trabalho dentro da área de memória social e patrimônio cultural. Entre os trabalhos encontrados, apenas um investigou o critério de proveniência das obras, critério este que também vamos investigar.

Alguns dos trabalhos apontam formas de organização, descrição e preservação dos documentos, ou seja, atividades técnicas a serem empregadas em acervos deste tipo. Mas fica a questão: porque além de descrever, preservar, e organizar um acervo documental, não podemos ser também pesquisadores dela? É incômodo o profissional da informação não se colocar também neste lugar de pesquisador, investigador ou cientista. A biblioteconomia, assim como a arquivologia, a documentação e outras áreas da ciência da informação, não podem estar limitadas a áreas que apenas organizam os documentos para que outras áreas investiguem e escrevam sobre eles, como a história. Que seja ele mesmo, o profissional da informação, aquele que tratou o acervo documental, que investigue ele.

Quanto aos acervos, compreendia variados suportes, a exemplo de cordéis e livros a cartas e fotografias, mesmo universo documental que será trabalhado nesta pesquisa.

Por fim, foi observado que a maioria das coleções era da região Nordeste do Brasil, muito pelo protagonismo que a professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, orientadora deste trabalho, assume nesta área da memória e dos acervos pessoais. Além das próprias investigações de acervos que ela publica, outros alunos são orientados por ela a continuar defendendo esta temática e descortinando outros acervos e personagens paraibanos.

Os trabalhos encontrados que relacionam a biblioteca universitária com coleções especiais principalmente os acervos pessoais, certamente auxiliarão no processo de investigação no espólio de Tancredo Torres. De toda forma, apesar de inicialmente este ser o universo do estado da arte, ele nunca esteve concluído, uma vez que sempre busquei novos trabalhos e acompanhei os que estivessem em desenvolvimento, logo, esse número foi sendo ampliado. Alguns conceitos teóricos, a exemplo o de memória, foram pesquisados também nesta fase, e serão debatidos em capítulos posteriores, pois há a intenção de abrir um bom debate sobre a temática com maior profundidade. Este estado da arte e até a falta dele nos ajudou ainda mais a fortalecer nossa justificativa em escrever sobre Tancredo Torres, coleção especial e biblioteca universitária, pois foi percebido que há lacunas a serem exploradas.

A **segunda etapa**, compreende o mapeamento dos documentos. Esta fase consistiu na identificação das espécies e das tipologias documentais que foram encontradas no espólio, especificando as quantidades observadas de cada categoria. Na arquivologia, quando pensamos na espécie documental, é observado os gêneros documentais (carta, livro, fotografia, entre outros); “configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas” (Camargo; Bellotto, 1996, p.66). Já a tipologia documental diz respeito a divisão das espécies documentais, seria a espécie mais a atividade ou função, a exemplo, decretos legislativos, decretos-leis, decretos sem número, entre outros (Camargo; Bellotto²⁵, 1996).

²⁵ Duas importantes estudiosas, referência na arquivologia brasileira, Ana Maria de Almeida Camargo e Heloisa Liberalli Bellotto, *in memoriam*, falecidas nesse 2023, as quais prestamos nossa eterna

Esta fase foi importante para perceber quais os documentos que auxiliariam na composição da memória da cidade, objetivo principal desta pesquisa. Os gêneros documentais a serem investigados na pesquisa podem ser visualizados na figura 2 abaixo. Nos materiais bibliográficos fazem parte os livros, sendo a grande maioria, mas também é composto por plaquetes, cordéis e revistas²⁶.

Figura 2 -Espécies documentais e quantitativos do Espólio de Tancredo Torres



Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Na **terceira etapa**, a descrição e análise dos documentos, desvelando suas singularidades que suscitem relevância, observando também os elementos significativos de sua composição (como estado de conservação, acondicionamento e guarda), de modo a relacionar aos contextos sociais, culturais e históricos, da memória e reconstrução da escrita da história de Areia.

Foram mapeados, para fins de identificação, os documentos existentes no espólio que tratam da história de Areia, concebendo-os quanto ao seu suporte e informações inéditas que eles carregam.

Para que fosse possível ir “montando o quebra cabeça”, reunindo informações dispersas, fui tomando nota de tudo que estava obtendo de informações, construindo um diário de campo. Como estratégia, pude registrar

homenagem pela brilhante contribuição na área da ciência da informação e pelo compromisso ético na arte do educar.

²⁶ É possível que o número de correspondências seja superior, uma vez que alguns materiais ainda estão em análise, por conta de uma nova caixa encontrada posterior a pesquisa.

impressões, recortes, informações, pistas, peças e observações a partir dos inúmeros documentos lidos e que podem ser revisitados em diferentes momentos da pesquisa, de forma que possa contribuir com a narrativa memorialística.

Na **quarta etapa**, ocorreu, a partir dos dados coletados e das observações realizadas, o estabelecimento/ construção da composição de uma narrativa memorialística de cada um dos documentos encontrados, observando as interrelações discursivas, numa contribuição para a reconstrução da memória e história de Areia.

Essa última fase da pesquisa consistiu em analisar os achados qualitativos, avaliando os impactos e a relevância dos discursos de Tancredo Torres na moldagem, legitimação e percepção da atual identidade e realidade da cidade de Areia, descrevendo também em quais aspectos os espólios especiais em biblioteca universitária ainda podem avançar, como preservação do patrimônio bibliográfico e política de formação e desenvolvimento de acervo.

3 ENTRE CONCRETOS E ESTANTES: BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, MEMÓRIA E COLEÇÕES ESPECIAIS

“As bibliotecas são como os santuários onde se conservam e repousam todas as relíquias dos santos antigos, plenas de virtude verdadeira e sem engano nem impostura” (Bacon, 2007, p.103).

A história das bibliotecas universitárias no Brasil está imbricada com a história das formações das universidades brasileiras. É preciso ter a compreensão de como ocorreu a formação, expansão e reformas das universidades e do ensino para entender como as bibliotecas universitárias seguiram o rito. Ao falarmos dos patrimônios bibliográficos das bibliotecas universitárias precisamos compreender estes antecedentes. Entendendo as bibliotecas enquanto espaços de memória, e o livro enquanto patrimônio bibliográfico, nesta seção será compreendido estas categorias.

3.1 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA NO BRASIL: NO COMPASSO DO TEMPO

Desde a antiguidade, se pensarmos numa dimensão histórica, enquanto instituição, as bibliotecas nascem com um sentido de tentar reunir a memória do mundo. Eram elas que se destinavam a preservar o conhecimento registrado, acumulado pelas civilizações. Poderíamos pensar nisso, retornando no tempo, desde a antiguidade, com a biblioteca de Nínive, primeira biblioteca da história, fundada por Assurbanípal (Martins, 2006), que construiu uma grande coleção de tabuletas sobre a história e cultura da Mesopotâmia, bem como a de Alexandria, uma das maiores e mais importantes bibliotecas da antiguidade, que tinha este mesmo propósito utópico de preservar todo o conhecimento da época.

Se naquela época era quase impossível salvaguardar todo o conhecimento humano registrado, depois de Gutemberg e a prensa, no século XV, o acontecimento que acelera a fabricação do livro e mais tarde expande o crescimento

editorial, torna impossível para as bibliotecas salvaguardarem a informação registrada do mundo inteiro. Por isso, as bibliotecas se fragmentam, e para atender a questões específicas se subdividem em variados tipos, como as públicas, escolares, universitárias, entre outras, cada uma com características próprias, observando o público a que convém.

No manifesto da IFLA-UNESCO (2022) sobre bibliotecas públicas, é retomado o desejo de reunir e fornecer acesso universal a memória do mundo, em que se pauta:

A biblioteca pública é o centro local de informação, disponibilizando todo tipo de conhecimento e informação aos seus usuários. Ela é um componente essencial das sociedades do conhecimento, adaptando-se continuamente a novos meios de comunicação para cumprir sua função de fornecer acesso universal a informações e permitir que todas as pessoas possam fazer uso significativo da informação. [...] As coleções devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da atividade humana e os produtos de sua imaginação (IFLA-UNESCO, 2022, p.2).

Embora não seja uma realização, nenhuma instituição no mundo conseguiria reunir toda a memória do mundo, até pela própria característica de esquecimento da memória, a ideia de que cada biblioteca consiga salvaguardar uma parte da memória local, elas juntas conseguiriam uma possibilidade de preservar parte da memória e do patrimônio, recuperando, organizando e disseminando os seus extratos culturais, suas tradições e suas próprias memórias locais.

Também neste sentido, as bibliotecas universitárias surgem para salvaguardar e disseminar a produção acadêmica das universidades. Assim, foi com o surgimento e expansão das universidades, que possibilitou a evolução das bibliotecas. As universidades surgem ainda ligadas a igreja e mosteiros, e a princípio, a ideia era restringir o acesso ao conhecimento, a biblioteca seria então destinada um lugar de guarda e preservação de textos considerados sagrados (Burke, 2003).

Com a expansão e popularização das universidades nos séculos XVIII e XIX em toda Europa, o acesso ao conhecimento tornou-se fundamental, é daí que surgem as bibliotecas universitárias, ganhando rápida expansão para apoiar a pesquisa científica e auxiliar no desenvolvimento do ensino superior. Ela, a biblioteca, sempre esteve associada a ideia que carrega a universidade, pois é, ela

mesma, a universidade, a instituição que produz e dissemina o conhecimento (Martins, 2006).

As bibliotecas universitárias possuem verdadeiros patrimônios bibliográficos formados a partir da variedade dos acervos que possuem. Elas são instituições fundamentais para a formação acadêmica dos estudantes e para a produção de pesquisas científicas, tecnológicas e acadêmicas no país, auxiliando no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, tripé do ensino superior no Brasil.

A história da biblioteca universitária no Brasil demanda conhecimentos sobre a história das formações das nossas universidades. Não é possível falarmos em patrimônio bibliográfico em biblioteca universitária sem compreender a história da formação das nossas universidades. Todos precisamos nos acercar sobre a história da universidade no Brasil, pois a história da própria formação da biblioteca está imbricada na história da universidade no Brasil.

Muitas vezes, sequer a personalidade homenageada, que a biblioteca leva o nome, a instituição conhece a história e biografia. Se a biblioteca é parte da instituição universidade, ela ajuda a escrever e preservar a história e memória institucional. Assim, elas são verdadeiras guardiãs do patrimônio bibliográfico universitário.

A primeira biblioteca oficial instalada no Brasil colonial, foi a atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1808. Além da biblioteca, a Imprensa Régia²⁷ (inaugurada em 1808), as academias de ensino superior e o crescente número de livrarias também passam a fazer parte do repertório nacional, advindas da influência da colonização portuguesa (Hallewell, 2017). Foram essas academias de ensino superior que impulsionaram mais tarde as universidades brasileiras.

A história das bibliotecas universitárias no Brasil remonta ao período colonial, quando foram criadas as primeiras instituições de ensino superior no país. Ao longo dos anos seguintes, foram criadas diversas outras bibliotecas universitárias no país, acompanhando o desenvolvimento do ensino superior no Brasil, o estado começa a financiar a criação de bibliotecas universitárias.

Conforme Reis (2008), depois de algumas iniciativas de cursos isolados de nível superior, como aconteceu pioneiramente no estado da Bahia, a primeira universidade brasileira é criada em 1920, no estado do Rio de Janeiro:

²⁷ Uma de suas principais razões para criação seria o auxílio na educação pública. Até 1822 deteve o monopólio da impressão do Rio de Janeiro (Hallewell, 2017).

[...] a primeira universidade de caráter oficial brasileira é denominada Universidade do Brasil, criada no Rio de Janeiro (1920), que reúne a Escola Politécnica (de Medicina e Direito), instituída pelo presidente da República, Epitácio Pessoa (1865-1942); sete anos depois é criada a Universidade de Minas Gerais (1927), a Universidade de São Paulo (1934) é fundada pelo grupo de intelectuais que se articula em torno do Jornal O Estado de São Paulo, em 1946 são implantadas, na Região Nordeste, a Universidade Federal da Bahia e a de Pernambuco (Reis, 2008, p.55).

Foi a partir desta primeira universidade no Rio de Janeiro que as bibliotecas universitárias passariam a surgir no Brasil, em 1945, surge a biblioteca Central da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Santos e Peixoto, 2018). A partir daí, novas universidades iam surgindo e junto a elas, novas bibliotecas universitárias iam sendo instituídas.

No fim da década de 60, em 1968, ocorre no Brasil a reforma universitária, a reforma do ensino superior. A partir daí as universidades iam agora funcionar de maneira sistêmica, alterando a estrutura organizacional, administrativa e acadêmica, crescem em número e tamanho. Foi com a reforma que as universidades pautaram atividades pro ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação (Tarapanoff, 1981):

A Reforma Universitária representa o momento de mudança e desenvolvimento da universidade brasileira de hoje. Os novos objetivos da universidade moderna, de ensino, pesquisa e extensão e a ênfase da Reforma em vinculá-los às atividades de desenvolvimento nacional, trouxe o ensino superior e a universidade mais próximos às atividades de planejamento tanto do ensino como da ciência e tecnologia (Tarapanoff, 1981, p.9).

Assim, a partir destas novas orientações, as bibliotecas universitárias também teriam novas demandas:

1. planejar os seus serviços em relação aos objetivos da universidade;
2. ver a biblioteca como pertencente a um sistema, opondo-se à biblioteca isolada;
3. re-estruturar as atividades da biblioteca em relação às atividades da universidade;
4. introduzir os princípios de centralização, coordenação e cooperação, para poder seguir a orientação administrativa de evitar duplicação de meios para fins idênticos ou similares, e de racionalidade administrativa com plena utilização de materiais e recursos humanos (Tarapanoff, 1981, p.10).

De lá pra cá, muitas foram as transformações em que as bibliotecas universitárias evoluíram para acompanhar as mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas para garantir o acesso à informação. De modo geral, as primeiras iniciam as atividades com foco na preservação e ordenação do conhecimento humano, depois evoluem para a automatização dos catálogos on-line e por fim, no terceiro momento, bibliotecas com softwares avançados que automatizam variados serviços e permitem acesso ao usuário em tempo integral e remoto (Anzolim e Correa, 2008).

A biblioteca universitária se destina a auxiliar na missão da universidade e está voltada para atender as necessidades da comunidade acadêmica pertencente:

[...] a Biblioteca Universitária, como parte da sociedade na qual opera, reflete as características gerais do país, o seu grau de desenvolvimento, sua tradição, cultura, seus problemas e prioridades sócio-econômicas. [...] a universidade e a Biblioteca Universitária brasileira são produtos da história social, econômica e cultural do país, bem como das características regionais brasileiras aos mais variados segmentos sociais (Tarapanoff, 1981, p.3).

As bibliotecas universitárias fazem parte de um sistema macro, a nível nacional, onde cada instituição universitária tem sua representação e, dentro da própria instituição, elas fazem parte de um sistema menor de bibliotecas, geralmente formado pela biblioteca central e as demais setoriais.

Miranda, em 1978, já chamava atenção de como a cultura universitária ainda é recente na nossa sociedade. Diferente de outros países, o Brasil constrói universidades tardiamente, também em função da colonização que o país atravessou. Em consequência, a formação de bibliotecas universitárias seria ainda mais recente. Ele ainda fala sobre a falta de tradição de livros e dá pistas sobre como foi formada a maioria das coleções das bibliotecas universitárias setoriais:

Não temos, e é reconhecida a nossa falha, uma tradição bibliotecária no Brasil, assim como a nossa tradição universitária é bem recente. Não podemos esquecer o fato de que as universidades são fenômenos novíssimos em nossa cultura por causa do nosso tipo de colonização. Verdadeiras bibliotecas universitárias - entendidas não apenas como grandes coleções em majestosos edifícios mas julgadas, sobretudo, pela excelência de seus serviços à comunidade acadêmica só aparecem neste século e só agora começam a afirmar-se e a impor-se. O conceito mesmo de biblioteca varia de

país para país e é peculiar no nosso caso, a falta de tradição no uso de livros e de bibliotecas. É a experiência que limita ou amplia os conceitos. [...] As nossas pequenas, mal aparelhadas e pobres bibliotecas setoriais existem porque algumas personalidades sentiram a necessidade de desenvolvê-las e apoiá-las como instrumentos de apoio ao ensino e à pesquisa nas suas áreas de atuação. [...] Na maioria dos casos, quando a empresa torna-se complexa, contratam bibliotecários para organizá-las e atendê-las. A estes idealizadores e pioneiros cabe-lhes o mérito e o reconhecimento e naturalmente, defendem o seu patrimônio quando ameaçado de descaracterização mediante sua incorporação anônima a bibliotecas centrais, fora de seu alcance e determinação (Miranda, 1978, p.1).

O autor discorre aqui um histórico, o qual podemos acompanhar em campo nas instituições, da formação de bibliotecas setoriais, ou até mesmo a formação das coleções especiais dessas bibliotecas, em que, na maioria dos casos, elas foram formadas por doações de professores que possuíam as suas próprias coleções privadas. Rastrear essas trajetórias em que as coleções percorreram até a biblioteca, conhecer os materiais bibliográficos que a compõe e os personagens que a colecionaram, podem fornecer critérios importantes para construir a história e memória das coleções, bem como evitar o descarte do material, visto que o problema de espaço em bibliotecas é recorrente.

Montano (2016) conceitua:

Bibliotecas universitárias transformam seus objetivos e funções para se tornarem um sistema que unifica a informação universitária, expandir sua missão para conservar e preservar a memória de ensino e pesquisa para torná-la útil e competitiva para torná-la útil e competitiva (Montano, 2016, p. 12 tradução nossa).

A Memória de uma instituição não está apenas nos arquivos, e às vezes até falta ao arquivo essa documentação sobre a história e memória da instituição. Essa Memória está também nas pessoas, equipamentos e nas coleções da biblioteca. Assim como o arquivo, essas coleções especiais nas bibliotecas podem ser o último lastro de memória e de identidade da ciência, dos programas, dos cursos, planos de aula, de personagens e da própria instituição. De alguma maneira, esses programas de cursos, por exemplo, estão reunindo a memória social de uma área, sendo possível mapear a evolução da ciência e sua história. Dessa forma, discutir patrimônio bibliográfico em biblioteca universitária, pensando principalmente as coleções especiais, é uma pauta perene para toda a universidade.

3.2 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: LUGAR DE MEMÓRIA

O conceito de memória vem sendo debatido atualmente nas mais variadas áreas do conhecimento. A memória, ou temáticas relacionadas a ela, tem se tornado objeto de investigação de várias áreas do conhecimento, numa perspectiva multidisciplinar, como história, sociologia, antropologia, e na própria Ciência da Informação (CI), isso só para nos situarmos no campo das ciências sociais, principalmente no período pós-2ª guerra mundial. Essas discussões extrapolam o campo teórico, pois esbarram também em questões empíricas, principalmente em questões voltadas para o social.

Neste contexto, cabe discutir o ambiente das bibliotecas universitárias como lugares de memória. As bibliotecas, conforme dito anteriormente, e de maneira geral, mantêm uma íntima relação com a memória, pois elas preservam o saber. São lugares que preservam e gerenciam a memória social, científica, histórica, cultural e institucional de uma sociedade em determinado tempo. Mas, refletindo o escopo de atuação das bibliotecas, além do já discutido, elas são espaços de valorização da história, identidade e do patrimônio bibliográfico. Elas, enquanto lugares de memória, possuem as chaves que abre o baú da memória coletiva.

Dito isto, precisamos aprofundar o debate sobre a memória social e as bibliotecas, neste nosso recorte, bibliotecas universitárias. Assim, serão apresentados alguns marcadores conceituais, relacionado a teoria da memória ou sobre a memória, correlacionando-os aos lugares de memória, como a biblioteca universitária, dentro do campo da CI, pensando também os livros enquanto patrimônio bibliográfico, para que seja viável indicar caminhos possíveis ao desenvolvimento de coleções especiais de memória em bibliotecas universitárias.

A conceituação de memória aqui refletida, não é pensada sobre um ponto de vista ao aspecto biológico, genético, nem se restringe a uma dimensão pessoal ou individual, será pensada a partir da construção social e coletiva. Principalmente, se pensarmos na memória cristalizada nos documentos, monumentos e nos relatos orais de uma sociedade.

Começemos nossa conceituação da memória a partir Le Goff (1990):

Fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de

qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história, acumular objetos. A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (Le Goff, 1990, p.419).

Temos uma memória/história forjada, falsa, com fatos narrados por determinados grupos, um tanto elitistas. Essa memória tem assim classe social e econômica, cor de pele, raça e sexo, por isso é fundamental pensar em descortinar memórias plurais do presente, uma vez que a recordação é o presente imediatamente anterior. O passado é construído no presente, no agora; e entender que o esquecimento, assim como a lembrança, são características da memória, como traduz a clássica frase de Nora: “Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais” (Nora,1993, p.1).

Candau (2011) discute a memória como elemento fundamental para construção da identidade, especialmente quando debatemos os apagamentos/silenciamentos:

Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la, conferindo-lhe um rosto, uma identidade (Candau, 2011, p.68).

Estamos habituados a pensar a memória como um forte e significativo elemento que contribui para o fortalecimento das identidades individuais e coletivas. Nessa busca de fortalecimento identitário, ela se constitui, portanto, em uma das atividades fundamentais dos indivíduos em sociedade.

Assim, é importante questionar quais esquecimentos estão reservados a memória, e que espaço o passado reserva para a liberdade hoje: como poderemos impor para o futuro nossas memórias em tempos de apagamento? É Candau que também nos vai dizer que a memória é “a reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo” (Candau, 2021, p. 9).

Nisto, é preciso retomar a inquietação que estamos novamente discutindo: o papel da CI e seu dever de práticas e estudos memoriais. Podemos compreender

que de nada adianta grandes centros de memória, de documentação, um arquivo ou biblioteca, se não for realizado o devido tratamento informacional, pois nada será recuperado a posteriori. A CI organiza essas fontes, coleções inteiras, para que além da CI, seja viabilizado o acesso para outras áreas, como a história. Candau vai refletir sobre memória e identidade e o dever de memória, ele afirma que sem memória, um povo não tem identidade nem cultura, “não satisfazer o dever de memória é expor-se ao risco do desaparecimento” e que “o esquecimento pode mesmo estar na origem da perda de si mesmo” (Candau, 2021, p.125).

A CI tem um papel fundamental que é criar estratégias de disponibilização e acesso a esses documentos que sejam capazes de serem interrogados permanentemente e construídos, portanto, ressignificadas novas memórias, novos saberes, para driblar silenciamentos e esquecimentos.

Embora seja comum pensar numa memória como pertencente a si mesmo, a memória individual; é a memória coletiva que defendemos, aquela que nos faz enquanto grupo, compartilhada por diversas pessoas, a coletiva. Conforme Ricoeur (2007), a memória individual e a coletiva não devem ser entendidas como opostas e excludentes, muito menos em posição de rivalidade.

Em seu estudo, Ricoeur (2007) aponta os primeiros estudos de filósofos que compreendiam a memória enquanto individual. Ele nos lembra filósofos como Santo Agostinho, John Locke e Edmund Husserl que defendiam a memória individual e o sujeito singular de memória. Segundo o autor, Santo Agostinho compreendia a memória individual a partir da interioridade, ligado na busca a Deus, encontrando-o na memória. Já o entendimento de John Locke, a capacidade de memória é construída a partir da identidade, a ideia de o sujeito estar consciente de si, o que somos se identifica com nossas lembranças. Por fim, Ricoeur (2007) discorre sobre o pensamento de Husserl acerca do aspecto individual de memória que provém a partir de uma auto constituição interna, compreendido no tempo, a partir da consciência. Ele traz o conceito de rememoração, afirmando que o conhecimento é um processo de rememoração, por isso, não resgatamos a memória porque trazemos apenas fragmentos dela.

Ricoeur (2007), discorre sobre a fenomenologia da memória, opondo-se à ideia de individualidade, como realidade social, percebendo que a memória está numa constante da relação com o outro, num plano coletivo, entrelaçado pela memória individual e o campo social.

A memória seria, pois, uma atividade de cunho intelectual que estaria diretamente relacionada com a ação do ato de lembrar. O sujeito que a executa, considerando o ponto de vista individual, a memória individual, a partir da lembrança, rememora aquilo que experienciou ou daquilo que tomou conhecimento, seja por meio de livros, da oralidade, ou através da herança cultural, simbólica, familiar, da tradição, ou outros meios de comunicação, mas, que parte sempre de uma ideia primeira, social e coletiva. Considerando que somos seres sociais, pertencemos a um grupo, compartilhamos com ele nossa historicidade. Bem por isso, não é possível imprimir uma memória meramente individual, porque ela é uma construção coletiva, expressa nos modos de interação entre os indivíduos considerando o tempo e o espaço.

A maneira como a memória dialoga com o sentimento de pertencer e representar socialmente, vem recebendo atenção de muitos pesquisadores. Foi Halbwachs (1990) que criou a categoria de memória coletiva em sua obra “A Memória Coletiva”, originalmente publicada em 1968, onde ele propõe averiguar uma relação entre memória e história. Ele entende que a memória do sujeito nunca é só sua, pois acredita que a lembrança não existe isolada, elas coexistem num mesmo sentido. O autor afirma:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p.26).

Halbwachs discute que ninguém lembra sozinho, ainda que nossas percepções sejam as mais íntimas lembranças do passado, elas estariam concatenadas ao que ele vai denominar “quadros de sentido”, ou seja, as lembranças estariam carregadas de experiências sociais, experiências coletivas, e por isso, memória coletiva. Perspectiva também defendida por Candau (2013, p. 96) ao afirmar: “O homem nu não existe porque não há indivíduo que não carregue o peso da sua própria memória sem que seja misturada a sociedade à qual pertence”.

Freud (2010, p.186), pai da psicanálise, tem uma afirmação interessante, que tomaremos emprestado para nosso debate. Ele vai dizer que “você não é senhor em

sua própria casa”, dito de outra forma, “não somos senhores em nosso próprio lar”. Ele faz referência a psicanálise do nosso “eu” inconsciente, o que poderíamos substituir neste nosso enredo por “não somos senhores das nossas próprias memórias”, pois é exatamente a ideia de que nós não construímos nada, ou quase nada por nós mesmos. Não construímos nossos desejos, gostos, vontades e preferências. Nós somos induzidos a partir de um conjunto, que já nos é dado pronto, e que nos atinge todos os dias. E por isso, seríamos “domesticados” a perceber o belo, o bonito, o que é desejável e preferível. Assim também seriam nossas memórias, elas não são nossas individualmente, elas pertencem à coletividade, a troca com o outro. Nossas memórias estariam domesticadas e elegidas pelo coletivo, justificando a negação à memória individual. Não somos senhores delas, em nosso próprio lar.

A memória coletiva é composta por um processo de lembranças e esquecimentos que interagem com o coletivo, sociedade, grupos e instituições. As lembranças individuais estariam, desta forma, forjadas, pois é construída na relação com as lembranças coletivas, na relação com o outro, associadas a grupos e a lugares visitados em comum. Assim, a memória individual carrega marcas inextinguíveis da coletividade, pois é na troca destas relações que são construídas as recordações. Então, nesse aspecto, a memória não está restrita apenas a um plano interior e individual, mas ela está, sobretudo, ligada as representações e relações sociais coletivas.

Nessa discussão sobre a memória individual e coletiva, Le Goff (2003) complementa: “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (Le Goff, 2003, p.469). O indivíduo nunca está só, ele é resultado de experiências, pessoas e lugares, que exercem influência nas suas lembranças. Por fim, é possível afirmar que o indivíduo faz parte então de duas memórias, a individual e a coletiva: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 1990, p.51). Desta forma, podemos retomar aquela ideia apresentada no início desta seção, de que as bibliotecas juntas, tentariam reunir a memória coletiva, cada uma preservando um pouco do conhecimento registrado, as memórias locais, e juntas, dariam conta da memória coletiva, num contexto plural.

De outro modo, é salutar lembrar que a memória revela poder de grupos sobre outros. A decisão sobre o que lembrar e o que esquecer, permite que se possa silenciar, ocultar, marginalizar classes, grupos e ideologias, revelando assim um controle sobre os grupos liderados. Portanto, precisamos sempre nos lembrarmos que a memória coletiva é não somente uma conquista, mas sobretudo um instrumento e um objeto de poder.

E aqui podemos pensar sobre os “lugares de memória”, categoria elaborada por Nora (1993), e suas relações com o poder e a política vigentes. A memória coletiva se revela também nos espaços em que residem e nas relações construídas a partir desses espaços. Caso ocorra alguma mudança nesses lugares, do mesmo modo, haverá também na memória coletiva. Por isso ele entende que a memória será sempre carregada por grupos vivos, estando, portanto, permanentemente em construção, aberta a dialética do lembrar e esquecer, vulnerável aos usos, abusos e manipulações.

Pierre Nora (1993), afirma que:

“Nenhuma época foi assim tão voluntariosamente produtora de arquivos como a nossa, não apenas pelo volume que secreta espontaneamente a sociedade moderna, não apenas pelos meios técnicos de reprodução e conservação de que ela dispõe, mas pela crença e respeito aos traços deixados (Nora, 1993, p.15)”

É justo entendermos que esse processo de memória, principalmente de narrativa memorialística, quase sempre não é executado de maneira pacífica, por mais justo ou democrático que se pretenda. Esses processos vão se dar numa esfera política, de disputa, pois haverá sempre grupos ou instituições que terá o poder de decisão sobre o que vai ser preservado, historicizado e reservado a memória, para representá-los socialmente. É nesta perspectiva que precisamos questionar quem são os produtores de memória, a que grupos essa memória está atendendo, e quais os interesses a que ela serve.

Pensando nessas relações postas a partir da memória individual e coletiva, é imprescindível entender que o registro da história ocorre, sobretudo, por fontes documentais geradas por instituições, pessoas ou famílias. A memória alimenta a história e a história se apropria da memória. Entendemos aqui o lócus de desenvolvimento desse projeto, pois a memória encontra nos documentos possibilidades de ativá-la. O patrono deste espólio, Tancredo Torres, atuava como

secretário da Coordenação do Curso de Agronomia do CCA e era historiador. Sua decisão em preservar os documentos da rotina acadêmica ou mesmo cultural da cidade, revela uma vontade de memória.

Concordamos, como Thiesen (2013, p. 165), que “uma instituição é, pois, obra coletiva, criação social, cultural, acontecimento”, assim, a memória da instituição é também composta por um conjunto de diversas vozes. Assim, para que possa se constituir objeto de pesquisa, é necessário que os documentos estejam acessíveis ao seu público de pesquisadores e sociedade em geral. As possibilidades informacionais que esses documentos do espólio carregam, formam esse lugar de memória que busca preservar e disseminar um patrimônio cultural e histórico. São estabilizadores da memória coletiva:

Lugares topográficos como os arquivos, as bibliotecas, os museus; lugares monumentais como cemitérios ou as arquiteturas, lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm sua história (Nora, 1993, p.12).

Ainda, sob essa perspectiva de “lugar de memória”, o espólio de Tancredo Torres assume, concomitantemente, três dimensões: uma no sentido material, cujos limites representam as exigências e as necessidades de um grupo, no caso as comunidades do CCA e de Areia, bem como os pesquisadores de sua história e memória; um segundo sentido de representação simbólica, por tratar da representação de algo que aconteceu e foi experimentado por um grupo de indivíduos; e, por fim, o terceiro sentido seria funcional, já que garante a permanência de lembranças como também sua preservação e disseminação.

Particularmente, esse último sentido vai concordar com o projeto das bibliotecas públicas: preservar, organizar e disseminar insumos de conhecimento e bens culturais. Nisso, a biblioteca é entendida como esse lugar de memória que incorpora a memória coletiva e individual, que guarda, preserva e dissemina às experiências existenciais, científicas e culturais no lugar onde está inserida.

Nesse sentido, os estudos da história se ocuparam ao longo de muitos anos em documentos, oficiais e escritos, pois eram documentos considerados de verdade absoluta, prova original. Dessa maneira, esses documentos oficiais traduziam aquilo que mencionamos sobre a dominação de grupos, revelando o poder exercido. Foi

somente no século XX que houve um questionamento sobre esses grupos silenciados e marginalizados. Sobre essa discussão Vieira (2011, p.14) nos ajuda:

A História ao contrário do que pensava Febvre, Bloch e Braudel, não tem se preocupado com as questões relacionadas a método científico na busca de um conhecimento exato, nem tão pouco seguir as orientações de outras ciências, mas sim, resgatar a memória e reencontrar o passado no tempo presente, sem se preocupar com a “história ciência” e a “história conhecimento” (Vieira, 2011, p.14).

Foi a partir dessa conclusão que a história passou também a se interessar por novas narrativas, as ditas micronarrativas: relatos de grupos ou pessoas comuns que até então não tinham dado voz, a preocupação era agora registrar todas essas vozes de sujeitos variados. Foi a partir da escola do *Annales*²⁸ que ocorreu a mudança de perspectiva da historiografia. Foi deixada para trás a história neutra, do sujeito passivo, e começou a descortinar outros fortes sujeitos históricos, nunca antes encontrados nos documentos oficiais. Esse processo historiográfico é proveniente do encontro do historiador com a memória arquivada.

Inclusive, sobre essa discussão de memória e história, Le Goff (2003) nos ajuda: “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (Le Goff, 2003, p. 471). Esse fazer historiográfico exigiu a informação primária, ou seja, os documentos precisavam ser consultados em suas fontes originais, os arquivos são ressignificados e passam a fazer parte dessa narrativa memorial e histórica.

Permeando o universo dos arquivos, Carlos Bacellar (2005) afirma que as pesquisas empreendidas em arquivos é a primeira decisão que pesquisadores devem seguir para aprofundarem na descrição e análise de informações do passado. Assim também podemos pensar o espólio a ser pesquisado, uma vez que trata de documentos diversos e, em especial, de caráter pessoal. Bacellar (2005, p. 42) afirma:

A documentação de caráter privado pode dizer respeito a acervos de pessoas, de famílias, grupos de interesse (militantes políticos, instituições, clubes etc.) No Brasil não há uma prática corriqueira de

²⁸ Criada no século XX, teve como percussores Lucien Febvre e Marc Bloch. A Escola dos *Annales* foi um movimento historiográfico que renovou a prática histórica, superando a visão tradicional/positivista da história, onde era contada a partir de uma sucessão de acontecimentos isolados, buscando agora uma interdisciplinaridade, buscando a valorização da história local

preservação documental privada, e as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente não são raras. Muito poucos são os casos de iniciativas de organização de tais acervos empreendidas por seus produtores ou detentores, com o objetivo final de franqueá-lo à consulta. Mais usuais são os casos de doação ou venda para arquivos públicos ou centros de documentação, onde podem ser abertos à pesquisa.

Queiroz (2011) também define informação arquivística como elemento de testemunho, e essa definição depende da origem e da função na qual a informação é produzida:

A informação arquivística é produzida ou recebida por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, no exercício de suas atividades e constituem elemento de prova. Formam um conjunto orgânico, refletindo as atividades a que se vinculam, expressando atos de seus produtores no exercício de suas funções. Assim, a razão de sua origem ou função pela qual são produzidos é que determina sua condição de informação arquivística e não a natureza de seu suporte ou formato (Queiroz, 2011, p. 20).

Diante do cenário de crescente preocupação com a preservação da memória, emerge uma estreita relação entre as instituições Arquivos, Bibliotecas e Museus como instituições de guarda da memória e de disseminação da informação. Mesmo quando a sociedade parecer de a biblioteca esquecer, e/ou alguns profissionais não entenderem a íntima relação da biblioteca com a memória, elas, as bibliotecas, existirão e resistirão firmes nas trincheiras de luta, fazendo com que nossas memórias permaneçam aquecidas e não sejam esquecidas. Pois, como afirma Umberto Eco, (2022), a biblioteca é símbolo e realidade de uma memória coletiva, e o conjunto delas é o conjunto da memória do mundo. E a biblioteca se torna aquilo o que Pierre Nora diz, ela é material, simbólica e funcional: enquanto luta, lugar de conquista, mas sobretudo de reiteração de dignidade do saber democrático, comprometida de forma ampla com a exorcização do esquecimento, silenciamento, ocultamento e promoção do (re)conhecimento e reparação social dos indivíduos, grupos e coletividade locais.

Baptista, Sousa e Manini (2019) saem em defesa da preservação da memória institucional das bibliotecas universitárias:

As bibliotecas universitárias com sua longa trajetória têm forte ligação com a memória. Mais que preservar os registros produzidos nas universidades, essas bibliotecas são também produtoras de memórias, na medida em que desempenham seus processos seja no desenvolvimento de acervos, na administração de recursos ou na gestão de pessoas. A maneira como essas instituições desenvolvem seus trabalhos estabelece rotinas, cria hábitos, gera informações e produz documentos, o que lhes confere legitimidade e reconhecimento como instituição frente à sociedade. A preservação da memória institucional, consubstanciada nesses documentos que podem ser tanto documentos de arquivos, livros, ou mesmo equipamentos importantes na história da biblioteca, se faz necessária, pois é a partir deles que as bibliotecas poderão conhecer sua história, redescobrir sua memória e estabelecer metas para o futuro (Baptista; Sousa; Manini, 2019, p.1).

Por isso, é essencial entendermos a biblioteca enquanto lugar de memória, estudar a história da instituição a qual a biblioteca está inserida, entender os processos da formação da biblioteca universitária no Brasil, em especial, estudar a Biblioteca Setorial do CCA, perceber como se deu a formação dos acervos, das coleções especiais, compreender seu objetivo e função, para entendermos sua própria história e memória, a partir de suas coleções especiais, e aquelas memórias que ela decide preservar. Para isto, é essencial entender o livro enquanto patrimônio bibliográfico, perceber aquilo que o individualiza, pensando as marcas de proveniência, para que seja possível a defesa dessas coleções, a preservação e para que também seja permitido interrogá-los. Este caminho certamente admitirá uma narrativa da memória e da história.

3.3 COLEÇÕES ESPECIAIS: O LIVRO COMO PATRIMÔNIO

Quando pensamos em uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias, há alguns desafios a serem observados, e mais ainda quando falamos sobre a gestão de coleções especiais. Para além das políticas de seleção, aquisição, avaliação e desbaste a serem atendidas no desenvolvimento de coleções, é preciso realizar o estudo da comunidade, a seleção e aquisição do material bibliográfico, a avaliação e o desbaste e descarte (Weitzel, 2006). Uma preocupação que os profissionais de informação enfrentam é a questão de espaço,

pois é um problema recorrente nas bibliotecas universitárias, devido ao crescimento constante do acervo.

A necessidade de selecionar e descartar materiais bibliográficos parecem ser uma dupla problemática constante em que os profissionais estarão pressionados em razão do espaço físico. O processo técnico de seleção é um dos processos mais difíceis que um profissional pode fazer, porque envolve aspectos legais, culturais, institucional, educacionais, sociais, e tudo isso vai construir o aspecto memorial que precisa também estar garantido. É nele que se insere a identificação das coleções especiais. É por isso que precisamos interrogar essas políticas no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: como estão as políticas de desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias? Quais os objetivos dela? Estão contemplando o patrimônio bibliográfico? Pois, por uma simples marca de proveniência, por exemplo, é possível justificar a permanência de um determinado livro dentro de uma biblioteca. As bibliotecas (teoricamente) possuem um documento de desenvolvimento de suas coleções e por isso, tudo o que faz parte de seu acervo tem uma razão de ser e estar. Será que as bibliotecas universitárias estão preocupadas em documentar as histórias locais? Pensar no patrimônio, memória, identidade e histórias locais na cidade de Areia a partir da biblioteca universitária, torna-se ainda mais justificável, uma vez que a cidade não dispõe de uma biblioteca municipal.

Dito isto, uma das primeiras questões, sobre estas temáticas, que muito me incomoda, são os destinos desses acervos, que muitas vezes são descartados sem critério algum, assim como seria o desfecho deste espólio de Tancredo Torres. Alguns dos critérios levantados para desbaste e descarte não contemplam o item e sim o exemplar. Explico: ao descartar um item sem a sensibilidade de analisá-lo quanto a sua materialidade, sua condição material, uma vez que uma obra não existe somente pelo seu conteúdo, é possível estar destruindo ali o último registro histórico de um momento da trajetória daquela instituição, ou de uma pessoa.

Coleções pessoais e institucionais estão sendo descartadas sem o menor critério e é muito duro ver isso acontecer. Porque uma vez recuperada a história da instituição, é possível descobrir, por exemplo, que ela, a coleção, foi e é um elemento essencial para narrar a história da instituição biblioteca. E, a biblioteca, um instrumento essencial para o funcionamento da instituição universidade. Descartar, pois, sem critério, ou acabar com o acervo, seria equivalente a desconsiderar um

antigo funcionário de muitos anos da instituição: foi ele que caminhou durante anos naquele ambiente e é ele que conhece cada etapa da história, ele viveu cada uma dela.

Quando organizamos coleções especiais é necessário assimilar que se aborda uma coleção específica, categorizada conforme sua temática, importância, características físicas e/ou diferenciais, e assim precisam estar localizadas em ambientes diferentes e/ou fisicamente separadas do acervo geral de uma biblioteca (Cunha e Cavalcanti, 2008).

Pinheiro (2015, p.34) caracteriza coleções especiais em bibliotecas:

Essas coleções são consideradas preciosas por sua raridade, valor monetário, ou sua associação com importantes figuras ou instituições históricas, culturais, políticas, científicas ou artísticas. As coleções especiais são caracterizadas por seu valor artfactual ou monetário, pelos formatos físicos que armazenam, pela singularidade ou raridade dos itens, e/ou pelo compromisso institucional com a preservação e o acesso em longo prazo. Tais coleções, geralmente, são instaladas como unidades independentes, separadas do acervo geral, submetidas a serviços de segurança especializados e a normas que restringem a circulação de seus itens (Pinheiro, 2015, p.34).

É nesse entendimento que Pinheiro e Granato (2012) nos ajudam a pensar esses acervos pessoais enquanto patrimônio bibliográfico, pois eles entendem que são “bens que se destacam dos demais por um processo de significação, que se formaliza quando da escolha para que façam parte desse conjunto” (Pinheiro e Granato, 2012, p. 24-25).

Já discutimos como o silenciamento leva ao esquecimento. Bem por isso, a área da CI foi esquecendo de pensar o livro enquanto patrimônio bibliográfico, isso fez com que a área pouco avançasse no campo patrimonial. Por isso é preciso que nós nos apropriemos desse quadro, principalmente nos trabalhos junto aos órgãos que são operadores desse direito, a exemplo do IPHAN. Pensar no papel que o IPHAN desenvolve, mas não somente ele, pensar também, e principalmente, nos organismos estaduais e municipais.

Numa linha do tempo, percebendo leis e normas que contribuíram para salvaguarda do patrimônio bibliográfico nacional, em 1937, é estabelecido o conceito

de patrimônio pelo Decreto-lei n.º 25, de 30 de novembro. É o primeiro documento que vai mencionar o valor bibliográfico enquanto patrimônio:

Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (Brasil, 1937).

A constituição de 1988, em seu artigo n.º 216 amplia o conceito de patrimônio e substitui a nomenclatura por Patrimônio Cultural Brasileiro, anteriormente Patrimônio Histórico e Artístico:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...] (Brasil, 1988).

Esta alteração, além de incorporar novos conceitos, implicou também no entendimento do reconhecimento do caráter imaterial enquanto bem patrimonial. Nós da CI precisamos nos apropriar desses conceitos para trabalharmos com esses bens. Além do próprio conceito de patrimônio bibliográfico, é ignorado também suas características, questões de preservação e gestão.

Se analisarmos, um instrumento importantíssimo, de controle técnico, como o inventário bibliográfico, que muitas vezes é negligenciado, poderia ter valor de patrimônio. Ele fornece informações imprescindíveis não só para controle técnico, mas também para divulgação e construção memorial. Do ponto de vista conceitual, esses bens, material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, são formadores de referências a identidade, a história e a memória. Como não estamos afeitos a concepção do bibliográfico enquanto patrimônio, as bibliotecas continuarão a padecer.

No Brasil, há leis que garantem a proteção ao patrimônio bibliográfico, objetivando o controle da saída de livros raros do Brasil. No quadro 2 é possível observar de maneira geral as legislações em vigor:

Quadro 2 - Legislação sobre a proteção ao patrimônio bibliográfico

Legislação	Decisão
Decreto-Lei nº 25/1937	Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional
Lei nº 4845/1965	Proíbe a saída para o exterior de obras de artes e ofícios produzidos no País, até o fim do período monárquico
Lei 5.471/1968	Dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros
Decreto nº 65.347/1969	Regulamenta a lei anterior (Lei 5.471/1968)
Decreto Nº 72.312/1973	Promulga a Convenção sobre as Medidas a serem Adotadas para Proibir e impedir a Importação, Exportação, Transporte e Transferência de Propriedade Ilícitas dos Bens Culturais
Decreto Nº 3.166/1999	Promulga a Convenção da UNIDROIT sobre Bens Culturais Furtados ou Ilícitamente Exportados, concluída em Roma, em 24 de junho de 1995
Instrução Normativa do IPHAN, nº 1/2007	Dispõe sobre Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros.

Fonte: Pinheiro (2015); Santos e Carvalho (2014).

Concordando com Palma Peña (2013), entendemos que o patrimônio bibliográfico e documental seria uma categoria menor que estaria inserida no patrimônio cultural, que seria a categoria maior. Ele afirma: “Como parte del patrimonio cultural figuran las manifestaciones impresas y documentales, las cuales son testimonio del pensamiento de las sociedades, relevantes tanto por su capacidad para transmitir conocimientos como por contar con particularidades valiosas (PALMA PEÑA, 2013, p.1). Preferimos entender assim, que patrimônio bibliográfico e documental é uma categoria dentro de patrimônio cultural, para não haver confusão teórica quanto ao conceito de patrimônio bibliográfico. Tal conflito ocorre, ao nosso ver, por algumas questões como a associação que muitos teóricos e profissionais fazer ao relacionar patrimônio bibliográfico a livros antigos e raros, nem todo patrimônio bibliográfico é antigo ou raro; na legislação vista acima é possível perceber que ela se refere sempre a livros antigos e raros sem sequer mencionar edições contemporâneas e a concepção de que apenas livros raros qualificam uma coleção especial, excluindo características materiais do livro.

O Patrimônio bibliográfico de uma biblioteca, em geral, pensando no recorte de bibliotecas universitárias, são documentos que estão dentro de bibliotecas e que apresentam documentos/livros que de alguma maneira estabelecem uma relação identitária com a biblioteca ou com a própria instituição universidade.

É interessante pensarmos que o patrimônio bibliográfico de uma biblioteca universitária não se resume apenas a livros, mas também a outras tipologias

documentais como as monografias, teses e dissertações, produtos acadêmicos de maneira geral, em virtude da originalidade de pesquisas ali registradas. Patrimônio tem íntima relação com a identidade, sendo assim, pensando as produções acadêmicas, elas são os registros da identidade de memória de uma área, de uma disciplina, de uma universidade, de um conhecimento científico.

E por isso o contexto passa a ser não apenas memória científica daquela instituição, mas daquela área do conhecimento, e por isso precisam ser levadas em consideração também nos processos de descarte. Neste sentido, é importante refletirmos que quando falamos de identidade nacional, num país como o nosso, talvez seja difícil falar de identidade nacional, homogênea, por isso devemos defender o patrimônio bibliográfico regional, local. A Biblioteca Nacional certamente não apresenta condições de capturar toda a produção do país inteiro, daí o importante papel que outras bibliotecas teriam nisso.

Baptista, Sousa e Manini (2019) vão afirmar que a biblioteca universitária, tem uma ligação forte com memória: “é um lugar de memória, pois guarda os registros intelectuais humanos, resultantes ou não das pesquisas científicas desenvolvidas dentro das universidades (Baptista, Sousa e Manini, 2019, p.2).

Aqui no Brasil, quando se fala em patrimônio bibliográfico, normalmente se associa a um livro antigo ou a livro raro, o que não tem apenas essa limitação. Livros raros com certeza irão compor o patrimônio bibliográfico, mas não só eles. Inclusive, há uma falsa ideia de que esses temas não precisam mais ser discutidos, é como se os critérios de raridade, que poderiam garantir a preservação do patrimônio bibliográfico, já estivessem postos e seriam indiscutíveis, quando isso não existe.

Pinheiro (2015) discute a raridade do livro compreendendo os aspectos subjetivos deles:

Livro raro é o item bibliográfico desse modo identificado porque é o único exemplar conhecido, porque é precioso para quem o possui, ou porque é inquestionavelmente raro. A evidente subjetividade desse conceito se justifica porque, geralmente, o sentido do que é raro é subjetivo, dependendo do ponto de vista de quem analisa as obras que compõem uma coleção de livros raros que é, por isto, especial. Essa subjetividade está ligada à cultura, à erudição e ao conhecimento da área temática e do livro, sob o ponto de vista de seu conteúdo e de sua materialidade, por quem tem a função de identificar o que é raro (Pinheiro, 2015, p.33-34).

Antes de tentar entender o livro enquanto raro, é preciso entender o que aquele livro representa como patrimônio bibliográfico para determinada instituição, para alguma área do conhecimento, e/ou para memória/história regional que aquela biblioteca está comprometida em documentar. Nenhum profissional que não trabalhe naquela instituição pode apresentar os critérios de raridade para ela; podem fornecer parâmetros porque quem constrói os critérios de raridade de uma instituição são os profissionais que nela trabalham e que conhecem a história da instituição.

Neste sentido, é importante que as instituições reflitam seus critérios de raridade de modo que eles pensem a “missão institucional e a formação e o desenvolvimento da coleção, no presente e no futuro” (Pinheiro, 2015, p.34). Quem sabe porque para determinado material, que revela uma memória institucional, será a própria instituição que poderá decidir, ela que será capaz de entendê-lo a partir desta categorial de raridade. Nessas circunstâncias a autora propõe cinco critérios de raridade: “1) limite histórico, 2) aspectos bibliológicos, 3) valor cultural, 4) pesquisa bibliográfica, e 5) características do exemplar” (Pinheiro, 2015, p.34).

O processo de patrimonialização bibliográfica lança luz sobre personagens, desvela histórias, reconstroem memórias, apresenta redes de sociabilidade, e certamente auxiliará na aderência do livro numa coleção e/ou da própria biblioteca. Esse espólio de Tancredo Torres permitirá revelar seu dono, a preservação da história desses importantes cursos de graduação nas áreas de atuação da Biblioteca Setorial de Ciências Agrárias, assim como contribuir para o enriquecimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão; no tocante a cidade de Areia, o espólio revelará significativos feitos para a história local, por último, é possível pensar as escolhas anteriores para esboçar o futuro da edificação do saber científico e a ressignificação da memória dentro do CCA e da cidade. Bem por isso, precisamos pensar o espólio de Tancredo Torres enquanto patrimônio documental.

4 FRANCISCO TANCREDO TORRES: UM ESPÓLIO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (Ecléa Bosi, 2003, p. 199).

Tancredo Torres nunca foi casado, nem teve filhos. Após seu falecimento, ocorrido em 2014, sua família, fica responsável pelos seus bens. Depois de partilhados os bens, o amontoado de livros não era item de disputa, e facilmente foi despejado na rua. O professor Daniel Pereira, já apresentado anteriormente, além de amigo de Tancredo Torres, é conhecedor da história local e sabia da preciosidade, principalmente nos escritos, que haviam ali. Ligeiramente, em comum acordo com o diretor do CCA, conseguiu levar todo o espólio para uma sala dentro da universidade. Passou a chave na porta e por lá este espólio ficou cerca de cinco anos.

Há uma vontade de construção do museu do CCA, iniciativa do próprio Daniel Pereira junto à direção de Centro. Parte daqueles documentos existentes no espólio de Tancredo Torres, iriam compor o museu, uma vez realizada a curadoria, principalmente dos documentos que discorriam sobre a EAN. Este foi o principal empecilho na liberação para que o espólio fosse mantido a guarda na Biblioteca, o que demorou um pouco para o tratamento dos documentos.

Após algumas reuniões, conversamos com os dirigentes à frente do projeto do museu, para explicar o princípio da proveniência, que garantiria que todo o espólio ficaria junto, não seria diluído; apresentamos sobre o tratamento de coleções especiais, garantindo que não sairia para empréstimo, e falamos sobre a preservação e conservação que seria realizada, além de explicarmos a importância daquela fonte informacional estar disponível a pesquisadores. E, de toda forma, os materiais continuariam à disposição da instituição, para compor o museu, quando o projeto fosse executado, o que ainda não saiu do papel.

Como o projeto de extensão em vigor, o bolsista foi até a sala onde se encontrava o espólio para começar as primeiras iniciativas de organização, acompanhado sempre por um profissional da biblioteca. Separando os materiais quanto as respectivas espécies, acomodando a documentação em caixas de papelão, para facilitar o transporte, e observando os materiais que estavam deteriorados para serem transportados pela própria equipe da biblioteca. Pouco a pouco os materiais foram sendo levados a biblioteca. E é aí onde começam os processos de tratamento do espólio, bem como a pesquisa e estudo de todo o material de Tancredo Torres.

A potência de narrativa deste personagem, apesar de reservado na palavra oral, conforme amigos próximos relataram, era percebida na palavra escrita. Tancredo Torres, pesquisador inquieto, durante toda sua vida, traduziu verdadeiras memórias, trazendo a cena muitos personagens, histórias, memórias e fatos.

Percebi seu espólio enquanto potência, de tal modo que fosse possível pensar formas que explorassem a história oral, suas narrativas escritas, contos, correspondências, fotografias, vivências, relatos, registros, manuscritos, pesquisas, impressões... qualquer signo, informação, documento, seja em qual for o suporte que consiga traduzir o mais fiel relato das experiências vividas, que expressem fragmentos e fatos do cotidiano da cidade que fomentem a narrativa da história e memória sob o olhar de Tancredo Torres.

Ao encontrar parte do material que por muito tempo Tancredo Torres colecionou, guardou, acumulou, escreveu, fui tomada por uma inquietude, em querer conhecer este personagem, por ora, ali percebido na imensidão de seu espólio, mas, ao mesmo tempo, contrariamente, tão apagado nas memórias das pessoas daquela cidade. A começar na própria instituição biblioteca, que, como dito anteriormente, leva seu nome em homenagem desde o ano de 2014, mas que ninguém conhecia os feitos de Tancredo Torres, seus trabalhos, pesquisas e escritos.

Nas correspondências, sempre encontrava dedicatórias de autores, que, ao ofertar seus livros para Tancredo Torres, escreviam: “o mestre da história de Areia”, “ilustre historiador areiense”, “repositório de sabedoria”, “embaixador intelectual de Areia”, “edificante atuação no universo cultural de Areia”, entre outros. Tais adjetivos, sempre reconhecendo a grandiosidade da obra e do próprio Tancredo Torres para a cidade de Areia, foram um convite para desbravar este intelectual, e seus escritos

valerosos. Apesar de não ser historiador por formação acadêmica, Tancredo Torres foi por muito tempo o historiador de sua cidade.

Tancredo Torres dedicou uma vida inteira a escrever sobre a cidade de Areia. Pesquisou muito sobre a história dos que construíram a cidade, sobre os fatos, sobre a memória... Tudo que estava relacionado a Areia, Tancredo Torres tinha interesse: como se desenvolveu a educação na cidade, as questões relacionadas a escravidão e abolição, temas religiosos, personagens, a antiga EAN, seu espaço de trabalho, hoje CCA, genealogias... Areia, por si só, era um caldeirão efervescente de cultura, história, patrimônio, com destaque em alguns pioneirismos na própria Paraíba, a exemplo do primeiro teatro do estado, inaugurado em 1859: “famosa por sua beleza natural e pela arquitetura antiga, bem como pelo passado brilhante que se insere na história da Paraíba (Torres, 2001, p.52)”.

É daí que parto para uma pesquisa cujo objetivo é saber mais sobre a vida deste personagem e seus escritos sobre a cidade, conhecer Tancredo Torres no seu íntimo.

Ao longo do projeto de extensão, carinhosamente chamado de Coleções Especiais, já mencionado anteriormente, ativo desde 2018, tivemos contato com alguns pesquisadores que compartilharam histórias sobre Tancredo Torres. Conhecemos também alguns de seus amigos próximos, e com um deles, um professor do CCA, Daniel Duarte Pereira²⁹, tivemos a oportunidade de realizar, enquanto ação do projeto de extensão, uma entrevista, que está disponível no youtube³⁰. Nela, Daniel Pereira conta um pouco do íntimo de Tancredo Torres, seu amigo por mais de 20 anos.

Além dessa entrevista, pouco a pouco pude viver Tancredo Torres a partir das correspondências trocadas por ele, livros que ele leu, e que, vez ou outra, encontrávamos algumas notas escritas, seus textos, colunas em variados jornais, uma nota outra encontrada na internet, bem como, em conversas com a comunidade acadêmica que conheceu e conviveu com ele no ambiente de trabalho. Em algumas atividades da BSFTT, como na exposição de fotografias em escolas e na secretaria de cultura da cidade, bem como nos eventos realizados, pessoas da cidade, professores, pesquisadores e historiadores nos procuraram para questionar sobre a “biblioteca de Tancredo”. Em conversas rápidas com este público íamos

²⁹ Agrônomo, professor doutor da Universidade Federal da Paraíba, do Centro de Ciências Agrárias.

³⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lxNWjdrT3Kg>>.

aumentando nosso repertório sobre a figura de Tancredo Torres. Eis algumas considerações a seguir.

4.1 FRANCISCO TANCREDO TORRES: UM HOMEM EM MOVIMENTO

Conhecido de alguns, sou aqui desconhecido de muitos. Eu sou o que sou. Não tive uma vida de sonhos e quimeras. Não pensei atingir determinados lugares, e nada me levaria de vontade própria a esta aventura. Não disponho de coragem pela timidez que me arrasou a vida, de solicitar poder ou voto para participar de algum lugar na vida. Sou grato ao que me oferecem e acolho as surpresas agradáveis (Torres, 2004, p.3).

Figura 3 - Francisco Tancredo Torres



Fonte: Página de Ivaldo no Facebook (2014).³¹

Francisco Tancredo Torres nasceu na cidade de Esperança (PB), município próximo à Areia, em 18 de abril de 1928 (conforme registro civil, porém sua data de nascimento é de 17 de abril de 1928, conforme escritos de Tancredo Torres), tendo falecido no hospital, na cidade de Campina Grande, em 01 de julho do ano de 2014, aos 86 anos. Filho único do casal Joaquim Vitória Torres e Leonélia de Gouveia Torres (Dona Nely). Seu pai, Joaquim, é natural de Remígio, da família dos Vitória Torres e sua mãe, Leonélia, natural de Areia, da conhecida família de Almeida.

³¹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/ivaldovilela/posts/pfbid0V5xmW1h9ppsNQJLtjGvVMjC4BwWL5w612DqBaWEAdKiVf6stN5PDWNJcQ9WbXRrhl>>. Acesso em 21 abr. 2023.

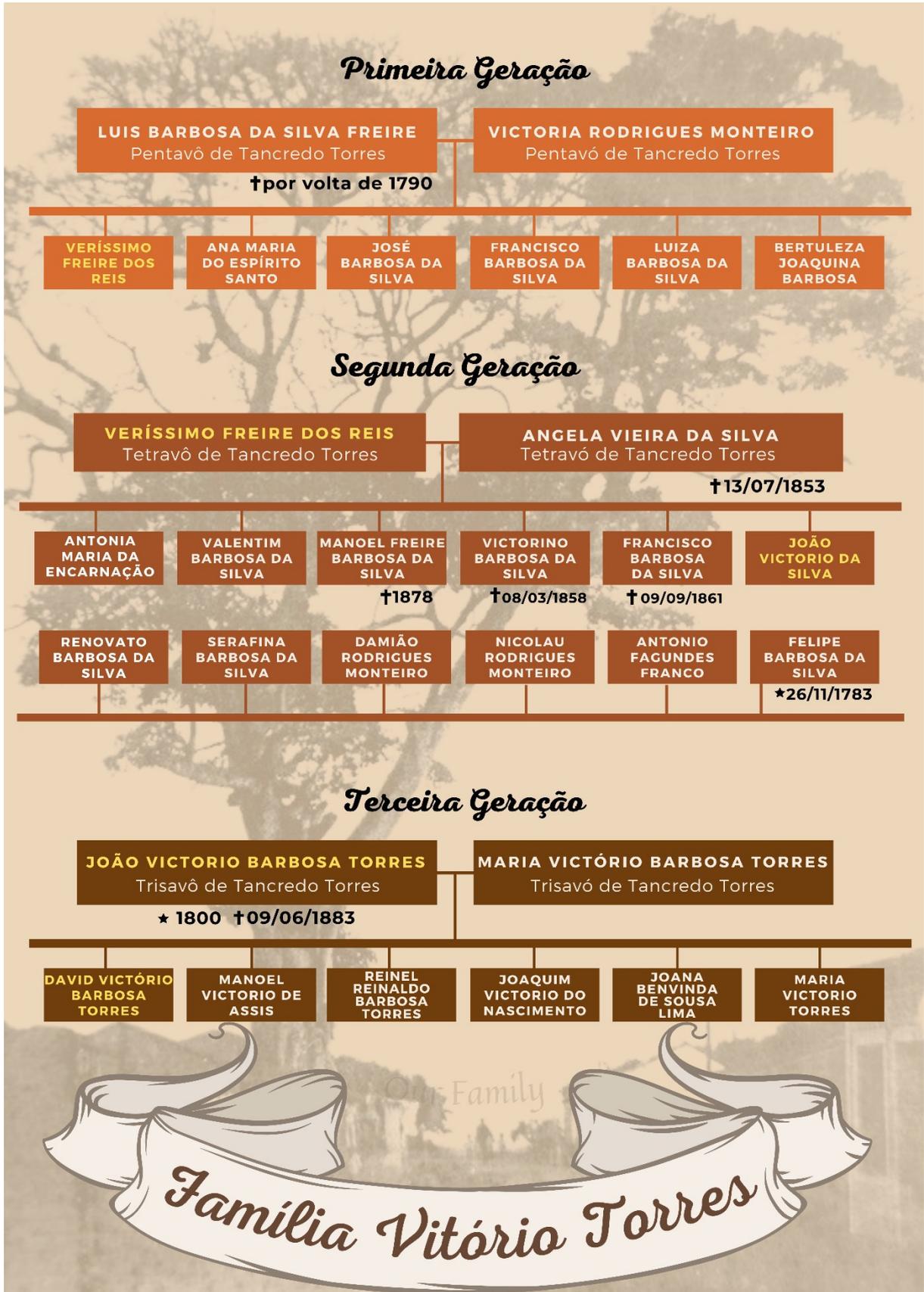
Tancredo Torres teve como padrinhos de batismo Antônio D'Ávila Lins e Yayá, sua tia paterna. Pertence a ele as famílias Vitório Torres, Henrique Meira, Gouveia e Evaristo Monteiro e Almeida.

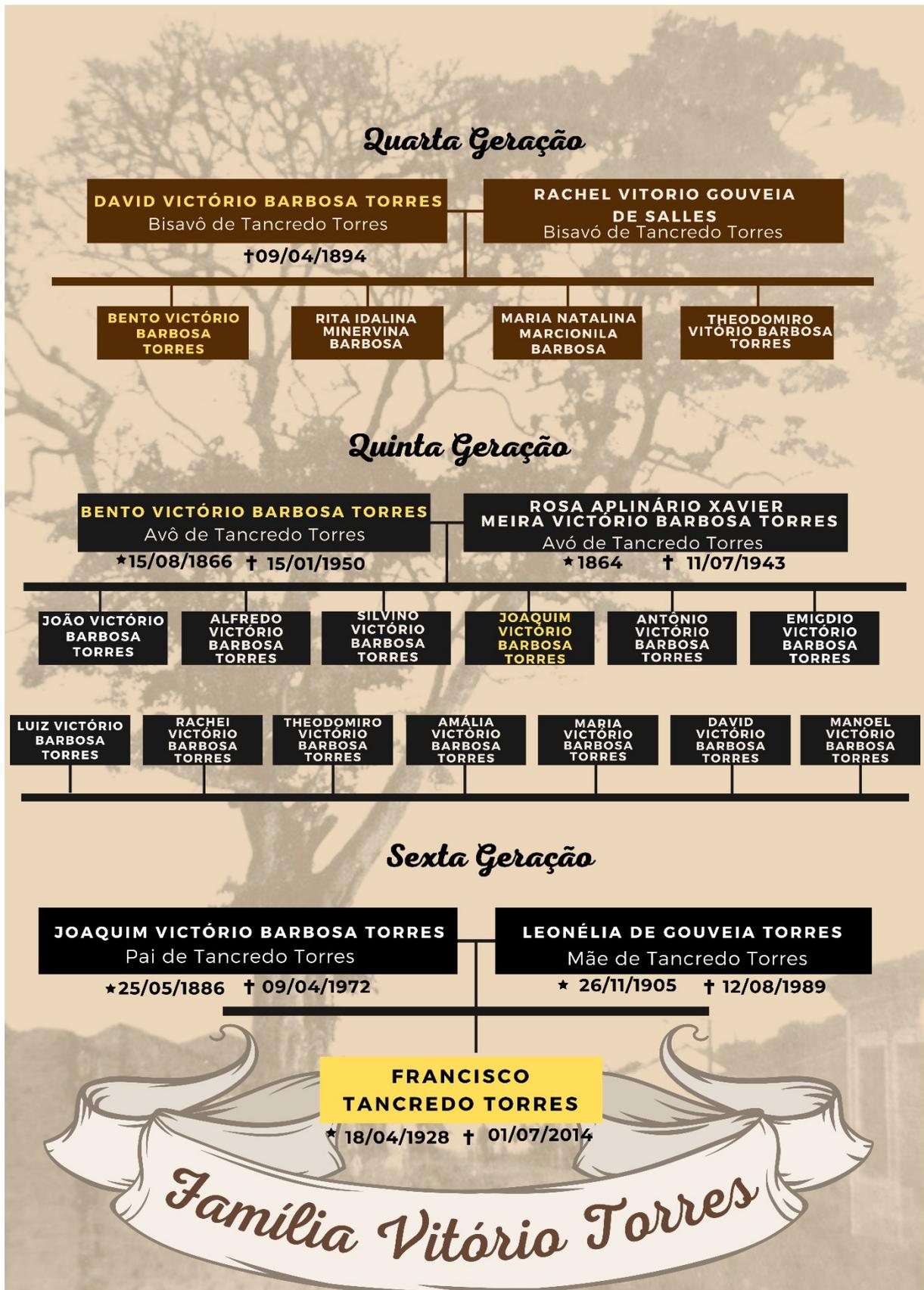
A origem da família de Tancredo Torres é portuguesa, tendo o “ramo primeiro” o senhor Luis Barbosa da Silva, de onde descende a família de Tancredo, os Victórios Torres. Segundo o próprio Tancredo Torres (1983, p.1), o senhor Luiz Barbosa da Silva foi o fundador da povoação em Remígio³². O próprio Horácio de Almeida, no seu livro *Brejo de Areia: memórias de um município* (1980) afirma que em 1778 o senhor Luis Barbosa da Silva Freire foi o primeiro proprietário da primeira sesmaria, denominada Lagoa de Remígio, onde se assenta atualmente a vila de Remígio (Almeida, 1980, p.14). Já velho e doente, teria estimulado seus filhos, Veríssimo Freire, Francisco Barbosa, José Barbosa e seu genro Manoel Gonçalves Diniz a “consolidarem o patrimônio familiar, ocupando as terras do “sertão das Alagoas”, fazendo doação das ditas” (Serafim, 1992, p.25).

A seguir, nas figuras 4, 5 e 6, a árvore genealógica de sua família e quadro com fotografias de sua família. Na pesquisa realizada, foram encontrados mais “ramos” da árvore genealógica, mas, para o estudo, optamos por seguir apenas o ramo de ascendências de Tancredo Torres. Ao fundo da figura da árvore genealógica, imagem da gameleira, árvore símbolo da cidade de Areia:

³² Município circunvizinho que à época fazia parte da cidade de Areia.

Figura 4 - Árvore Genealógica da família de Tancredo Torres





Fonte: Elaborado pela autora, dados de Serafim (2004); Serafim (1992); Almeida (1980) e Torres (1983).

A seguir, fotografias de pessoas da família de Tancredo Torres.

Figura 5 - Parentes de Tancredo Torres



Joaquim Vitório Barbosa
Torres, pai de Tancredo



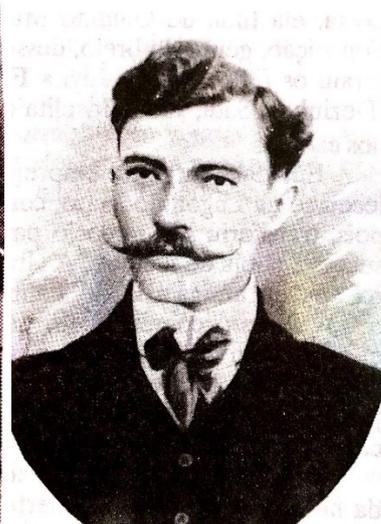
Leonélia de Gouveia Torres,
mãe de Tancredo



David Barbosa Torres,
bisavô de Tancredo



Bento Victório Barbosa
Torres, avô de Tancredo.



Manoel Victório Barbosa
Torres, tio de Tancredo

Fonte: Serafim (2004, p.118 e 121) e Serafim (1992, p.248, 287 e 338).

Figura 6 - Bento Victório Barbosa Torres, avô de Tancredo Torres



Fonte: Serafim (2004, p.118).

A família de Tancredo Torres teve uma grande proeminência na área ocidental do município de Areia. Assim, provém dos Vítórios grande força política naquela região que se dissipa por dezenas de anos até a extinção. Tancredo Torres (In Serafim, 2004, p.16):

[...] orgulhosos todos da origem do ancestral distante que deixou como exemplo não a sua fortuna, mas a honradez, o caráter forte, a palavra segura e sincera, disto dando mostras desde quando no final do século XVIII, selou compromisso em transação de terra, permutando uma propriedade sua existente no vizinho Estado do Rio Grande do Norte, com outra no Brejo de Areia, de onde se originou Remígio, contando para isto apenas um fio de barba como segurança da causa acertada. De todos os seus descendentes, nem Luiz Barbosa e nenhum outro têm do que se envergonhar. A maioria projetou-se em estudos e trabalho; ninguém debandou para a maldade que assola o mundo.

O próprio Felipe Barbosa da Silva, filho de Veríssimo Freire dos Reis (tetravô de Tancredo Torres), chegou a ser preso no tronco, onde sofreu torturas por mais de trinta dias, em virtude “de sua atuação nas origens de nossa vida municipal” (Serafim, 1992, p.31). Manoel Gonçalves Diniz teve participação destacada na escolha do primeiro Capitão-Mor de Areia e provavelmente foi ele “ponto de

convergência e decisão diante dos primeiros problemas e conflitos do nascente povoado (Serafim, 1992, p.35).

Sobre seu avô, o Bento Vitório, Tancredo Torres afirma que ele foi um dos maiores agricultores da região e que, por várias décadas, exerceu grande poder político sobre a comunidade, chefiando o povo remigense ao lado dos partidos governistas e aliado a possíveis políticos areienses (Torres, 1983, p.1). O Almanaque da Paraíba de 1907 divulga uma estrutura política de Lagoa de Remígio, onde confirma o Bento Vitório Barbosa Torres como subdelegado daquele lugar (Serafim, 1992, p.47). Tancredo Torres reforça:

Paralelamente a sua vida de agricultor – um dos maiores da região, exerceu por várias décadas, do final do século passado até a terceira deste, o poder político sobre aquela comunidade, chefiando os remigenses sempre ao lado dos partidos governistas e aliado a proeminentes próceres políticos areienses, com destacada ligação ao Major Remígio D'Ávila Lins, de quem também era compadre e amigo.

O destaque de sua vida foi a política. A Revolução de 30 o alcançou ao lado dos liberais onde proporcionou triunfos locais ao partido e foi prestigiado pelas forças emergente. Prestigiaram-lhe o Presidente João Pessoa, com sua comitiva que foram recepcionados e hospedados em sua vivenda remigense e depois Juarez Távora e José Américo de Almeida. Além da política, foi professor público em sua terra. Se Bento Vitório não alcançou em épocas difíceis posições que o pusessem em maior evidência, teve então a felicidade de mostrar-se digno aos seus contemporâneos e deixar um exemplo de dignidade aos seus pósteros (Torres, 1983, p.1).

Para reforçar a atuação política de seu avô Bento Vitório, Tancredo Torres afirma que ele mesmo, Bento Vitório, constitui comissão e vai ao Palácio Episcopal tentar evitar, sem sucesso, a separação do povoado, ora freguesia de Areia, ora freguesia de Esperança, para Esperança

Entre a infância e a juventude viera Bento Victório para casa de seus tios, Manoel e Reinel Victório, negociantes de tecidos em Areia, para escolarizar-se (Torres, 1983, p.1).

O pai de Tancredo Torres, Joaquim Victório Barbosa Torres, o “Quincas” como era conhecido no íntimo da família, nasceu na casa da família, na fazenda Lagoa de Pedra, do município de Esperança. Como descendente de agricultor, foi também dedicado ao campo nos primeiros anos de vida. Ainda jovem, depois de

experiências na agricultura, foi nomeado para função pública, na capital do Estado, em meados de 1913, sendo guarda civil. Em 1918 em diante foi servir na administração de uma estrada que estava sendo construída no sertão, entre as cidades de Soledade e Santa Luzia do Sabugy. Após a conclusão da obra, nos anos 20, se instala na Lagoa do Remígio com casa comercial. Seu comércio se chamava “Flor da Serra” e comercializava tecidos, perfumes, meias, chapéus e miudezas em geral (Serafim, 1992, p.304). Em 1928 transfere seu comércio para Esperança, de lá foi para a então cidade da Parahyba, estabelecendo-se com secos e molhados na Rua Almeida Barreto e depois na Índio Piragibe com General Osório (Torres, 1992c).

Por causa da violência que dominava aquele lugar, Joaquim se retira para Esperança e depois para a capital, instalando lá uma casa comercial de secos e molhados até 1932. Tancredo Torres descreve num texto publicado no Jornal Diário da Borborema, sobre a casa comercial de seu pai:

Foi plantada e transplantada várias vezes. Nascida e cultivada na Borborema, não teve vida longa, foi efêmera a sua existência. Germinou em Remígio, transplantou-se para Esperança e de lá, já sem nome, para a capital paraibana onde feneceu. S lembrança ainda existe no timbre do seu papel: “A Flor da Serra de J. Victório Torres – Variado sortimento de fazendas, calçados, chapéus de sol e de cabeça. Estivas, bebidas, ferragens louças e artigos de novidades. Sub-agência do Kerozene Jacaré e Gasolina Montano – Esperança – Parahyba do Norte”. Era uma das bem destacadas casas comerciais da florescente cidade “Lírio da Borborema”, no final da segunda década desta centúria (Torres, 10 de abril de 1992c).

Depois disto, Joaquim retorna para as terras da família, na fazenda Tanques, se dedicando a agricultura e criação. Casa-se em 1927, aos 41 anos de idade, com Nely e no ano seguinte o casal tem o único filho, Francisco Tancredo Torres (Serafim, 1992, p.304).

É interessante observar, a partir da árvore genealógica construída, que a família Vitório Torres, chegou em Areia muito antes da cidade ser fundada; o trisavô de Tancredo Torres nasce em 1800 e a fundação da cidade só acontece 46 anos depois, em 1846. Sendo assim, seu tetravô, Veríssimo Freire dos Reis, e seu Pentavô, Luiz Barbosa da Silva Freire, apesar de não conseguirmos as datas, fica evidente que eles habitaram a cidade antes mesmo da fundação, por volta do século XVIII.

Embora não esteja registrada a árvore genealógica de toda família, seguimos apenas a família de Tancredo Torres, fica claro que havia casamentos com parentes próximo, como o casamento entre primos e entre tio e sobrinha, exemplos de outros ramos familiares dos Vitórios Torres. Inclusive, as famílias eram bem numerosas, sendo comum um casal ter 12 ou 13 filhos, o que não aconteceu com os pais de Tancredo Torres que tiveram apenas ele, filho único. Além disso, daqueles em que foi possível recuperar a data de nascimento e morte, a média de vida era de 85 anos, Tancredo viveu, assim como seu pai, 86 anos, já seu avô, 84 anos, e seu trisavô, 83 anos.

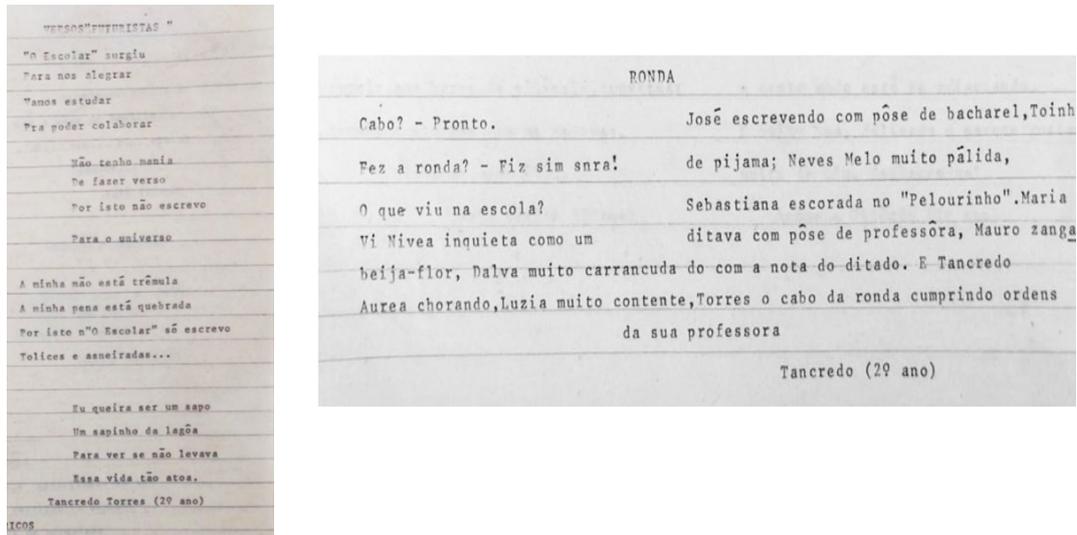
Outra característica que podemos observar, a partir da genealogia apresentada, são as nomenclaturas de sobrenomes que mudam: na primeira geração são usados os sobrenomes Freire e Barbosa, na segunda Barbosa e Silva, na terceira Victorio e Torres, na quarta Vitório, Barbosa e Torres, na quinta Vitório Barbosa Torres, e, na sexta, predomina o Torres. Isso pode acontecer porque era comum os familiares homenagearem parentes, amigos ou pessoas próximas importantes, ou ainda, consagrar a algum santo.

Apesar de nascer na cidade de Esperança, Tancredo Torres pouco lá viveu. Como ele mesmo se define, esperancense de nascimento e de fabricação areiense. Com um ano e três meses de idade, sua família se muda para a capital em busca do ramo comercial que seu pai explorara, sendo tecidos e variedades. Conforme já mencionado, sem sucesso nas terras pessoenses, eles voltam e se estabelecem na propriedade Tanques, herança de seu pai, (fazenda adquirida por seu avô, Bento Vitório, em 1923), a época pertencente a cidade de Areia, mas que atualmente está localizada no município de Remígio. Lá seu pai retorna a atividades da agricultura e Tancredo Torres é alfabetizado por sua mãe. Foi neste estabelecimento que Tancredo Torres viveu sua infância e estudou todo o primário.

Desde o ensino primário Tancredo Torres já se destacava nos movimentos culturais: “Participou sempre de movimentos culturais desde a escola primária e mesmo antes, por instruções de sua genitora, iniciando atividades no jornalzinho O Escolar, fundado pela Mestra Maria Auxiliadora de Carvalho e Silva (Dorinha) em 1937 (Macedo, 2017, p.234)”. Neste jornal “O Escolar” – Órgão da Escola Elementar Mixta de Remígio (escola pública), fundado e datilografado pela professora já citada, Tancredo Torres publicou três textos, “A Ronda”, “Versos Futuristas” e “Um sonho” em 4 de julho de 1937, com apenas 9 anos de idade, mostrando seu talento para as

letras desde muito cedo. Encontramos em seu espólio parte do jornalzinho e conseguimos recuperar dois dos três poemas por ele escritos, conforme figura 7 a seguir:

Figura 7 - Poemas de Tancredo Torres aos 9 anos.



Fonte: Espólio FTT (1937).

Ao que conta em entrevista, o professor Daniel Pereira relata que Tancredo Torres tinha uma memória prodigiosa e conseguia lembrar muitos fatos com uma riqueza de detalhes. Narrava muitas histórias, acontecimentos e relembrava muitos personagens remigenses, é o que nos conta Pereira, em entrevista no canal do youtube:

[...] ele falava muito da infância, da ida aos Tanques... Falava de dona Rosinha e seu Maninho, que era uma espécie de faz tudo em Remígio, uma pessoa que veio de fora e fazia de tudo, festas e etc... Falava dos acontecimentos, da casa onde morou e que foi derrubada para ser feita uma rua... Da primeira vez que viu um elefante, foi num circo. A primeira professora dele era remigense, escreveu um livro e ele guardava com muito carinho. Tinha cadernos, gostava de desenhar, tinha aquarelas, gostava dessa parte, pintava aquarelas, tinha uma letra muito bonita, gostava de fazer letras góticas com pincéis e penas (Pereira, 2020).

Numa determinada época, por volta do ano de 1945, a família se muda para a cidade de Areia, é quando Tancredo passa a residir na casa onde morou a vida toda. Essa casa tinha um terreno do lado que, mais tarde na vida adulta, ao saber que um empresário da cidade queria comprar para fazer um comércio, ele

rapidamente comprou o lugar e transformou-o em sua biblioteca particular, lugar onde ele passaria muito tempo de sua vida desenvolvendo pesquisas, lendo e produzindo inúmeros artigos. A casa que está localizada na rua Dr. José Evaristo, 345, no centro da cidade de Areia, está fechada, e naquelas janelas, está faltando ele, que costumava ficar a tarde com vista para a serra. Na figura 8 abaixo, imagem da residência de Tancredo Torres.

Figura 8: Residência de Tancredo Torres.



Fonte: Dados de pesquisa, 2023.

Em 1948, Tancredo conclui o Curso Médio da EAN, obtendo o diploma de Técnico Agrícola, em 28 de novembro. No período de ensino, Pereira (2020) conta que, apesar de ser um bom aluno nas diversas disciplinas, Tancredo Torres era mesmo um apaixonado pela Botânica, de tal forma que era capaz de dizer o nome de famílias, gêneros e espécie. O renomado professor do CCA, já falecido, Jayme Coelho de Moraes foi um grande pesquisador da área da botânica, foi com ele que Tancredo Torres se inspirou, aprendeu e se apaixonou por esta área. Além da relação professor – aluno, em sala de aula, eles se tornam grandes amigos de uma vida inteira e passam a dividir também o mundo da botânica.

Ao término do curso, sem muitas oportunidades de trabalho, como a maioria dos jovens recém-formados, sua mãe, Leonélia de Gouveia, tem uma iniciativa importante para a carreira profissional de Tancredo. Ela resolve enviar uma carta para o então presidente da república do Brasil à época, Eurico Gaspar Dutra, pedindo uma oportunidade de trabalho para o filho (Pereira, 2020). Talvez por isso, já no ano seguinte, em 1949, ele tem início no serviço público federal, como Técnico

Agrícola do Posto de Defesa Sanitária Vegetal de Fortaleza, capital do estado do Ceará, subordinado à Divisão de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura, e por esta razão ele muda de residência mais uma vez.

O professor Daniel Pereira (2020) conta que ele conheceu muitas pessoas em Fortaleza e fez muitos amigos que carregou para vida inteira, amizades de 30, 40 anos. Lá, ele morou numa pensão de um homem chamado seu Demóstenes, uma pensão familiar, na qual tinham algumas atividades rotineiras, como a de rezar o terço diariamente.

Neste período, com seus 21 anos, Tancredo Torres já apresentava sua ligação com a religiosidade, prova disso está nos seus escritos, que, em grande parte, refletem a história de igrejas, e personagens religiosos. Seus pais o visitaram uma única vez em Fortaleza, conforme relatado por Duarte (2020), talvez pelo curto período em que lá esteve, e visitaram alguns lugares turísticos da capital.

Três anos depois, em 1951, ele foi redistribuído a pedido próprio para a Escola Agrotécnica João Coimbra, localizada no município de Barreiro – PE, pertencente à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura. Lá ele exerceu funções de técnico agrícola e também lecionou várias disciplinas, como professor, nos cursos de Iniciação Agrícola, Mestria Agrícola e Agrotécnico.

Em Barreiros ele residiu no alojamento da instituição e falava sempre das boas lembranças que lá viveu. Na cidade de Barreiros ele exerceu a função de diretor do setor cultural do Centro Social “Alberto Torres” da escola Agrotécnica João Coimbra e fundou o jornal O Labor em 1958. É nesta experiência profissional que ele passa a se dedicar a questões administrativas, burocráticas, participar de solenidades e se interessar pela história institucional.

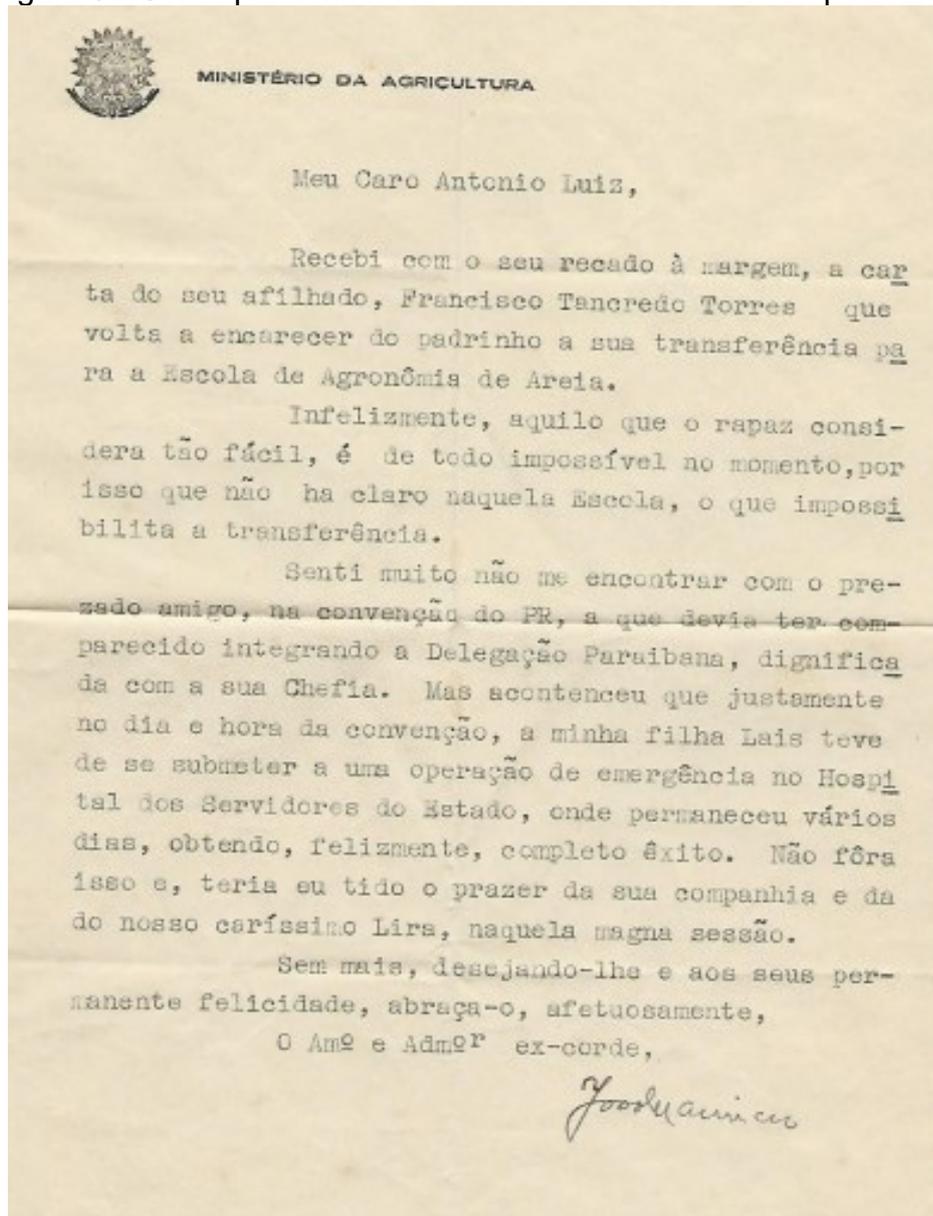
Aliás, Macedo (2017) nos lembra que:

Para qualquer fase comemorativa de Areia, Tancredo fundava um jornal para divulgar o acontecimento. Foi assim a fundação dos jornais comemorativos do Jubileu de Ouro da religiosa de Madre Iluminaris Allger (1969); jornal comemorativo dos trinta anos da chegada das Irmãs Alemãs Franciscanas de Dillingen (1977); dos trinta anos de Paroquiato em Areia do Padre Ruy Barreira Vieira (1979); do jubileu de ouro da vida religiosa de Madre Justitia Kaether (1981) e do jubileu de ouro das Ciências Agrárias da UFPB (1986) (Macedo, 2017, p.234).

No seu espólio facilmente é encontrada correspondência de ex-alunos que conviveram com Tancredo nesta época. Periodicamente, principalmente em datas festivas, seus ex-alunos escreviam cartas e telefonavam. Por este período, Tancredo Torres presta concurso pro Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e obtém aprovação, sendo o 1º lugar do estado de Pernambuco e 10º lugar em todo Brasil, algo do qual ele tina muito orgulho, e é efetivado como funcionário federal na mesma instituição. Em Barreiros ele reside até o ano de 1958.

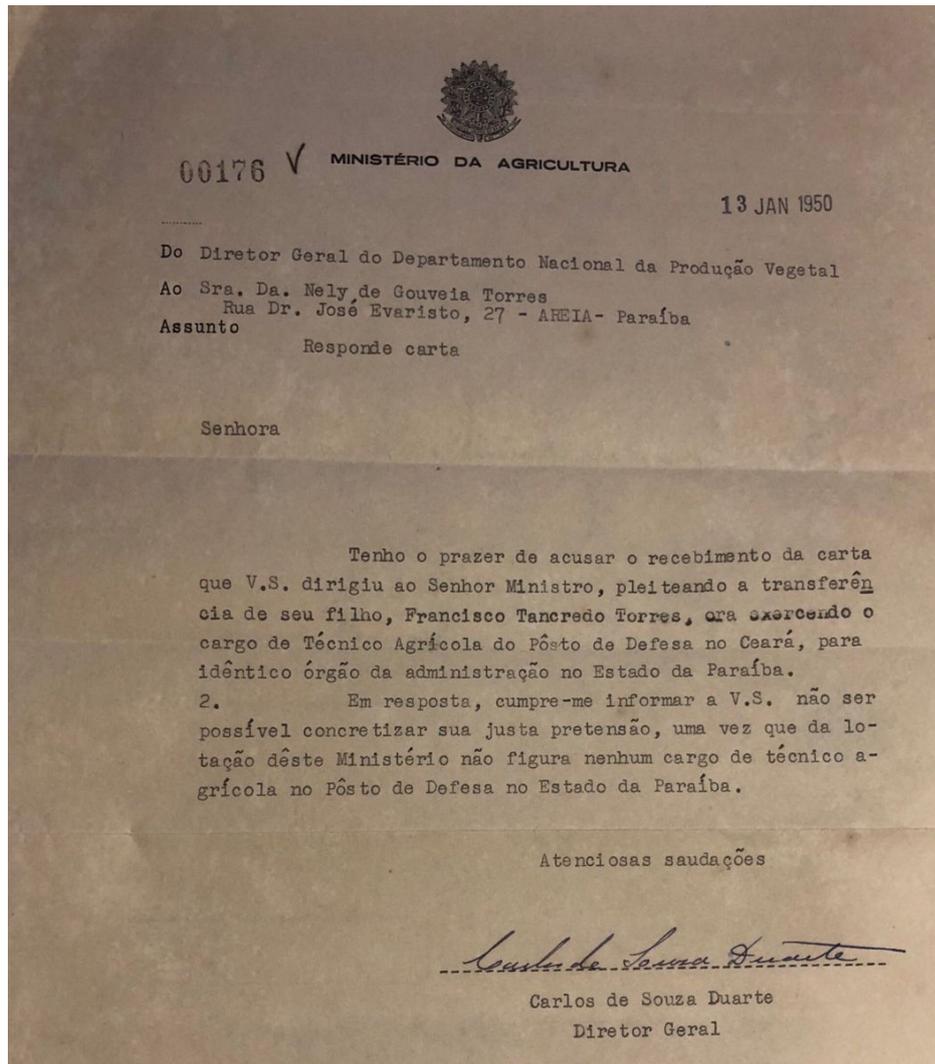
Por sua ligação próxima à mãe, ele tentou insistentemente ser transferido para trabalhar na EAN, em Areia, lugar onde seus pais moravam. Dona Neli, sua mãe, vibrava muito com os sucessos do filho na sua carreira profissional e se metia à revelia do filho, tendo grande influência na vida de Tancredo Torres. Tanto, que para ser nomeado ao serviço público federal, D. Neli fez uma carta ao presidente Dutra. E, para conseguir êxito na transferência de Tancredo Torres de Barreiros para Areia, D. Neli escreveu para o presidente Juscelino Kubitschek, sempre querendo o filho por perto (Torres, 2004, p.59). A este respeito, foram encontradas no espólio duas correspondências, conforme figura 9 e 10 abaixo, eram tentativas de conseguir a transferência de Tancredo Torres para a EAN.

Figura 9 - Correspondência sobre ida de Tancredo Torres para EAN



Fonte: Espólio FTT, (195?).

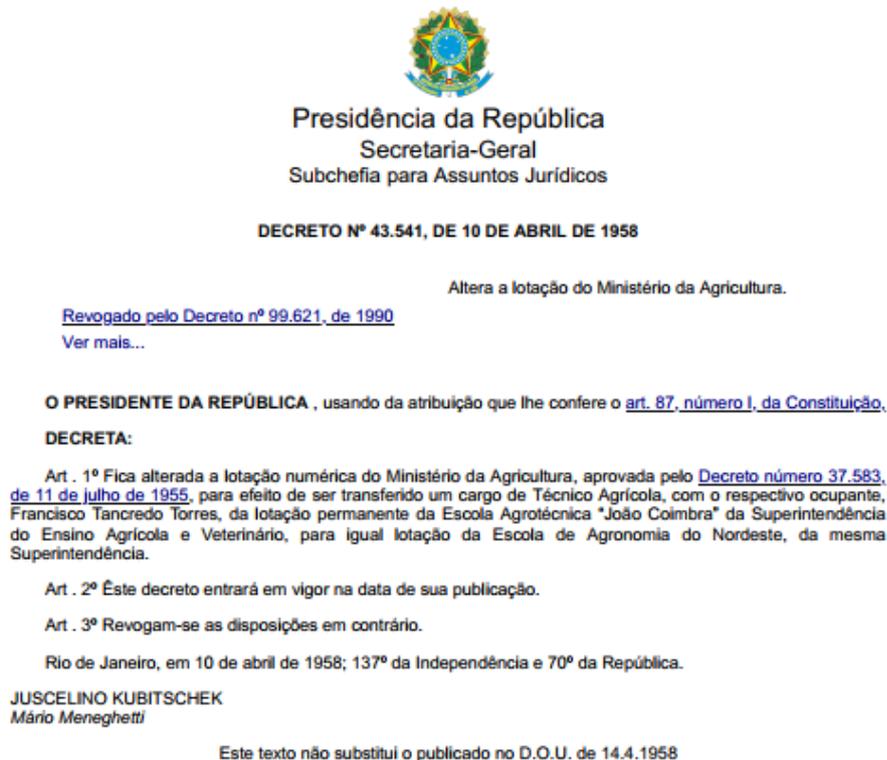
Figura 10 - Correspondência sobre ida de Tancredo Torres para EAN



Fonte: Espólio FTT (1950).

Em 1958, é publicado em 10 de abril, o decreto de n.º 4.541 que alterou a lotação do Ministério da Agricultura, transferindo Tancredo Torres para a EAN, conforme figura 11 abaixo:

Figura 11 - Alteração da lotação de Tancredo Torres



Fonte: Brasil (1958).

A partir daí começa a história de Tancredo na EAN. Ele trabalhou na escola de 1958 a 1988. De 1958 a 1961, como técnico agrícola – oficial de administração, de 1961 até 1974, como secretário-geral da escola, função gratificada, e de 1974 a 1988 como secretário da coordenação do curso de agronomia, neste período do já então Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 1988 ele se aposenta, depois de 30 anos de serviços prestados na EAN/CCA – UFPB.

Como secretário do curso de agronomia, ele tinha um grande domínio da estrutura da coordenação, fazia os devidos trabalhos, era rígido com a documentação, responsável pelo envio e recebimento das correspondências, emissão de diplomas entre todos os outros documentos pertinentes da rotina da coordenação, seja dos docentes ou dos discentes.

Exercendo a função de secretário-geral da escola, Tancredo Torres adquire bastante respeito por toda a comunidade acadêmica, depois da figura do diretor da instituição, o secretário-geral que respondia. Sua personalidade séria, de comportamento correto e austero, fez com que os diretores confiassem nele e no

trabalho dele, prova disso é que embora novos diretores assumissem os cargos, Tancredo Torres continuava na mesma função.

Ele adquire um vasto conhecimento em questões legais e administrativas. É por isso também que seu repertório de conhecimento sobre a EAN, mais tarde CCA, se torne amplo. Não só da época em que ele estava presenciando a história acontecer, mas também pelo seu interesse em investigar, registrar e organizar a história do passado. Alguns de seus colegas próximos contam que ele registrava tudo em diário.

Já em 1964 Tancredo Torres é agraciado com medalha de ouro e prata por bons serviços prestados a EAN. O que volta a acontecer no ano de 1995, quando ele recebe um diploma de reconhecimento por bons serviços prestados a EAN, em 12 de outubro daquele ano.

Em 1979, em 30 de novembro, Tancredo Torres recebe o título de cidadão *Areiense*, daquela cidade ele se torna cidadão honorário. É neste ano também que ele idealiza e organiza o jornal *O Areiense*, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia. Ele foi secretário deste jornal durante todo o tempo de circulação, de 1979 a 1984. *O Areiense* foi fundado pelo Monsenhor Ruy Barreira Vieira, amigo próximo de Tancredo Torres, pároco da igreja matriz de Areia.

Com uma publicação mensal, o jornal circulava na cidade para divulgar os acontecimentos cotidianos da cidade e da igreja, além de relatar a história antiga da cidade. Tancredo Torres publicou em quase todos os números do jornal, sua coluna, chamada *Vultos Areienses*, onde ele contava histórias de personagens importantes para a história de Areia, alguns nomes até desconhecidos do social.

Tancredo Torres adorava genealogias, talvez esse gostar tenha vindo mesmo da curiosidade e memória que ele tinha em decorar gerações de famílias inteiras. Ele sabia com detalhes, toda a sua genealogia, da família de seu pai e de sua mãe, era capaz de dizer os nomes completos e com riqueza de detalhes as várias gerações. Por isso, em 7 de junho de 1986, Tancredo Torres foi eleito por unanimidade sócio efetivo do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH), ocupando a cadeira n.º 20. Sua posse acontece somente em 15 de fevereiro de 1987, em sessão solene extraordinária no auditório João Paulo II, do Centro Social Pio XII, em Areia, sob a presidência do escritor Domingos Azevedo Ribeiro.

Outro aspecto da vida pessoal de Tancredo Torres que vale a pena mencionar é o seu afeto aos animais. Ele criou alguns gatos de estimação, mas que

fugiram ou acabaram morrendo, vitimados de acidente. E galinhas, criou muitas, dezenas, as quais tinham uma verdadeira paixão; batizava-as, chamava os pintinhos de netos, e, quando morriam, era um desespero, ele realizava o sepultamento no seu quintal (Pereira, 2020). Facilmente encontramos penas de galinhas nos livros como marca-texto, ou talvez ele guardava ali como uma lembrança, vai saber...

Em 1989 torna-se membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Areia. Silva nos esclarece sobre os objetivos das Irmandades:

As irmandades foram confrarias de leigos que tinham como objetivo a ajuda mútua, proteção aos parentes de seus membros em caso de morte, em um período onde não havia políticas públicas criadas por governantes. Muitas das irmandades, durante a Idade Média, estavam relacionadas à profissão. Os membros eram homens que tinham no ofício a característica que os unia. Mas, existiam outros interesses que uniam esses homens, como devoção a um orago, assistência aos entes após a morte do patriarca da família, etc. As irmandades foram importantes instituições para uma massa excluída de colonos sem participação política e outra massa de homens e mulheres negros excluídos da vida social, que achavam na religião o “conforto” da difícil vida (Silva, 2009, p.15).

Na Irmandade, Tancredo Torres teve uma atuação de secretário, era ele quem escrevia as atas das reuniões. Ainda sobre A Irmandade, Tancredo Torres elaborou o Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia, aprovado pelo Sr. Dom José Maria Pires, em 1991.

Foi sócio correspondente da AMOL – Academia Mossoroense de Letras, por volta de 1991. Cinco anos depois, em 1996, ele foi eleito membro da Academia de Música da Paraíba, ocupando a cadeira de número 9. Tomou posse em sessão solene de Instalação da Academia de Música da Paraíba, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba em 14 de dezembro daquele ano, na cidade de João Pessoa.

Já em 1997 foi membro do Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG, onde ficou até o ano de 2000. Alguns anos depois, em 2003, ele ingressa no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), em 19 de setembro, ocupando a cadeira de n.º 17, substituindo o historiador Alfredo Carlos Schmalz. A cadeira tem como patrono o jurista Francisco Seraphico Nóbrega. Pereira (2000, p.8) conta como Tancredo Torres conseguiu ingressar:

[...] através de alguns contatos com pesquisadores ele foi convidado a visitar o IHGP e Tancredo foi convidado pelo presidente da época, dr. Luiz Hugo Guimarães, para que ele se candidatasse ao IHGP. Apesar de ele resistir e não gostar de se expor, ele fez, conseguiu e tomou posse.

No fim da vida, Tancredo Torres tem algumas complicações de saúde e crises. Ele teve problemas de diabete, e por isso, fazia a aplicação de insulina. Em decorrência da doença, ele foi perdendo parte da visão. Chegou a fazer cirurgia para melhorar a visão, mas relatava que não conseguiu voltar a enxergar bem. Isso foi um problema que o fez parar de escrever no fim da vida. Ele sofreu quedas graves e foi levado para um hospital na cidade de Campina Grande, sua saúde se agravava cada vez mais. Pereira (2000) narra como foram os últimos dias de Tancredo Torres:

[...] ele ficou sem dormir, tomou um remédio, dormiu por quase 24 horas e descobriram que ele tava com uma infecção, ficou internado na UTI, um quadro grave, resistiu alguns dias, a cada o quadro dele se acentuava e no penúltimo dia ele chorou, ele tava entubado, não falava, mas segurou minha mão com força e chorou, ele notou que alguma coisa estava acontecendo, apesar de que no quadro ele não tava com a mente normal (Pereira, 2020).

Por fim, completando o ciclo da vida, em 01 de julho de 2014, aos 86 anos, Tancredo Torres veio a falecer, deixando um vazio na história de Areia, que encontrava em Tancredo Torres uma fonte segura e ética para narrar sua memória. A seguir, na figura 12, a linha do tempo dos principais acontecimentos da vida de Tancredo Torres, conforme os dados levantados.

Figura 12 - Linha do tempo de Francisco Tancredo Torres



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na linha do tempo, conforme percebido acima, foram destacadas algumas datas-chaves que fazem referência a trajetória pessoal de Tancredo Torres, uma outra parte, dos seus escritos e títulos, será apresentado na sequência.

A seguir, apresentação dos títulos, medalhas e homenagens que ele recebeu em vida. Essa lista foi composta de acordo com pesquisas feitas, com os escritos que o próprio Tancredo Torres permitiu a recuperação e pelos próprios achamos dos documentos no espólio:

- 1) Medalha de ouro e prata concedida pela Escola de Agronomia do Nordeste pelos bons serviços prestados à instituição, conforme portaria nº 21 de 18 de dezembro de 1964;
- 2) Placa de Prata – Homenagem dos Engenheiros Agrônomos do ano de 1972 da Escola de Agronomia do Nordeste, no Salão Nobre do Centro de Ciências Agrárias – Areia, em 16 de dezembro de 1972;
- 3) Diploma de Honra ao Mérito da fundação MOBREAL, pela participação nos processos de erradicação do analfabetismo, 1972, Rio de Janeiro;
- 4) Título de Cidadão Areiense, concedido pela Lei nº 0191/78, de 13 de julho de 1978, da Prefeitura Municipal de Areia, entregue em sessão solene da Câmara Municipal de Areia, em 30 de novembro de 1979;
- 5) Diploma de Honra ao Mérito do Centenário de Antônio Benvindo de Vasconcelos;
- 6) Diploma do Curso de Museologia, 1984 – UFPB/Fundação Joaquim Nabuco;
- 7) Homenagem da Fundação Casa José Américo – Símbolo do Centenário de José Américo de Almeida – 1887 – 1987, em 1987;
- 8) Diploma de Honra ao Mérito “Dr. Araújo Barros” – Loja Maçônica “Professor Leônidas Santiago”, em 1986;
- 9) Homenagem da Fundação Casa de José Américo – outorgado o “Símbolo do Centenário de Nascimento de José Américo de Almeida”, em 1987;
- 10) Diploma de Honra ao Mérito do Conselho Estadual de Cultura, da Paraíba, recebido na 10ª Noite da Cultura, em sessão no Theatro Santa Roza, em 14 de dezembro de 1995;
- 11) Diploma de Honra ao Mérito por serviços e dedicação à Escola de Agronomia do Nordeste e ao Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba. Areia, 12 de outubro de 1995;

- 12) Placa de prata – Comenda Professor Américo Perazzo, concedida pela Câmara Municipal de Areia, por ocasião do transcurso do Sesquicentenário de elevação de Areia à cidade, em 18 de maio de 1996;
- 13) Diploma concedido pelo Banco do Brasil, Agência de Areia, como reconhecimento à sua fidelidade, figurando entre seus oitenta clientes mais antigos do estado, João Pessoa, outubro de 1996;
- 14) Prêmio Pedro Américo conferido pela Prefeitura Municipal de Areia, recebido em sessão solene no auditório do Colégio Santa Rita em Areia, em 17 de maio de 1998, no encerramento do Festival de Artes de Areia;
- 15) Diploma de Honra conferido pelo Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, em 1998;
- 16) Comenda do Theatro Santa Ignez de Alagoa Grande, em 1999;
- 17) Certificado de Paraninfo Geral dos Engenheiros Agrônomos e dos Zootecnistas do período 2002.1, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, em 2003;
- 18) Placa de Honra ao Mérito concedido pelos Engenheiros Agrônomos de 1968, no 35º Encontro da Escola de Agronomia do Nordeste, em 2004;
- 19) Diploma de reconhecimento pela abnegação, dedicação e trabalho para com a aprendizagem das Ciências Agrárias conferido pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CREA/PB e Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba;
- 20) Diploma de honra ao mérito da Associação das Amigas do Lar de Esperança como homenagem aos filhos de Esperança;
- 21) Diploma de reconhecimento pelos serviços prestados, por ocasião do Jubileu de Diamante da EAN/CCA, entregue pelo reitor da UFPB em 2011;
- 22) Homenageado pela publicação do livro “Francisco Tancredo Torres, Memória do CCA”, de autoria do ex-aluno do centro, Kydelmir Dantas, na comemoração do Jubileu de Diamante da EAN/CCA, em 2011.

Essas justas homenagens refletem os espaços ocupados por Tancredo Torres, evidenciando e reconhecendo sua inestimável atuação em diversos seguimentos da sociedade, seu repertório de conhecimento, sempre ligado ao ensino, cultura e história da cidade de Areia. Além destas ações, outras

contribuições ele pode ofertar a cidade, a partir dos seus escritos. Eles serão apresentados a seguir.

4.2 TANCREDO TORRES EM AÇÃO: ESCRITOS, FEITOS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

“Eu sou o que sou. Simples, tímido, com mania de ler e escrever, escrevendo por prazer, registrando um pouco de história, sem maiores pretensões, tendo livros e plaquetas publicada, trabalho em jornais, preenchendo assim os dias de aposentadoria do serviço público federal” (Torres, 2004, p.3).

Em Areia, Tancredo Torres desenvolveu intensa ação cultural, com uma legítima preocupação com a preservação do patrimônio histórico. Por saber que ele tinha esse interesse, além do conhecimento, nas solenidades ele estava sempre convidado a escrever discursos e organizar esses momentos festivos de homenagens. A este respeito, Pereira (2000) revela que, os discursos de Tancredo Torres eram textos irretocáveis, “ele era impecável na escrita, no português, e na hora de discursar. Apesar de não gostar de ser orador, não gostava de microfone, mas era um hábil orador”. “Detalhista, perfeccionista, minudente, o texto de Tancredo é irretocável. E assim, de logo, se tornou o escritor, o historiador e até o contador de causos da província” (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, 2003).

As pesquisas de Tancredo Torres eram sempre muito bem “amarradas”, ele escrevia sempre a partir de provas documentais, obtidas/investigada em livros, cartórios, correspondências, tinha esse cuidado com as fontes. Talvez por isso, tinha receio de plagiarem seus escritos, conforme informado por Daniel (2020), tanto que, não apresentava o que estava escrevendo pra ninguém, tinha ressalvas, só depois de publicado!

Sua biblioteca pessoal, foi sendo pouco a pouco formada, ele gostava muito de ler e por isso estava sempre comprando livros, encomendando ou sendo presenteado com algum exemplar. Periodicamente ele visitava a famosa Livraria Pedrosa, em Campina Grande, e sempre voltava para Areia com livros novos para sua biblioteca particular.

Tancredo Torres tinha o costume de divulgar os acontecimentos da cidade, bem como as datas comemorativas, em jornais/informativos. Por este fato, ele é tido como o “jornalista provinciano da imprensa local”. Jornais como o “Diário da

Borborema”, da cidade de Campina Grande, “A União”, “O Norte” e “O momento”, da capital João Pessoa, teve escritos de Tancredo Torres publicado. Dessa forma, Tancredo Torres mantinha contato por correspondência com pesquisadores, autores e instituições.

Quase tudo era escrito na máquina de datilografia ou recorria ao manuscrito. Ele escrevia o mesmo texto duas ou três vezes, procurando perfeição na escrita. Prova disso são as inúmeras cópias e rascunhos encontrados no espólio. Ele vai encontrando na escrita e pesquisa uma espécie de refúgio, principalmente depois da morte dos pais, e de sua aposentadoria. Ele vivia bastante solitário, numa vida de reclusão intelectual.

Outra característica importante para falar sobre Tancredo Torres, é sua ligação a igreja e a religião. Aos domingos ia para missa, sabia rezar uma missa inteira. É daí que vem também a sua paixão pelo latim: ele conhecia muitas orações em latim, capaz de celebrar uma missa inteira em latim. Além disso, ele traduzia os discursos do Papa. Gostava bastante das solenidades religiosas, principalmente as de ordenação (Pereira, 2020). Bastante devoto, seus escritos, em grande número, retratam sobre a história eclesiástica da cidade de Areia.

Uma mente prodigiosa, além do latim, ele era poliglota, dominava os idiomas inglês, francês, italiano, espanhol, polonês, alemão e esperanto. Sua paixão era a língua alemã. Há no seu espólio, variados documentos e apostilas de estudo sobre a língua alemã. Qualquer coisa relacionada ao alemão, Tancredo Torres tinha curiosidade. Ele aprendeu com as irmãs alemãs, de Dillingen, que vieram lecionar no colégio da cidade, o colégio Santa Rita.

Esse perfil de historiador e jornalista pode ser traduzido facilmente nos textos de Tancredo Torres. Na sequência é possível acompanhar os feitos, escritos e atividades que Tancredo Torres publicou, separados por categorias, e, de forma a facilitar a apreciação, no quadro 3 abaixo estão os quantitativos. Conseguimos compor a listagem a partir de documentos datilografados em que o próprio Tancredo Torres os listou numa intenção de currículo, a partir de pesquisas em acervos de jornais como do Diário da Borborema e da União, além de achados no próprio espólio:

Quadro 3 - Quantitativos trabalhos de FTT

Categoria	Quantitativo
Livros Publicados	2
Discursos	19
Jornais/Encartes/Matérias publicadas em jornais	158
Plaquetes	23
Outros trabalhos (como exposições)	6

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

a) Livros Publicados

- Areia: Paróquia e Pároco 40 anos, em 1989;
- Pedro Américo, em 2001.

b) Discursos

- I. Discurso proferido por ocasião do encerramento da XXI Reunião Nordestina de Botânica, da Universidade Federal da Paraíba/ CCEN – Departamento de Sistemática e Ecologia, em 24 de setembro de 1988;
- II. Discurso do plantio da árvore dos engenheiros agrônomos da turma de 1968, da Escola de Agronomia do Nordeste, nas comemorações dos 20 anos de coleção de graus, em dezembro de 1988;
- III. Discurso de aposição de placa comemorativa dos 50 anos de formatura da 1ª turma de professoras do Colégio Santa Rita, em 21 de novembro de 1991;
- IV. Palestra sobre a abolição da escravatura em Areia – Encontro Cultural de Areia – UFPB, Prefeitura Municipal de Areia e Museu Regional de Areia, em 1991;
- V. Palestra: Areia, sua história e sua cultura. I Ciclo de debates sobre a cultura e o incremento turístico de Areia, em 29 de outubro de 1993;
- VI. Palestra de abertura das comemorações do I Centenário da Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio de Remígio, Igreja de Remígio, em 7 de novembro de 1993;
- VII. Discurso de aposição da placa comemorativa dos 150 anos de nascimento do pintor Pedro Américo de Figueiredo e Melo – Casa Pedro Américo, 29 de abril de 1993;

- VIII. Discurso de saudação a Elpídio Josué de Almeida – I Centenário de Nascimento – Aposição do seu retrato da Galeria de Areienses Ilustres – Casa Pedro Américo, em 29 de agosto de 1993;
- IX. Discurso de aposição do retrato do Coronel Antonio Pereira dos Anjos na Galeria de Areienses Ilustres – Casa Pedro Américo, em 10 de outubro de 1993;
- X. Discurso de aposição do retrato de Júlia Veronica dos Santos Leal na Galeria de Areienses Ilustres, Casa Pedro Américo, 9 de julho de 1994;
- XI. Discurso nas comemorações do Cinquentenário do Herbário “Jayme Coelho de Moraes”, no Centro de Ciências Agrárias da UFPB, em 28 de setembro de 1994;
- XII. Discurso de aposição do retrato de José Castor Gondim na Galeria de Areienses Ilustres, Casa Pedro Américo, em 25 de julho de 1995;
- XIII. Discurso de aposição do retrato de José Rufino de Almeida na Galeria de Areienses Ilustres, Casa Pedro Américo, em 5 de agosto de 1995;
- XIV. Discurso de aposição do retrato do Cônego Manoel Tobias Victorio na Galeria de Areienses Ilustres, Casa Pedro Américo, em 26 de novembro de 1995;
- XV. Discurso pronunciado nos 60 anos da Escola de Agronomia do Nordeste, em 15 de abril de 1996, no Salão Nobre da escola;
- XVI. Discurso no ato solene de aposição do retrato do professor Américo Perazzo na Galeria de Areienses Ilustres, em 19 de maio de 1996;
- XVII. Discurso de apresentação das Rainhas e Princesas dos Estudantes da Escola de Agronomia do Nordeste. Apresentação das Cortes de 1942 a 1961, no CCA/UFPB, em 12 de outubro de 1996;
- XVIII. Discurso pronunciado no ato de aposição da Placa Comemorativa do Centenário de Nascimento do Dr. Horácio de Almeida, no local do seu nascimento – Casarão de José Rufino de Almeida, antigo sobrado do Marinheiro Jorge, em 27 de outubro de 1996, na cidade de Areia;
- XIX. Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, 2004.

c) Jornais /Encartes/Matérias

- I. Fundador do Jornal “O Labor” do Centro Social Alberto Torres, da Escola Agrotécnica João Coimbra, em Barreiros – PE, em maio de 1958;

- II. Fundador do jornal do Jubileu de Ouro de vida religiosa de Madre Iluminaris Allger, na cidade de Areia, em 3 de junho de 1969;
- III. Fundador do jornal comemorativo dos 30 anos de Paroquiato em Areia do Padre Ruy Barreira Vieira, em 1979;
- IV. Fundador do jornal comemorativo dos 40 anos da chegada das Irmãs alemãs Franciscanas de Dillinger para reabertura do Colégio Santa Rita, na cidade de Areia, em 1987;
- V. Fundador do jornal “O Jubilar”, comemorativo dos 50 anos da chegada a Areia das Madres Alemãs Franciscanas de Dillingen para reabertura do Colégio Santa Rita, em Areia, em agosto de 1987;
- VI. Centenário de areiense remigense, 02 de dezembro de 1989, Jornal “A Folha”;
- VII. Organização de Folder sobre os 60 anos da chegada a Areia das alemãs Madres Franciscanas de Dillingen, em 9 de junho de 1997;
- VIII. Colégio Santa Rita, publicado no Jornal “O Cinquentenário”, editado pela Prefeitura Municipal de Areia, edição de 9 de junho de 1987;
- IX. Escola de Agronomia, novembro de 2012, Brejo de Areia, Informativo da Academia de Letras de Areia, Ano II, número 3, p.16;
- X. Areia: monumento de beleza. Sindetur – PB, p. agosto [s.d.].
- XI. Publicações no Jornal **A União**
 - Tito Silva e sua estirpe areiense, 02 de fevereiro de 1993, edição especial do centenário do jornal, Jornal “A União”;
 - Pedro Américo imortal, 29 de abril de 1993 – Caderno especial Sesquicentenário de Pedro Américo, Jornal “A União”;
 - Areia, monumento de beleza, Revista Manaíra – Turismo, lazer e cultura – Encarte “A União”, julho/agosto de 1993, Ano I, número 2;
 - Organizador do encarte de “A União” por ocasião da data magna de Areia – 18 de maio de 1996 – Sesquicentenário de elevação da cidade;
 - Um templo à santa e ao ensino: Colégio Santa Rita, da cidade de Areia, comemora 90 anos. Edição de 21 de dezembro de 2000.
 - Um colégio pra sempre na memória, Jornal A União, 22 de dezembro de 2000. Caderno 2, p.15;

- Os benfeitores do Colégio Santa Rita: “onde estão nossas Madres agora?” Em Deus e em nós...”; 23 de dezembro de 2000, p.15;

XII. Publicações no Jornal **O Momento**

- Areia e a Abolição, 01 de maio de 1988, Jornal “O Momento”;
- O Brejo Paraibano e o município de Areia, 05 de agosto de 1988, Jornal “O Momento”;
- O casarão e a senzala, 28 de agosto de 1988, Jornal “O Momento”;
- O Coronel e o telefone, 09 de abril de 1989, Jornal “O Momento”;

XIII. Publicações no Jornal **O Norte**

- Odilon Benvindo – Sacerdote Abolicionista, 8 de abril de 1988, no Jornal “O Norte”;
- Centenário de Juarez Távora – 28 de agosto de 1998;
- Pedro Américo: o pintor – 21 de fevereiro de 1999;
- Theatro Minerva – 30 de maio de 1999;
- Areia e a Confederação do Equador -14 de maio de 2000;
- Areia e a revolução de 1817 – 18 de agosto de 2000;

XIV. Publicações no Jornal **Diário da Borborema**, de Campina Grande:

- Escola de Agronomia, edição 25 de maio de 1986;
- Madre Trautlinde – Um grande jubileu, edição de 4 de agosto de 1986;
- Requiescat para Frei Lúcio, edição de 26 de agosto de 1986;
- Bicentenário (Pe. Chacon), edição de março de 1987;
- Franciscanas em Areia, edição de 06 de fevereiro de 1987
- A cremação, edição de 26 de junho de 1987;
- Sacerdote e Abolicionista, edição de 15 de março de 1988;
- Areia e a Abolição, edição de 09 de abril de 1988;
- Novamente Seis, edição de 23 de maio de 1988;
- Apóstolo da Abolição, edição de 23 de maio de 1988;
- O Mestre e a Saudade, edição de 30 de maio de 1988;

- O Coronel e o Telefone, edição de 16 de dezembro de 1988;
- Madre Urbana, edição de 31 de dezembro de 1988;
- Lembrança de Carnaval, edição de 17 de fevereiro de 1989;
- Sacerdote Naturalista, edição de 04 de março de 1989;
- Salve o “Francisca Mendes”, edição de 18 de março de 1989;
- Rosa de Montenha, edição de 09 de maio de 1989;
- Minha mãe, edição de 21 de outubro de 1989;
- Centenário de Areia-Remígio, edição de 10 de novembro de 1989;
- O moço loiro, edição de 2 de abril de 1990;
- O Novo Jesuíta, edição de 2 de abril de 1990;
- Glórias de Areia, edição de 6 de dezembro de 1990;
- Areiadas, edição de 5 de junho de 1991;
- A Paraíba adota Carolina Schwarz, edição de 21 de novembro de 1991;
- Lauro Xavier, acologista areiense, edição de 04 de dezembro de 1991;
- Festa Franciscana, edição de 11 de dezembro de 1991;
- Arrivederci, Professor Perazzo, edição de 18 de dezembro de 1991;
- Uma cabeça fenomenal, edição de 26 de janeiro de 1992;
- Escola de Agronomia, edição de 29 de janeiro de 1992;
- Velha palmeiras imperiais, edição de 21 de fevereiro de 1992;
- O exemplo de Robert Schrmann, edição de 19 de março de 1992;
- Nossos Santos Nordestinos, edição de 23 de março de 1992;
- A Flor da Serra, edição de 10 de abril de 1992;
- Diocese Centenária da Paraíba, edição de 7 de maio de 1992;
- Fim de Privilégios, edição de 11 de julho de 1992;
- Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia, edição de 25 de julho de 1992;
- Um orquidário cinquentão – edição de 02 de fevereiro de 1992;
- História de saudades, edição de 14 de setembro de 1992;
- Teatros da Paraíba, edição de 20 de setembro de 1992;
- Remígio: brejos e carrascais, edição de 26 de setembro de 1992;
- Homenagem ao poeta, edição de 10 de dezembro de 1992;
- Telefone em Areia – 100 anos, edição de 14 de dezembro de 1992;
- O grupo escolar e o colégio, edição de 17 de dezembro de 1992;
- Areia e sua música, edição de 18 de dezembro de 1992;

- Esperança, edição de 23 de fevereiro de 1993;
- O sesquicentenário de Pedro Américo, edição de 01 de maio de 1993;
- Irmã Trautlinde, edição de 17 de maio de 1993;
- Homo Nordestinus, edição de 03 de julho de 1993;
- Elpídio de Almeida, edição de 05 de julho de 1993;
- Fundação Guimarães Duque e ESAM, edição de 30 de julho de 1993;
- Centenárias, edição de 19 de abril de 1994;
- Novo Levita Esperancense, edição de 9 de julho de 1994;
- O Rouxinol Campinense, edição de 19 de julho de 1994;
- Nobres Galerias Areienses, edição de 21 de julho de 1994;
- Ainda Pedro Américo, 1994.
- Açude de Vaca Brava e outros, edição de 05 de janeiro de 1995;
- O bicentenário de Chacon, 1996.
- Madre Rafaela Hitzler – edição de 10 de outubro de 1997;
- O chão do Engenho Várzea – edição de 12 de dezembro de 1997;
- Educação Superior na Paraíba – edição de 23 de dezembro de 1997;
- Os 100 anos de Juarez Távora – edição de 04 de fevereiro de 1998;
- Novos livros areienses – data de publicação não recuperada;
- Rosa da Montanha – data de publicação não recuperada;

XV. Publicações no Jornal “**O Areiense**”, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia:

- Noticiário – edição de 19 de novembro de 1979;
- Monsenhor Jerônimo Cesar – edição de 18 de maio de 1980;
- Paróquia de Areia – edição de 29 de junho de 1980;
- Vultos Areienses I – Antônio Pereira dos Anjos – edição 27 de julho de 1980;
- Vultos Areienses II – Dom Aduino – edição de 31 agosto de 1980;
- Vultos Areienses III – João de Lourenço – edição de 28 de setembro de 1980;
- Vultos Areienses IV – Rita Ramalho – edição de 26 de outubro de 1980;
- Vultos Areienses V – Ana Emília da Silva (Nenen) – edição de 30 de novembro de 1980;

- Vultos Areienses VI – João Serrão – edição de dezembro de 1980 e janeiro de 1981³³;
- Igreja do Rosário – edição de dezembro de 1980 e janeiro de 1981;
- Vultos Areienses VII – José Evaristo da Cruz Gouveia, edição de 28 de fevereiro de 1981;
- Vultos Areienses VIII – Cônego Odilon Benvindo, edição de 29 de março de 1981;
- Vultos Areienses IX – Monsenhor Sales, edição de 26 de abril de 1981;
- Madre Justitia, edição de 26 de abril de 1981;
- Vultos Areienses X – Antonio Benvindo de Vasconcelos, edição de 31 de maio de 1981;
- Centenário de Areienses (assinou como Gouveia Torres³⁴)
- Vultos Areienses XI – Monsenhor Coelho, edição de 30 de junho de 1981;
- Dois botânicos, edição de 30 de junho de 1981;
- Vultos Areienses XII – Aurélio de Albuquerque, edição de 26 de julho de 1981;
- Vultos Areienses XIII – Leônidas Santiago, edição de 30 de agosto de 1981;
- Recordação, edição de 30 de agosto de 1981;
- Vultos Areienses XIV – Rita Barreto, edição de 27 de setembro de 1981;
- Teria sido o trem sempre um sonho do areiense? edição de 27 de setembro de 1981;
- Vultos Areienses XV – Aurélio de Figueiredo, edição de 25 de outubro de 1981;
- Vultos Areienses XVI – Monsenhor Walfredo, edição de 29 de novembro de 1981;
- A visita do Núncio, edição de 29 de novembro de 1981;
- Dia de finados, edição de 29 de novembro de 1981;
- Recepção ao Monsenhor Ruy, edição de 29 de novembro de 1981;
- Vultos Areienses XVII – Ranulfo Cunha França, 25 de dezembro de 1981;
- Vultos Areienses XVIII – Carminha Souza, edição de 28 de janeiro de 1982;

³³ Nesta edição foram publicados dois números, o 8, do ano 2, e o número 9, do ano 3, correspondente aos meses de dezembro e janeiro.

³⁴ Informação encontrada em seus escritos, nos documentos do espólio

- Vultos Areienses XIX – Pedro Américo, edição de fevereiro de 1982³⁵
- Vultos Areienses XXI – Monsenhor Jerônimo César, edição de 28 de março de 1982;
- Madre Inviolata faleceu, edição de 28 de março de 1982;
- Vultos Areienses XXII – Madre Maria Inviolata, edição de 25 de abril de 1982;
- Vultos Areienses XXIII – José Calazâncio Dantas, edição de 30 de maio de 1982;
- Vultos Areienses XXIV – José Berardo dos Santos Leal, edição de 30 de junho de 1982;
- Leão Imortal, edição de 30 de junho de 1982;
- Dia da Paróquia, edição de 30 de junho de 1982;
- Vultos Areienses XXV – João Soares, edição de 25 de julho de 1982;
- Vultos Areienses XXVI – Rosa de Jesus, edição de 29 de agosto de 1982;
- Vultos Areienses XXVII – Antonio Salviano, edição de 26 de setembro de 1982;
- Jubileu Episcopal de Dom José, edição de 26 de setembro de 1982;
- Vultos Areienses XXVIII – Abel da Silva, edição de 31 de outubro de 1982;
- Vultos Areienses XXIX – Ábdon Felinto Milanez Filho, edição de 28 de novembro de 1982;
- Vultos Areienses XXX – Franklin Tupinambá, edição de 26 de dezembro de 1982;
- Vultos Areienses XXXI – Bento Victório, edição de 30 de janeiro de 1983;
- Vultos Areienses XXXII – Padre Ibiapina, edição de 27 de fevereiro de 1983;
- Vultos Areienses XXXIII – Padre Ignacio de Almeida, edição de 27 de março de 1983;
- Vultos Areienses XXXIV – Plínio Lemos, edição de 24 de abril de 1983;
- Vultos Areienses XXXV – Camilo Ribeiro, edição de 29 de maio de 1983;
- Vultos Areienses XXXVI – Maria do Rosário, edição de 26 de junho de 1983;
- Vultos Areienses XXXVII – Horácio de Almeida, edição de 31 de julho de 1983;

³⁵ Editado pela “A União” – Festival de Arte

- Vultos Areienses XXXVIII – Fausto Benjamim da Cruz Gouveia, edição de 28 de agosto de 1983;
- Vultos Areienses XXXIX – Felix Antonio, edição de 25 de setembro de 1983;
- Vultos Areienses XL – Crispim Antonio de Miranda Henriques, edição de 30 de outubro de 1983;
- Vultos Areienses XLI – Manoel Correia Lima, edição de 27 de novembro de 1983;
- Melhores dias, peçamos (Claudino Leal), edição de 25 de dezembro de 1983;
- Parricidas brejeiros, edição de 25 de dezembro de 1983;
- Vultos Areienses XLII – Cônego Tobias Victório, edição de 29 de janeiro de 1984;
- Vultos Areienses XLIII – Severino Patrício, edição de 26 de fevereiro de 1984;
- Vultos Areienses XLIV – Dom Santino Maria Coutinho, edição de 25 de março de 1984.

XVI. Publicações em o “**Informativo Musalgo**” – Órgão de Divulgação do CNP – Algodão, editado pelo Museu do Algodão, Campina Grande – PB:

- Agronomia 50 anos na Paraíba. Maio/Junho de 1986 – Ano I nº 4;
- Final do ano festivo no encerramento das comemorações do Ano Jubilar da EAN/CCA. Jan/Fev 1987 – Ano I, nº 7.

XVII. **Jornal O Escolar**

- A Ronda, 4 de julho de 1937;
- Versos Futuristas, 4 de julho de 1937;
- Um sonho, 1937.

XVIII. **Jornal Cidade**

- Cinquentenário EAN/CCA, em abril de 1986;
- Professor Prakasan, julho de 1987;

d) Plaquetes

- I. Plaqueta do Jubileu de Ouro das Ciências Agrárias na Paraíba, em abril de 1986;
- II. Saudações ao professor Jayme Coelho de Moraes Vasconcelos – Coleção Mossoroense - Série B – Número 568, 1988;
- III. Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques – Episcopado e Educação – Coleção Mossoroense – Série B – Número 713, 1900;
- IV. Um município da Paraíba – Areia. Coleção Mossoroense – Série B – Número 714, 1900;
- V. Cônego Manoel Tobias Victório – Coleção Mossoroense – Série C – Número 777, 1992;
- VI. Areia e a abolição da escravatura – Coleção Mossoroense – Série B – Número 1171, 1992;
- VII. Sesquicentenário de nascimento do pintor Pedro Américo de Figueiredo e Melo – Mossoró, 1993;
- VIII. Homo Nordestinus, Mossoró, 1993; (publicado também no jornal, no Diário da Borborema)
- IX. Fundação Guimarães Duque, Mossoró, 1993;
- X. Lampejos de uma vida sacerdotal, 1994;
- XI. Meio século de música em Areia – 1938-1988, Gráfica Tércio Rosado ESAM, Mossoró, 1995;
- XII. A Escola de Agronomia do Nordeste completa 60 anos, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1369, 1997;
- XIII. Cinquenta anos do Herbário de Areia, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1398, 1997;
- XIV. Um areiense na Academia de Música da Paraíba, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1370, 1997;
- XV. Homenagem ao Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1452, 1997;
- XVI. Coronel Antonio Pereira dos Anjos, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1453, 1997;

- XVII. Américo Perazzo, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1399, 1997;
- XVIII. Manoel da Silva – o apóstolo da Liberdade, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1474, 1998;
- XIX. Monsenhor Francisco Coelho de Albuquerque, 1879-1979, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1761, 1999;
- XX. Júlia Leal, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1631, 1999;
- XXI. Centenário da Igreja do Patrocínio de Remígio, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1651, 1999;
- XXII. Antonio Benvindo de Vasconcelos – Centenário de nascimento, Fundação Vingt-Rosado, Coleção Mossoroense, Série B, Número 1760, 1999.
- XXIII. Dossiê Pedro Américo. Coleção Mossoroense, 2002.

e) Outros Trabalhos

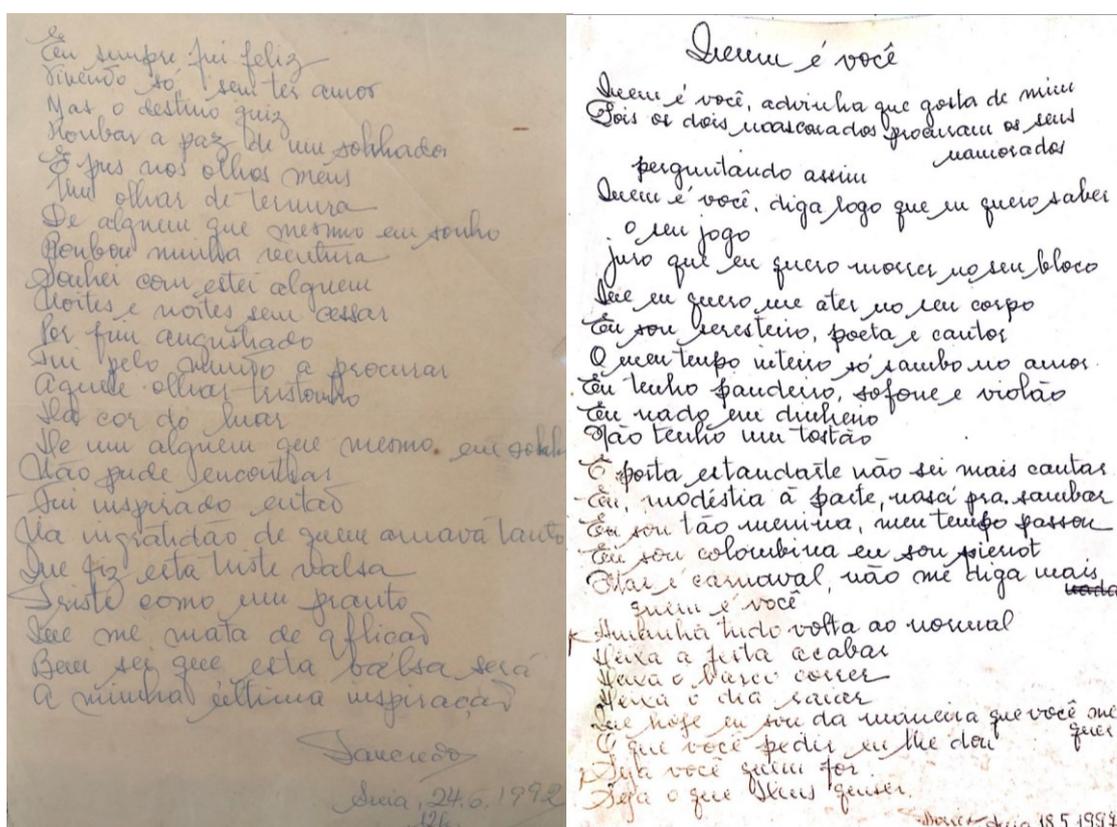
- I. Organizou um dicionário intitulado “Organização de termos e expressões latinas”, datilografado, em 1985;
- II. Membro da Comissão de festejos do Sesquicentenário de Areia como cidade, em maio de 1996;
- III. Membro da Comissão do Sesquicentenário e organizador da mostra fotográfica do Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, em 30 de junho de 1996;
- IV. Organização e apresentação de 50 quadros com rememoração fotográfica da EAN/CCA – de 1934 a 1996, nas festividades de encerramento dos 60 anos da EAN/CCA/UFPB, em 12 de outubro de 1996;
- V. Membro da Comissão Oficial do Centenário de Nascimento do escritor Dr. Horácio de Almeida, em outubro de 1996, na cidade de Areia;
- VI. Coordenador da Exposição fotográfica sobre Dr. Horácio de Almeida no Theatro Minerva em Areia, em 26 de outubro de 1996;

Tancredo Torres ainda escreveu prefácios e apresentações de algumas obras, como do livro “O Sesmeiro do Jardim”, “Líricas e outras Lembranças” e “O Patrimônio Arquitetônico de Areia: um inventário”, contribuiu com vários trabalhos

sobre genealogias, participou de um programa de Rádio católico, na Rádio Bruxaxá, durante dois anos no qual falava sobre suas pesquisas cujas temáticas envolviam sempre a cidade, entre outras atividades.

Com algumas poucas exceções conseguimos encontrar em seu espólio poemas, que falavam sempre de amores e paixões. Na figura 13 abaixo, dois poemas, manuscritos, em que o autor fala sobre amor, o primeiro escrito em 1992, e o segundo em 1997:

Figura 13 - Poemas de Tancredo Torres.



Fonte: Espólio FTT (1992; 1997).

Ele manteve-se engajado, foi sempre um exemplo de profissional dedicado e de um comprometimento ímpar com a história e memória da cidade de Areia, deixando sua voz perpetuar-se junto aos seus escritos. Podemos afirmar que o maior historiador da cidade de Areia foi, sem dúvidas, Tancredo Torres.

4.3 O ESPÓLIO DE FRANCISCO TANCREDO TORRES: ESCAVANDO EM BUSCA DE VESTÍGIOS

Antes de explorar os escritos de Tancredo Torres e como eles revelam a memória da cidade de Areia e seus deslocamentos, é imprescindível apresentar a constituição do seu espólio, percebendo a documentação acumulada por ele. Esses registros também subsidiam a visão dele sobre Areia, permitindo a compreensão de como ele percebeu a cidade a partir do que acumulou. Ou seja, para além do que ele escreveu sobre a cidade, há também uma produção documental que não é escrita por ele, mas que é uma produção provocada, agrupada e acumulada, por Tancredo Torres: é aquilo que ele escolheu guardar. É tudo aquilo que constitui seu espólio, tudo aquilo que ele deixou e que agora temos acesso.

A partir desta compreensão da constituição deste espólio, podemos entender que, de certo modo, ele representa uma forma de escrita de si. A escrita de si, conceito defendido por Foucault (1974), no seu livro “*O que é um autor*”, estabelece não só uma ideia de revelar um movimento interior, mas, de modo mais amplo, estabelece uma relação do indivíduo e seus documentos. Ela estabelece uma rede de sentidos, de descobertas, permite abrir baús de memórias e materializar quem não está presente. É a escrita como estratégia para a constituição e confiança de si.

Neste estudo, entenderemos a escrita de si, a partir do espólio de Tancredo Torres, de modo mais abrangente. Concordamos com Oliveira (2018) quando a autora nos diz que o acumulador de papeis é uma espécie de “autor de si mesmo”, pois há um sentido de “imortalizar” sua história, e que o documento, ali acumulado ou o que fora eliminado, foi selecionado, ou descartado, na intenção de deixar um itinerário do que se quer ser reconhecido, como numa espécie de fonte confessional.

A autora Ângela de Castro Gomes, em seu livro “Escrita de si, escrita da história” (2004), vai dizer que a escrita de si não é só o texto produzido pelo indivíduo, mas também os objetos que ele deixa:

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita — como é o caso das autobiografias e dos diários —, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções. É o caso das

fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um “teatro da memória”. Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence (Gomes, 2004, p.11).

É importante pontuarmos que o espólio de Tancredo Torres não é resultado de um colecionismo de seu autor. Neste processo, o de colecionismo, há uma lógica nos documentos, uma sequência, um agrupamento a partir de critérios e categorias, o que não existe no espólio de Tancredo Torres. Como resultado, ele, de modo desordenado, vai mantendo a guarda dos documentos daquilo que despertava seu interesse e que o subsidiava em suas pesquisas. Não eram documentos aleatórios, de tema qualquer, eram sempre temáticas específicas, ligadas à história da cidade.

Assim, cabe também expressarmos o entendimento que temos de documentação. Já sinalizamos anteriormente sobre o conceito de documento, defendido por Otlet e expandido por Briet (2016) compreendendo que qualquer objeto possui possibilidade de documento. Agora, adicionalmente, incorporamos também o conceito de egodocumento, defendido por Camargo e Goulart (2007), especialmente para arquivos pessoais.

O termo egodocumento, apresentado pelas autoras acima mencionadas, faz referência a documentos mais íntimos, pessoais, que auxiliam na narrativa da vida do autor, e que por isso apresentam maior grau de subjetividade. São documentos cuja procedência foge do tradicional, ou seja, da esfera administrativa, institucional, fazendo parte documentos que resultam da atividade doméstica. Os egodocumentos vão conter a essência, a personalidade do autor, sua presença está ali materializada, própria dos arquivos pessoais, no nosso caso, de um espólio. A partir desses documentos, os quais pesam o caráter identitário, é possível entender a rede de relações, os hábitos, a intimidade, as preferências, motivações e características específicas do seu dono, por isso permitem o acesso a personalidade dele (Britto e Corradi, 2018).

Ainda sobre os egodocumentos, eles variam bastante com relação a sua espécie:

[...] cartas, diários pessoais (íntimo, de viagem –viajantes, diplomático, militares ou médico), crônicas (livro) de família, autobiografia, biografia, anais, poemas, almanaques, ensaios, efemérides, monografia, memória, memorial acadêmico,

entrevista, testemunho, crônicas, caderno de notas (notas soltas), livros de razão, além dos documentos administrativos e/ou judiciais com informações pessoais, pedaços de papéis e folhas soltas e, atualmente, redes sociais, blogs e sites (Britto e Corradi, p. 118, 2018).

A variedade consiste desde as “clássicas” (e mais antigas) a exemplo das cartas, acompanhando a modernidade do mundo virtual, como citado, as redes sociais. A característica principal a ser observada é a presença de um “eu”, do autor, ainda que não seja intencional, mas que revele aqueles sentimentos já mencionados, de caráter identitário: intimidade, identidade, motivação, hábitos e preferências.

Neste sentido, podemos ampliar a aplicabilidade do conceito de egodocumentos ao espólio de Tancredo Torres, uma vez que entenderemos a escrita de si, do autor, a partir também dos documentos não escritos por ele, mas que foram deixados em seu itinerário enquanto fonte confessional do que ele escolheu deixar, pois revelam também sua intimidade e sua identidade: uma espécie de confissão de si mesmo.

Quando recebemos o espólio de Tancredo Torres na biblioteca, o material encontrava-se disperso, sem nenhum tipo de ordenamento, resultado da situação de descarte onde fora encontrado na rua, e que depois seguiu para uma sala no CCA, onde ficou por alguns anos, o que já explicamos anteriormente. Abaixo, na figura 14, algumas imagens que ilustram a situação em que o espólio se encontrava, antes de seguir para a biblioteca e iniciarmos os procedimentos técnicos.

Figura 14 - Espólio de Tancredo Torres.



Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Os documentos estavam no chão, e começamos a encaixotar para seguir à biblioteca. Quando concluímos o transporte de todo o material, conseguimos entender sua complexidade e as várias camadas que precisaríamos escavar em busca dos vestígios. O espólio de Tancredo Torres é composto por uma diversidade de gêneros. São 2072 materiais bibliográficos (sendo a maioria livros, mas também composto por plaquetes, cordéis e revistas), 198 fotografias, 94 correspondências, 46 jornais, uma coleção de selos e cédulas, e uma infinidade de documentos avulsos. Em geral, os documentos apresentam bom estado de conservação. Durante vários anos, Tancredo Torres acumulou esta referida documentação.

Nos apêndices A e B é possível ter acesso aos catálogos das fotografias e jornais. O catálogo dos materiais bibliográficos foi construído e entregue à BSFTT para ser adequado conforme as normas da instituição e, posteriormente, ser divulgado institucionalmente. Os catálogos foram construídos pela autora junto ao projeto de extensão desenvolvido pela BSFTT, bem como por técnicos que trabalham na referida biblioteca. Foi um trabalho demorado, mas que, por esta força tarefa dessas pessoas envolvidas, foi possível a conclusão, por isso, expresso aqui minha gratidão. Todos os catálogos serão entregues a BSFTT para serem integrados ao catálogo institucional.

Neles, é possível encontrar a listagem de todos os materiais, com suas respectivas características: a) materiais bibliográficos: autor, título da obra, ano, editora, edição, volume e outras informações (como anotações, marcas, estado de conservação, entre outros); b) fotografias: categoria, local, ano, descrição da imagem, tipo de material, cromia, orientação, tamanho, estado de conservação e outras informações; c) correspondências: remetente/localidade, destinatário/localidade, ano, dia/mês, idioma, resumo e descrição física; e d) jornais: mês, ano, quantidade, principais materiais e observações. Em todos os itens, foi adicionado também o número de registro e informações sobre a localização. Nesta pesquisa não serão expostos todos os dados coletados, pois alguns é de interesse apenas da instituição, inclusive por questões de segurança. Abaixo, na figura 15, algumas imagens que ilustram a diversidade do espólio quanto a seus gêneros:

Figura 15 - Gêneros do espólio de Tancredo Torres.



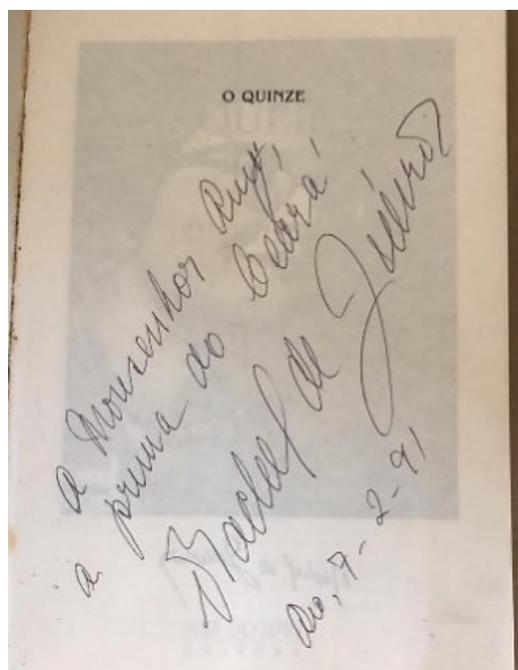
Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Muitos livros refletem as cidades paraibanas e autores do lugar, como os vários exemplares da coleção Biblioteca Paraibana. Somam-se a este rol, os boletins do IHGP. Tancredo Torres teve muito interesse em genealogias, pois no seu espólio há muitos livros com genealogias das famílias da região. Prova disso é a participação dele, enquanto sócio efetivo do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica. Nos seus escritos, ele buscava sempre registrar as ascendências e descendências do personagem homenageado. Em larga variedade, há temáticas nordestinas, principalmente nas plaquetes lançadas pela Coleção Mossoroense, onde também ele publicou parte de seus escritos, além de uma vasta coleção de literatura brasileira e de uma coleção de livros publicados pela Editora Universitária da UFPB.

Muitos são os livros que contêm dedicatórias dos autores a Tancredo Torres, inclusive, alguns desses livros é dele o prefácio e/ou a apresentação. Encontramos no espólio o livro “O Quinze” que provavelmente era do monsenhor Ruy Vieira, a

quem a autora Rachel de Queiroz registra uma dedicatória: “A Monsenhor Ruy, a prima do Ceará, Rachel de Queiroz, Rio, 7-2-91”, conforme figura 16 abaixo:

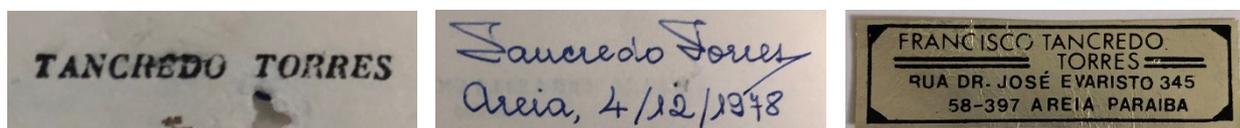
Figura 16 - Dedicatória de Rachel de Queiroz.



Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Nos livros, facilmente encontramos alguma marca de posse de Tancredo Torres. São assinaturas, carimbos e etiquetas, todas com o seu nome. Tal registro nos remete à afirmativa do cuidado que o historiador tinha com suas obras, pois era de seu desejo registrar que aqueles livros a ele pertenciam. Na imagem a seguir, figura 17, exemplos das marcas de posse encontradas nos livros:

Figura 17 - Marcas de posse de Tancredo Torres.

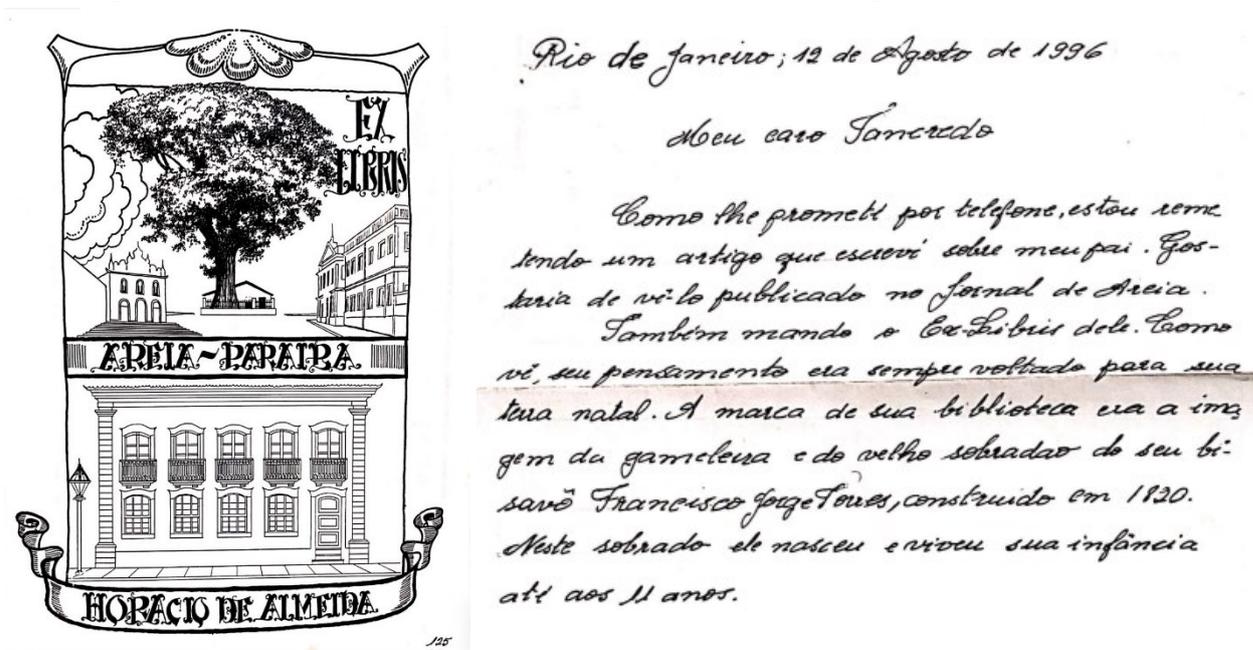


Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Outras marcas também podem ser encontradas nos livros, como as anotações, dedicatórias de diversos intelectuais, ex-líbris, carimbos de algumas instituições, como a própria BSFTT, e a Biblioteca de José Américo de Almeida, etiquetas e assinaturas. Encontramos nas correspondências o ex-líbris de Horácio

de Almeida, junto à correspondência, disponível na íntegra no anexo A, onde sua filha, Ignês, descreve o desenho que fazia referência a elementos da história de Areia, conforme figura 18 abaixo:

Figura 18 - Ex-líbris de Horácio de Almeida e carta de Ignês de Almeida



Rio de Janeiro; 12 de Agosto de 1996

Meu caro Tancredo

Como lhe prometi por telefone, estou reme-
tendo um artigo que escrevi sobre meu pai. Gos-
teria de vê-lo publicado no Jornal de Areia.

Também mando o Ex-Líbris dele. Como
vê, seu pensamento era sempre voltado para sua
terra natal. A marca de sua biblioteca era a ima-
gem da garrafeira e do velho sobrado do seu bi-
savo Francisco Jorge Torres, construído em 1830.
Neste sobrado ele nasceu e viveu sua infância
até aos 11 anos.

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

O acervo fotográfico conta com 198 fotografias, colecionadas por Tancredo Torres, seja de cunho pessoal, recebida por doações, ou mesmo fruto de pesquisas para compor os escritos dele. Todas as fotografias foram digitalizadas pela autora e o catálogo foi construído das fotografias digitalizadas, num sentido de preservação à fotografia original. Toda a digitalização será também entregue à BSFTT.

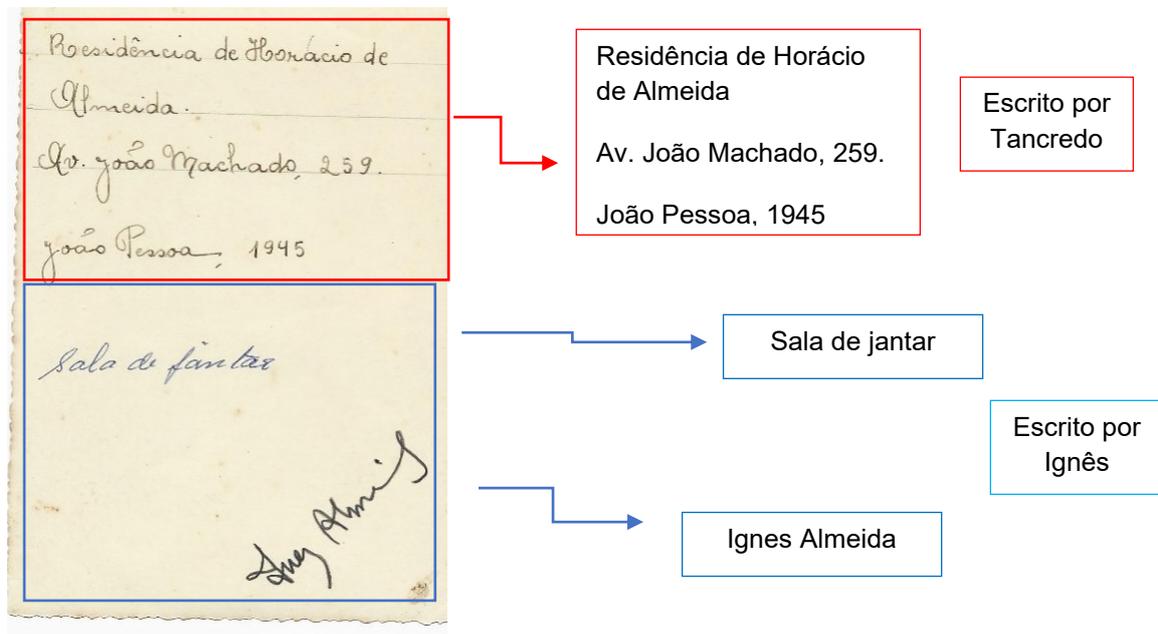
As fotos pessoais e da família não foram encontradas, acreditamos que tenham ficado com a família. No seu acervo é possível encontrar fotos de personagens da cidade, como as inéditas do próprio Horácio de Almeida (num total de 29 fotografias), do Monsenhor Ruy, de José Américo, entre outros vultos, e fotos de eventos e de lugares da cidade de Areia. Acredita-se que Tancredo Torres estaria muito interessado em Horácio de Almeida para registrar em seus escritos a vida e obra dele, pois as fotografias encontradas são bastante íntimas, algo confiado pela família a poucos.

As fotografias estavam, ora dentro de livros, ou de correspondências, ora em álbuns ou soltas e aleatórias. Conforme fomos avançando nos procedimentos

técnicos, fomos juntando as fotografias e reunindo-as quanto a categorias estabelecidas: Eventos (56), Personalidades (88), Lugar (28), Objeto (3) e Arquitetura e Urbanismo (23). Essas categorias foram estabelecidas de acordo com que o acervo foi apresentando de agrupamento e incidência.

Como bom historiador, Tancredo Torres sabia da importância de registrar as informações nas fotografias. Tal fato é que na maioria delas há escritos no verso, com informações sobre os personagens e/ou datas que auxiliam na narrativa da imagem. Desta forma, foi um importante auxílio na recuperação de informações das fotografias para descrição das imagens no catálogo. Ainda assim, há algumas fotografias em que não foi possível recuperar tais informações. Neste ínterim, também nos auxiliou na pesquisa observar algumas marcas de proveniências nas fotografias, cuja maioria delas eram assinaturas e anotações, conforme exemplo na figura 19 abaixo:

Figura 19 - Marcas de proveniência.



Fonte: Espólio FTT (1945).

No exemplo, é possível identificar a assinatura de Ignês Almeida, filha de Horácio de Almeida, pessoa que possivelmente forneceu as fotografias de Horácio de Almeida a Tancredo Torres, uma vez que a maioria das fotografias consta sua assinatura, além de encontrarmos correspondências que indicam a troca de registros. Porém, o texto superior que revela o endereço da residência de Horácio de

Almeida, conseguimos identificar que foi escrito por Tancredo Torres, a partir do estudo da caligrafia de Tancredo Torres em comparação a textos manuscritos dele.

As fotos, somente aquelas em que foi possível designar o ano, estão compreendidas no século XIX, sendo a mais antiga do acervo, datada em 1915, a qual registra uma foto inédita de Horácio de Almeida, ainda jovem, aos 19 anos, conforme figura 20 a seguir:

Figura 20 - Horácio de Almeida com 19 anos.



Fonte: Espólio FTT (1915).

É também comum encontrar, ainda no acervo fotográfico, fotografias de ex-alunos da EAN que desenvolveram amizade com Tancredo Torres e, em meio a correspondências, enviam suas fotos em sinal de afeto. Fotografias de lugares eram também enviadas a Tancredo Torres como lembrança, para que ele conhecesse os lugares mediante fotos. Há no acervo muitas fotografias de religiosos, como é o caso do padre Ibiapina³⁶, católico que ficou conhecido por sua obra missionária de caridade em todo o Nordeste, e do padre Ruy Vieira, importante pároco de Areia, responsável pela fundação de diversas instituições na cidade.

Nos jornais destacam-se cópias de alguns dos títulos de jornais produzidos na cidade de Areia desde o século XIX. Tem cópias deste noticiário a partir de 1887. Areia foi uma cidade onde a imprensa, por meio do jornal impresso, atuou bastante.

³⁶ Natural de Sobral, no Ceará, o pároco desenvolveu grandes feitos em terras paraibanas. Fundou em Areia a Casa de Caridade, construiu um cemitério em Alagoa Grande, fundou a Casa de Caridade de Alagoa Nova e Mossoró e a Casa de Santa Fé em Arara. As casas serviam de hospital, escolas e abrigos de órfãos desamparados. A ele se atribuem vários milagres (Torres, 1983).

Segundo Medeiros (2021, p.33), “os jornais efetivamente publicados na cidade de Areia surgiram na antepenúltima década do século XIX”. Não há um consenso entre os historiadores sobre qual foi o primeiro deles: “O *Areiense*” ou “O *Bruxaxá*”. Em especial, o jornal “O *Areiense*”, lançado em 1979, do qual Tancredo Torres foi um dos idealizadores e organizador. Ele tinha uma coluna fixa, “*Vultos Areienses*”, onde em todos os números ele escrevia nesta coluna sobre a história de algum personagem da cidade. Há a coleção quase que completa, com exceção de um número apenas.

Sua correspondência é esclarecedora, diz quem e como eram suas relações, o quão fora venerado, recebendo cartas, convites e presentes até mesmo do Palácio da Redenção, sede do governo da Paraíba. Nas cartas é possível encontrar verdadeiras fontes de pesquisa, como a correspondência com as irmãs que estiveram à frente do Colégio Santa Rita, a correspondência com a família de Horácio de Almeida, e variadas cartas que são respostas a pedidos de Tancredo Torres, fontes para seus escritos.

Nos documentos avulsos, depois que conseguimos organizá-los, percebemos que ali pairava um dos grandes trunfos do espólio, tanto por seu número, que somam mais de 587 documentos, como pelo conhecimento ali registrado. Conservou o historiador para nós um vasto noticiário sobre Areia, que, juntando as peças do quebra-cabeça, as cenas que aparentemente estavam desconectadas nos resultam em largos capítulos sobre os quais nos debruçaríamos por horas seguidas, de tão eloquentes, envolventes e ricas em detalhes. Como o bilhete de loteria da cidade de Areia, cuja renda revertia em favor da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, o que anteriormente já sinalizado, realizavam ações em favor dos negros da cidade. Na próxima seção será apresentado e descrito o bilhete.

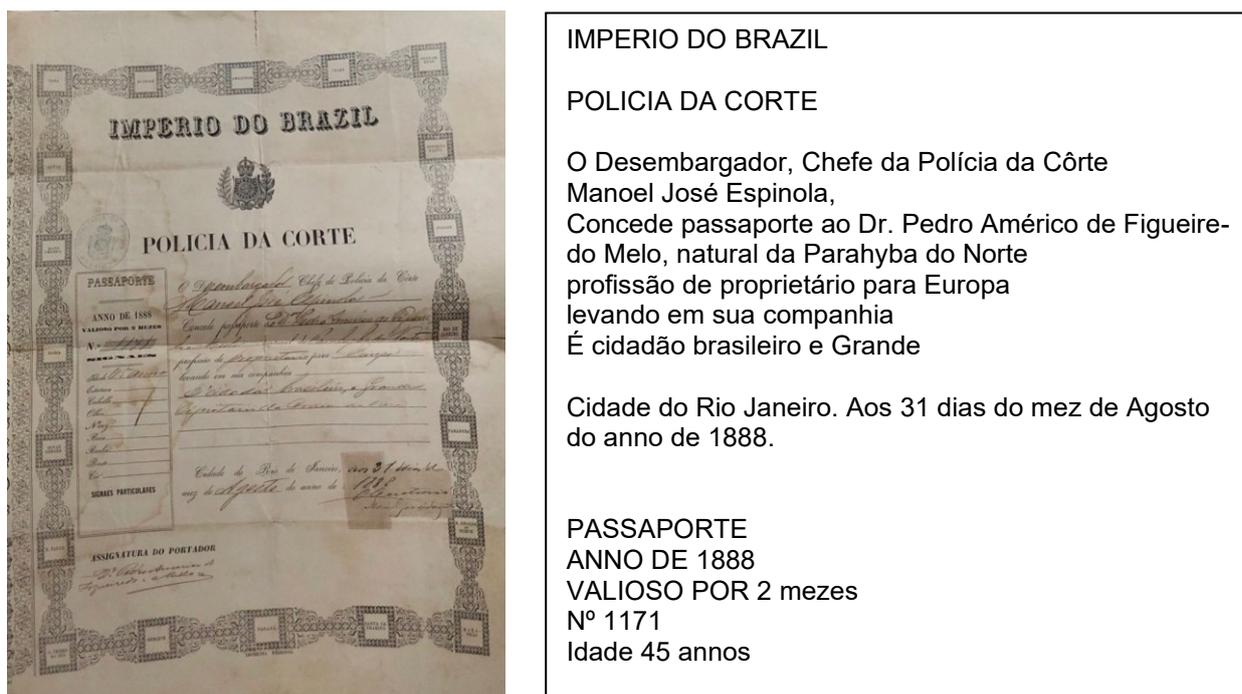
Encontramos ainda folhetos comemorativos da cidade de Areia, alguns documentos impressos, anotações, recortes de textos de jornais, textos datilografados, como os próprios discursos de Tancredo Torres (que encontraremos publicados nos jornais impressos), e alguns de seus escritos sobre a história da cidade de Areia. São discursos brilhantes, densos, referenciados em rigorosa pesquisa, homenageando pessoas e lugares, verdadeiras reflexões nas quais fixamos atenção e só nos desprendemos ao término. Há cópias de livros, ou de parte deles, de autores areienses, como José Américo de Almeida; cópia de documentos de cartórios (provavelmente fruto de pesquisas do autor como prova

para seus escritos), cópia de manuscritos, a exemplo uma declaração dos escravos pertencentes a um senhor de engenho, atas de reuniões da igreja e da EAN, listas de casamentos e batizados realizados pelo Padre Ruy durante 46 anos, documentos de conferências e palestras realizadas que fazem referência a cidade.

Ele possuía muitos documentos sobre a educação em Areia, como os documentos originais do Curso Júlia Leal, manuscritos, datados do início do século XX (1916 a 1933), lista de professores de Areia (de 1822 a 1960), lista dos filhos ilustre da cidade, histórico do Grupo Escola Júlia Verônica dos Santos Leal e histórico das bibliotecas existentes na cidade. Tancredo Torres nos vai revelando uma Areia pujante culturalmente, de muitos eventos, sobretudo na escrita, nas artes plásticas e na política, inclusive no panorama da fundação do Colégio Santa Rita.

Há inúmeros documentos sobre o pintor Pedro Américo de Figueiredo e Melo, certamente Tancredo Torres estava reunindo fontes para a escrita de seu livro “Pedro Américo” e a plaquete “Sesquicentenário de nascimento do pintor Pedro Américo de Figueiredo e Melo”. São ilustrações de suas pinturas, documentos pessoais e cartas, datados de meados de 1888, como é o caso do documento original de passaporte oficial do pintor, conforme figura 21 abaixo:

Figura 21: Passaporte de Pedro Américo.



IMPERIO DO BRAZIL

POLICIA DA CORTE

O Desembargador, Chefe da Polícia da Côrte
Manoel José Espinola,
Concede passaporte ao Dr. Pedro Américo de Figueiredo
Melo, natural da Parahyba do Norte
profissão de proprietário para Europa
levando em sua companhia
É cidadão brasileiro e Grande

Cidade do Rio Janeiro. Aos 31 dias do mez de Agosto
do anno de 1888.

PASSAPORTE
ANNO DE 1888
VALIOSO POR 2 mezes
Nº 1171
Idade 45 annos

É possível perceber que Tancredo Torres por muitos anos documentou a história religiosa da cidade. Ele tinha interesse em muitos sacerdotes, a exemplo o próprio Ruy Vieira, o cônego Manoel Tobias Vitória, e o cônego Odilon Benvindo. Desta forma, uma documentação que também ocupa um número expressivo de pastas diz respeito aos documentos do cônego Manoel Tobias Victorio. Tancredo Torres passou alguns anos reunindo essa documentação, conforme ele afirma em sua publicação “Cônego Manoel Tobias Victório” (1992b), em alusão ao centenário de nascimento do sacerdote. Além desta publicação, ele escrevera outra plaquete de mesmo título em 1979. Nas publicações, Tancredo Torres registra uma espécie de biografia do cônego, seu primo em 2º grau, relatando os feitos, andanças, textos de jornais, apresentando fotografias, e reúne homenagens e cartas ao cônego destinadas. Esses materiais, que serviram de fonte para a publicação, estão disponíveis nesta documentação.

De igual maneira, há muitos documentos sobre o cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, sacerdote fundador do renomado Colégio Santa Rita, inaugurado em 11 de maio de 1912, sob direção das francesas Irmãs da Sagrada Família, dedicado a educação de mulheres, funcionando em regime de internato e externato. O cônego participou ativamente do movimento abolicionista na cidade, inclusive conduzindo a missa solene de ação de graças pela libertação dos escravos, dez dias antes do decreto imperial (Torres, 1996a).

Da EAN Tancredo Torres, enquanto secretário da referida instituição documentou toda a rotina acadêmica: datas de admissão de profissionais, editais, listas de alunos aprovados, matriculados e formandos, atas de reuniões, eventos da escola, lista de diretores, discursos, relação dos presidentes do diretório acadêmico (de 1936 a 1967).

5 AREIA SOB A ÓTICA DE FRANCISCO TANCREDO TORRES

Plantadas nos píncaros da serra da Borborema que ocupa grande espaço da pesquisa geografia paraibana está a cidade Areia, famosa por sua beleza natural e pela arquitetura antiga, bem como pelo passado brilhante que se insere na história da Paraíba (Torres, 2001, p.52).

Apresentar a cidade de Areia aos olhos de Tancredo Torres é descrevê-la a partir de variados aspectos, pois os seus escritos, bem como naquilo que ele colecionou, narram a sociedade, os personagens e seus movimentos; revela a dinâmica política e estrutural de uma cidade marcada por escravidão, cultura, educação, religiosidade e disputas. Tancredo Torres fez questão de registrar os acontecimentos da cidade, os feitos de importantes personagens, acontecimentos e datas que marcam a história do lugar, informações valiosas, referências da história de Areia. Como ele mesmo diz, “Sempre tenho como tema de meus escritos fatos ou pessoas que engrandeceram essa terra. Tenho predileção por ela e peço licença para lançar AREIA sobre todos vós” (Torres, 2004, p.5).

Como já sabemos, o povoamento do estado da Paraíba se deu de forma diferente no litoral e no sertão. Somente no final do século XVII é que se tem início o intercâmbio comercial entre o litoral e o sertão, e é aí que a cidade de Areia surge com uma localização estratégica como ponto de pouso para a linha de comércio. Nos anos seguintes, a cidade pouco se desenvolveu. Inicialmente denominada Brejo de Areia, provém o nome de um riacho afluente do Mundaú, rico em areia em suas margens (Torres, 1990b).

Foi no século XVIII, a partir da cultura de algodão, que Areia assumiu expressão econômica. Até o ano de 1813, Areia era parte integrante do Município de Mamanguape, alcançando sua emancipação eclesiástica em 1813 e política em 1815 (Torres, 1990a, p.13). Em 1846, pela Lei Provincial n.º 2, de 18 de maio, Areia é elevada à categoria de cidade (Torres, 2001). Com ideais de liberdade e revolução, Areia participa de alguns movimentos reacionários, Tancredo Torres afirma que a cidade “sempre foi uma cidade que amou a liberdade e cujos filhos viveram sempre empenhados em batalhar por esse ideal” (Torres, 1990a, p.323).

Em 1817, para implantação do regime republicano, a revolução foi “rica de princípios de ardente combatividade, com intensa vibração em Areia, repercutindo em cidades próximas” (Torres, 1990a, p. 324). Na revolução de 1824, que criaria a República da Confederação do Equador, partiam de Pernambuco, havendo entrosamento com Areia:

[...] a dissolução da constituinte, naquela época foi um verdadeiro desafio às tendências nativistas que se reavivavam. A câmara de Areia fez ciente ao Presidente da Província – Felipe Ferreira Néri, que deixava de reconhecer sua autoridade e contestou o gesto do Imperador Pedro I, organizando o governo independente. Foi eleito o areiense Félix Antonio, presidente provisório da Província, apoiado pelas Câmaras de Campina Grande, do Cariri, Pilar e Mamanguape (Torres, 1990a, p.324).

Em 1848 vem a Rebelião Praieira, partindo de Pernambuco e novamente tendo apoio de Areia, “O Partido Libertador chefiado por Joaquim José dos Santos Leal adotou-a vivamente, com mais outros areienses que muito lutaram e muito sofreram também” (Torres, 1990a, p.324). E em 1873 a revolta do Quebra Quilos (Torres, 1990a). Por isso, a simbologia em sua bandeira: “[...] em campo de ouro, cindo arruelas de vermelho, dispostas em aspas, acompanhadas de quatro estrelas de vermelho, dispostas em cruz. As estrelas de seis raios representam as revoluções em que Areia participou” (Torres, 2021, p.53). O lema da bandeira também ilustra esse passado revolucionário: “*Pugnis Roboratus*”, fortifiquei-me nas lutas, conforme tradução. No século XIX a cultura do algodão é substituída pela cultura da cana-de-açúcar e a partir daí a paisagem urbana é desenhada em função da classe de burgueses rurais.

Mas é Tancredo Torres quem vai nos apresentar os primeiros passos para a origem da cidade Areia:

Como as demais localidades, veio do nada. Duma passagem de tropeiros, originou-se. Da estaca de um curral formou a gameleira que lhe serviu de brasão. Da sua palhoça, que era capela dedicada à Virgem da Conceição Imaculada, nasceu uma Igreja Matriz e ao redor desta cresceu a cidade. De pequena aldeia do Sertão de Bruxaxá, alçou-se à nobreza de um título de Vila Real. De indígenas cognominados bruxaxás herdou-lhe o primeiro topônimo e o segundo das areias alvas do riacho Mandaú, afluente do Saburá que deságua no Mamanguape (Torres, 2001, p.52).

Tem fama por sua beleza natural, pela arquitetura histórica, e por um passado com fatos importantes na política e na religião para a história do estado da Paraíba, como do primeiro Teatro do estado da Paraíba, o Teatro Recreio Dramático inaugurado em 1859, mais tarde chamado de Teatro Minerva, vindo trinta anos antes do Teatro Santa Rosa, situado na capital do estado. Um lugar que ativamente lutou contra a escravidão negra, que em tempos obscuros degradou o seu povo, tendo, em 3 de maio de 1888, abolido a escravidão na cidade (Torres, 2004, p.14). E o que falar de seus filhos ilustres? Sempre em evidência, nos mais variados movimentos e atividades, celebram conquistas importantes.

Por ocasião do cultivo da cana-de-açúcar, os engenhos eram em grande número, quase uma centena deles. Areia contou também com uma usina de fabricação do açúcar, que junto aos engenhos, fabricando rapadura e aguardente, além do cultivo do algodão e do café, representavam fontes de riquezas por longas décadas (Torres, 2004, p.15). Ainda hoje há engenhos ativos na cidade, fabricando aguardente e rapadura, inclusive a cidade é considerada a capital paraibana da cachaça. Nas figuras 22 e 23, encontradas no espólio, é possível acompanhar os registros de dois tradicionais engenhos, Ipueira e Guarim, respectivamente, que ainda se encontram ativos na cidade:

Figura 22 - Engenho Ipueira.



Fonte: Espólio FTT [s.d].

Figura 23 - Engenho Guarim



Fonte: Espólio FTT [s.d.].

Na parte cultura, Areia também é rica em equipamento, possuindo três museus: a) o Museu Regional de Areia, patrimônio da Paróquia de Areia, se destina a salvaguardar e a transmitir as tradições regionais, a partir de suas peças históricas, quadros, documentos e objetos, do passado tradicional e culto da terra (Torres, 1990^a, p.186); b) o Museu do Brejo Paraibano, popularmente conhecido como museu da rapadura, localizado no Centro de Ciências Agrárias – UFPB, representa toda a cultura açucareira em vigor do século XVIII, representando a vida social do campo; e c) Museu Casa de Pedro Américo, instalado na residência onde nasceu Pedro Américo, a instituição salvaguarda o acervo artístico do pintor.

Dessa forma, apresentaremos então a cidade de Areia, a partir de seus aspectos centrais, daquilo que Tancredo Torres escrevera, sua educação, religiosidade, abolição da escravatura, imprensa e personagens, conforme seções a seguir.

5.1 EDUCAÇÃO

Na educação, a cidade bem serviu ao cenário estadual, talvez o setor de maior desenvolvimento. Tancredo Torres narra em seu discurso por ocasião do 60º aniversário do CCA que Areia sempre teve vocação para o ensino. O historiador afirma ainda que “Areia foi um farol de sabedoria que iluminou a Paraíba” (Torres, 1996, p.2). Tal fato também se comprova, segundo ele, pelos tantos filhos dedicados

“às letras, à cultura, à educação” (Torres, 1996, p.1). Foi a partir da criação de uma Paróquia, concluída em 1812, que a cidade começou um maior desenvolvimento neste sentido: “Fazia-se, então, necessária a implantação de um sistema de ensino para a alfabetização do seu povo. Mestres do ensino particular sempre houve, bem como estabelecimento de ensino particular (Torres, 1996, 1990a). É justo lembrarmos que naquele período, do Brasil colônia, a população era privada do ensino para que não fossem aquecidas pelos ideais de independência.

Em 1821, o Padre Manoel Cassiano da Costa Pereira, primeiro areiense a atingir o curso superior, regressa e, acompanhado do seu irmão também ordenado sacerdote, o Padre Joaquim Álvares, desenvolvem ensino particular com as aulas de latim e francês (Torres, 1996, p.2). Naquele mesmo ano, em 1821, tinha a capital sua primeira escola pública. No ano seguinte, 1822, foi a vez de Areia alcançar este estágio no setor educacional. Areia, ainda denominada Vila Real do Brejo de Areia, é criada a primeira escola pública para o sexo masculino, tendo como seu dirigente o professor Antônio Victor Pereira da Silva, irmão do famoso latinista Joaquim da Silva (Torres, 2004). Naquele ano, a própria capital paraibana possuía apenas duas unidades (Torres, 1982). Em 1828, foi estabelecida na capital uma escola destinada ao sexo feminino, e Areia novamente emplaca uma também em 1834, esta regida por D. Umbelina Cavalcante, posteriormente substituída por Maria do Rosário Brasileira de Melo, tia de Pedro Américo, o grande pintor (Torres, 1996, p.2). A escola foi suprimida em 1841 e reestabelecida em 1847. Em anexo B, é possível encontrar uma lista, feita por Tancredo Torres, encontrada em seu espólio, com os nomes de 111 professores de Areia, entre os anos de 1822 a 1960.

Tancredo Torres (1996) destaca em seus escritos o senhor Joaquim José Enrique da Silva, grande latinista, que, segundo ele, dominava ainda o francês, português, grego e matemática e que em 1855 publicou o seu “O Manual do Estudante de Latim”. Foi ele professor de alguns ilustres, como o próprio Pedro Américo e Francisco Xavier Junior, dirigente da educação oficial do Estado, e autor do bem-sucedido compêndio da “Língua Materna”, por muitos anos adotado no setor educacional do estado até 1950 (Torres, 1999a). Com outros descendentes de seu ensino, ele funda o Externato 25 de março, e tornam-se responsáveis por “difundir as letras, a arte de saber ler, interpretar e escrever” (Torres, 1996, p.2). Ele menciona ainda sobre o Externato 5 de janeiro e o Colégio Culto às Letras que também funcionaram na cidade (Torres, 1981). Em 1863, havia a escola do

professor José Berardo dos Santos Leal, de ensino particular, indo das “primeiras letras ao latim” (Torres, 1982, p.1). Tancredo Torres conta que em Areia, costumava-se falar o latim, aqueles que não tivessem conhecimento da língua eram considerados ignorantes.

O cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque foi responsável pelos primeiros passos na educação de “segundo grau” (ensino médio), quando instala na cidade em 1910 o *Colégio Santa Rita*, reaberto em 1937, dirigido por freiras francesas, destinado à educação de mulheres. O *Curso Júlia Leal*, já desenvolvido por Júlia Verônica dos Santos Leal, passa a fazer parte do Colégio Santa Rita, tornando esta casa um forte baluarte da educação em Areia (Torres, 1996). O *Grupo Escolar Álvaro Machado* foi o primeiro grupo escolar estadual construído no interior do Estado, no ano de 1927, tendo seu primeiro diretor o professor Leônidas Santiago. E em 15 de abril de 1937, entra em pleno funcionamento a Escola de Agronomia do Nordeste, primeiro estabelecimento de ensino superior do estado da Paraíba, depois do Seminário Arquidiocesano de 1894, no ensino religioso (Torres, 1990a). Ainda registramos a Escola Doméstica Nossa Senhora de Fátima, fundada em 7 de setembro de 1952, a partir de uma certidão³⁷ encontrada, cujo documento declara o estatuto da escola, localizada no distrito de Remígio, destinada à formação social, moral e profissional gratuita da juventude feminina.

A seguir, acompanharemos, em maiores detalhes e em ordem cronológica de instalação, alguns desses estabelecimentos educacionais.

5.1.1 Curso Júlia Leal

Júlia Verônica dos Santos Leal nasceu a 9 de julho de 1871 na cidade de Areia e faleceu com quase 100 anos, em 10 de fevereiro de 1971. Filha de Gertrudes Maria do Espírito Santo e de José Berardo dos Santos Leal. Seu pai fora um dos melhores alunos nos estudos de latim do professor Joaquim da Silva, tendo-o substituído no labor do ensino. Júlia Leal trouxe o destino do pai, dedicando-se inteiramente ao magistério e à catequese (Torres, 1999a).

Conforme Tancredo Torres conta, Júlia foi alfabetizada aos sete anos com a professora Ana Carolina Maria Henriques, que mantinha curso particular na cidade,

³⁷ Documento de arquivo encontrado no Espólio FTT.

aperfeiçoando seus estudos com o poeta e orador Rodolfo Pires de Melo, principalmente em português (Torres, 1999a, p.6). A aprendizagem da música vocal foi obtida sob orientação do maestro Tristão Grangeiro de Albuquerque e Melo, tio de Pedro Américo e pai de Rodolfo, “o que lhe valeu cantar as modinhas nos salões de festas, acompanhada pelo violão do maestro, sob os aplausos dos presentes e integrar o Coro da Matriz, assumindo a direção com apenas quinze anos de idade” (Manso, 1980, p.2), de acordo com publicação no jornal O Areense.

Com 13 anos, em 1884, Júlia Leal é convidada pelo Capitão Ignácio Augusto de Almeida a ir ao Engenho Olho D'Água, localizado em Areia, para alfabetizar seus filhos maiores. Entre eles, José Américo de Almeida, “de quem foi, portanto, a primeira preceptora e de que se orgulhou até o final dos seus dias” (Torres, 1999a, p.9). Tancredo Torres (1999a, p.17) registra dois poemas escritos por Júlia Leal aos dezoito anos e o segundo aos dezenove anos:

Poema 01

Flores mimosas que exalae perfumes
Ornando o prado, dando-lhe beleza
Porque na vida só encontro abrolhos?
Deixai que exista sempre em mim tristeza.

Responde a brisa – “tua vida é triste”
Mora a descrença neste peito teu...
Responde a estrela: “tua dor é grande”.
E a flor respondeu: “teu prazer morreu”.

Poema 02

Recordação
Sonhos, amores, ilusões desfeitas...
Crenças, anhelos, já não sinto mais.
O peito exangue na descrença imerso,
Lamenta os gosos que não voltam jamais!

Ah! Se eu pudesse me esquecer do mundo.
Ah! Se eu pudesse minorar a dor!...
Se num deserto eu passe a vida
Triste, esquecida do meu louco amor.
Porque?... Passae...

Tancredo Torres afirma que Júlia era uma “fonte de saber, de bondade, de religiosidade, de respeito e moral, e de alto senso de responsabilidade”, “a maior preceptora do seu tempo em Areia” (Torres, 1999a, p.8,17) e que, sem portar diplomas, mas cheia de vocação para o ensino, foi capaz de transmitir aos seus

alunos uma educação de qualidade. Além do ensino, ela por várias décadas esteve ligada “à poesia, música, dramaturgia, festas cívicas e religiosas, à Igreja, à Imprensa e à História” (Torres, 1999a, p.18).

Manso (1980) afirma que em 1942, foi concedida a Júlia uma pensão de Cr\$ 300,00, auxílio que fora ampliado no governo de José Américo para Cr\$ 500,00 e, posteriormente, Cr\$ 900,00. Mas que, em pouco tempo, se diluiu e Júlia tornou-se prisioneira em sua própria casa. O autor conta que a solidariedade de algumas ex-alunas fez com que a fome não batesse em sua casa.

Ainda sobre a atividade religiosa, Júlia Leal participou da irmandade da “Pia União das Filhas de Maria”, na qual exercia o cargo de secretária. Abaixo, na figura 24, o documento de ata da primeira sessão em 1919, no espólio, há várias atas das reuniões desta irmandade:

Figura 24 - Ata da 1ª Sessão da Pia

Ata da 1ª Sessão da Pia União das Filhas de Maria, no anno de 1919

Presidencia do Exmo. Sr. Fr. Coelho

Nos 13 dias de Janeiro de 1919, pelas 5. horas da tarde na Capella de São João, teve lugar a 1ª reunião desta Pia Congregação, com a presença do Exmo. Superior, da Directora, Netra das Aspirantes, Thezouraria, uma conselheira e todas as Congregadas da Cidade. Feitas as orações iniciais prescritas pelo Manual da Associação o Exmo. Superior fez a costumada leitura espiritual. Ato contínuo foi feita a recepção da Aspirante a Filha de Maria a Enhruta Rosa de Jesus. Terminada a sessão o Exmo. Superior deu início a sessão com o thema: — Amor dos pais e a exacta obediencia no cumprimento dos deveres; visando este ultimo ponto fez, em as Filhas de Maria, como deveriam portar-se, observando o seu regulamento, praticando actos de piedade; abstenção de divertimentos illicitos, mortificando-se na vaidade etc.

Apresentou-se a dircção a Sagrada Familia, que deviam tomar como modelo p. suas meditações máximas quando assistia no Templo as festas sagradas, sua elevação de espirito, seus transportes de amor a Deus! Procurando a união interna com Jesus já mais poderia haver perturbação de consciencia, evitariam as coisas injurias e seriam solícitas como o foi a Sagrada Familia em assistir as festas de Jerusalém. Fallando sobre a proxima festividade de S. Sebastião avisou as do seu comparecimento a missa, a communhão geral e a precissão etc.

Fonte: Espólio FTT (1919).

Em seu túmulo, uma homenagem de uma de suas alunas, Cícera Guimarães Perazzo: “Ela ensinou a ler”. Abaixo, duas fotografias, 26 e 27, de José Américo com Júlia Leal, encontradas no espólio de Tancredo Torres:

Figura 26 - Júlia Leal e José Américo de Almeida.



Fonte: Espólio de Tancredo Torres, [s.d.].

Figura 25 - Júlia Leal e José Américo de Almeida.



Fonte: Espólio de Tancredo Torres, [s.d.].

Dois anos mais tarde, em 1886 e de volta a cidade, com 15 anos, Júlia Leal desperta a ideia de abrir um educandário, que mais tarde torna-se o “Curso Júlia Leal”, e que por lá passaram os filhos das ilustres famílias areienses, por volta de 1886. Conforme os estatutos da escola, na instrução primária eram ministradas as disciplinas de Educação Moral, Religiosa, Cívica e Doméstica, Ensino Prático de recitação, declamação e canto. Segundo Tancredo Torres, as matérias eram compostas por:

“[...] leitura, caligrafia, ditado, ensino teórico e prático de Português, Aritmética, Geometria, Ciências Naturais, Geografia, História Pátria e Civilidade. Os trabalhos manuais constavam de bordados em talagarça, pontos em marca, tricot, fillet, crochet, etc. Trabalhos em flores, pintura e de máquina, só com pagamentos extras. As alunas participavam do coro da Matriz e usavam em solenidades religiosas uniformes brancos, gola à marinheiro e cinto de veludo azul marinho. Nas festas cívicas, uniforme branco, faixa auri-verde com o lema “Deus e Pátria” (Torres, 1999, p.10).

Ainda conforme o estatuto, os alunos de 1º grau pagariam 3\$000, de 2º grau 4\$000 e de 3º grau 5\$000. Era também requisitado uma lista de itens de enxoval: “6 camisas de dia, 4 camisas de noite, 6 calças, 6 saias, 6 vestidos de cores, 3 vestidos brancos, 2 veos, 2 pares de calçados, 1 par de sandálias, 6 pares de meias, roupas de cama, 3 toalhas de mãos e 2 de banho, 4 lenços, 4 guardanapos,” entre outros. Conforme publicação de Plácido Manso no jornal “O Areiense”, pouco ou quase nada do pagamento sobrava para Júlia, o objetivo dela era “apenas auxiliar a educação da família areiense que não dispunha de recursos para os colégios da Capital” (Manso, 1980, p.2). Inclusive, o autor também comenta que se não fosse a solidariedade de suas ex-alunas, a fome lhe teria batido à porta.

O curso atraiu alunos de toda a região. Os alunos em internato, precisavam ter correspondentes na cidade e, em concordância com os pais, poderiam sair nos primeiros domingos do mês, e vigorava o uso da sabatina e da palmatória (Torres, 1999a). Nosso historiador nos conta: “Nunca se ouviu dizer que houvesse saído um aluno complexado ou traumatizado do Curso Júlia Leal, mas dizia-se apenas: “quem estudou com Júlia, sabe”” (Torres, 1999a, p.8). Ao longo de mais de sessenta anos de trabalho, ela se dedicou integralmente ao magistério, de 1884 a 1940.

Tancredo Torres, em seu discurso o qual homenageia Júlia Leal, no ato de aposição do retrato dela na Galeria dos Areienses Ilustres na Casa Pedro Américo, transcreve um depoimento de uma ex-aluna de Júlia Leal, que merece ser também aqui registrado, por revelar muito sobre ela e o curso:

Dona de um temperamento forte, ela soube disciplinar os jovens dando-lhes uma formação moral e espiritual bem estruturada, modelando-lhes o caráter. [...] O colégio de Dona Júlia que funcionava onde hoje é o Santa Rita era frequentado por areienses, habitantes da redondeza e até do sertão. Ela mantinha internato e externato mixtos, dando-lhes os ensinamentos desde a alfabetização até o quinto ano, preparando-os para o exame de admissão. Dona Júlia ministrava as aulas com firmeza, tendo ao lado uma palmatória para eventuais necessidades. [...] Havia castigos na classe e na Capela onde Santa Rita velava por nós. As aulas das diversas matérias eram dadas por ela com o concurso de alunas mais adiantadas. [...] Organizava festinhas teatrais, ensinava canções e o recreio era repleto de variadas brincadeiras que ainda hoje ressoam (Depoimento de Ely Perazzo de Andrade, registrado em Torres, 1999a, p.13).

Em 1921, o Colégio Santa Rita estava desocupado e o Curso Júlia Leal passa a funcionar no prédio. Anteriormente, o curso funcionava num imóvel que cedeu lugar para o Centro Social Pio XII, onde hoje funciona o Museu Regional. No anexo X, um discurso de Júlia Leal, encontrado no espólio de Tancredo Torres, em 9 de julho de 1961, data de seu aniversário de 90 anos, no qual ela fala sobre a gratidão de ser educadora, e deixa mensagem para seus ex-alunos.

5.1.2 Colégio Santa Rita

Antes da construção do Colégio Santa Rita, havia naquele lugar uma igreja sob a invocação de Santa Rita, construída em 1863 pelo missionário Frei Herculano de Monte Carmelo. Em 1907, o prédio da igreja ameaçava ruir, e por prudência, o pároco Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque decide demolir o templo (Torres, 1997b). A seguir, na figura 27, imagem do cônego Odilon Benvindo, fundador do Santa Rita:

Figura 27: Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque



Fonte: Torres (1997).

Aproveitando o material, no ano seguinte, em 1908, o cônego dá início à construção de um hospital. Em 8 de dezembro de 1910, a cidade recebe o bispo D. Aduino Aurélio de Miranda Henriques para bênção daquela nova instalação e da capela dedicada a Santa Rita. Na oportunidade, o bispo sugere que em vez de um hospital, fosse construído ali um educandário de que a cidade necessitava (Torres, 1997b, p.13).

Obedecendo ao desejo do bispo, o cônego Odilon transforma a obra de hospital para educandário, mantendo a capela que daria o nome à instituição Colégio Santa Rita, e tem início a saga para encontrar professoras que pudessem dirigir a instituição. Em 1906, o Colégio de Nossa Senhora das Neves é reaberto pelo Bispo Adauto, na capital paraibana, sendo dirigido pelas irmãs da Sagrada Família. O Bispo tentava conseguir algumas das irmãs para ocuparem também o Colégio Santa Rita (Torres, 1997b).

Tancredo Torres afirma que a reverenda irmã Marie de Saint León e a irmã Angeline vieram visitar a casa de ensino para decidir aceitar a proposta. A dificuldade era a falta de estrada e de transportes, pois o trem atingia somente Mulungu:

De Alagoa Grande para Areia apenas um caminho serpenteava pelas encostas orientais da serra da Borborema” As duas visitadoras fizeram a viagem sobre as costas de um cavalo, em grandes cestos, colocada uma de cada lado. [...] Todos os sinos repicaram festivamente com a chegada das Irmãs e a população em triunfo, as recebeu (Torres, 1997b, p.14).

Concordando com a proposta, as irmãs decidem assumir o Colégio Santa Rita, chegando na cidade em 1911, ano em que o colégio passa a funcionar. O projeto da instituição contava com seis religiosas, chegando cinco em um ano (Marie Hortensius, Hubertine Marie, Marie Anisie, Madeleine e Ângela, a única brasileira) e uma no ano seguinte (Marie Camilla), e com a promessa da construção de um acesso à Areia, o que nunca foi realizado durante os nove anos em que as irmãs estiveram na cidade (Torres, 1997b).

O historiador narra como ocorreu a chegada desta comitiva:

A primeira a chegar foi a Irmã Marie Anisie que viajou a cavalo – um cavalo chamado Perú – e chegou duas horas antes das outras que iam de liteira. O trajeto a cavalo durou duas horas e o de liteira, quatro horas. O desembarque [...] foi dado numa casa próxima ao Colégio que lhes era destinada. As Irmãs chegaram pela manhã e a população festejou. Novamente os sinos repicaram em regozijo pela chegada da ilustre comitiva. Todos queriam vê-las e dar-lhes as boas-vindas. O dia todo a Casa ficou repleta. O padre Odilon estava radiante, parecia rejuvenescido; ele mostrava-se muito amável e Padre Coelho tinha preparado tudo (Torres, 1997b, p.15).

Em 1910 é inaugurado o Colégio Santa Rita e em 11 de maio de 1911, passa a funcionar, sendo dirigido pelas irmãs da Sagrada Família. O Colégio começava bem, dedicado à educação em grau primário de moças, contava com 30 a 40 alunas, da cidade e de regiões próximas, em regime de internato e externato. As alunas recebiam ainda “lições de educação doméstica, aprendendo trabalhos manuais, música e boas maneiras, o que era isto de máxima importância para a juventude feminina daqueles tempos (Torres, 1997b, p.16).

A vida das irmãs em Areia, não foi fácil. As instalações do colégio não eram das melhores, com falta de iluminação e pouca água para o consumo diário. Anualmente, elas se deslocavam para a capital para participarem de um retiro. A viagem era incômoda, iam de cavalo até Alagoa Nova e de lá seguiam no trem para a capital num trajeto de cinco horas. Tancredo Torres conta que era uma verdadeira epopeia: “[...] eram requisitados seus cavalos. Elas não tinham o costume desse tipo de transporte, e, assim, inexperientes, sofriam cada vez mais (Torres, 1997b, p.18)”, sempre alguma delas sofria uma queda.

O Colégio Santa Rita esteve funcionando até 1920 sob a direção de religiosas francesas da Sagrada Família. Logo depois, o colégio fica parado, até que, a partir de 1921, é ocupado pelo curso Júlia Leal. A partir de 1937, ele passa a ser dirigido pelas freiras da Congregação Franciscana de Dilligen, localizada no sul da Alemanha. A Congregação na Alemanha passava por sérias dificuldades em razão do regime nazista que estava em vigor no governo Hitler.

O Padre João da Silva Coutinho, vigário em Areia, foi o responsável pela reabertura do Santa Rita em 1937. De modo voluntário, em 1937 partiram algumas das religiosas para o Brasil, ficando em Olinda e nos meses seguintes foram chegando em Areia, são elas: Maria Floresia Kirchmeier, Maria Venantia Schmidt, Maria Iluminaris Alger, Maria Ildefonsa Stauss, Maria Trautlinde Frischholz e Maria Urbana Schoberl, Maria Rafaela Hitzler e Maria Friedheide Spath (Torres, 1997b, p.28). No ano seguinte, em 1938, a cidade recebeu mais seis religiosas: Maria Justitia Kastner, Maria Inviolata Schockenbach, Maria Siegfrieda Heinrich, Maria Engelsindes Holfelder, Maria Carolina Schwarz e Maria Gonzalez Hermann (Torres, 1997b, p.29). Em 1939 outras três: Maria Theodolinde Brenner, Maria Phillipine Schneider e Irmholda Brumm (Torres, 1997b, p.29). Na figura 28 abaixo, imagem do pároco João da Silva Coutinho, responsável pela reabertura do Colégio Santa Rita.

Figura 28: Padre João da Silva Coutinho.



Fonte: Torres (1997).

Nos anos seguintes outras religiosas provenientes da Alemanha desembarcam em Areia, marcando a presença alemã no Colégio Santa Rita, num total de 31 religiosas que serviram a Areia, Catolé do Rocha e João Pessoa (2004, p.37). Torres (1990, p. 337) discute sobre o trabalho das irmãs no colégio:

Elas trabalham intensivamente, modificam o edifício, constroem a Capela, uma obra prima da harmonia e da beleza, é o Santa Rita que atrai a preferência de todos os paraibanos que querem, sem dúvida, a promoção humana, artística e patriótica de suas filhas. A ordem, a disciplina, o respeito a pessoa humana, a arte, a dança, há um preparo para um mundo melhor, para as bênçãos do evangelho e o Nosso Senhora Jesus Cristo.

Em algumas das correspondências trocadas entre Tancredo Torres e as irmãs, com a intenção de escrever uma biografia, ele consegue informações sobre a vida delas depois do colégio, fotografias, e algumas memórias sobre os tempos em que lecionaram. O resultado desta pesquisa de Tancredo Torres está na plaquete “Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque”, publicada em 1997.

No arquivo do espólio de Tancredo Torres, encontramos um documento com a lista das alunas ano após ano, aprovadas no término do ano letivo. As listas compreendem os anos de 1940 a 1948, 1952, 1953 a 1972 e 1974, totalizando 447 alunas listadas.

Abaixo, na figura 29, imagens de algumas páginas que ilustram a lista:

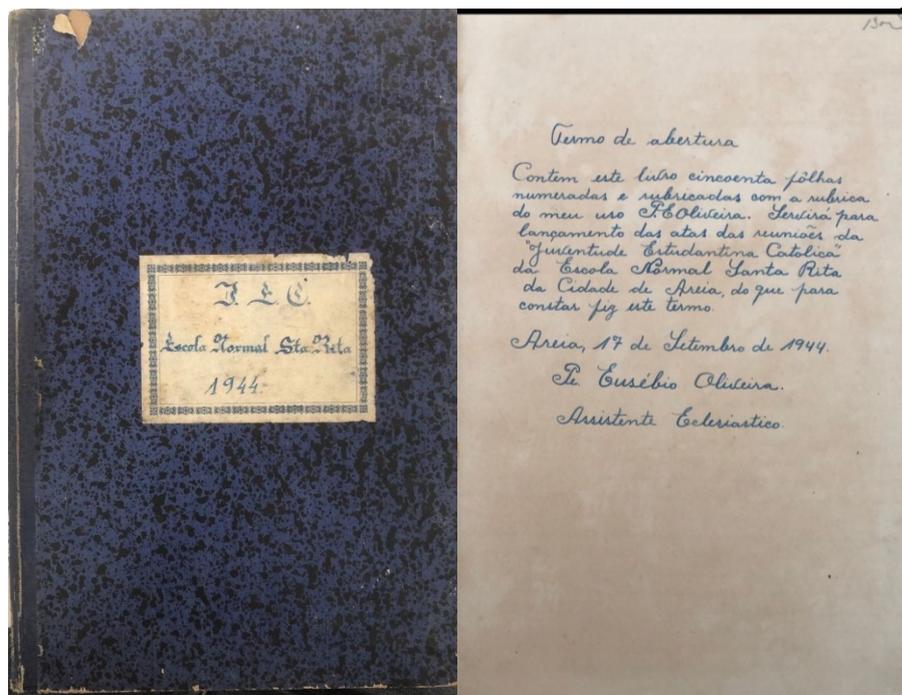
Figura 29 - Listas de alunas do Colégio Santa Rita.

<p>Curso Normal Colégio Santa Rita Araçá - Paraíba</p>		21-11-1940	1. Alaide Daniel de Almeida	15-11-1949	1. 432 Antonia Jani de Santos
		2. Anacleto Gondim	2. 433 Edilene Maria Diniz		
3. Beatriz Parayzo	3. 434 Edvan Alves de Sousa				
4. Candida Almida Alcoforado	4. 435 Helena Maria Jones de Souza				
5. Jovelina Chaves	5. 436 Lucimilda Batista dos S. Pereira				
6. Maria Celeste Gondim	6. 437 Marguida G. Maranhão do M. Silva				
7. Maria da Conceição Costa	7. 438 Maria Alcoforado M. de Almeida				
8. Maria Dolores Coelho	8. 439 Maria Alice do Nascimento				
9. Maria Giselda Baracho Marinho	9. 440 Maria do Carmo Freire dos Santos				
10. Miriam Barreto	10. 441 Maria de Fátima Bezado de Lima				
11. Nussa Rodrigues	11. 442 Maria dos Graças Rogers				
12. Rita Nóbis	12. 443 Maria Lucemair de Gusmão				
13. Viviam Barreto	13. 444 M. do Socorro Ferreira da Silva				
15-11-41	14. Alice Cavalcanti	14. 445 Marlene Sales Alves			
15. Antonia Ferreira	15. 446 Marilde Maria Lima				
16. Aná Mesquita de Andrade	16. 447 Sônia Maria Cavalcanti Romalho				
17. Eunice Vitorino					
18. Francisca dos Santos					
19. Anés da Costa Carne					
20. Jandira Montenegro Pires					
21. Maria Amazile Barbosa					
22. Maria do Carmo Melo					

Fonte: Espólio FTT, [s.d].

Em 1944, o Colégio Santa Rita se torna a Escola Normal Santa Rita, conforme documento do termo de abertura e registro das atas, disponível no livro de atas, encontrado no espólio, ilustrados na figura 30 abaixo:

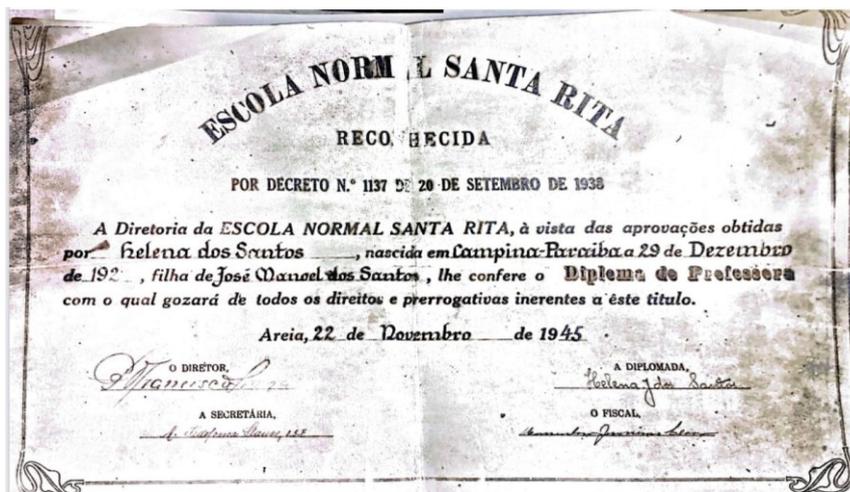
Figura 30 - Livro de registro de ata Colégio Santa Rita.



Fonte: Espólio FTT (1944).

Por fim, para continuar ilustrando o Colégio Santa Rita, apresentamos um diploma, de 1945, na figura 31, encontrado no espólio de Tancredo Torres, e imagem atual do Colégio, na figura 32, em que se mantém em funcionamento, nas figuras seguintes. O documento confere a Helena dos Santos, o diploma de professora, datado de 22 de dezembro de 1945. O documento apresenta ainda dados de filiação, lugar e ano de nascimento da concluinte.

Figura 31 - Diploma de Professora, Colégio Santa Rita.



Fonte: Espólio FTT (1945).

Figura 32 - Colégio Santa Rita.



Fonte: Oliveira (2020).

5.1.3 Escola de Agronomia do Nordeste

No livro Brejo de Areia, de Horácio de Almeida (1980), é registrada uma sugestão para criação de uma escola de agricultura no interior. Conforme o autor, o engenheiro Retumba, veio a Areia em 1884, comissionado pelo Governo da Província, para examinar a causa da moléstia da gomose que estava dizimando todo o canavial: “Retumba, engenheiro de minas, vendo que o assunto escapava de sua especialidade, apesar dos conhecimentos gerais que possuía, sugeriu ao governo a criação de uma escola de agricultura no interior” (Almeida, 1980, p.151).

A sugestão de Retumba só foi concretizada anos depois por iniciativa de José Américo de Almeida. Já alçado à intelectualidade a partir de sua obra “A Bagaceira”, livro que marca o início do romance regionalista do modernismo brasileiro, ele alcança fama política, assume o cargo de ministro da viação e obras públicas, no governo de Getúlio Vargas e consegue seu objetivo de instalar em Areia uma escola agrícola de ensino superior, em 1936, a primeira da Paraíba. O objetivo com a instalação da instituição de ensino era o desenvolvimento agrônômico do estado. Torres (1996), narra esse episódio da vinda do presidente à época para os primeiros encaminhamentos do que viria a ser a EAN:

Foi precisamente a 10 de setembro de 1933 que o presidente Getúlio Vargas visitou Areia. Recebido em triunfos, em alegrias e esperanças, mereceu da sociedade areiense a mais nobre acolhida, brindado pelo que de melhor havia na região, com uma recepção de condigna onde lhe foram oferecidos os mais saborosos manjares, onde a fina culinária local se fez presente com doces, sucos e pratos regionais deliciosos. Os agricultores de toda região se fizeram presentes com os mais preciosos dos seus produtos agrícolas expostos no grupo Escolar “Álvaro Machado”. O presidente e sua comitiva saem verdadeiramente impressionados e providências imediatas surgiram (Torres, 1996, p.4).

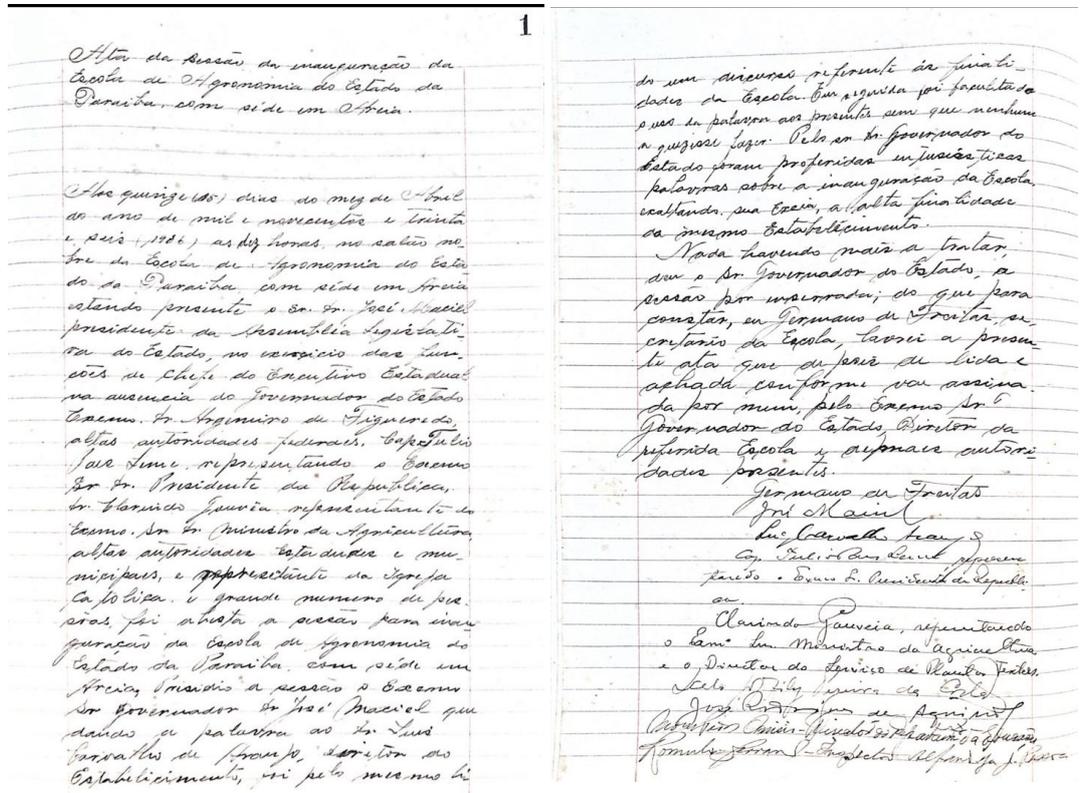
No jornal O Areiense, uma publicação de 1982, da autora Ezilda Milanez Barreto, apresenta em detalhes a recepção que a comitiva presidencial recebeu, no dia de lançamento da pedra fundamental da EAN com a presença do presidente Getúlio Vargas: “os pratos de comidas regionais como queijo fresco, tapioca, cuscús, pé de moleque, doce de côco, de caju, goiaba e banana, broinhas, sequilho, pão-de-lot [...], mesa rica em comedorias” (Barreto, 1982, p.2), com direito a banda tocando marchas, e o povo fazendo fileiras em volta dos carros.

Em 13 de janeiro do ano seguinte, é publicado o decreto de número 478 abrindo crédito especial de setecentos contos de réis destinados à aquisição de uma propriedade para a construção da escola agrícola, inicialmente chamada de Escola de Agronomia da Parahyba, e posteriormente Escola de Agronomia do Nordeste. Foi este o valor da compra da antiga propriedade do engenho “Várzea”, em 24 de janeiro de 1934, onde seria erguida a primeira escola de ensino superior da Paraíba, fora do ensino eclesiástico (Torres, 1996). O Engenho da Várzea foi vendido ao governo por Antonio Carlos de Almeida, tendo ele comprado do senhor Rufino Augusto de Almeida, sobrinho do Capitão Augusto Clementino, que com sua esposa, Arcanja Quitéria de Almeida e Albuquerque, foram os proprietários do lugar, sendo estes, trisavôs maternos de Tancredo Torres (Torres, 1994). Em 1936, a 02 de abril, pelo decreto de número 696, o governo Argemiro de Figueiredo anuncia a criação e apresenta o regulamento da instituição “Destina-se a Escola não somente ao estudo superior da Agronomia, mas à Extensão, à Pesquisa, a levar conhecimentos técnicos da Agricultura e da Zootecnia a todas as camadas envolvidas na agropecuária (Torres, 1996, p.5). A Escola realizaria também experiências sobre plantas e animais, estudos de pesquisas úteis à agricultura e à pecuária do Estado. Em 1936, mais créditos foram concedidos à EAN para seu funcionamento e inauguração, tanto pelo governo estadual quanto pelo governo federal.

Tancredo Torres afirma que antes do funcionamento como Escola Superior, e antes da inauguração, na instituição já havia sido implantado o Curso Fundamental em Agricultura (1936 a 1938) que formava administradores rurais e o Curso Médio em Agricultura, com dois anos de duração e depois passou a ter três anos de duração ao se tornar Curso Agrotécnico e mais tarde Colégio Agrícola (Torres, 1996).

A Escola foi inaugurada em 15 de abril de 1936, conforme figura de número 33 abaixo:

Figura 33 - Ata da sessão de inauguração da Escola de Agronomia



Fonte: Espólio FTT (1936).

A figura 33 acima é a página um e dois do livro de atas, no exposto, a ata da sessão de inauguração, assinando os que estavam presentes. O livro de atas registra as atas ordinárias e extraordinárias que aconteceram na instituição, até 1942. O primeiro diretor da instituição foi o professor Luiz Carvalho de Araújo, recrutado da Escola Superior de Agricultura de Viçosa, em Minas Gerais, de onde advém também o primeiro corpo docente da EAN. No ano seguinte, acontece o primeiro vestibular para o ensino superior, e em 1 de março, o início das aulas. Tancredo Torres descreve como foram os primeiros passos da EAN:

A Escola desenvolvia-se não somente no ensino como também em atividades correlatas. Promovia cursos extras e de férias para diretores de grupos escolares em férias, exposições agrícolas, festividades alusivas ao dia da árvore, competições esportivas e uma série de atividades outras que lhes davam razão de permanecer em evidência. O quadro docente ampliava-se de acordo com as necessidades didáticas. Entretanto, era muito reduzido o número de alunos. Nesta época inicial, como em outras, serviu o Curso Médio para lhe dar sustentação na matrícula (Torres, 1996, p.8).

Ainda no ano de 1937, em dezembro, é diplomada a primeira turma de 14 técnicos agrícolas. Em 1940, era diplomada a primeira turma de 8 engenheiros agrônomos³⁸, 4 deles tornam-se docentes da instituição, em 1941 apenas 9 e no ano seguinte, 3. É em 1940, de modo a dotar a Escola de condições mínimas exigidas, que biblioteca, laboratórios e instalações específicas são executadas (Xavier Sobrinho, 1986).

Agravando o número reduzido de alunos, em 1942, durante a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, parte dos alunos foi convocada para o treinamento nas Forças Armadas, bem como alguns professores. A situação foi revertida por ter a Escola se engajado em atividades subjacentes às operações de guerra: “a Escola projetou-se com o convênio junto à Comissão Brasileira de Gêneros Alimentícios mantida pelos Estados Unidos que sofriam dificuldades por escassez de gêneros dessa natureza para suas tropas sediadas em Natal no Rio Grande do Norte (Torres, 1996). Xavier Sobrinho (1986, p.50) complementa:

Uma horta de grandes proporções foi instalada em nossos campos e em terras do vizinho município de Remígio. [...] conseguiu em muito pouco tempo, atingir uma elevada produção de hortaliças que, a partir de Alagoa Grande, por via férrea, atingia a base militar em Natal. O feito consistiu boa contribuição ao esforço de guerra do País Xavier Sobrinho (1986, p.50).

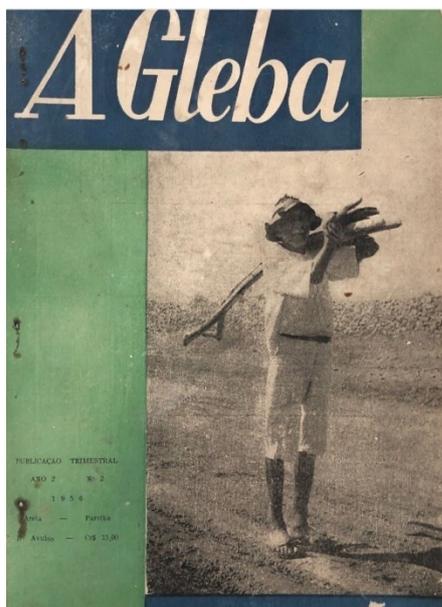
Em 1946, passa a funcionar na instituição a vila acadêmica, com casas para os alunos e um refeitório central. Neste período, havia apenas uma aluna, que depois torna-se professora da instituição, Niedja do Nascimento Melo (depois passa a chamar-se Niedja Nascimento Silva), primeira mulher a ser diplomada em agronomia na EAN e a segunda paraibana a seguir a mesma profissão. Até o ano de 1949, Lima (1985) afirma ser, do ponto de vista interno, a primeira fase da história da Escola, a qual compreende sua fundação, construção da sede e instituição do ensino do Curso Médio de Agricultura e do Curso Superior de Agronomia, sua equiparação à Escola Nacional de Agricultura e época do reconhecimento de seus cursos pelo governo federal (Lima, 1985).

³⁸ José Correia de Vasconcelos, Sebastião Bezerra de Araújo, Estélio Fonseca Ferreira, Afonso Macedo, José Belarmino Portela, Anastácio Pereira da Silva, José Avelino Batista, e Manoel Luiz Pinto (Lima, 1985, p.16)

Em 16 de janeiro de 1950 ocorre a federalização, pela Lei nº 1.055, e em 1968 ocorre a integração à Universidade Federal da Paraíba, pelo Decreto nº 62.717 (Torres, 1996). Este período compreende o que Lima (1985, p.8) afirma ser a segunda fase: “processo ordenado de consolidação interna [...], buscando a viabilidade financeira, a renovação e o crescimento de suas atividades acadêmicas; [...] de intensa atividade e movimentação em prol do desenvolvimento das ciências agrárias”.

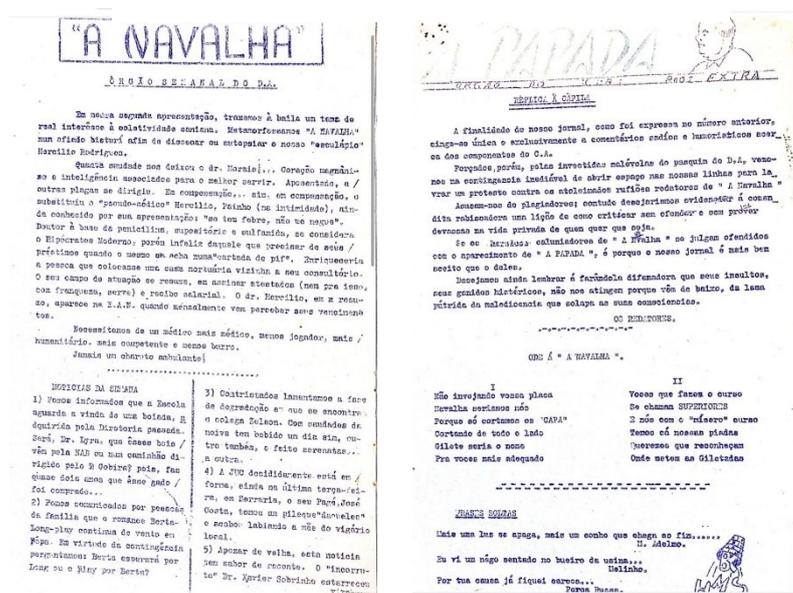
Em 1955, a instituição cria a primeira revista científica, A Gleba, com publicação trimestral, editada pelo diretório acadêmico. Abaixo, as figuras 34 e 35, ilustram a capa da revista Gleba, e, adicionalmente, apresentamos também capas de dois jornais que circularam na EAN, editados também pelo diretório acadêmico, todas foram encontradas no espólio Tancredo Torres.

Figura 34 - Revista A Gleba



Fonte: Espólio FTT (1956).

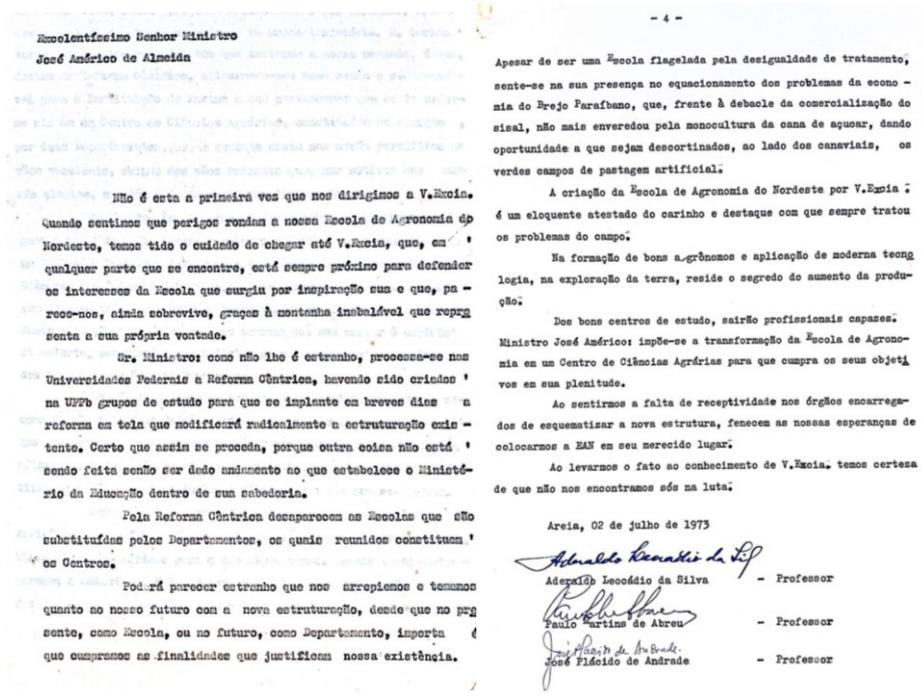
Figura 35 - Jornais "A Navalha" e "A Papada"



Fonte: Espólio FTT, [s.d].

A transformação de EAN para CCA vai ocorrer em 1978, porém muitos esforços foram ofertados para que isto viesse a acontecer. A EAN sempre se dirigia ao ministro José Américo de Almeida solicitando auxílio para garantir o pleno funcionamento da instituição, e, nesta nova fase, mais uma vez buscaram ajuda do ministro, conforme documento apresentado a seguir, na figura 36:

Figura 36 - Correspondência de professores da EAN para José Américo.



Fonte: Espólio FTT (1973).

No documento acima, (de quatro páginas, mas que aqui apresentamos apenas duas), a correspondência assinada pelos professores da EAN, Aderaldo Leocádio da Silva, Paulo Martins de Abreu e José Plácido de Andrade, dirigiam-se a José Américo para solicitar auxílio do ministro para que a EAN se transforme em CCA “para que cumpra seus objetivos em sua plenitude”.

Em 1978, torna-se Centro de Ciências Agrárias, período de enorme esforço para implantação das metas de transformação da EAN para CCA. Nesta terceira fase, Lima (1985, p.8) relata que a instituição registrara “diversificação de suas atividades funcionais e universitárias dentro do contexto das grandes transformações da sociedade”.

Uma das contribuições significativas que essa instituição oferece para a sociedade é o herbário Jayme Coelho de Moraes Vasconcelos, ex-professor da instituição. A história da EAN/CCA não poderia ser contada sem a presença deste nobre professor que, também tendo sido aluno da EAN, dedicou sua vida a botânica, deixando 2.294 espécies classificadas e determinadas. Em homenagem a ele, por sua descoberta de uma nova espécie, a planta popularmente chamada de “malícia barba de bode”, foi classificada como “Coelho-de-Moraesii”. Teve outro exemplar colhido e classificado por ele, e que o homenageou também por sua descoberta,

mas ele não conseguiu ver em vida: *Xyris moraesii*. Além dessas descobertas, Jayme também é responsável por outras: *Gossypiospermum crimearum*, *Terminalia camuxa* e *Terminalia mameluco*, *Lantana pernambucensis*, *Aecmea steliger*, *Hygrophila paraibana* e *Chaetocalyx scandens* (Torres, 1994, p.6, 1988a).

Tancredo Torres afirma que a predição de José Américo de Almeida se cumpriu quando o ministro afirmara que se a escola não servisse para outra coisa, serviria para casar as suas conterrâneas, nas quase cinco primeiras décadas, fato este provado com os muitos casamentos que surgiram, mais de 150, os quais Dona Júlia Leal, professora de José Américo, enviava anualmente para ele a lista de casamentos realizados (Torres, 1994, 1996).

Atualmente o Centro de Ciências Agrárias conta com sete cursos de graduação, agronomia, zootecnia, medicina veterinária, química (bacharelado e licenciatura), e ciências biológicas (bacharelado e licenciatura), e cinco cursos de pós-graduação, agronomia, ciência animal, ciência do solo, zootecnia e biodiversidade. A seguir, imagem atual do estabelecimento, na figura 37:

Figura 37 – Centro de Ciências Agrárias.



Fonte: Oliveira (2020).

5.1.4 Grupo Escolar Carlota Barreira

Com ensino de “1º grau” (hoje ensino fundamental I), o Grupo Escolar Carlota Barreira, grande obra da Paróquia, foi inaugurado em 26 de maio 1968 pelo Monsenhor Ruy Barreira Vieira, por assim, pertenceu à Paróquia. A instituição que leva o nome da genitora do Monsenhor Ruy, teve como objetivo a educação gratuita do ensino primário a 800 crianças. Com recursos conseguidos de católicos europeus foi construído um grande prédio, instalando o grupo escolar.

No evento de inauguração o pároco em seu discurso registra sua gratidão:

em sacrifícios e vigílias, custou-me muito mais, mas dentro de mim reina uma alegria imensa, compensadora porque, através da instituição recém-inaugurada e orientada para a promoção das crianças pobres de minha paróquia, prestei a melhor das homenagens à memória da querida santa mamãe (Vieira, [s.d.], apud Torres, 1990a, p.178).

Monsenhor Ruy comenta os primeiros passos para criação da Escola: “[...] as Escolas Reunidas Pe. Ibiapina, em pouco tempo, se tornaram pequenas para atender aos que procuravam matrícula. Foi aí que, surgiu a ideia da Escola. [...] a Escola Carlota Barreira é uma grande vitória de minha atuação em Areia” (Vieira, apud Torres 1988a, p.363). A seguir, nas figuras 38 e 39 imagens do Carlota Barreira, obtidas do espólio de Tancredo Torres:

Figura 39 - Capela da escola Carlota Barreira.



Fonte: Espólio FTT, [s.d.].

Figura 38 - Descerramento do quadro com o retrato de Carlota



Fonte: Espólio FTT, [s.d.].

Na figura 38 acima, a imagem da Capela da Escola, que tem como padroeira Nossa Senhora das Vitórias. E na figura 39, o Monsenhor Ruy Vieira com a professora Maria das Vitórias Silva descerramento o quadro com o retrato de Carlota Barreira, patrona da Escola e mãe dele.

O Grupo Escolar Carlota Barreira foi promovido pelo Governo da Paraíba, passa a funcionar com o ensino fundamental e médio e é chamado desde então por Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, em funcionamento até os dias atuais.

5.2 A IMPRENSA

Como anteriormente apresentamos um panorama de como se desenvolveu a educação na cidade, agora podemos apresentar um pouco da imprensa, pois para ter jornais é preciso ter uma população letrada. Além disso, é preciso também dispor de outras condições culturais. A imprensa não se dá por acaso, ela pressupõe um certo grau de desenvolvimento de forças produtivas. Hallewell faz uma análise semelhante quando fala sobre o livro, ao afirmar que ele existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos e que, em relação ao seu aspecto gráfico, “[...] é o encontro da estética com a tecnologia disponível (p.31,2017).

Os jornais são uma história à parte na narrativa dos lugares. Eles registram muitas atividades do município, como o próprio dia a dia, acontecimentos, eventos, fatos, desenvolvimento, anúncios, publicam matérias e escritos de autores locais. Já dizia Machado de Assis: “O jornal [...] é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana” (Assis, 1859, p.4).

Com sua fama de pioneirismos, habitualmente percebemos informações sobre Areia ter sido a primeira cidade do estado a usar o jornal impresso, informação esta que é divulgada, como curiosidade, no próprio site da prefeitura da cidade³⁹ e por isso facilmente replicada. Para pensarmos a circulação dos impressos no município, é importante a informação da chegada da impressão no estado:

³⁹ <https://areia.pb.gov.br/historia/>

Supõe-se que um prelo foi recuperado de um brigue inglês que naufragara nos rochedos do Cabo Branco, o ponto mais oriental da América do Sul, apenas seis quilômetros distante da atual localização de João Pessoa (como se chamou a capital do estado após 1930). Há relatos de que esse prelo foi usado para imprimir o jornal antisseparatista *O Português*. O historiador local Eduardo Martins faz remontar a origem desse jornal a *O Português, ou Mercurio Político, Commercial & Litterario*, publicado entre 1814 e 1821, em Londres – como o *Correio Braziliense* – e proibido pelo governo português [...]. Martins apresenta uma ordem real de 25 de junho de 1818, endereçada ao governo da Paraíba do Norte, que aparentemente se refere ao jornal de Londres – pois proíbe sua “entrada” e sua “circulação”. O historiador sugere que a confusão surgiu porque, depois de importado, sua circulação era propiciada ou por cópias feitas a mão ou por sua reimpressão “na Tip. Munisipal” (sic) (Hallewell, 2017, p. 210-211).

Assim, a partir dessa ordem real, é autorizado o prelo, mas recusada a possibilidade de impressão de cópias de um jornal original. Portanto, a historiografia reconhece a existência do jornal, mas não em relação à sua circulação. O autor também afirma ser o jornal da província, *Gazetta do Governo da Paraíba do Norte*, em 1826, o **primeiro jornal**, sendo impresso pela Typographia Nacional da Parahyba, três anos depois do segundo prelo ser instalado pelo governo, em março de 1823 (Hallewell, 2017). Um ano depois, a oficina foi fechada, com a mudança de governo, e as impressões passam a ser feitas na cidade de Recife. Entre 1828 e 1829, circula o segundo periódico da província, a *Gazeta Parahibana*, publicado por Antonio Borges da Fonseca (Peixoto, 2017). A autora relata ainda em sua pesquisa outros jornais, dezenas de títulos, que foram publicados até 1860 na capital do estado, refutando qualquer hipótese do título pioneiro de Areia a respeito do jornal impresso. Em 1862, circula “O Publicador”, mais precisamente em 1 de setembro, propriedade de José Rodrigues da Costa, sendo o primeiro diário publicado com regularidade na Paraíba, tendo como seu redator o padre Lindolfo Corrêa, publicava-se diariamente (Martins, 1978.)

Tancredo Torres conta que desde 1877 já existia em Areia a imprensa escrita, era seu primeiro jornal a circular na cidade, o “Areiense”, fundado por Júlio e Joaquim da Silva. Depois circula na cidade, em pequeno período “O Século” em 1883, sob direção de Alfredo Moreira Gomes, “A Educação”, datando de 1886, e “Verdade” (abolicionista) de 1888, de mais longa duração, circulando até 1895 (Torres, 1990b, p.8). “A Escola” em 1890, lançada por integrantes do meio estudantil (Medeiros, 2021) e “O Democrata”, órgão literário, noticioso e político, circulou de

1892 a 1895, sob direção de Firmino Costa, (Torres, 1999b, p.9). Em 1894 surge “O Mosquito”, jornal humorístico e “A Palavra”, jornal que teve curta duração (Medeiros, 2021), e no ano seguinte, em 1895, surge o jornal “Libertador”. Em 1899, é publicado o jornal “Cidade de Areia”, e em 1900 “A Evolução”. 1909 surge o “Correio da Serra”, 1911 “O Centro”, 1917 “A Ronda”, 1927, “O Luzeiro” e em 1936 “O Educador”. Em 1946 circula o jornal “O Século”, “periódico de pequeno feitio e muito grande no que encerra” (Torres, 1999c, p.7), fundado em junho de 1946 por Antônio Benvindo de Vasconcelos, cuja circulação era em dias de sábado:

O seu jornal foi não só um veiculador das notícias e desenvolvimento da atualidade como serviu de tribuna para relembrar os momentos da grandeza areiense, a reportar-se sobre as lutas de 1817, 1824, 1848, os seus artistas, as expressivas lideranças políticas com os seus triunfos e denominações sobre a Paraíba, as suas conquistas educacionais, enfim, as suas glórias e suas vitórias. Por ele apresentou aos areienses a galeria dos seus filhos imortais, aos grandes panegírios nas aposições dos retratos deles no pequeno panteon que é a Galeria dos Areienses Ilustres” (Torres, 1999c, p.8).

O jornal dura 3 anos, chegando ao seu último número em 11 de junho de 1949, encerrando sua trajetória, por questões financeiras. Em 1977 surge o “Diário Oficial do Município”, de 1979 a 1984 “O Areiense”. “O Jubileu” em 1980, a partir de 1985 “Cidade”, e em 1987 “O Cinquentenário” e “O Jubilar” (Torres, 1990b, p.8). Mesmo que os jornais da cidade só tenham circulado na segunda metade do século XIX, muito antes disso, notícias sobre a cidade de Areia, à época, Brejo de Areia, já circulavam em jornais brasileiros, como apresenta Medeiros (2021) em sua pesquisa.

O jornal “O Areiense”, de 1979, merece maior atenção nossa, uma vez que ele foi fundado por Padre Ruy Barreira Vieira e idealizado e organizado por Tancredo Torres. Ele nos relata como foram os passos iniciais do jornal: estava na intenção de fazer um “jornalzinho” em segredo, como forma de homenagem ao Padre Ruy, por ocasião dos 30 anos de paróquia do cônego. Acontece que a notícia é vazada e o Padre Ruy descobre, convidando Tancredo Torres a criar um jornal para Areia.

O convite foi aceito, houve uma reunião inicial com outras pessoas convidadas para definir o projeto. Seria realizada a impressão do jornal nas oficinas do artesanato Dom Adauto, tendo o Padre Ruy como diretor, o professor

universitário Manoel Gouveia da Costa, como redator, Tancredo Torres como secretário, e o vice-prefeito da cidade à época, José Alves de Lima, como tesoureiro, Depois Maria do Carmo Souza, assume a revisão, ficando no jornal até dezembro de 1981, quando faleceu a 28 de dezembro daquele ano. O jornal custava Cr\$ 15,00, a assinatura em Areia Cr\$ 250,00 e em outros lugares Cr\$ 300,00.

Tancredo Torres tinha uma coluna fixa no jornal, chamada “Vultos Areienses”, a qual transcrevemos para este trabalho todos os números e disponibilizamos nos anexos D, desta forma, não só indicamos, como também apresentamos na íntegra parte dos escritos de Tancredo Torres. É importante mencionarmos que a transcrição foi feita tal qual o texto é apresentado, portanto, a escrita obedece ao original. Além da transcrição do texto, buscamos fotografias dos personagens, pois nem todas as fotografias estavam impressas nos jornais. De fato, não foi possível encontrar a de todos os homenageados. Além disso, fizemos uma composição gráfica na ferramenta Canva⁴⁰, para apresentar melhor o conteúdo.

Sem dúvidas, esta é uma valiosa contribuição para, fazendo uma analogia ao título do trabalho “véu do tempo”, revelar aquilo que esteve oculto, coberto, os “vultos”; lacunas de memórias que agora poderão ser preenchidas a partir dos personagens, suas histórias e seus feitos, registrados por Tancredo Torres. A seguir, no quadro 4, uma listagem dos vultos areienses que poderão ser acompanhados no produto disponibilizado em anexo:

Quadro 4 - Lista dos Vultos Areienses

	Ano do Jornal	Número	Data de Publicação	Vultos Areienses
1	2	01	18 de maio de 1980	Monsenhor Jerônimo César
2	2	03	27 de julho de 1980	Antônio Pereira dos Anjos
3	2	04	31 de agosto de 1980	D. Aduacto
4	2	05	28 de setembro de 1980	João Lourenço
5	2	06	26 de outubro de 1980	Rita Ramalho
6	2	07	30 de novembro de 1980	Ana Emília da Silva (Nenem)
7	2/3	08/09	Dezembro 1980/janeiro 1981	João Serrão
8	3	10	28 de fevereiro de 1981	José Evaristo da Cruz Gouveia
9	3	11	29 de março de 1981	Cônego Odilon Benvindo
10	3	12	31 de maio de 1981	Antonio Benvindo de Vasconcelos
11	3	13	30 de junho de 1981	Monsenhor Coêlho
12	3	14	26 de julho de 1981	Aurélio de Albuquerque
13	3	15	30 de agosto de 1981	Leônidas Santiago
15	3	16	27 de setembro de 1981	Rita Barreto
16	3	17	25 de outubro de 1981	Aurélio de Figueiredo
17	3	18	29 de novembro de 1981	Monsenhor Walfredo

⁴⁰ www.canva.com

18	3	19	25 de dezembro de 1981	Ranulfo Cunha França
19	4	20	28 de janeiro de 1982	Carminha Souza
20	4	22	28 de março de 1982	Monsenhor Jerônimo César
21	4	23	25 de abril de 1982	Madre M ^a Inviolata
22	4	24	30 de maio de 1982	José Calazêncio Dantas
23	4	25	30 de junho de 1982	José Berardo dos Santos Leal
24	4	26	25 de julho de 1982	João Soares
25	4	27	29 de agosto de 1982	Rosa de Jesus
26	4	28	26 de setembro de 1982	Antonio Salviano
27	4	29	31 de outubro de 1982	Abel da Silva
28	4	30	28 de novembro de 1982	Ábdon Felinto Milanez Filho
29	4	31	26 de dezembro de 1982	Franklin Tupinambá
30	4	32	30 de janeiro de 1983	Bento Victório
31	4	33	27 de fevereiro de 1983	Padre Ibiapina
32	4	34	27 de março de 1983	Padre Ignácio de Almeida
33	4	35	24 de abril de 1983	Plínio Lemos
34	4	36	29 de março de 1983	Camilo Ribeiro
35	4	37	26 de junho de 1983	Maria do Rosário
36	4	38	31 de julho de 1983	Horácio de Almeida
37	4	39	28 de agosto de 1983	Fausto Benjamim da Cruz Gouveia
38	4	40	25 de setembro de 1983	Felix Antonio
39	4	41	30 de outubro de 1983	Crispim Antonio de Miranda Henriques
40	4	42	27 de novembro de 1983	Manoel Correia Lima
41	4	43	25 de dezembro de 1983	Claudino Leal
42	5	44	29 de janeiro de 1984	Cônego Tobias Victório
43	5	45	26 de fevereiro de 1984	Severino Patrício
44	5	46	25 de março de 1984	D. Santino Maria da Silva Coutinho

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na coluna, Tancredo Torres apresentava suas pesquisas históricas de personagens da cidade, muitas vezes esquecidos e/ou invisibilizados, daí o trocadilho “vultos”. O jornal era mensal, sempre publicado no fim de cada mês. Teve seu primeiro número publicado em 19 de novembro de 1979, não circulando no mês seguinte, dezembro, voltando a ser publicado em 18 de maio de 1980, e encerrando suas atividades com o número 46, de 25 de março de 1984.

O jornal chega ao fim, também por questões financeiras. Tancredo Torres comenta sobre o encerramento da publicação:

Além das despesas sem retorno com a confecção do jornal, sobreveio ao Vigário, grande desgosto pela falta de compreensão dos paroquianos para ajudarem na manutenção do jornal que somente engrandecimento trazia a Areia. Era um marco do passado e do presente desta terra. [...] Foi com muita tristeza, como já acontecera ao “Século” e outros jornais areienses que este porta-voz da Comunidade paroquial saiu de circulação (Torres, 1990a, p. 243).

Além destes jornais citados, outros comemorativos foram lançados, inclusive por Tancredo Torres, que, como já apresentamos, tinha o costume de escrever

jornais comemorativos para datas de nascimento, centenário de morte, novenários, entre outros. No espólio de Tancredo Torres, encontramos a coleção do jornal “O Areiense”, quase que completa, com exceção de três números.

5. 3 A MÚSICA EM AREIA

Em 1820 aporta em Areia Manoel de Cristo Grangeiro de Melo, compositor sacro, com sua família, Tristão, Daniel Eduardo, Zeferino, Maria do Rosário Brasileira de Melo (Bahia) e Claudina Joaquina de Albuquerque e Melo, todos filhos seus, por ocasião de melhores climas para saúde de sua esposa (Torres, 2001). Juntos, formam “um grupo especializado na música e no canto, na arte de manusear com maestria vários instrumentos musicais e a dominar no solfejo, no canto, na orquestração e nas diversas facetas desta harmoniosa atividade” (Torres, 1997a, p.6).

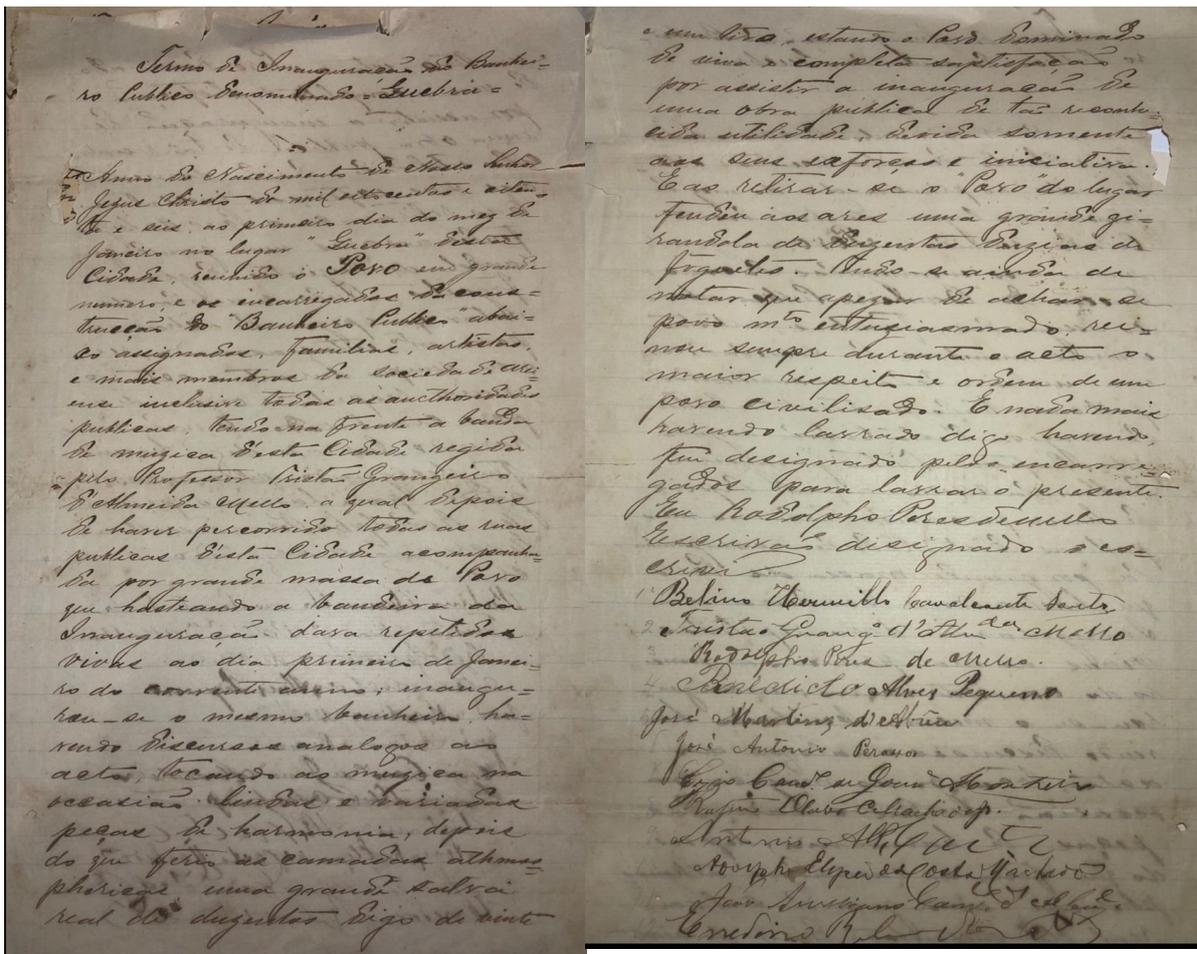
Tancredo Torres afirma que a partir daí é modificado o panorama musical da cidade que vai passa a contar daí para frente com orquestras, coros, canto, banda de música e composições (Torres, 1997a). Em 1847, Manoel de Cristo organiza a primeira banda de música da cidade, a Abdon Milanez. O nome da banda é uma homenagem a Ábdon Felinto Milanez Filho, engenheiro civil, musicista, político, natural de Areia, nasceu em 10 de agosto de 1858, e foi diretor do Instituto Nacional de Música. Atuou ao lado de destacados compositores nacionais, conseguindo grandes triunfos com suas produções musicais e artísticas, com destaque a composição “Hino do Estado da Paraíba”, composição sua com Aurélio de Figueiredo.

Em 1856, com o falecimento de Manoel de Cristo, seu filho Tristão cria a Sociedade Phoenix Musical Areiense, dirigindo a Banda Phoenix por três décadas e que mais tarde torna-se a banda Ábdon Milanez. Tristão era tenor, compositor e seresteiro (Torres, 2001). São algumas de suas composições “Missa de Santa Cecília, Gigante de Pedra, Manoel da Silva, Os Bravos de Areia e muitas marchas, dobrados, valsas, novenas e outras peças” (Torres, 2001, p.31).

Tristão Granjeiro de Almeida, também é conhecido pelo marco do banheiro público “Quebra”. O banheiro recebeu esse nome justamente por ficar na grotta de mesmo nome e foi inaugurado, em 1 de janeiro de 1886, e oportunizava banho

público (Torres, 2001). O Quebra foi o nome dado a uma das grotas que circundavam a cidade. A mais procurada pela qualidade de suas águas nascentes ao pé da serra e que empresta o nome ao banheiro público. Abaixo, na figura 40, o Termo de Inauguração do Banheiro:

Figura 40 - Termo de Inauguração do Banheiro Público do Quebra



Fonte: Espólio de FTT (1886).

O Termo de inauguração do banheiro público, denominado Quebra, foi redigido pelo escrivão Rodolpho Pires de Mello, em 1886, com a lista dos 90 homens encarregados da construção. Segundo Medeiros (2021, p. 92) o banho na fonte do “Quebra” era algo indispensável para qualquer visitante da cidade: “após banhar-se nas águas dessa fonte, o forasteiro era considerado areiense honorário”. Por ocasião da inauguração, Tristão vibrou, desfilou com a banda, e banhou-se durante todo o dia, contraindo uma pneumonia e falecendo poucos dias depois.

As religiosas francesas da Sagrada Família de Rodat foram promissoras ao difundir os conhecimentos musicais, de 1911 a 1920, da música erudita. Mais tarde, as irmãs alemãs de Dillingen, com presença na cidade desde 1937 também aquecem o cenário musical da cidade com a música erudita. Uma delas, a Madre Inviolata, já premiada em Munique e ex-primeira mestra de música da Casa-Mãe das Franciscanas de Dillingen, assume as aulas de música e canto (Torres, 1988b). Piano, violino, acordeon, harmônio, solfejo e canto são ensinados no colégio Santa Rita pelas Irmãs. Num documento encontrado no espólio de Tancredo Torres, é descrita numa carta, redigida por Irmã Carolina Schwarz, em 1946, dirigida à Superiora Geral, em que narra: “Nossa escola de música é bem frequentada, com 55 alunas de piano, 10 de violino, 4 de harmônio. Ir. Inviolata dá 14 aulas de canto por semana, 8 de piano, 10 de violino, 1 de harmônio” (Sobre a música no Colégio Sta. Rita, [s.d.]

Tancredo Torres conta que na década de 40 a cidade era transformada pela música:

Era pequenina cidade europeia onde predominava a música clássica. A mocidade estudantil do Colégio Santa Rita de outros educandários locais inclusive a Escola de Agronomia do Nordeste, já sabia da existência dos grandes compositores como se fossem patrícios seus. O elenco de peças apresentadas nas grandes solenidades, festivais e horas de arte para visitantes ilustres e em todas as apresentações lítero-musicais eram: Bach, Mendelssohn, Haydn, Beethoven, Verdi, Vivaldi, Liszt, Chopin, Rachamanninof, Tchaicovsk, Wagner, Mozart e tantos outros estrangeiros e nacionais (Torres, 1988b, p.10).

Em 1956, a EAN forma um grupo com os próprios alunos e a instituição para constituir sua primeira orquestra. De 1956 a 1960, a cidade acompanhou o coral Madrigal, de existência um tanto efêmera, o grupo fez muito sucesso (Torres, 1988b). Em 1961, surgiu o Conjunto Tropical, organizado por Antonio da Costa Maia. Em 1970 nasce o coral Madre Inviolata sob a direção e regência da compositora e maestrina Silva Perazzo Barbosa. Posteriormente, o nome do coral é mudado para Coral do NEC (Núcleo de Extensão Cultural), agora pertencendo ao Centro de Ciências Agrárias, UFPB, existindo até 1991 (Torres, 1988b). Em 1976, o maestro Genival Medeiros organiza e registra seu conjunto musical denominado Genival Medeiros e Sua Orquestra, o qual se “destinava a festas e mais ainda ao

carnaval” (Torres, 1988b, p.18). Em 1984 surge outro grupo, o Conjunto Instrumental, também regido por Silva Perazzo Barbosa.

5.4 FILHOS DE AREIA

A cidade de Areia revelou grandes nomes nas diversas áreas, homens e mulheres que muito contribuíram para a grandeza histórica da cidade. Tancredo Torres chega a listar muitos deles: a) No clero – Dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo e primeiro arcebispo da Paraíba, e Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque; b) Na política – José Evaristo da Cruz Gouveia, primeiro médico areiense, João Gonçalves Coelho Lisboa, Antonio Simeão Leal, José Américo de Almeida, Elpídio de Almeida, Horácio de Almeida, entre outros; c) Nas artes – Pedro Américo de Figueiredo e Melo e Francisco Aurélio Cirne de Figueiredo e Melo; d) Na música – Ábdon Felinto Milanez Filho; e) Nas letras como latinistas – Manoel Cassiano da Costa Pereira, Joaquim José Enrique da Silva, José Berardo dos Santos Leal, Cyro Cândido de Gouveia Monteiro e Américo Perazzo; f) Educadores – Júlia Verônica dos Santos Leal, Francisco Xavier Júnior, Maria Emília da Silva (Nenem), Carminha Souza, Bento Vitório Barbosa Torres, Ezilda Milanez Barreto, Ana Umbelina Cavalcante, entre outros; g) Escritores – Horácio de Almeida, Pedro Américo de Figueiredo e Melo, Aurélio de Albuquerque, Ezilda Milanez Barreto, José Américo de Almeida, entre outros (Torres, 1990b).

Impossível neste estudo explorar a vida e obra desses personagens, embora Tancredo Torres tenha escrito sobre muitos deles. A seguir, serão apresentados alguns deles.

5.4.1 Pedro Américo

Filho ilustre, Pedro Américo de Figueiredo e Melo levou, bem distante e às culminâncias da glória, o nome de sua terra natal. Foi com a maestria do seu pincel, e com toda técnica na pintura, que ele registrou em grandes telas as maiores batalhas que o Brasil viveu, entre muitos dos seus quadros, registramos aqui alguns deles: a *Batalha do Avaí* (abrigada na Escola de Belas Artes), a *Batalha de Campo*

Grande (localizado no Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva, no Rio de Janeiro), *Independência do Brasil* (que se encontra no Museu do Ipiranga), o *Esquartejamento de Tiradentes* (está localizado na prefeitura de Ouro Preto, em Minas Gerais) e o seu primeiro quadro – *A Carioca*, (presente dado pelo imperador brasileiro a Alemanha, que, segundo consta, fora destruído durante a Segunda Guerra Mundial), “onde pôs a sua genial interpretação em traços e em cores da mulher brasileira” (Torres, 1999b, p.1).

Pintava a natureza, a fauna e flora, seus tipos mais característicos, numa variedade de trabalhos que espalham-se, enriquecendo museus nacionais e estrangeiros” (Torres, 1999b): “Mais de uma centena de telas de maior relevo e expressão causaram a admiração do mundo. Nelas, fixou pessoas, animais, tipos humanos, histórias bíblicas e mais que tudo a história nacional brasileira que lhe deu maior valor (Torres, 1993, p.5)”. Além de pintor, foi político e escritor, sendo sua obra de maior destaque *O Holocausto*.

Seu irmão Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello foi outro grande mestre da pintura, com destaque as grandes obras “O Baile da Ilha Fiscal, O copo D’água que figurou o selo postal nacional e o Juramento Constitucional que constou no verso da última nota de quinhentos cruzeiros” (Torres, 1990a, p.13, 2001, p.22).

Pedro Américo nasceu em 29 de abril de 1843, filho de Daniel Eduardo de Figueiredo e Melo e de Feliciano Cirne de Figueiredo. No seu livro, “Pedro Américo” (2001) o historiador Tancredo Torres registra toda a genealogia da família e fala sobre a descendência israelita do pintor. Pelo lado materno, tinha sangue português, e pelo lado paterno, seu pai Daniel “não ocultada a origem israelita e mesmo fazia questão de proclamar que era um judeu “caldeado” (Torres, 1993, p.5).

Os holofotes nacionais caem em Pedro Américo quando, numa expedição governamental, em 1852, tem-se a informação de que nas terras do brejo paraibano havia um garoto cheio de talentos, em especial para a pintura. No ano seguinte, sob o comando de Louis Jacques Brunet e do desenhista alemão Herr Bindseil Pedro Américo é levado aos 10 anos de idade como desenhista na expedição. Diante da comprovação da genialidade para o desenho de Pedro Américo, os dois estrangeiros comunicam ao governo provincial que logo se apressou em solicitar do governo imperial aproveitamento do menino prodigioso (Torres, 2001). Em 1856, Pedro Américo consegue aprovação para sua entrada na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, e três anos depois, em 1859, com apenas 16 anos de idade,

partiu para França (Torres, 2001): “A Academia de Belas Artes nacional não permitia a sua permanência em virtude de não mais realizar concurso para o “prêmio de Roma” e, assim, resolvera obter licença de seu digno protetor Pedro II para viajar ao velho mundo” (Torres, 2001, p.69).

Há muitas cartas de Pedro Américo a amigos e autoridades no Brasil, publicadas no livro de Tancredo Torres, relatando sua dificuldade de se manter em terras distantes, pedindo ajuda, solicitando pensão para terminar seus estudos. Bem como cartas a seus familiares, como as tias Bahia e Dondon. Antes de completar o curso, ele passou para o cargo de professor de desenho na Academia de Belas Artes e foi nomeado em 1865, motivo que o fez regressar ao Brasil.

O pintor falece em 7 de outubro de 1905, em Florença e seus restos mortais vieram para o Brasil em 1906. Depois de alguns dias no Rio de Janeiro, em 28 de abril, seu corpo chega a Paraíba e em 9 de maio, é enterrado na capital e por lá permaneceu por 37 anos até ser trasladado para Areia, em 26 de abril, de 1943, e em 27 de abril teve finalmente o sepultamento, cumprindo seu desejo (Torres, 2001).

Hoje na cidade há a Casa Museu Pedro Américo, criada na residência onde nasceu o artista, inaugurada em 29 de abril de 1943, por ocasião do seu centenário de nascimento. Ela abriga algumas obras do pintor, original e cópias, escritos, documentos, fotografias, jornais, documentos pessoais, e objetos que pertenceram a Pedro Américo, como seus pincéis e palhetas.

5.4.2 Horácio de Almeida

Horácio de Almeida (1896 – 1983), um dos maiores intelectuais da Paraíba, é um importante personagem natural da cidade de Areia. É dele o livro “Brejo de Areia: memórias de um município”, escrito em 1958, uma das mais importantes obras da historiografia paraibana, em que narra a história da cidade de Areia e sua importância para o cenário político, econômico e cultural, além de outros livros em que o intelectual amplamente escreve sobre o estado da Paraíba. Colaborou com diversos jornais, fez partes e algumas entidades intelectuais, tanto no seu estado natal, quanto em outros estados do Brasil.

Além de escritor, exerceu a profissão de advogado e trabalhou em alguns cargos políticos. Durante muitos anos, Horácio foi um exímio bibliófilo, colecionando

milhares de livros que depois de seu falecimento, seu filho Átila de Almeida da continuidade a coleção e que hoje se encontra na Universidade Estadual da Paraíba, é a chamada a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida.

Tancredo Torres pouco escreveu sobre Horácio de Almeida. Ele, na verdade registrou a história de Horácio a partir de outros documentos como a fotografia e correspondências trocadas com a família de Horácio de Almeida, documentos, estes que são encontrados com bastante frequência no espólio de Tancredo Torres. Possivelmente, Tancredo Torres estava reunindo toda esta documentação sobre Horácio de Almeida para publicar algum escrito seu. Tamanha importância deste personagem, como já fora apresentado, parte de sua história narrada no espólio, será aqui registrada a partir das fotografias e correspondências encontradas, como as que seguem na figura 41 abaixo:

Figura 41- Horácio de Almeida e amigos.



Fonte: Espólio FTT (1932).

Nesta figura 41 de Horácio de Almeida (o primeiro da direita para a esquerda), ainda jovem, aparecem outros homens. Conforme recuperado, foram identificados dois, o José Tavares e Verguiand Wanderley (o primeiro e o segundo da esquerda pra direita, respectivamente). Verguiand Wanderley, natural de Campina Grande (PB) teve um papel político importante ao país, exercendo cargos como promotor, juiz, chefe de polícia, prefeito da cidade de Campina Grande, senador e ministro.

A seguir, na figura 42, a fotografia do lançamento do livro de Horácio de Almeida, “Dicionário Erótico da Língua Portuguesa”. A foto é datada em 14 de março de 1980, no Rio de Janeiro. No verso da fotografia consta a assinatura de Horácio de Almeida e informações sobre a fotografia. Há ainda outras fotos de Horácio de Almeida neste evento de lançamento do seu livro.

Figura 42 - Lançamento do Livro “Dicionário Erótico da Língua Portuguesa”.



*Lançamento do
Dicionário Erótico da Língua Portuguesa
Rio, 14 de Março de 1980
H. de Almeida*

Fonte: Espólio FTT (1980).

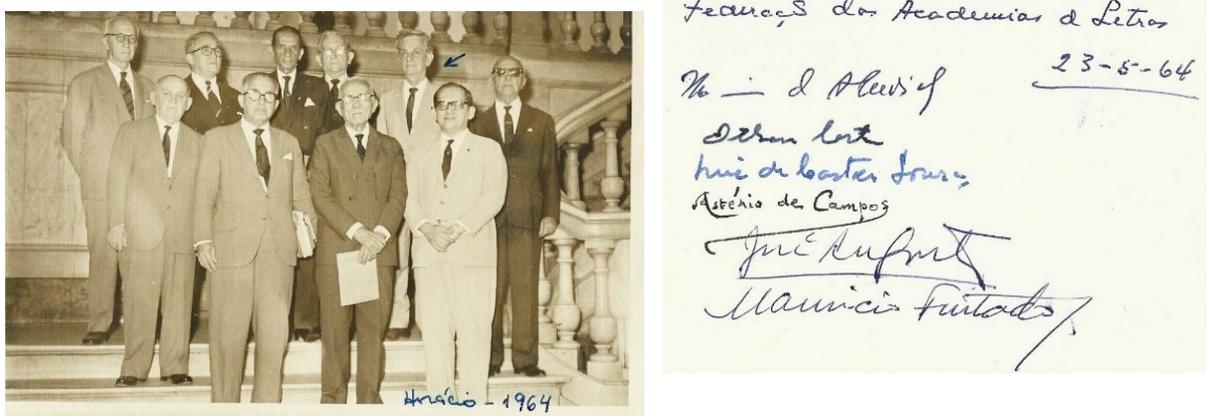
O livro, publicado em 1980 e rapidamente, apenas dois anos depois, em 1982, lançado uma segunda edição, surge a partir de reunião aos sábados no Rio de Janeiro com amigos, como o Carlos Drummond de Andrade. O dicionário reunia vocábulos e expressões populares dos paraibanos. Em 1979, Horácio já tinha lançado o “Dicionário Popular Paraibano”, este, agora, erótico, rendia críticas por confrontar a sociedade conservadora à época (Nascimento, 2010).

Outro livro importante escrito por Horácio de Almeida e que também está registrado seu lançamento em fotografias é o “História da Paraíba”, volume II, lançado em 1978, 12 anos depois do volume I, que foi lançado em 1966. Os livros detalham sobre a conquista do território Paraibano “As explicações da conquista pelos portugueses à invasão holandesa constariam na primeira parte, sendo a segunda referente ao período da ocupação holandesa e o avanço da colonização para o interior da capitania (Nascimento, 2010, p.35).

Outra fotografia importante para apresentar neste estudo, é a próxima (número 43), além de outras existentes no acervo, que narra uma das atividades de intensa dedicação de Horácio de Almeida, a Federação das Academias de Letras do

Brasil, no Rio de Janeiro. A Federação das Academias de Letras do Brasil (FALB) foi fundada em 1936 no Rio de Janeiro. A FALB é uma associação cultural e literária “de caráter civil e de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e financeira, que reúne academias de letras estaduais, regionais e municipais [...] (Federação das Academias de Letras e Artes do Estado de São Paulo, 2023)”.

Figura 43 - Federação das Academias de Letras do Brasil



Fonte: Espólio FTT (1964).

Horácio toma posse na FALB em 1962. Esta fotografia é de 23 de maio de 1964 e apresenta integrantes da Federação das Academias de Letras do Brasil. No verso da fotografia é possível perceber assinaturas de alguns personagens que aparecem na foto: Horácio de Almeida, Othon Costa, Luiz de Castro Souza, Astério de Campos, José Augusto e Maurício Furtado. Há outras fotografias da FALB em 1970, registrando um evento.

Horácio de Almeida sempre buscou fazer parte de instituições intelectuais e espaços produtores de arte, cultura e literatura, participando, além da Federação das Academias de Letras do Brasil, foi também membro fundador da Academia Paraibana de Letras, da Academia Brasileira de Literatura, participou da Academia Carioca de Letras do Brasil (inclusive foi presidente), fez parte da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (Nascimento, 2010).

A figura 44 abaixo ilustra o evento de fundação da Academia Paraibana de Letras:

Figura 44 - Fundação da Academia Paraibana de Letras.



Fonte: Espólio FTT (1941).

Nesta fotografia se encontram, sentados da esquerda para a direita, Hortênsio Ribeiro, Matias Freire, Coriolano de Medeiros, Horácio de Almeida e Álvaro de Carvalho, e em pé, Celso Mariz, Durval de Almeida, A. Rocha Barreto, Veiga Júnior e Luis Pinto, fundadores da Academia. O registro é em João Pessoa, em 12 de outubro de 1941. Segundo Flores (2010, p.27): [...] “no dia 14 de setembro de 1941, fundam a Academia Paraibana de Letras (APL), que nas palavras de Coriolano de Medeiros estava “destinada a perpetuar as tradições literárias da Paraíba”. Ainda sobre a Academia Paraibana de Letras, foram encontradas fotografias da posse do Dr. Alcides Carneiro, advogado, político e escritor, fundador da cadeira de número 34, tendo ingressado no dia 3 de novembro de 1962.

Encontramos também registros da instalação da Academia Brasileira de Literatura, em 21 de agosto de 1980, na cidade do Rio de Janeiro, a qual Horácio foi o primeiro presidente e um dos fundadores. Há fotografias da posse de Horácio de Almeida no IHGB, em 26 de maio de 1976, no Rio de Janeiro, do Encontro das Academias de Letras do Brasil, ocorrido em Goiás, de 20 a 24 de abril de 1972 e da Sociedade dos Homens de Letras, em 1976. E ainda fotografias do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, da sessão do dia 4 de maio de 1974.

Ainda sobre Horácio de Almeida há outras fotografias no acervo que ilustram outros acontecimentos, como a época em que ele começa a militar na política na Paraíba em eventos como o chá da sociedade dos homens de letras, como ministro

ao lado de Eurico Gaspar Dutra, retrato de um quadro em que Horácio serviu de modelo ao pintor holandês Win Van Dijk, entre outros. Para ilustrar parte de sua atividade política, abaixo a figura 45:

Figura 45 - Horácio de Almeida na atividade Política



Fonte: Espólio FTT (1946).

Na fotografia acima, Horácio de Almeida e Eurico Gaspar Dutra, quando presidente do Brasil, no palácio do Catete, em 1946. Horácio de Almeida, na ocasião, exercia o cargo de secretário do interior, no governo de Odon Bezerra.

A família de Horácio de Almeida também aparece em alguns registros, como no lançamento do seu livro, o “Dicionário Erótico”. Foram encontradas ainda as fotografias dos avós maternos de Horácio de Almeida, o senhor Santos da Costa Gondim, que conforme informação registrada na fotografia, recebeu o nome em homenagem ao seu padrinho, Costa Gondim, e foi ele quem deu início a família Costa Gondim em Areia e a avó materna, a senhora Maria Franca Torres, filha do famoso Francisco Jorge Torres⁴¹.

Horácio de Almeida se casou com Corintha Freitas de Almeida e juntos tiveram sete filhos. Num registro raro, conforme figura a seguir, o casamento de Horácio de Almeida com Corintha de Almeida e posteriormente, na figura 46 os filhos do casal:

⁴¹ Conhecido por Marinheiro Jorge, construiu em 1818 o primeiro sobrado da Vila Real do Brejo de Areia, este casarão possuiu a primeira senzala urbana (Barros, 2014).

Figura 46: Casamento de Horácio de Almeida e Corintha de Almeida.

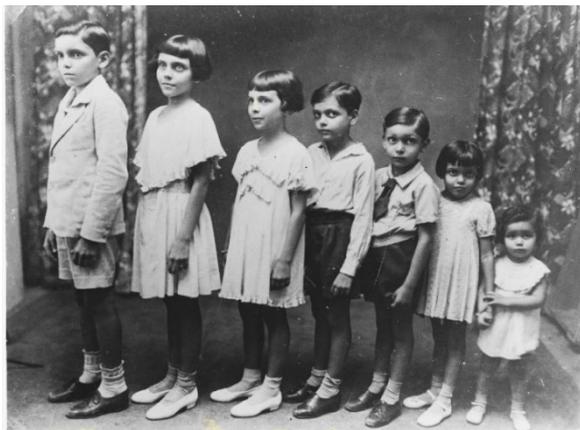


Fonte: Espólio FTT, [1922?]

No verso da fotografia está escrito são apresentadas mais informações: Casamento de Horácio de Almeida e Corintha realizado em Areia no dia 12-12-1922, da esquerda para a direita em pé: Pedro Perazzo - Germano de Freitas - Armando de Freitas - João D'Avila Lins - Major Remígio D'Avila Lins - Rivaldo Garcia - Eudocia Garcia - Sinhazinha D'Avila Lins. Sentados: Ana Joaquina (Donana) - Adelaide Jocunda (Yaya) - Horacio - Corintha - Manuel Torquato - Naniza Leal - Delguito Garcia Severina Freitas e Honorina de Freitas.

A seguir, na figura 47, os sete filhos do casal Átila Augusto, Armênia, Libânia, Luiz José, Carlos Eduardo Ignez e Doris.

Figura 47: Filhos do casal Horácio de Almeida e Corinha.



Fonte: Espólio FTT (1936).

Foi Horácio de Almeida um dos maiores defensores da Gameleira, árvore centenária, símbolo de Areia, Horácio muito lutou na tentativa de impedir sua derrubada. Na correspondência de Ignez, disponível na íntegra no anexo A, filha de Horácio de Almeida, para Tancredo Torres, ela relata do amor do pai pela árvore, relembrando a derrubada:

Areia silenciosa assistiu à destruição do seu marco histórico. [...] Silenciosa assistiu a este espetáculo devastador, porque ausente da terra estava Horácio, o seu mais destemido defensor. Ao tomar conhecimento do irreparável, com coragem e determinação, ele gritou alto pela “União”, denunciando o crime ecológico que acabara de acontecer. Sua voz cheia de dor e revolta, logo foi abafada pela versão criada à última hora de que a gameleira estava doente e era preciso sacrificá-la. Mas Horácio continuou fiel à imagem da sua idolatrada gameleira. Sua mágoa oprimida no peito, crescia sem jamais ter perdoado aqueles que golpearam mortalmente a inesquecível árvore. [...] Cresci vendo o retrato da Gameleira em frente à mesa de trabalho do meu pai. Quando nos mudamos para o Rio de Janeiro, a foto gameleira nos acompanhou e fazia parte do cenário da sala (Almeida, 1996, p.1).

O prefeito a época, Jayme de Almeida, julgou necessário abater a árvore alegando apodrecimento de seu tronco e, portanto, vislumbrando um desabamento desastroso, conforme ele narra numa mensagem ao governo do Estado, apresentada por Tancredo Torres, mencionando o próprio Horácio de Almeida: “Constando-me haver grande celeuma por parte de alguns areienses notadamente Drs. Horácio de Almeida e Elpídio de Almeida, motivo queda gameleira, tomo liberdade comunicar vossencia [...]”, que, conforme relato do ministro da viação ele

fora informado que a árvore estava quase morta, o tronco tinha grande parte apodrecido, e, considerando o perigo para a população, a decisão foi derrubá-la (Torres, 1981, p.1).

Não se sabe a origem da gameleira, havia uma lenda na cidade de que o primeiro habitante da cidade, Pedro Bruxaxá, havia plantado a árvore, ou que, uma vez encontrando tamanha sombra na árvore, resolveu Pedro levantar ali o seu curral (Almeida,1980). Horácio de Almeida narra ainda em sua obra que a gameleira era vista a 50 km de distância, e que o tronco da árvore media cerca de 15 metros de circunferência, sendo necessários 8 homens de mãos dadas.

5.4.3 José Américo de Almeida

José Américo de Almeida é um dos maiores destaques da cidade de Areia, a partir de seu protagonismo político e também literário. Nascido em 10 de janeiro de 1887, no Engenho Olho D`água, na cidade de Areia, José Américo é filho de Ignácio Augusto de Almeida e Josefa Leal de Almeida, ambos de famílias tradicionais. Seus estudos tiveram início com a professora Júlia Leal, conforme afirmado anteriormente, e posteriormente frequentou o Seminário Arquidiocesano da Paraíba, na capital do estado, e de lá, seguiu para Recife, onde curso direito, concluindo o bacharelado em ciências jurídicas e sociais, em 1908 (Torres, 1990^a).

Ao longo de sua carreira política, desempenhou vários cargos públicos na Paraíba, sendo promotor, procurador, secretário de governo, deputado, ministro, senador e governador. É dele também o crédito pela instalação da Escola de Agronomia do Nordeste, primeiro estabelecimento de ensino superior da Paraíba. Além dos destaques na política, José Américo foi um grande escritor, publicando mais de 10 livros. É dele os livros “A Bagaceira”, marco inicial do romance regionalista no modernismo, e “A Paraíba e seus problemas”. José Américo faleceu em 10 de março de 1981.

Em Areia, em sua homenagem, o Colégio Estadual leva seu nome e também a praça em frente a Igreja do Rosário, na praça, seu busto em bronze. Na fotografia 48 abaixo, registro de José Américo na biblioteca da Escola de Agronomia do Nordeste:

Figura 48 - José Américo de Almeida na biblioteca da Escola de Agronomia do Nordeste.



Fonte: Espólio FTT [s.d.].

5.5 AREIA E A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Dada a extensão de sua cultura agrícola, Areia era um dos mais fortes núcleos de pessoas escravizadas da província. A cidade, como dito anteriormente, chegou a ter mais de 100 engenhos em pleno funcionamento, embora não houvesse, como em outras regiões, grandes senzalas. O trabalho com a cana-de-açúcar exigia mão de obra, trabalho braçal, conseguido com a maldade escravagista. Era o trabalho escravo indispensável à cultura agrícola.

Em 1818, é construído pelo marinheiro português Francisco Jorge Torres, o primeiro sobrado, edificado no centro da cidade, possuindo:

[...] 19 quartos, dos quais 12 formam a senzala que é ligada ao casarão de dois pavimentos e um sótão. Os quartos da senzala são divididos em duas porções de seis em cada pavimento; são minúsculos, cada qual com uma porta para entrada e saída, dando para um pequeno pátio interno. Na parede que fecha o pátio e a senzala e dando vistas para a grota do Bonito, dizem que ele ficava na grande janela lá existente a verificar o serviço do feitor e da negraria. A vista se estende, pela altura que a casa se situa, até o engenho Macaíba, o que permitia ótima fiscalização. Ali vivia boa parte dos escravos. Quando as negras estavam para dar à luz eram enviadas para assim dita “maternidade” – a propriedade Tanques, onde habitava o restante dos escravos e onde se realizaram grandes obras de cantaria com “casa, curral, curtume, fornos de cal, tanques, cercados e uma barragem com bebedouro para o gado (Torres, 1992a, p. 5).

Era também nos tanques que as pessoas escravizadas “desobedientes” eram presas. Os bebês lá nascidos eram convocados em certa idade para o trabalho. O Casarão José Rufino, como hoje é chamado, ainda está de pé e mantém a mesma estrutura, com exceção da frente, passando por poucas reformas ao longo do tempo e atraindo visitantes de todo lugar.

Na figura 49 abaixo, um documento encontrado no espólio de Tancredo Torres que afirma a escravidão na cidade:

Figura 49 - Relação de pessoas escravizadas.

Relação da
 criação n. 334 dos escravos pertencentes a José Machado Machado, residente na
 província de Paraíba do Norte, município de Cidade d'Área, paróquia de N. Sr^a da Conceição
 (Art. 2º do regulamento n. 4.835 de 1º de dezembro de 1871)

Nome	Cor	Idade	Estado	Naturalidade	Filiação	Aptidão para o trabalho	Profissão	Observações
16. Penelope	Branca	46	Solteira	Paraíba	José e Maria	Bastante	segrista	Com 21 anos de idade estava em liberdade e na cidade de Recife
17. Pedro	Branco	7		Paraíba	nº 15	Bastante		
18. Benigno	Branco	24		Paraíba	nº 17	Bastante		
19. Benedita	Branca	30		Paraíba				
20. Benedita	Branca	21		Paraíba				
21. Benedita	Branca	38		Paraíba				
22. Emília	Branca	10		Paraíba	nº 14	Bastante		
23. Estevão	Branco	7		Paraíba				

Provincia da Paraíba do Norte, município de Cidade d'Área, paróquia de N. Sr^a da Conceição, de dezembro de 1872
 José Machado Machado

Fonte: Espólio FTT (1872).

No documento, figura 49, acima, é apresentada a relação de número 334 de pessoas escravizadas, constando a informação que seriam pertencentes a José Machado, “residente da província da Paraíba do Norte, município da Cidade d’Área, paróquia de N.Sr^a da Conceição”. No documento é possível verificar uma lista com informações de oito pessoas escravizadas: nome, cor, idade, estado, naturalidade, filiação, aptidão para o trabalho, profissão e observações. Chama a atenção a coluna “aptidão para o trabalho”, na qual são categorizados como “robusto” e “bastante”.

Em matéria publicada no jornal O Areiense, Lima (1982) afirma que em Areia, as pessoas escravizadas faziam em Areia, nos dias de guarda e suas vésperas, “uma dança denominada batuque, porque nela usavam uma espécie de tambor, que tem este nome. Esta dança era acompanhada de uma desconcertada cantoria, que se ouvia de longe”. O autor ainda afirma que no engenho Jussara, localizado em Areia, foi um dos maiores e mais aparelhados engenhos escravocratas. Menciona ainda o Mundo Novo, outro tradicional engenho da cidade sob domínio da família Cunha Lima, e o engenho Vaca Brava, próximo do distrito de Cepilho.

Refutando aquela cultura escravagista, Manoel da Silva inicia na cidade uma campanha libertadora, em meados de 1872, criando uma sociedade que trabalharia na promoção de melhoria de vida as pessoas escravizadas. Naquele período, no cenário nacional, uma das precursoras da Lei Áurea estava em vigor, era lei do Ventre Livre, que determinou, em 28 de setembro de 1871, a liberdade a bebês de mulheres escravizadas. Segundo Tancredo Torres, Manoel da Silva “abandonou todos os seus interesses, as pequenas rendas e os encargos da profissão, para dedicar-se integralmente à causa dos escravos (Torres, p.328, 1990a).

Em 1873, era lançado na cidade, por Manoel José da Silva Junior, os fundamentos da então sociedade, que dizia: “trata-se de criar uma sociedade, cujo único fim é promover os meios de melhorar a sorte dos escravos deste município. É preciso organizar os estatutos, organizar a sociedade e organizar a ação dos trabalhos” (Torres, 1990a, p.328). Assinaram esses fundamentos 34 pessoas dos mais variados seguimentos da sociedade, apoiando a causa. Assim, organizado e aprovado o estatuto, estava constituída a primeira sociedade. Em 16 de março de 1883, ele convoca uma grande reunião para reorganizar essa primeira sociedade e criar uma segunda, esta denominada Emancipadora Areiense⁴².

Neste mesmo período em Areia, outro movimento somava força a campanha abolicionista, era a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Buscando proteção, os negros escravizados serviam-se das práticas religiosas católicas. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Areia, cuja data é incerta, foi construída por “gente de cor” (Torres, 1992a). Simples, mas imponente, “constando de nave central única, consistório e coro, altares em madeira e certa beleza artística, nasceu ali a Irmandade” (Torres, 1992a, p.5). Com aprovação canônica, a Irmandade foi

⁴² Termo popularizado na época que designava o grupo que se organizara para ajudar na campanha abolicionista.

instalada oficialmente em 1º de janeiro de 1873, data em que o padre Antonio José Borges “deu por instalado aquele sodalício religioso” (Torres, 1992a, p.5). Na primeira diretoria, o Manoel da Silva ocupa o cargo de procurador, e a partir dali pretos e brancos eram alistados na confraria, como irmãos (Torres, 1992a).

A Irmandade desenvolvia algumas ações como assistir aos necessitados, fazer os enterros, sendo obrigatória a presença a estes, executar o toque fúnebre dos sinos, sair a frente das procissões, e executar a celebração da sua patrona, que, “nos tempos mais distantes tinha o seu mais movimentado dia 06 de janeiro, quando às 10 horas havia missa solene e eram renovadas filiações, pagamentos de taxas, etc.” (Torres, 1988c, p.1, 1992a). Wanderley, (2009, p.202) afirma que um dos objetivos dessas Irmandades do Rosário, sendo o número de dezesseis na Paraíba, era o de “ajudar aos irmãos libertos ou conquistar a liberdade com a compra das cartas de alforria”.

Conforme mencionado no capítulo anterior, um antigo bilhete de loteria da cidade de Areia, cuja renda revertia em favor da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, é uma prova das ações realizadas pela irmandade em favor das pessoas escravizadas. A autora Loner (2019), escreveu um capítulo para o livro “A família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil”, no qual relata o interesse pelas loterias por parte dos escravos e libertos, pois era uma prática que visava “conseguir a alforria e/ou libertar-se das provações e trabalhos, necessários para ganhar a vida naquela sociedade, e era comum à maioria dos pobres, brancos ou de cor” (2019, p.139). Ela narra a atividade de uma sociedade com objetivos abolicionistas que tentava libertar pessoas escravizadas mediante os prêmios conseguidos nas apostas pelas loterias: “Para tanto, incentivava a doação de 1\$000, uma quantia mínima por pessoa, para que com o total arrecadado se comprassem bilhetes, e prometia libertar escravos com os ganhos dos sorteios” (Loner, 2019, p.150). Acreditamos que de igual forma funcionou também em Areia esta mesma ideia, conforme bilhete apresentado na figura 50 abaixo:

Figura 50 - Bilhete de loteria



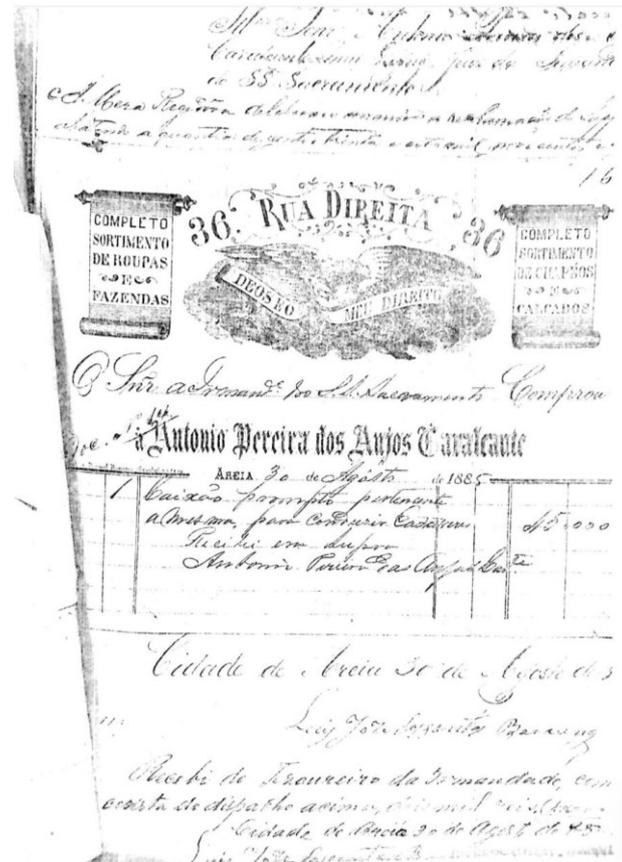
Fonte: Espólio FTT (1865?).

O valor do bilhete era de 2\$000, e consta a seguinte descrição “O portador deste bilhete entregou 2\$000 REIS e com ele receberá o Thezoureiro abaixo assignado de chancellia o premio que lhe sahir por sorte na extracção”. Ou seja, havia a cotização dos membros para a compra dos bilhetes e, obtendo a sorte da contemplação, com o prêmio era possível adquirir a liberdade das pessoas escravizadas. Pode parecer estranho para nós pensarmos sobre essa convicção de alforria a partir de apostas em loterias, mas é a própria autora quem já se adianta, afirmando que teria se disseminado no Brasil uma febre de apostas em loterias em várias cidades, isto porque houvera alguns casos de alforrias a partir de contemplações em variados lugares (Loner, 2019, p.75).

Não só a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário cumpria essas ações, outras irmandades existiram na cidade e também desenvolviam atividades neste sentido. Tancredo Torres conseguiu listar irmandade que funcionaram em Areia: Nossa Senhora do Rosário, em 1873; Nossa Senhora das Dores, instalada em 1880; Apostolado da Oração em 1886, Nossa Senhora do Carmo em 1892, Nossa Senhora da Conceição, em 1893; Coração Eucarístico, em 1901; Congregação da Doutrina Cristã em 1906; Pia União das Filhas de Maria, em 1910; Ordem Terceira de São Francisco, 1926; Santo Antônio, 1927; Associação dos Moços Cristãos, em 1927; Pia União do Colégio de Santa Rita, 1938; Congregação Mariana, em 1948 e Legio Mariae, em 1960 (Torres, s.d., p.2).

Outra Irmandade, que não consta na lista acima, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, desenvolvia ações de assistir aos necessitados, comprovado, na figura 51 abaixo, registro de um documento encontrado no espólio de Tancredo Torres que ilustra a compra de um caixão pela Irmandade do Santíssimo Sacramento:

Figura 51: Documento da Irmandade do Santíssimo Sacramento



Fonte: Espólio Tancredo Torres (1885).

No documento acima, figura 51, datado de 30 de agosto de 1885, é descrito a compra de um caixão pronto para conduzir cadáver, prova do trabalho que as irmandades realizavam na cidade.

Tancredo Torres afirma em sua palestra, pronunciada no Centro Social Pio XII, que a igreja muito fez pela causa da abolição, inclusive com O Papa Leão XIII que recomendou aos bispos brasileiros interesse pela causa libertária. Em Areia houve também dedicação dos padres, Sebastião Bastos de Almeida Pessoa e Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, embora, segundo o historiador, houvera alguns pecados (Torres, 1992a). Ele revela o livro de número 37, destinado ao registro de óbitos, do ano de 1879, da paróquia de Areia, está “aos 19 de junho de 1879, faleceu de bronquite nesta freguesia PAULO, escravo do Vigário Chacon, com sessenta anos de idade” (Torres, 1992a, p.1).

Todos os habitantes da cidade eram chamados para participar da campanha libertadora, principalmente os senhores de pessoas escravizadas, que eram convidados a comparecer nas reuniões que tratavam da libertação (Torres, 1990a).

Naquela altura, havia na cidade o número de quase duas mil pessoas em situação de escravidão, urgia a libertação. Tancredo Torres afirma que muitos morreram nos troncos, açoitados, e apenas um sofreu o castigo da forca. Seu nome era Marçal, que, ao ver sua companheira castigada, não se dominou e partiu em sua defesa, o que lhe custou a vida. Ele conta ainda que, num ato de arrependimento, o seu senhor alforria todos os seus descendentes (Torres, 1992a).

Manoel da Silva contou com dois grandes apoios, era a imprensa local, os jornais “A Verdade”, pertencente a Emancipadora Areiense, fundado por Manoel da Silva, e o “Areiense”, que difundiam as ideias libertadoras. A campanha ganha força e avança com o apoio de alguns areienses. As reuniões aconteciam na igreja, na câmara ou na própria sede da Emancipadora Areiense. A abolição em Areia, teve como precursor José Alves de Lima, que libertou seus escravos e dividiu com eles a sua fortuna (Torres, 1992a). No início da campanha, eram 1680 pessoas escravizadas, já em 1887 pouco mais de 400 (Torres, 1992a). Em 22 de abril de 1888 a Emancipadora Areiense entrega as cartas de liberdade às três últimas pessoas escravizadas, fazendo de Areia a primeira cidade da Paraíba a abolir a escravidão, 10 dias antes da Lei Áurea, e em 3 de maio daquele ano ocorreu a solenidade da libertação da escravidão.

5.6 RELIGIÃO

No início do século XIX Areia possuía apenas a capela de Nossa Senhora da Conceição e alguns casarios. Em 31 de agosto de 1811, a corte brasileira recebia o pedido de criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Brejo de Areia (Torres, 1992b): “apresentava-se a justificativa da longa distância que separava a sede paroquial de Mamanguape para a nascente povoação. As dificuldades eram tremendas e somente uma vez por mês havia celebrações eclesiásticas em Areia (Torres, 1992b, p.3). Em 1813, Areia alcança sua emancipação eclesiástica e dois anos depois a política (Torres, 1990a).

A Diocese de Olinda administrava quatro unidades da federação: Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, o que vinha dificultando os trabalhos eclesiásticos. Apenas em 27 de abril de 1892 é criada a nova diocese na Paraíba, desmembrada da Diocese de Olinda, formada pelos estados de Paraíba e

Rio Grande do Norte, sendo 76 paróquias, tendo como dirigente no ano seguinte, Aduino Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo, e mais tarde o primeiro arcebispo, natural de Areia (Torres, 1990c). Abaixo, na figura 52, fotografia de Aurélio:

Figura 52 - Dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques.



Fonte: Espólio FTT, [s.d.].

O pároco Dom Aduino foi o responsável por muitas instalações educacionais no estado da Paraíba e do Rio Grande do Norte, fundadas por ele ou que receberam sua contribuição para instalação, são eles: Seminário Diocesano da Paraíba (1894, João Pessoa), Colégio Diocesano (João Pessoa), Colégio Nossa Senhora das Neves (João Pessoa), Colégio Diocesano Santa Luzia (1901, Mossoró), Colégio Imaculada Conceição (1902, Natal), Colégio Santo Antônio (1903, Natal), Colégio Diocesano Padre Rolim (1903, Cajazeiras), Colégio São José (1905, João Pessoa), Escola Santa Inês (1909, João Pessoa), Colégio Santa Rita (1910, Areia), Colégio do Sagrado Coração de Jesus (1917, Bananeiras), Colégio de Nossa Senhora do Rosário (1919, Alagoa Grande), Colégio da Imaculada Conceição (1931, Campina Grande), Colégio Diocesano Pio XI (1932, Campina Grande) (Torres, 1990c).

5.6.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição é um dos monumentos mais importantes da cidade, uma vez que ela representa um coletivo religioso da sociedade areiense, um templo que faz parte do processo de formação da cidade.

No texto **Seara Histórica** (1947), sem autoria, encontrado no espólio de FTT, relata que:

Em 1807 já existia no local onde hoje se ergue a Matriz de N. S. da Conceição de Areia uma capela com a mesma invocação. Era uma palhoça onde o vigário de Mamanguape, a cuja freguesia pertencia o território, celebrava de 15 em 15 dias. [...] Em 1808 já se apresentava a povoação em franco progresso e a capela já não era mais a primitiva palhoça. Era uma igrejinha coberta de telha construída por iniciativa do vigário de Mamanguape com o auxílio dos habitantes e especialmente dos frequentadores da feira. [...] Ignora-se quem tenha sido o primeiro vigário de Areia. Em 1817 encontramos à frente da paróquia o religioso Frei João de Santa Tereza, em 1821, o Pe. Antonio José de Brito; em 1825 o Pe. José Gonçalves de Medeiros (Seara Histórica, 1947, p.1).

Não se sabe o ano de construção da igreja. Ela foi reformada em 1835, pelo padre Chacon e quase totalmente refeita em 1902 pelo cônego Odilon Benvindo. Porém, Tancredo Torres registra que em 31 de agosto de 1811, é realizado o pedido de criação da paróquia, tendo como justificativa a longa distância entre a sede paroquial em Mamanguape, dificultando a assistência religiosa (Torres, 1990a). Por isso, os casamentos eram realizados numa mesma data, assim como era comum encontrar nascidos em Areia que morriam sem batismo. Em 1813, Areia alcança sua emancipação eclesiástica, tornando-se paróquia da diocese de Olinda, à época, tinha seu administrador Antônio José de Barros.

Em um documento encontrado no arquivo do espólio de Tancredo Torres, Lourdinha Luna relata como era a primeira capela levantada no Brejo de Areia, de palha, nas laterais e na cobertura, e o piso de terra batida. Durante o inverno, a capela ameaçava ruir, e por isso, foi construída uma de taipa, depois, com o advento das olarias, foi edificado um templo com paredes e solo de tijolo e teto de telha (Luna, [s.d.]).

Sem patrimônio e com poucos recursos, a paróquia de Areia possuía apenas uma casa e alguns animais, que foram alienados, com autorização eclesiástica

superior, para aquisição de melhor Casa Paroquial. Essa ação resultou em quatro contos e quinhentos mil réis, no ano de 1917 (Tancredo, 1979).

Em seu livro, o historiador dá detalhes da arquitetura da paróquia, depois de reformada décadas depois, com o desenho o qual conhecemos hoje:

[...] muito ampla, contendo nave central e duas laterais, consistório e coro, uma capela lateral dedicada a Santa Inês e bonito altar-mor e nove altares laterais e, mais dois outros grandes que são os altares Nosso Senhor dos Passos e Nosso Senhor Ressuscitado. O forro da nave central, ostenta três grandes quadros com pintura à óleo, obras de grande valor, de autoria dos pintores estrangeiros Eva e Américo Makk e mais dois outros colocados nas laterais. A torres da Matriz agora se encontra embelezada por bonito quadro em mosaico ostentando a Virgem da Conceição (Torres, 1990^a, p. 23).

A pintura realizada pelo casal Américo e Eva Makk, pintores húngaros, que ficaram por mais de três meses na cidade para realizar a obra, fez parte da reforma da Matriz, sendo um dos projetos executados, financiado pelo governador do Estado à época, o Sr. Pedro Moreno Gondim (Torres, 1990a). A seguir, na figura 53, fotografia do forro da igreja Matriz de Areia:

Figura 53 - Forro da Igreja Matriz de Areia.



Fonte: Espólio FTT [1959?].

O quadro representa a glorificação de Nossa Senhora. Em 1948, foi iniciada uma reforma na igreja, e já em 1949, o padre Ruy teve que substituir o forro e

decidiu embelezá-lo com uma obra de arte. São três painéis, o primeiro representa a Assunção, o segundo a Glorificação da Virgem e o terceiro, conforme registro acima, Nossa Senhora Medianeira (Torres, 1990a). Neste quadro está o padre Ruy, junto a comunidade (apontado com a seta vermelha na imagem), representando a comunidade em súplicas à Virgem. Conforme descrição de Torres (1990a, p.153):

“A Virgem abre os braços para humanidade. A comunidade paroquial está ajoelhada aos seus pés. Entre o povo está também o vigário. Composição iluminada pela Luz Divina que se esparge da Santíssima Trindade através de N. Senhora que acompanha o espectador de qualquer ângulo. Do povo até N. Senhora estão degraus, representando a acesso à graça divina”.

Em 22 de novembro de 1959, todo o trabalho de pintura teria sido concluído e naquele dia inaugurava-se a Matriz reformada, com a presença do governador Pedro Moreno Gondim e o casal de pintores contratados pelo seu governo. O casal de pintores realizou ainda outras pinturas, decorando várias igrejas no Estado, entre elas a da cidade de Souza. Abaixo, figura 54, imagem da matriz.

Figura 54 - Igreja Matriz



Fonte: Oliveira (2020).

5.6.2 Salão Paroquial

Outro imóvel que marca principalmente a arquitetura histórica da cidade, que Tancredo Torres fez questão de registrar em seus escritos, bem como em fotografia, é o Salão Paroquial Dom Moisés Coelho. Abaixo, nas figuras 55 e 56, o registro do Salão em 1975, e uma fotografia atual do prédio:

Figura 56: Salão Paroquial em 1975.



Fonte: Espólio FTT (1975).

Figura 55 - Salão Paroquial em 2023.



Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Em 1948, o Frei Patrício Seubert iniciou os trabalhos da nova residência paroquial. Segundo Torres (1990a, p.83) “[...] no mesmo local ocupado antes pelo velho sobrado construído por José Cavalcante de Albuquerque (Cazuza dos Macacos) para receber sua família durante as temporadas festivas, e adquirido pelo vigário Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque que o tornou Casa Paroquial e sua residência [...]”. A planta da casa paroquial é de autoria do Padre Hermann Hahn, engenheiro austríaco que também é autor da planta do Colégio Santa Rita (Torres, 1990a). Cavalcanti Filho e Caju (2004, p.124), apresentam as características arquitetônicas da edificação:

[...] apresenta características próprias do movimento neocolonial, onde se destacam as aberturas em arco romano do pavimento inferior, as sobrevergas que emolduram os vãos do pavimento superior, os balcões de alvenaria com balaústres, e a coberta com beiral e arremates tipo “bico de andorinha” nas extremidades. [...] O frontão, localizado por pináculos, destacando-se ao centro um alto relevo com símbolos da igreja católica: a cruz e o rosário.

Quarenta e oito anos separam a fotografia 35 da fotografia 36, quase meio século a construção permanece igual, a arquitetura do prédio se manteve, sendo preservada originalmente. Como é possível perceber, até a rua manteve o mesmo calçamento. Os prédios ao lado direito e ao lado esquerdo são partes da casa paroquial também, outros cômodos como a cozinha que fica no lado direito. Esta preservação arquitetônica se manteve também devido aos esforços do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que possui um escritório na cidade, pois, conforme já dito, o conjunto histórico e urbanístico do centro de Areia foi tombado em 2006, levando em conta o valor histórico, urbanístico e paisagístico.

5.6.2 Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Outro monumento de arte e beleza marca a história religiosa da cidade de Areia, é a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, conhecida como igreja dos pretos. Essa fama se propagou por supostamente ela ter sido construída por “gente de cor” (Torres, 1992a, p.4). A data de sua edificação é incerta, apesar de existir documentação de sua construção da segunda metade do século XIX.

O jornal *O Areiense* afirma que em 1876, a igreja recebeu sua primeira grande restauração, naquele período, era o Juiz de sua Irmandade, o abolicionista Manoel da Silva. Um século após, em 1976, teve restaurada a sua cobertura por iniciativa da Sr^a. Agnelina Gouveia da Costa (Lina), com ajuda de outros areienses e da própria Paróquia de Areia (Notícias, 1980/1981).

Tancredo Torres detalha algumas atividades que aconteciam na Igreja do Rosário:

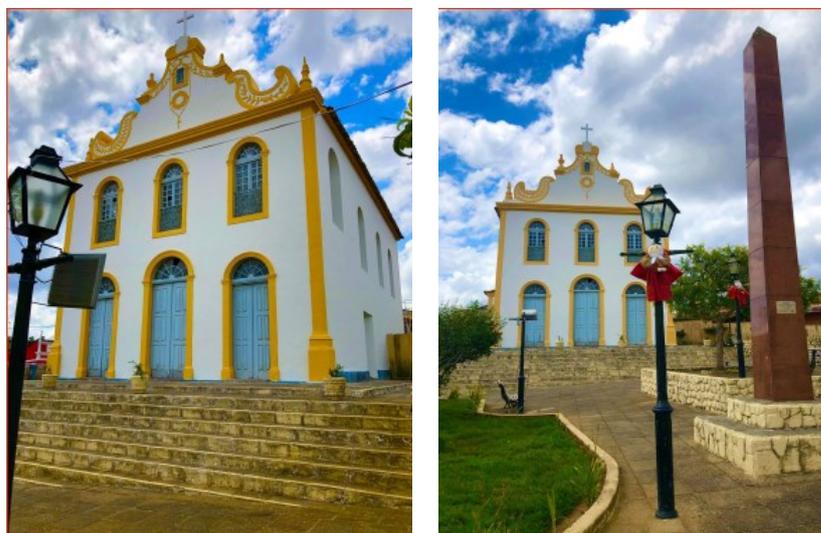
A Igreja, ao longo do tempo tem servido muito à Comunidade Areiense para a celebração não de festas litúrgicas como tem tido finalidade social. Lá mesmo em sua sacristia, por vários anos foram alfabetizadas dezenas de crianças pela professora Nenem Silva que foi sua incansável zeladora por 35 anos. Na década de 60 serviu como Capela para o Ginásio Coelho Lisboa que se transformaria no Colégio Estadual “Ministro José Américo de Almeida” (Torres, 1988c, p.1).

Apesar de cultuarem as religiões africanas, os negros escravizados, buscando proteção, serviam-se de práticas católicas, cultuando seus protetores

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Daí a participação deles na história desta igreja, que por meio da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, formavam uma confraria alistados como irmãos (Torres, 1992a, p.5). Foi a Irmandade do Rosário que deu prestígio a Igreja, tendo o ano de 1873, em 1 de janeiro, a instalação do grupo, perante o Padre Antonio José Borges (Torres, 1988c).

Era uma Irmandade beneficente que assistia aos necessitados, fazia-lhes os enterros e tornava obrigatória a estes a presença de seus membros, que, se faltosos, pagavam-lhe multas. Abaixo, na figura 57 a seguir, a imagem da igreja.

Figura 57 - Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Oliveira (2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho (Benjamin, 1987 p.239)

Metaforicamente, o véu é utilizado para encobrir algo que ainda não pode ser revelado, ou revelado em silhueta. O véu cobre, está cortinado, é uma proteção. Utilizarmos a expressão “véu do tempo” no título desta pesquisa, é pensar naquilo que foi encoberto pelo tempo e que foi revelado a partir das escavações arqueológicas. Pensarmos em lançar um olhar para o espólio de Tancredo Torres, levou-nos a retirar o “véu do tempo”, imposto pelas poeiras do silenciamento. Nesse aspecto, entendemos que aqueles fatos que estavam protegidos, escondidos, encobertos, perdidos no tempo, foram agora lançados, revelados e descortinados. Por isso a escavação, pois os fatos nada são além de camadas que precisam ser remexidas, a partir da exploração, da enxadada, “cautelosa e tateante na terra escura” (Benjamin, 1987), para nos entregar aquilo que compensa a escavação. Retirando o “véu do tempo” do espólio de Tancredo Torres, encontramos aquilo que ele vivenciou e testemunhou, a memória da cidade de Areia.

Depois de anos de trabalho no espólio de Tancredo Torres, é chegado o momento final. Chegou o período de espalhar seus escritos e descobertas ao mundo. Uma vez compreendido a potência informacional e memorial do espólio, outros pesquisadores precisam também explorá-lo, questioná-lo, com a certeza de sua importância enquanto fonte para tantas outras pesquisas.

É indiscutível a elevação da narrativa memorialística da cidade a partir do que Tancredo Torres escolheu guardar. Novas descobertas foram realizadas, novos documentos foram apresentados, novos personagens revelados. A história conta, a partir de Tancredo Torres, com “novas peças”, para completar as lacunas deixadas pelo tempo.

Registrar neste trabalho cada documento encontrado parecia não ter mais fim. Cada documento, registro, “pista”, cada escavação, revelava outros caminhos possíveis, outras descobertas, conectava a outras informações prévias estabelecidas e desembolar esse emaranhado requereu bastante paciência. Algo

que, para alguém com ansiedade, seria quase um castigo, mas que, na verdade foi um exercício, uma terapia, em alguns momentos um verdadeiro hobby. A vontade de revelar, organizar, entender, aprender, divulgar todo o material e fazer justiça a Tancredo Torres, foi infinitamente maior que qualquer cansaço. Essa vontade veio, talvez, com a profissão de bibliotecária. E acredito que consegui cumprir este propósito.

Tancredo Torres entendia da importância de seu espólio, curiosamente não destinou seu bem mais precioso a ninguém. Tenho algumas teorias, talvez ele, sabendo da grandiosidade da responsabilidade que teria quem recebesse essa documentação, preferiu deixá-la “à deriva”, para que, aquela pessoa ou instituição que a desejasse, desse a ela o tratamento adequado. Esse plano quase deu errado, não fosse o conhecimento de Daniel Duarte sobre a importância do espólio e o conhecimento sobre o que Tancredo Torres pesquisou e registrou, que generosamente decidiu levar o espólio para a universidade, instituição que cumpriria a guarda a partir dali.

De uma coisa saio com bastante convicção nesta pesquisa: ela cumpre seu papel, de contribuir com o social, de que, no fundo, Tancredo Torres sabia da importância de registrar a história e memória da cidade, ele conhecia a cidade e suas nuances. Seu esforço, incansável, pretendo com esta pesquisa, no mínimo, compensá-lo, fazer jus ao que ele se dispôs, de uma vida inteira neste objetivo, hoje podemos agradecê-lo por tanto.

O espólio de Tancredo Torres possibilitou que eu, a partir da diversidade de documentos, escavasse os vestígios, aquilo que Foucault (2005) teoriza enquanto arqueologia do saber, para percebermos, a partir deste caminho, a (re) construção da história e memória da cidade de Areia.

Tancredo Torres teve seu percurso marcado pela dedicação à pesquisa, escrita e registro da historiografia areiense principalmente. Fez de sua profissão, secretário da Escola de Agronomia do Nordeste, enquanto servidor público, um espaço oportuno para ali também registrar a trajetória da instituição pioneira e do primeiro curso de agronomia do estado. Talvez não tivesse sido possível, até então, compreender a dimensão da escrita de Tancredo Torres, tanto em quantidade, quanto de conhecimento.

Sua vocação de historiador deu sinais desde cedo, ainda criança, nos primeiros anos escolares, por incentivo de sua mãe, no grande historiador da cidade

que ele viria a ser. Arrisco dizer, o maior historiador que a Areia já teve. A exaltação a cidade é, na verdade, um reconhecimento da grandiosidade que ela carrega. E Tancredo Torres sabia disso. Um pesquisador incansável, ele divulgou onde encontrou espaço, onde fora convidado, atendeu a quem o solicitou informações, até quando não encontrou mais espaço, criava os meios, a exemplo dos jornais que fundou. Seu objetivo era revelar a cidade. Transmitir seus conhecimentos sobre a cidade e o seu povo.

O caminho teórico, compreendido aqui na pesquisa, foi alicerce ao texto. Deu base de sustentação para a escrita, apresentou debates importantes para que eu entendesse na teoria o que, na prática, eu observava e atava. Ao tempo em que lia os textos de Tancredo Torres, as cartas, os jornais, interpretava as fotografias e buscava informações sobre elas, recorria à literatura para entender com Foucault (1974) e Gomes (2004), que tudo aquilo, quer fosse escrito por Tancredo Torres, quer tenha sido acumulado por ele, fazia parte da sua “escrita de si”. Ou seja, não é apenas o texto produzido por Tancredo Torres que compõe sua escrita de si, mas também os objetos que ele deixou em seu espólio.

Os objetivos da pesquisa foram atendidos, uma vez que as análises dos achados do espólio de Tancredo Torres apontaram a potência memorial da cidade de Areia, a partir das diferentes mídias de memória, e como esses achados contribuem na resignificação da memória da cidade. O potencial informacional e a relevância do espólio puderam ser comprovados, dados os relevantes registros de Tancredo Torres veiculados, sejam memorialísticos, históricos, culturais e sociais, para legitimar e perceber a identidade da cidade de Areia. Algumas das memórias inexploradas foram desvendadas, a partir da percepção da relação entre memória pessoal e coletiva. Por fim, foi legitimada a relação da biblioteca universitária e seu potencial para com o livro enquanto patrimônio bibliográfico, entendendo seu compromisso com a sua memória institucional, preservação e guarda a partir das coleções especiais.

Nesta caminhada, também foi importante compreender o conceito de documentalidade de Otlet, ampliado por Briet (2016), sobre qualquer objeto com possibilidade de documento. E nisso, o conceito de egodocumentos a partir de Carmargo e Goulart (2007), os quais pesam o caráter identitário, sendo possível entender a rede de relações, os hábitos, a intimidade, as preferências, motivações e

características específicas do seu dono, e por isso, foi possível também ter acesso à parte da personalidade de Tancredo Torres.

Tendo assim evocado a (re) construção da história e memória da cidade de Areia a partir do espólio de Tancredo Torres, registrado aqui aquilo que em vida ele se dedicou, resta afirmar que está comprovada a tese de que Tancredo Torres imprimiu um trabalho decisivo para composição da memória da cidade. E por revelar cada “fóssil” encontrado no espólio, o momento pede parada, certa de uma longa caminhada que ainda resta fazer, porém, bastante satisfeita com o que foi possível imprimir neste estudo. Ciente de que o espólio está agora desvelado e aberto a novas interpretações, pesquisas e questionamentos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**: memórias de um município. Editora Universitária, UFPB, 1980.
- ALMEIDA, Ignez Freitas de. [**Correspondência**]. Destinatário: Francisco Tancredo Torres. Rio de Janeiro, 1997. 1 carta.
- ALVES, Naiara Ferraz Bandeira. **Irmãos de Cor e de Fé**: irmandades negras na Parahyba do século XIX. Dissertação (mestrado) UFPB/CCHLA – João Pessoa, 2006. 115p. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6033/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 13 de nov. 2022.
- ANZOLIN, Heloisa Helena; CORREA, Rosa Lydia Teixeira. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 08, n. 25, p. 801-817, dez. 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2008000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ASSIS, Machado de. **O jornal e o livro**. Correio Mercantil, Rio de Janeiro 10 e 12/01/1859. Disponível em: <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/64_740508795dff6e76435fcbbee1a1fb76>. Acesso em 05 de dez. 2023.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C.B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.p.23-79.
- BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- BAPTISTA, Dulce Maria; SOUSA, Maria do Socorro Neri de; MANINI, Miriam Paula. Universidade, Biblioteca Universitária e Preservação da Memória Institucional: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 2, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/223653>>. Acesso em: 05 jun. 2023.
- BARRETO, Ezilda Milanez. O presidente Getúlio Vargas em Areia – II. **O Areiense**, ano 4, nº 28, 1982.

BARROS, Francisca Maria da Silva. **Educação Patrimonial**: a cartografia do patrimônio de Areia. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Universidade Estadual da Paraíba. 2014. Disponível em:

<<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6143/1/PDF%20-%20Francisca%20Maria%20da%20Silva%20Barros.pdf>>. Acesso em 06 ago. 2023.

BENJAMIN, Walter. Escavando e Recordando. In: **Rua de mão única. Obras Escolhidas. Volume 2**. Trad. Rubens Rodrigues Torres e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados** vol. 17, nº 47. 2003. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ea/a/3L3XPBdVhdkJydjJ66GTSrC/?lang=pt>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

BRAGA, João Alberto de Oliveira. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Instrução Normativa nº 01, de julho de 2007**. Dispõe sobre o Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros, e dá outras providências. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/instrucao_normativa_n_01__11_de_junho_de_2007.pdf> . Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Decreto nº 3.166, de 14 de setembro de 1999. Promulga a convenção da UNIDROIT sobre bens culturais furtados ou ilicitamente exportados, concluída em Roma, em 24 de junho de 1995. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 15 set. 1999. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3166.htm>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Decreto nº 43.541, de 10 de abril de 1958. Altera a lotação do Ministério da Agricultura. **Diário Oficial** [da União], Rio de Janeiro, RJ, 10 abr. 1958. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1958/D43541.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Artigo 216, Brasília, 1988. Disponível em: <<https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-departamentos/dpa/legislacao/art-215-216-art-68.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Decreto nº 72.312, de 31 de maio de 1973. Promulga a convenção sobre as medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transferência de propriedade ilícitas dos bens culturais. **Diário**

Oficial [da União], Brasília, DF, 1 jun. 1973/retificado em 8 jun. 1973. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d72312.html#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA.,Propriedade%20II%C3%ADci tas%20dos%20Bens%20Culturais>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Decreto nº 65.347 de 13 de outubro de 1969. Regulamenta a Lei n. 5.471, de 9 de julho de 1968. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 14 out. 1969. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/d65347.html>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968. Dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 10 jul. 1968. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5471.htm> . Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 4.845, de 19 de novembro de 1965. Proíbe a saída, para o exterior de obras de artes e ofícios produzidos no País, até o fim do 43 História, Memória e Patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais período monárquico. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 22 nov. 1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4845.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%204.845%2C%20DE%2019,o%20fim%20do%20per%C3%ADodo%20mon%C3%A1rquico.> . Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 43.541, de 10 de abril de 1958**. Altera a lotação do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1958. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1958/D43541.html>. Acesso em: 15 ago 2022.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 6 dez., 1937. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Brasília: Brique de Lemos, 2016.

BRITTO, A. C. L.; CORRADI, A. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **BIBLOS**, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 98–129, 2023. DOI: 10.14295/biblos.v32i2.7968. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7968>>. Acesso em: 23 out. 2023.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (Coord.).

Dicionário de terminologia arquivística. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, Núcleo Regional de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 1996. 142 p.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2021.

CAVALCANTI FILHO, Ivan; CAJU, Náhya Maria Lyra. **O patrimônio arquitetônico de Areia: um inventário.** João Pessoa: Idéia, 2005.

CAVALCANTI FILHO, Ivan. **O patrimônio Ambiental Urbano de Areia: proposições de preservação e Revitalização.** João Pessoa: Idéia, 2003.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research.** San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia.** Brasília: Briquet de Lemos: Livros, 2008.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIAS, Thélío Queiroz. **A extraordinária vida de Pedro Américo: e suas facetas.** Recife: CEPE: A União, 2022.

FARIAS, Thélío Queiroz. **O Genial avô e os talentosos Tios de Pedro Américo.** Correios das Artes. Suplemento literário do Jornal A União 2023.

Federação das Academias de Letras e Artes do Estado de São Paulo. Memorial Federação das Academias de Letras do Brasil. **Blogspot FALASP.** 2023. Disponível em <<https://falasp.blogspot.com/2023/04/memorial-federacao-das-academias-de.html>>. Acesso em 15 ago. 2023.

FERREIRA, Anna Cristina Andrade. **O descuido de se tomar: a importância da paisagem cultural dos engenhos de cachaça e rapadura como patrimônio do município de Areia.** Dissertação (mestrado) UFPB/CT – João Pessoa, 2010. 70p. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/318/1/parte1.pdf>>. Acesso em: 23 de ago. 2023.

FLORES, Rosali Cristofoli. **Acervo da Academia Paraibana de Letras: conhecimento para preservação.** Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – João Pessoa, 2010. 77 f.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Tradução Luiz F.B. Neves Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2005.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p.129-160.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), Obras completas (Vol. 14)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1917). Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-14-1917-1920.pdf>>. Acesso em: 30 mai. de 2023.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Meu caro Horácio**: uma análise das correspondências enviadas por Carlos Drummond de Andrade a Horácio de Almeida (1978-1982). Combates pela história: X Encontro estadual de história. 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1603298148_ARQUIVO_d319979c1a9cad556e6fe02c879f71eb.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7. ed. – Barueri [SP]: Atlas, 2022. E-book. ISBN 9786559771653. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. 1016 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Ed. orig. Paris: PUF, 1950 (póstuma).

IFLA UNESCO. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**. Repositório - FEBAB, Disponível em: <<http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>>. Acesso em: 24 de abr. de 2023.

Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. **Boletim Informativo do IHGP**. Ano X nº130, setembro, 2003.

IPHAEP. **Cidade Históricas**. Folheto. 1981.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, José Alves. Os escravos e os engenhos de Areia. **O Areense**. Nº24, ano 04, 1982.

LIMA, José Alves. **Escola de Agronomia do Nordeste: memória de meio século (1943-1984)**. 1985.

LONER, Beatriz Ana. A Loteria do Ipiranga e os Trabalhadores: um sonho de Liberdade no final do século XIX. In: **A família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil**. Gill, Lorena Almeida; Koschier, Paulo Luiz Crizel. (Org.). São Leopoldo: Casa Leiria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6170/A_familia_Silva_Santos_e_outros_escritos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Disponível em: 14 de dez. de 2023.

LUNA, Lourdes. Texto A Matriz da Conceição. Espólio Francisco Tancredo Torres, série arquivo documentos. (Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres, Universidade Federal da Paraíba). [s.d.].

MACEDO, Camilo. **Nomes que fizeram e fazem a história da Paraíba**. A União Cia, João Pessoa, 2017.

MANSO, Plácido. **Dona Júlia**. Jornal O Areiense. Ano 2, nº 4, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Eduardo. **A tipografia do Beco da Misericórdia: apontamento históricos**. João Pessoa, SEC, 1978.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2006. 519 p.

MEDEIROS, Mário Vinícius Carneiro. **O crime de Carlota Lúcia de Brito: a verdade dos fatos**. Ideia, 2018.

MEDEIROS, Mário Vinícius Carneiro. **Brejo de Areia nos jornais do século XIX**. Ideia, 2021.

MELO, Maria Cristina Do Nascimento. **A identificação da massa documental acumulada da escola de enfermagem Aurora de Afonso Costa /UFF**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

MENDES, Francisco Fabiano de Freitas. **Produção interessada de saberes: a Coleção Mossoroense e o caos como causa. Combates pela história: X Encontro estadual de história**. 2020. Disponível em: <https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1535753059_ARQUIVO_TextoC_OMPLETEO-FabianoMendes.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MIRANDA, Antonio. Biblioteca Universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática. **Anais do I Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, 1978. Niterói: UFF/Núcleo de Documentação, p. 175-189. 1979.

Disponível em:

<http://www.antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/biblioteca_universitaria_.pdf>. Acesso em: 24 de abr. de 2023.

MONTANO, Blanca San José. **El nuevo paradigma de la gestión de la colección em las bibliotecas universitarias**: de la crisis a la revolución. Catalunya: Consorci de Serveis Universitaris de Catalunya: Comissió de Bibliothèques Universitàries de Catalunya, 2016. Traduccions de la CBUC; 57 (Octubre 2016). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/310289515_El_nuevo_paradigma_de_la_gestion_de_la_coleccion_en_las_bibliotecas_universitarias_de_la_crisis_a_la_revolucion>. Acesso em: 29 de mai. de 2023.

NASCIMENTO, George Silva do. **Pátrio-biografia**: Horácio de Almeida e a sua história da Paraíba. Dissertação (Mestrado). João Pessoa, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5953/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2023.

NORA, Pierre.; AUN KHOURY, Yara (trad.). Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

NOTÍCIAS. **O Areiense**, Areia, ano 1981, n. 8/9, dezembro 1980/ janeiro 1981.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. João Pessoa, 2009. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6264?locale=pt_BR>. Acesso em: 5 maio. 2023.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal**: o editor público brasileiro. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora. 2018.

OLIVEIRA, Júccia Nathielle do Nascimento Oliveira (Org.). **Roteiro Arquitetônico**: descubra esse patrimônio histórico e cultural da cidade de Areia-PB. Areia: BS/CCA/UFPB, 2020. Disponível em: <<https://www.cca.ufpb.br/bscca/contents/documentos/ROTEIROARQUITETONICO61.pdf>>. Acesso em 10 de jan. de 2023.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad. Revisiones conceptuales, legislativas e informativas para una educación sobre patrimônio. **Cuicuilco**, vol. 20, núm. 58, septiembre-diciembre, 2013, pp. 31-57. Escuela Nacional de Antropología e Historia Distrito Federal, México. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35130975003>>. Acesso em: 06 jun. 2023

PACHECO, Leila Maria Serafim. **Informação enquanto artefato**. INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro: IBICT/CNPq, v. 1, n. 1, p. 20-24, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **L'étrange miroir de l'Analyse du Discours**. In: Langages, Paris, nº 62, p. 5-8, juin. 1981.

PEIXOTO, Thayná Cavalcanti. **José Rodrigues da Costa**: um tipógrafo na Cidade da Parahyba (1848-1866). 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9514>>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

PEKALA, Madalena de Fatima Zaccara. **Pedro Américo**: um artista brasileiro do século XIX. Recife. UFPE, 2011.

PEREIRA, Daniel Duarte. Francisco Tancredo Torres. **YouTube**, 19 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lxNWjdrT3Kg>>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

PINHEIRO, Ana Virginia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais**: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44. (Coleção Memória da FCL, n. 3).

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GRANATO, Marcus. **Para pensar a Interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares**. In: SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da (Org.). Preservação documental: uma mensagem para o futuro. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 23-40.
 QUEIROZ, Anna Carla Silva de. **Acesso e Memória**: A Informação nos Arquivos das Arquidioceses da Paraíba e de Olinda/Recife Dissertação. João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/3900/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 28 de Ago. 2020.

REIS, Marivaldina Bulcão. **Biblioteca Universitária e a disseminação da informação**. 2008. 260f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pci/a/LCcVhWXmMt6yDMmG6Gmmmw/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 24 abr. de 2023.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUHL, S. **100 essays I don't have time to write**: On umbrellas and sword fights, parades and dogs, fire alarms, children, and theater. New York: Faber and Faber, 2014. p.197-198

SANTOS, Andréa Pereira; PEIXOTO, Suzane Gonçalves Duarte. **As bibliotecas universitárias**: contexto histórico e aspectos conceituais. XX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. 2018. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/files/original/50/5812/SNBU2018_210.pdf>. Acesso em: 26 abr. de 2023.

SANTOS Renata Ferreira; CARVALHO Maria Conceição. **A proteção do patrimônio bibliográfico no Brasil: o caso das coleções de livros raros em instituições públicas federais em ouro preto (mg).** Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/190082>>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos. **Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho:** estudo arquivístico e catálogo informatizado. 2000. 390 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11149/1/Zeny%20Duarte%20de%20Miranda%20Magalh%C3%AAs%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2023.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos. [et. al]. **O arquivo pessoal de Godofredo Filho na ótica digital:** composição da memória através do conjunto documental. Salvador: ICI, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30697/3/Um%20arquivo%20pessoal.pdf>>. Acesso em 04 de out. 2023.

SEARA HISTÓRICA. Espólio Francisco Tancredo Torres, série arquivo documentos. (Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres, Universidade Federal da Paraíba), 1947.

SERAFIM, Péricles Vitório. **O sesmeiro do jardim.** João Pessoa: Idéia, 2004.

SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio:** brejos e carrascais. João Pessoa: Editora Universitária, 1992.

SILVA, Siéllysson Francisco da. **Irmandades:** separações étnicas do Catolicismo durante o século XIX. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE. João Pessoa: [s. n.], 2009.

SILVA, Eleonora Félix da. **Escravidão e resistência escrava na "cidade d'Areá" oitocentista.** Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

Sobre a música no Colégio Sta. Rita. Documento de Arquivo, (Espólio Francisco Tancredo Torres). Areia. [s.d.].

TARAPANOFF, Kira. Planejamento de e para bibliotecas universitárias no Brasil: sua posição sócio-econômica e estrutural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981. Brasília. **Anais.** Brasília: CAPES, 1981, p. 9-35. Disponível: <http://repositorio.febab.org.br/files/original/25/3452/SNBU1981_006.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

TAVARES, Alexsandra. O pioneiro da Santa Sé: Primeiro arcebispo da Paraíba, Dom Adauto recebeu missão de fortalecer a Igreja Católica nos séculos 19 e 20 em nosso Estado. *Jornal A União*. 2020. Disponível em:

https://www.auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2020/maio/a-uniao-03-05.2020/view . Acesso em 14 out. 2023.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

TORRES, Francisco Tancredo. **Monsenhor Francisco Coelho de Albuquerque: primeiro centenário de nascimento 1879 – 1979**. Documento de Arquivo, (Espólio Francisco Tancredo Torres). Areia. 1979.

TORRES, Francisco Tancredo. **Centenário de Areienses**. In: Jornal O Areiense, p.1. nº 12, ano 3, 31 de maio de 1981.

TORRES, Francisco Tancredo. **Vultos Areienses XIII: Leônidas Santiago**. In: Jornal O Areiense, p.1. nº 15, ano 3, 30 de agosto de 1981.

TORRES, Francisco Tancredo. **Vultos Areienses XXIV: José Berardo dos Santos Leal**. In: Jornal O Areiense, p.1. nº 25, ano 4, 30 de junho de 1982.

TORRES, Francisco Tancredo. **Vultos Areienses XXXI: Bento Victório**. In: Jornal O Areiense. p.1 nº 32, ano 4, 30 de janeiro de 1983.

TORRES, Francisco Tancredo. **Vultos Areienses XXXII: Padre Ibiapina**. In: Jornal O Areiense. p.1 nº 33, ano 4, 27 de fevereiro de 1983.

TORRES, Francisco Tancredo. **Saudações ao Professor Jayme Coêlho de Moraes Vasconcelos**. Coleção Mossoroense, Série B, Número 568. 1988a.

TORRES, Francisco Tancredo. **Meio século de música em Areia**. 1988b.

TORRES, Francisco Tancredo. Igreja do Rosário dos Pretos em Areia. **Cidade**. Caderno Especial. Areia, 1988.

TORRES, Francisco Tancredo. **Areia: Paróquia e Pároco 40 anos**. Departamento de Produção Gráfica – SEC/PB: Areia, 1990a.

TORRES, Francisco Tancredo. **Um município da Paraíba: Areia**. Coleção Mossoroense, Série B, Número 714. 1990b.

TORRES, Francisco Tancredo. **Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques: Episcopado e Educação**. Coleção Mossoroense, Série B, Número 713. 1990c.

TORRES, Francisco Tancredo. **Areia e a abolição da escravatura**. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1171. 1992a.

TORRES, Francisco Tancredo. **Cônego Manoel Tobias Vitório**. Coleção Mossoroense, Série C, Volume 777, 1992b.

TORRES, Francisco Tancredo. A “Flor da Serra”. Jornal **Diário da Borborema**. 10 de abril de 1992.

TORRES, Francisco Tancredo. **Discurso proferido por Francisco Tancredo Torre no cinquentenário do Herbário da Escola de Agronomia do Nordeste, em Areia-Paraíba**. XVIII Reunião Nordestina de Botânica. 1994.

TORRES, Francisco Tancredo. **Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque**: fundador do Colégio Santa Rita. Areia, 1996a.

TORRES, Francisco Tancredo. **Palestra pronunciada por Francisco Tancredo Torres, em sessão solene do Conselho de Centro do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba por ocasião do 60º aniversário da ex-escola de Agronomia do Nordeste**. Areia, 1996bn.

TORRES, Francisco Tancredo. **Um Areense na Academia de Música da Paraíba**. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1370. 1997a.

TORRES, Francisco Tancredo. **Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque**. Coleção Mossoroense, Série B, número 1452, 1997.

TORRES, Francisco Tancredo. **Júlia Leal**. Fundação Vingt-u Rosado. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1631. 1999a.

TORRES, Francisco Tancredo. **Centenário da Igreja do Patrocínio de Remígio**. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1651. 1999b.

TORRES, Francisco Tancredo. **Antônio Benvindo de Vasconcelos**: centenário de nascimento. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1760. 1999c.

TORRES, Francisco Tancredo. **Pedro Américo**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2001. (Coleção Mossoreense).

TORRES, Francisco Tancredo. **Discurso de posse de Francisco Tancredo Torres como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, em João Pessoa – Paraíba**. Editora Livro Rápido, 2004.

TORRES, Francisco Tancredo. **Igreja do Rosário**. Espólio Francisco Tancredo Torres, série arquivo documentos. (Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres, Universidade Federal da Paraíba). [s.d.].

UMBERTO Eco – A biblioteca do Mundo. Direção: Davide Ferrario. Produção: Rai Cinema, Rossofuoco Distribuição: Films4you.2022. Filme (80 min.).

VIEIRA, Alexandre Trad. A Proposta da Escola dos Annales e a "História Nova". **Blog Fazendo História**. Belo Horizonte, 04 Dez. 2011. Disponível em: <<https://historiacsd.blogspot.com/2011/04/proposta-da-escola-dos-annales-e.html>>. Acesso em: 28 Ago. 2020.

XAVIER SOBRINHO, Francisco. Conferência pronunciada por ocasião do Jubileu de Ouro da Escola de Agronomia do Nordeste. In Torres, Francisco Tancredo. **Jubileu de Ouro das Ciências Agrárias na Paraíba**. Areia, 1986.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4684>>. Acesso em 14 de dez. de 2023.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em biblioteca universitária**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

ANEXO A – CORRESPONDÊNCIA DE IGNEZ ALMEIDA PARA TANCREDO

Horácio e a Gamoleira

Há 65 anos tombou a velha e grandiosa gamoleira. O machado que a derrubou, possuía a força dos vencedores da revolução de 1930.

Areia silenciosa assistiu à destruição do seu marco histórico. Assistiu silenciosa ao bárbaro atentado contra aquela majestosa árvore, que como presente de Deus assinalava a presença da cidade de Areia, no alto da serra da Borborema. Silenciosa assistiu a este espetáculo devastador, porque ausente da terra estava Horácio, o seu mais destemido defensor.

Ao tomar conhecimento do irreparável, com coragem e determinação, ele gritou alto pela "União", denunciando o crime ecológico que acabara de acontecer. Sua voz cheia de dor e revolta, logo foi abafada pela versão criada à última hora de que a gamoleira estava doente e era preciso sacrificá-la. Naquela ocasião, duvidar disto, era o mesmo que não aceitar como suicídio a morte de João Dantas.

Mas Horácio continuou fiel à imagem da sua idolatrada gamoleira. Sua mágoa espremida no peito, crescia sem jamais ter perdoado aqueles que golpearam mortalmente a inesquecível árvore.

E 26 anos depois daquele nefasto mês de março de 1931, desabafa Horácio sua dor em Delenda Cartago, último capítulo do seu livro Brejo de Areia:

— "Acima da belga da cidade,, dos recantos pitorescos que a circundam, da paisagem que sempre esteve a desafiar o pincel de um artista ou emoção de um poeta, do material humano

que deu vida ao passado, acima de tudo isso, erguia-se de fronte magestosa a secular gameleira, a cuja sombra cantavam os trovadores e se inspiravam os poetas.

O soberbo vegetal, soberanamente fincado no ponto mais alto da cidade, era a testemunha muda dos acontecimentos que ficaram sepultados no passado. Não foram poucos os idílios de corações namorados e até mesmo cenas dramáticas de lutas cívicas que se desenvolveram à sombra da sua imensa copa.

Quando as forças da legalidade atacaram os revolucionários praiieiros dentro dos muros da cidade, o tronco vetusto da árvore serviu de trincheira ao último combate travado. Em seu cerne ficaram cravadas as balas que poderiam ter ocasionado a morte de muitos combatentes.

Desde que Areia é Areia, a gameleira existiu como se fosse um templo pagão. Era o céu verde da cidade, na expressão feliz de José Américo de Almeida. O povo tinha pela imensa árvore uma veneração quase religiosa.

De longe, a 50 quilômetros de distância ou talvez mais, via-se o colosso, na magestade de seu porte, destacado de uma das cristas da Borborema, a assinalar, como gigante solitário da floresta, a presença da cidade, que nasceu a seus pés e cresceu a sua sombra. Com a derrubada do marco histórico, ficou a cidade sem expressão de grandeza, reduzida em sua configuração a um aglomerado de covas rasas,

O tronco fabuloso do vegetal media cerca de 15 metros de circunferência. Para abraçá-la oito homens se davam as mãos,

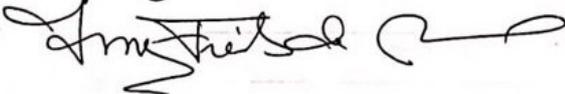
resta colado ao caule, num beijo instintivo ao corpo do gigante, cuja grandeza constitui motivo de orgulho para todos os habitantes da terra."

Cresci vendo o retrato da família em frente à mesa de trabalho do meu pai. Quando nos mudamos para o Rio de Janeiro, o ^{foto} retrato da família nos acompanhou e fazia parte do cenário da sala. Até hoje a fotografia da família permanece em lugar de honra na casa do meu filho Luis Henrique.

Mas se ainda hoje, no centenário do meu pai, há quem acredite ter sido necessário o sacrifício do grande avô de Alcida, nada mais ele poderia fazer.

Descanse em paz, Florácio, porque sua alma libertada durante o sono, na madrugada do dia cinco de junho de 1913, confundiu-se no céu, com a essência da sua querida família.

Rio, Agosto de 1996

Ignês Freitas de Almeida




125
Paris
1930

**ANEXO B – LISTA DE 111 PROFESSORES DE AREIA, ENTRE OS ANOS DE
1822 A 1960**

Saucredo Soares

PROFESSORES DE AREIA

DE 1822 A 1960

1. ALÍPIO SALES
2. JULIA VERONICA DOS SANTOS LEAL
3. ANA UMBELINA CAVALCANTE CHAVES (1a. professora pública)
4. JOSÉ BEPARDOS DOS SANTOS LEAL
5. FREDERICO CAMPOS *Autº Fred. Coues de Campos*
6. MARIA AMERICA DOS SANTOS LISBOA
7. ANACLETO DE MATOS
8. JOSÉ MASCARENHAS
9. MARIA DO ROSÁRIO BRASILEIRA DE MELO (BAHIA) - 2a. profa.pública
10. SABINO ROMADIZ
11. MARIA EMILIA DA SILVA (NENEN)
12. ANTONIO BENVINDO DE VASCONCELOS
13. JOAQUIM ENRIQUE DA SILVA
14. MIGUEL GOUVEIA
15. JOSÉ IGNACIO GUEDES PEREIRA
16. OTACILIO DE ALBUQUERQUE
17. CÂNDIDO FABRICIO DO ESPIRITO SANTO
18. MANUEL LINS
19. ANTONIO ELIAS PESSOA
20. LUIZ MONTEIRO DA FRANCA
21. PE. MANOEL CASSIANO PEREIRA DA COSTA
22. PE. JOAQUIM ALVARES PEREIRA DA COSTA
23. ADEL DA SILVA
24. TITO SILVA *Henrique da*
25. HORACIO SILVA
26. FRANCISCO XAVIER JUNIOR
27. JOÃO DE DEUS COELHO SERRÃO
28. JOSÉ SEVERINO DE ARAUJO
29. FILOGONIA DA GAMA CABRAL
30. ÁUREA MESQUITA
31. EZILDA MILANEZ BARRETO
32. ALDA DERLY PEREIRA
33. NANETE SANTIAGO
34. MARIA AUXILIADORA CARVALHO E SILVA GUEDES
35. MARIA DO CARMO SOUZA LIMA
36. SEVERINA SOUZA DO MONTE SILVA
37. MARIA BRONZEADO MACHADO
38. LAMIO DE AZEVEDO MAIA
39. DONATILA LEMOS PEREIRA DE MELO
40. VALDECI COELHO PEREIRA DE MELO

Prof.2

41. BERNADETE COELHO PEREIRA DE MELO
 42. ESTHER CARVALHO
 43. SILVIA CHIANCA
 44. DEBORA TAVARES BRAGA
 45. ~~XXX~~ LEONIDAS SANTIAGO
 46. AMERICO PERAZZO
 47. FLITA LUNA
 48. MARIA DO CEU LUNA BARRETO
 49. ALINE VIANA
 50. ZULIA ^{Janai de} ~~LEMOS~~
 51. GIZELDA BARACHO MARINHO DO MONTE SILVA
 52. EMILIA RIBEIRO
 53. TEREZINHA ^{Barbora} ~~DANTEL~~ DE ASSIS PEIXE
 54. MARIA ~~DE~~ DAS VITORIAS LINS
 55. LILIOSA BORGES
 56. MARIA MARACAJÁ
 57. IVETE BARBOSA ^{Tomma}
 58. MARIA DAS VITORIAS CORPEIA LIMA SAMPAIO
 59. MARIA VIOLETA BRITO LIRA
 60. LAURA DANTAS GOUVEIA
 61. RIDE TE COELHO DE LEMOS
 62. FLORISA ^{Franca} COELHO DE LEMOS
 63. TERESINHA COELHO DE LEMOS
 64. JOVELINA CHAVES
 65. MARIA DO CARMO MELO
 66. FRANCISCA ^{da Colina} MELO
 67. ^{ma} ~~DALVA~~ CUNHA MELO
 68. MARIA IRACEMA MOREIRA DE ~~XXX~~ TEIXEIRA DE BARROS
 69. ~~XXXXXXX~~ INACIA DA CUNHA PINTO (INAH)
 70. MARIA DAS VITORIAS SILVA
 71. MARIZA SILVA
 72. MARIA DE LOURDES DUARTE GALZERANO
 73. MARIÉ SANTIAGO VASCONCELOS
 74. MARI ^hVA SANTIAGO CORPEIA LIMA ^{MARIA LVA}
 75. GENIVETE PEREIRA DE VASCONCELOS
 76. MARIA DA PENHA TAVARES PEREIRA DE MELO
 77. MARIA AUXILIADORA LINS
 78. MARIA DE LOURDES LEAL
 79. MARIA DAS NEVES LEAL
 80. GILBERTA PEREIRA DE VASCONCELOS
 81. MARIA ESTELA ~~BARBOSA~~ ^{de Oliveira} ANDRADE

Prof.3

82. SEVERINA RODRIGUES DE LIMA (SILVINHA).
83. MARIA DAS NEVES GABY BARRETO
84. CRIZALDA LINS
85. TEREZINHA CARNEIRO
86. MARIA LENILDA BERNARDO FERREIRA
87. LENILDA DE AZEVEDO MARTINS
88. MARIA AUGUSTA DE MEDEIROS COSTA
89. LAURA MEDEIROS
90. MARIA DE LOURDES MEDEIROS MAIA
91. AVANY DE MEDEIROS QUEIROZ
92. MARIA DE LOURDES ^E COLHO PEREIRA DE MELO CHIANCA
93. ADENICE MONTEIRO
94. NILZA DE ALMEIDA GONDIM
95. ENILDE DE ALMEIDA GONDIM
96. ILTES DE FRANCA ANDRADE
97. CREMILDA RODRIGUES
98. MANOELA VAZ CRUZ CORREIA LIMA
99. BEATRIZ PERAZZO
100. GISELIA BARRETO
101. AUGUSTO CABRAL
102. ALVARO JEFFERSON
103. SÁ LIMA
104. ANA BORGES
105. RUFINO OLAVO DAC COSTA MACHADO
106. GERVASIO FERNANDES BONAVIDES
107. JUVENTINO CABRAL
108. MARIA DAS NEVES DUARTE QUEIROZ
109. ROSINHA ANDRADE
- 110 - MARILDA PERAZZO CAVALCANTI
- 111 - RITA LOPES

guilina

Eduardo de Medeiros

Francisco Cavalcanti

Palmeira de Almeida Pereira

Alina Coelho Pereira de Melo Laureano ^{da} Santa

Ma. Eleonora Perazzo de Andrade

Antonia Cabral Gouveia Silva

Auri Mesquita

ANEXO C – DISCURSO DE JÚLIA VERÔNICA DOS SANTOS LEAL

Discurso de D. Julia Leal, em data de 9 de Julho de 1961
Data de seu aniversário, completou 90 anos. 1871-1961

Meus caros amigos e benfeitores

Não estranharais de certo a emoção que ora atinge o meu coração e a minha alma, nesta honrosa manifestação promovida por espiritos privilegiados, formados no cordinho da nossa civilização, iniciados no aconchego feliz de lares exemplares, e ouvindo religiosamente, as lições da humilde mestra que hoje, transbordante de júbilo, contempla não somente os pais, como as filhas que se me apresentam tomando parte nesta manifestação, representada pela elite social Arsiense; Vós o sabeis, a alma Arsiense; feita nas melhores condições, nessa terra uberrima e dádiosa terra generosa e boa onde tudo é verdade, tudo purezas e doçuras, esta sociedade vigorosa e sadia, que traz sempre renovadas em si por questão de atavismo, as velhas qualidades de civismo, de educação, de carinho e generosidade; reconhecendo o merito, admirando as virtudes! Razão porque, caríssimos amigos e benfeitores, neste momento, numa vibração comunicativa de emoção e alegria recebo este preito que é dirigir a mais humilde das educadoras Arsienses, mas talvez a que foi mais dedicada ao bem coletivo....

A gratidão que se manifesta nestas almas de espó, que promove esta manifestação, trazendo a velha educadora significativa oferta, não é uma bajulação não, porque a sociedade presente não sabe simular.

A gratidão que me empolga faz-me deixar exalar a suavidade do meu coração para que se não vá emudecer o éco misterioso de nossas tradições que faz a parte mais sadia mais vibratil da nossa sociedade culta, tão bem representada nestes vultos femininos, protótipos de cultura, inteligência e heroísmo cristão.

Virginia Xavier, Maria do Carmo, Cicera Perazzo! Eis a trindade heroica reconhecida nos esforços feitos, relembrando os tempos da juventude a que, manifestados as suas peregrinas virtudes de inteligência e dedicação aos estudos, caminhavam a largos passos na estrada espinhosa do saber, seguiram prontamente as lições da Mestre progredindo esperançosas, a serem hoje o que são modelares esteios da sociedade suel.

Para vós queridas ex-alunas, desejo a plenitude de felicidades lisongeiras. Pare vós todos que fazeis parte desta manifestação amiga e meu muito obrigado, pedindo a Deus bênçãos e felicidades para vós amigos e benfeitores.

Julia V dos Santos Leal
Julia Leal

ANEXO D – VULTOS AREIENSES

18 de maio de 1980 - Ano 2, N º1

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: MONSENHOR. JERÔNIMO CÉSAR

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Em mais uma oportunidade, assistimos em Areia, à celebração de festas centenárias. Desta vez, registra-se o 1º Centenário de Nascimento de Monsenhor Jerônimo Juvenal César Falcão, nascido cidade, a 4 de maio de 1880.

Da família de destaque e numerosa, foi o sexto filho de Justiniano César Falcão e Ana Aurora César Falcão, abastados senhores de engenho neste município. Foram seus irmãos: Monsenhor Álvaro Pio César, Philomena Antônia, Aurélia, Eudócia, Consórcia, Fernando, Josafá e Lucionéia.



Concluídos os estudos preparatórios, encaminhou-se para o Seminário da Diocese da Paraíba, onde, pouco a pouco, conquistou os graus exigidos para atingir o presbiterato, final da carreira que abraçara, escolhido que fora pelo Divino Mestre.

As 5 de novembro de 1899, em solenidades festivas na catedral da então cidade da Parahyba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, as primeiras Ordens Menores e a 18 de Maio de 1902, é promovido ao Diaconato. Somente a 14 de Dezembro o ano de 1902, é ordenado sacerdote. Era o 39º sacerdote mãos unguidas de D. Adauto. Seu irmão Álvaro César, atingiria o sacerdócio no ano de 1905, pois, em 1902 é que chegara ao Subdiaconato.

Exerceu o sacerdócio em vários cargos na Paraíba, sendo Vigário de Alagoa Nova também. Deixando esta Diocese, foi para o Sul, onde permaneceu por quase três décadas à frente dos destinos espirituais de Araraquara, no Estado de São Paulo, e pertencente à diocese de São Carlos, no mesmo estado. Regressou à terra natal, nos primeiros anos da década de 40, sendo Capelão e inspetor de ensino Santa Rita, de Areia, prestando ainda inestimáveis serviços auxiliares ao Vigário desta Paróquia.

Em 1922 conforme notícia, o jornal católico "A Imprensa", circulante na Paraíba, e, como não podia deixar de ser o porta-voz arquidiocesano, foi ele, juntamente a outros colegas sacerdotes, é levado ao canonicato. D. Adauto o premiou pelos excelentes trabalhos que havia ele prestado no espiritual na Paraíba. A esta altura, ele já se encontrava no vicariato de Araraquara. Naquela cidade, o seu apostolado foi muito fecundo, tendo desenvolvido grande trabalho de assistência social.

Em 17 de julho de 1949, Monsenhor Jerônimo entrega sua bela alma ao Criador, nesta mesma terra onde é sepultado.

VULTOS AREIENSES: ANTÔNIO PEREIRA DOS ANJOS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Antônio Pereira dos Anjos, um areiense que honrou a sua terra pela sua inteligência, atividades desenvolvimentistas, honradez, e probidade, mas esquecido por muitos e desconhecidos das gerações atuais. Nascido no Engenho Avarzeado, deste município, ainda bem moço veio para Areia e iniciou suas atividades agrícola e comercial. Na primeira, obteve excelentes resultados nas suas propriedades Lava Pés, Engenho Olho D'Água, Gruta Funda e no pequeno Sítio Pirunga, depois Granja do APA, nome este oriundo das suas iniciais.

Grande foi a cultura do café, que desenvolveu em escala comercial com plantio de 30.000 pés e dando a primazia de instalar em Areia um despolpador da preciosa rubiácea.

Deslocando-se constantemente para outras regiões, não se limitou a cultivar apenas o que já havia no brejo, mas tratou de melhorar as suas culturas e de introduzir outras. Boas variedades de café, a nossa gostosa manga rosa, até então aqui inexistentes, muitas outras novidades. Sua casa comercial, grande, com sete portas, apresentava o que havia de melhor naquele período final do século XIX, ocupando o primeiro lugar entre outras existentes em Areia, e onde se podiam adquirir artigos femininos e masculinos, os mais belos tecidos, variedades em miudezas, armarinho, louças, ferragens, gêneros alimentícios, confecções, drogaria e livros escolares.

No setor imobiliário, contribuiu ele para o enriquecimento da cidade, construindo excelentes residências ainda hoje existentes, como marca de sua inteligência e de sua visão de homem de negócios. Acompanhando o desenvolvimento mundial, foi o pioneiro do telefone em Areia. Muitos não acreditavam em sua pretensão de trazer e instalar em Areia, de sua casa comercial "A Fidelidade" para sua residência, o telefone. Foi 1892. Viajava frequentemente ao Recife, em cujo comércio fazia compras para o seu estabelecimento. De lá trouxe o precioso invento que causou sensação aos seus conterrâneos e contemporâneos. Bem fixou o jornal "Verdade", em sua edição de 20 de fevereiro de 1892: "THELEPHONE" - o ativo e incansável comerciante Antônio Pereira dos Anjos que há poucos dias chegou do Recife onde fora comprar sortimento para sua bem montada casa commercial, trouxe conforme havia nos dito, o aparelho telephônico e entehontem à tarde assistimos a sua inauguração. E realmente uma maravilha aquela invenção de Edison! (sic) Nós, que há fala dos preciosos meios, ainda não podemos sahir d'aquí nem ao menos para dar o passeio ao Recife, ainda não havíamos tido ocasião de ver o que era o - TELEPHONE-. Agora porém, graças ao bom gosto e espírito progressista do cidadão Pereira, temos a satisfação de ver em nossa terra o que só suppunhamos ver quando, por ventura, fossemos ao Recife, pois a nossa capital também de poucos tempos a esta parte é que tem um telephone e isto mesmo devido ao gosto do negociante Cândido Jaime. Está fora de dúvida que se aqui tivéssemos uma meia dúzia de Pereiras, muito lucraria a nossa Areia e o progresso se desenvolveria em maior escala. Logo em seguida, na edição de 13 de março, o mesmo jornal trazia o seguinte, referente ao mesmo assunto: "TELEPHONO - No estabelecimento de Antônio Pereira dos Anjos. É excessiva a concorrência de apreciadores que, amantes do progresso, vão todos os dias observar a grande invenção do incansável Edison - o telephono. Aliás, não se sabe porque a confusão com o nome do inventor. Foi muito arrojo para aqueles tempos. Como vimos a capital de nosso Estado possuía apenas um telefone, quando Areia se dava já ao luxo de possuir um. Não foi tão distante de outros lugares, que graças a Antônio Pereira dos Anjos, esta terra se aliou tanto ao progresso. A capital do Ceará, há apenas nove anos, ou seja, em 1883, é que instalara também o seu primeiro telefone, e de propriedade particular, pretendente à "Casa Confúncio", de Confúncio Pamplona, não tendo o povo cearense tido menor deslumbramento do que esta cidade. Era só o que todos falavam, numa manhã de domingo, onde o sol não negou o ar de sua graça". Antônio Pereira foi um dos maiores capitalistas de seu tempo nessa região. Não lhe faltou também aptidão para outras profissões como a odontologia e a medicina, dando prova disto em várias ocasiões pelos trabalhos realizados em casas de emergência. Por fim, a partir de 1900, já desfeito de parte de seus negócios, ele prestou outros serviços a esta terra, como Coronel Comandante da 4ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca de Areia, com Carta Patente que fou outorgada pelo Sr. Presidente da República, Dr. Campos Salles. Referendada pelo Sr. Dr. Epitácio Pessoa, então ministro de Guerra. Faleceu o Coronel Antônio Pereira dos Anjos, repentinamente, na cidade do Recife, ao cruzar o antigo Pátio do Paraíso, em 11 de outubro de 1934, onde foram tratar de seus interesses particulares, sendo o seu corpo embalsamado para essa cidade, onde repousa definitivamente.

VULTOS AREIENSES: DOM ADAUCTO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

O Episcopado Nacional, nos idos de 1893, teve as suas fileiras enobrecidas com a inclusão do insigne sacerdote que foi D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Nascido do ilustre ramo dos Miranda Henriques, era areiense de nascimento, vindo à luz a 30 de agosto 1855.

Os seus primários foram em Areia. Depois partiu para o seminário de Olinda onde realizou os preparatórios, seguindo, então, com destino à Europa. Acolhe-o o Colégio de São Sulpício, em Issy, na França, onde cursou filosofia. Em Roma concluiu teologia e ordenou-se sacerdote. Foi há precisamente um século - 18 de fevereiro de 1880. Regressou ao Brasil. A época, a diocese de Olinda era constituída pelos Estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte.



Na sede diocesana, D. Adauto inicia a sua caminhada ascensional pelos mais dignificantes cargos que a igreja oferece. Vemo-lo como professor de filosofia, retórica, francês e direito canônico no mesmo seminário onde mais tarde seria diretor espiritual. Por designação da autoridade diocesana foi cônego efetivo da Sé. Estes cargos ele os ocupou até sua escolha como o Bispo da Paraíba.

A recém-criada diocese da Paraíba, em 1892, necessitava de pastor e a Providência destinara D. Adauto para guiar o rebanho tabajara. Sagrado Bispo em Roma, aos 7 de janeiro de 1891, na capela Colégio Pio Latino pelo Cardeal Lúcio Maria Parochi, veio tomar posse de sua diocese somente a 4 de março do mesmo ano.

D. Adauto teve sempre suas paixões pela educação da juventude. De início, já como fruto teu espírito empreendedor, fundou o Colégio Diocesano e mais tarde o Colégio N. S. Das Neves ambos na capital: o Colégio N. S. Da Conceição, o Colégio Santo Antônio em Natal e o Santa Luzia em Mossoró, no Rio Grande do Norte; reabertura da Diocese Padre Rolim, em Cajazeiras, deu inspiração para abertura do Santa Rita em Areia, e mais outros perfazendo um total de onze colégios até o fim do seu episcopado, ainda servindo à educação do povo. Não somente a juventude foi educada mas também o seu clero forjado na preparação espiritual, intelectual e científica. Foi um disseminador da boa imprensa e de especiais vocações em todo o território diocesano. Defendeu com ardor a sua diocese, preservando-a ao máximo das influências más.

Teve a honra de ser no Brasil, o único antístite que ocupou no seu estado natal o cargo de primeiro Bispo e primeiro Arcebispo. Em 1914 a 4 de julho ele recebeu em Roma do próprio Sumo Pontífice Pio X, o sagrado pálio, símbolo de sua autoridade arquiépiscopal, ficando a Paraíba elevada às sublimes honras de Arquidiocese. No decorrer de seu episcopado, criou condições para a divisão de sua Arquidiocese, surgindo assim as dioceses de Natal e de Cajazeiras, das quais foi Administrador Apostólico. as duas ficaram como Arquidiocese, formando então, a Província Eclesiástica da Paraíba.

D. Adauto deixou cerca de quarenta cartas pastorais e documentos ricos de ensinamentos e pregação sobre o "reinado da caridade entre os ricos e os pobres". Deixou um clero numeroso, tendo ordenado cento e trinta e três sacerdotes, saindo de sua fileiras cinco bispos; até o final do seu múnus apostólico: D. João Irineu Joffily, D. Joaquim de Almeida e D. Manoel Paiva. Neste ano do centenário de ordenação sacerdotal, ainda estão lembrados os filhos espirituais e conterrâneos de Areia, de todas as suas lutas, das glórias alcançadas e do seu episcopado triunfante e fecundo.

VULTOS AREIENSES: JOÃO DE LOURENÇO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Um areiense faleceu há poucos dias na Cidade do Rio de Janeiro. Era João de Lourenço. Nasceu a 8 de fevereiro de 1893. Aqui estudou e anos depois foi professor da Instrução Pública. Mas não se limitou a ser apenas isso. O seu desejo era alçar vôo mais alto. A sua estrela passa a ter maior fulgor ao sair de Areia. Vai à Capital do Estado e lá aparece como Redator do jornal oficial "A União" e Redator da Assembleia Legislativa da Paraíba. Transfere-se para o Rio de Janeiro e se lança com grande esforço, ao estudo. Sai diplomada em 1921 como Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

A imprensa o absorve. A sua atividade jornalística é excepcional. Escreveu em quase todos os jornais da então Capital Federal: "Correio da Manhã", "Diário de Notícias", "Jornal do Commercio", Redator econômico-financeiro do "O Jornal" e Redator Chefe do "Paiz". As suas atividades jornalísticas o tornam Membro da Associação Brasileira de imprensa.

Na vida pública funcional, inicia como Inspetor Federal de Obras Contra as Secas e posteriormente como Chefe da Seção da Estrada de ferro Central do Brasil e Fiscal das Caixas de Aposentadorias e Pensões dos Comércios.

O seu domínio no mundo econômico foi quase invulgar. Foi avançando com muita decisão e muito brilho no Ministério da Fazenda, galgando por merecimento os altos postos. Tomou parte na Comissão que examinou as medidas a serem adotadas para regular as relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha, como também fez parte do Conselho Federal do Comércio Exterior e da Comissão Reservado do Ministério das Relações Exteriores. Na mesma época é promovido ao cargo final da carreira de Estatístico do Tesouro Nacional e logo após nomeado para Secretário Chefe de Gabinete do Ministro da Fazenda.

Outros encargos ainda lhe chegaram, tais como Diretor do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda e Membro da Comissão Censitária Nacional: trabalhos ligados ao estudo de condições do Mercado interno. Membro da Comissão Federal de Preços e representante do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O Presidente da República por várias vezes o distinguiu em relevantes serviços como a função de representante do Brasil na Comissão Mista Comercial no Rio de Janeiro nos termos do Tratado de Comércio e Navegação entre as nações brasileira e argentina.

Foi Delegado Permanente do Ministro da Fazenda, perante o Fundo Monetário Internacional em matéria estatística e Membro do Conselho Nacional do Petróleo, entre outras delegações e comissões de que participou ativa e brilhantemente. Representou o Brasil na Conferência Pan-americana em Montevideo em 1935.

Durante toda a sua vida não se descuidou do jornalismo. Os jornais de seu tempo, no Rio e em S. Paulo, documentaram os seus passos com absoluta precisão e riqueza de material. Foi colaborador dos melhores jornais de S. Paulo, Montevideo e Buenos Aires. No domínio da economia, deixou algumas obras: "Sistema Nacional de Economia"; "Indicação sobre a Política Econômica e Financeira"; "Situação Econômica e Financeira do Brasil- Pareceres".

O ápice de sua vida pública foi atingido com sua designação para o Tribunal de Contas da União. Para lá, o mandara como Ministro, o General Eurico Gaspar Dutra, então Presidente da República. Em mensagem ao Senado, o presidente submetera o seu nome para aprovação como Ministro. Valheram-lhe os méritos e sua capacidade. Foi-lhe concedido um justo prêmio. A sua probidade e honradez passaram finalmente para o serviço público. Tão bem se desincumbiu da última missão que ao atingir a aposentadoria, não faltaram críticas amargas julgando o ato que o retraia da vida pública.

Bom cristão. A sua devoção Mariana foi sempre presente em todas as horas. Ao tomar posse como Ministro do Tribunal de Contas, foram estas suas palavras iniciais no discurso de posse: "Chego a esse órgão pela graça de Nossa Senhora". A sua terra natal, não negara afeição, e à Igreja Matriz da Conceição lhe oferece um belo Sacrário como penhor do seu amor filial. Aqui, em 1945, lhe prestaram uma homenagem. A turma de professores do Colégio Santa Rita, lembrou-lhe o nome no preito de gratidão pelo serviço que prestará àquela Casa. Atingiu à velhice, mas não esqueceu os pagos natais.



VULTOS AREIENSES: RITA RAMALHO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Dizia-me Frei Vicente Senge, OFM, ex-provincial dos Franciscanos Missionários do Norte deste país e ex-Capelão do Colégio Santa Rita de Areia, que no Brasil havia muitos santos anônimos. Eu, àquela época, já o julgava um deles. Realmente os há! E não seria Areia exceção à regra. Tem ela também a sua santa e que não é tão anônima, principalmente longe de sua terra. Eu mesmo não a conheci, mas, durante quase uma década fui hospede da casa-pensão dos seus pais, em Recife. Era esta especializada em hospedagem para areienses. Lá encontrávamos fidalguia de trato e segurança naquela cidade que nunca deixara de oferecer os seus perigos.

RITA RAMALHO é a nossa santa. Areia lhe servia de berço a 10 de maio de 1913. Uma dos 13 filhos de Lucas Ramalho de Medeiros e Maria Ramalho de Medeiros. Apenas ela, Manoel e Luiz, criaram-se. Foi um predestinada. Desde a tenra idade, demonstrava os dotes que a fariam notabilizar-se entre os demais viventes. A formação em lar cristão a preparara uma vida pura e de obediência a Deus e à Santa Igreja. Do batismo à 1ª comunhão e à vida de religiosidade ficaram as suas pegadas em Areia. Aos 15 já era membro da Pia União Filhas de Maria e a sua bela voz se destacava no coral da Matriz dirigido por D. Júlia Leal, que fora também sua primeira mestra escolar.

Por decorrência da saída de sua família deste estado para o de Pernambuco, em 1936, teve Rita novo campo de ação religiosa. Filia-se à Associação das Filhas de Maria de São Vicente de Paula, no bairro da Boa Vista e ingressa na Ordem Terceira do Carmo (pertencentes a católicos leigos) e dedica sua vida somente ao trabalho e às coisas sagradas como um desvelado amor por sua mãe. Dedicava-se a boa leitura, tendo como predileção à vida dos santos. Sua formação, talvez, não fugiu à de Santo Inácio de Loyola, que, nesse tipo de leitura iniciou a sua vida de espiritualidade que ainda hoje continua com a seu exército - os Jesuítas - uma grande força da Igreja.

Sua devoção especial era à Virgem Santíssima, escrevendo após o seu nome as iniciais FMI, que queria dizer Filha de Maria Imaculada. O seu hábito diário, sem falha, era a leitura de trechos do Evangelho, o que fazia com amor e respeito.

A prova do seu amor filial e de seus méritos, vem quando D. Maria Ramalho foi operada de câncer e desenganada pelos médicos que não lhe garantiam mais do que um dia de existência. Rita em voto solene, oferece sua vida ao Coração de Jesus em troca da vida de sua mãe. A graça com rapidez se fez presente. A sua confiança em Jesus era imensa e suas palavras o provavam: "Mamãe o melhor, o mais puro, o mais santo de todos os filhos foi Jesus Cristo. Tudo ele fez por sua mãe. Se quando eu morrer for para o céu e Nosso senhor me permitir, tudo farei também para minha mãezinha".

Somente a 4 de novembro de 1948, quando decorriam 7 anos daquele fato, após imensos padecimentos, Rita entrou para a vida eterna. Mas foi apenas um começo do seu trabalho além desta terra. Ela passou a interceder pelos que lhe solicitam os favores espirituais. Diante dos seus restos mortais na Basílica de N. S. Da Penha, em Recife, não cessam os seus devotos lhe implorar as mais diversas intercessões e muitos foram os favores alcançados. Um dos grandes jornais do Recife, o "Diário de Pernambuco", edição de 7.1.1977, da vasta publicidade sobre Rita, e, "O Norte", na Paraíba, edição de data seguinte também nos traz à luz os fatos miraculosos de nossa conterrânea.

Em 1959, a investigação da Igreja se fez presente nos atos de veneração a nossa conterrânea. Seus pais a perderam na terra, mas, no céu a têm, onde ela continua a interceder por nós.

VULTOS AREIENSES: ANA EMÍLIA DA SILVA (NENEN)

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Uma existência de dedicação à Areia. Não faz muitos anos que ela deixou o nosso convívio. Modesta, simples mas extremamente enérgica e organizada. Sua principal atividade foi ensinar a ler e escrever. Gerações que se sucederam foram por ela alfabetizadas. Antecipou-se à Igreja pós-conciliar que abriu os seus templos à instrução, aos concertos, às conferências e até as greves reivindicatórias e de protestos.

Na pequena Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da qual foi uma zeladora incansável durante trinta e cinco anos, ela transformou a sacristia tão próxima à capela-mor em sala de aula. Todas as noites, pacientemente passava a passos miúdos, sombrinha e as grandes chaves do templo a mão. Chovesse ou não, ela ia cumprir o seu dever mestre abnegada. Somente em 1946, ganhara o prêmio de sua aposentadoria e alegria de haver aberto para tantas criaturas os caminhos sagrados do saber. Dentre as muitas e mais antigas educadoras areienses ela tem, realmente, o seu lugar de honra.

O seu maior zelo, contudo, não se limitou à instrução pública. Casas de real importância na vida e na história de Areia, receberam também os seus cuidados. A primeira, a Igreja do Rosário, antiga, cuja ereção tem até o presente data ignorada, mas que diz muito de um passado de glória. A sua Confraria que fora instalada a primeiro de janeiro de 1873 perante o Padre Antônio José Borges, ela pertencera como membro desde 20 de agosto de 1935. Dedicara-se com todo o ânimo a defendê-la dos depredadores e da meninada que sem encontrar maiores espaços para brincar aproveitava o pátio do velho templo. Quantos levaram as suas bondosas reprimendas? Por ela trabalhou anos seguidos e com auxílio de algumas organizações areienses e a sua própria Confraria, conseguiu adquirir os recursos necessários à mudança do piso de tijolo comum para o de mosaico bonito e colocar o forro de sua nave única e central. Inúmeros concertos fizera em suas portas, paredes e calçadas, pois a ação destruidora do tempo também não pára. Ela, assim, ajudara a manter de pé aquele tempo, que recebera, talvez, os seus maiores benefícios em 1876, com os concertos de madeiramento, encaixado das telhas de cumieira, feitos pelo mestre Francelino José do Rêgo, pela quantia de cento e dez mil réis, no ano em que seu genitor Manoel da Silva era Juiz da mencionada Confraria do Rosário.

Somente no início da década de 1960, a igrejainha passou a servir de capela ao então Ginásio Coelho Lisboa, atual Colégio Estadual, já encontrando D. Nenem avançada em cem anos. Desprestigiados os seus serviços, se evidenciou o seu afastamento como zeladora.

A segunda Casa foi a “Pedro Américo”, que abriga obras e relíquias do grande pintor, biblioteca municipal e a nati-morta Galeria dos Areienses Ilustres. Ela mesma enriquecera aquele Museu, ofertando-lhe uma palmatória que pertencera à professora Dondon, tia daquele gênio imortal e que servira um dia para castigá-lo, aos seis anos de idade, por sua genitora, que, antes recebeu na face dois tapas do seu querido rebento. Não somente ela zelava como ainda dirigia a juventude à boa escolha de leitura, de acordo com a idade do cliente e ainda ralhava com os irresponsáveis pelo atraso da entrega dos livros e pela falta de conservação destes.

A sua vida foi um exemplar. Católica fervorosa. Membro da Pia união das Filhas de Maria e devota de Santa Luzia de cujo altar na Matriz era zeladora e onde, por voto, passava inteiro o dia 13 de dezembro data àquela santa dedicada. Quem deixava de pelo Natal visitar em sua residência à Rua Dr. José Evaristo, a sua encantadora lapinha, de antiga tradição, em sua família?

“Não poderia deixar de ser assim uma filha do imortal Manoel José da Silva Júnior,” o apóstolo da Abolição em Areia”.

Sua genitora, de quem herdara o segundo pré-nome, foi a Emília Viana da Silva. Nasceu D. Nenem, a 11 de novembro de 1882 e veio a falecer a 6 de maio de 1964.

Repousa no campo santo desta cidade, num túmulo singelo, bem conservado, mas onde nem uma lápide assinala a presença dos seus despojos, do seu pai para nós imortalizado e dos seus demais parentes.

VULTOS AREIENSES: JOÃO SERRÃO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Não é demais lembrar-lhe a memória. O tempo leva o passado ao esquecimento. Mesmo os contemporâneos vão olvidando os feitos deixados em sua comunidade por aqueles que já partiram. Mais uma aliança surge nestas páginas: JOÃO DE DEUS COELHO SERRÃO - este o seu nome completo nascido a 8 de março de 1872, foi um dos filhos de Joaquim Coêlho da Silva Serrão e Sara Americana de Miranda Serrão. Aqui foi educado, à instrução secundária como aluno do Professor Francisco Xavier Júnior que até o final de 1890 manteve em Areia curso preparatório de Latim, Português e francês. Com a sua competência João Serrão chegou a substituir o próprio mestre Xavier que se afastara para outra terra. Ficava existindo em janeiro de 1891, criado por ele e por seu colega Otacílio Camêlo de Albuquerque, o Externato Areiense. Aquela época e bem jovem, vai enveredando por outros setores de atividades. Ingressou aos 18 anos de idade no serviço público estadual como escrivão da Coletoria Geral, nesta cidade e mais tarde, outras localidades como Esperança, Picuí, Bananeiras, Serraria e Alagoa Grande. Escrivão também, fora, por eleição, da então poderosa Confraria de N. S. do Rosário, presidida por Rodolfo Pires e da qual vem a ser juiz interino (1891-1893).

Acenam-lhe, então, as atividades teatrais. Este foi um dos mais destacados episódios de sua existência em Areia. Já construído desde 1859 o atual Teatro Minerva, tomou um maior impulso com João Serrão. A história desta Casa não pode ser escrita com a omissão do seu nome. Ele estará Para Sempre ligado à sua existência. A sua memória teatral foi exaltada em "Brejo de Areia" e um seu contemporâneo, Otacílio Cavalcante, a relembrou em resumir do artigo de 22.11.1947, em "O Século", assim se expressando: " Há um nome que não pode ser esquecido em Areia, em se tratando de arte teatral: João de Deus Coelho Serrão. Ele foi o maior animador da vida teatral areiense e, sem o qual, nada, ou quase nada se teria feito nesse sentido. Depois de João Serrão tivemos o prof. Horácio Silva que foi o continuador da obra plasmada por aquele e ao qual muito deve Areia. João Serrão, perfeita vocação artística, pois sempre foi um grande intérprete da arte divina... e ator teatral de primeira grandeza, além de possuir apreciáveis dotes intelectuais, arregimentou uma plêiade de moços inteligentes e idealistas, dentre os quais Podemos destacar a Abel Costa, Severino Ramos, Rodolfo Pires, Nenzinha, e formou, com eles, um belo conjunto teatral que, durante muitos tempos fez Areia vibrar delirantemente ao assistir peças de valor inestimável como sejam - Amor e ciúme, Os Sargentos, Milagres de Santo Antônio e tantas outras numa encenação surpreendente e magnífica, fazendo crer que os seus intérpretes eram profissionais consagrados. O Teatro Minerva teve sua época de esplendor! Seu desempenho em várias peças como "O castigo da infância", Mistério de Família, "Noivos da época", "A Duquesa de Lavaubalière", mereceu elogiosa crítica. O jornal "A União", em edição de 1905, refere-se ao drama "Filha Mártir", de Afonso Olindense, que foi apresentada a 24 de Setembro em Areia, com a presença do então Presidente da Paraíba Dr. Álvaro Lopes de Machado tecendo-lhe ótima referência. De parceria com Otacílio de Albuquerque produziu a comédia "Além de queda couce".

Já ouvimos como professor, ator e teatrólogo. Agora, como grande orador. Um dos seus mais eloquentes discursos foi como representante do Clube Recreio Musical na sessão solene do 3 de Maio de 1892, no Teatro Recreio Dramático. Poeta, também. Eis uma prova dessa sua expressão dedicada ao seu avô Dr. Chrispim Antônio de Miranda Henriques:

" Ide, oh brisas perfumosas / Além dos Bosques sombrios / E meu pranto derramai; / Ide, e lá sobre o túmulo / De quem de martyrio foi cúmulo / Minhas lágrimas renovai! (25.1.1891)

A Fênix Musical e a orquestra do Recreio Musical, em 1892, dirigida por Manoel Nunes de Oliveira, não deixou de contar com a sua participação. Era formada por um grupo de moço entre os quais figuravam também ao Otacílio de Albuquerque, José Santiago, Lindolfo Xavier, Anísio Borges, José Perazzo, Pecico Sabino Romariz. Com o Ulisses Costa, Pedro Miquelino, Otacílio de Albuquerque, Horácio de Albuquerque e outros, era um dos redatores do jornal de estudantes que circulou em Areia no ano de 1890. Como o servidor público foi exemplar como o foi em família. Casado, em primeiras núpcias com D. Theodora Emília, cearense deixou três filhos e em segundas núpcias com D. Eulália Ceres de Gouveia (Laly) areiense, havendo dez filhos, ficando ainda em viuvez. Os últimos anos de sua existência passou-os em solidão, na cidade de João Pessoa. Foi ele um exemplo de bondade e de quem não se registraram mágoas. Para com ele Deus manifestou imensa bondade no seu dia final. De 16 para 17 de agosto de 1958, ele acordou para a eternidade.

VULTOS AREIENSES: JOSÉ EVARISTO DA CRUZ GOUVEIA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Diariamente, desfilam centenas de pessoas em sua maioria escolares que se dirigem ao Colégio Estadual de Areia, ao Grupo escolar Alvaro Machado, Escolas Reunidas "Padre Ibiapina" e Grupo Escolar de Júlia Leal, sem se lembrar em que uma placa assinalada desde 1892 o nome dessa artéria - Rua Dr. José Evaristo. Era a antiga Rua da Direita. Muitos desconhecem o nome da rua e ainda alguns dos mais antigos a denominam Rua do Rosário por causa da igreja que lá existe. Isto não significa um propósito, é claro, mas é um descaso. Muito em evidência na história da Paraíba, José Evaristo é atualmente desconhecido em sua própria terra. As gerações que já se sucedem estão cansadas das louvaminhas de outras eras e desses personagens e os mais jovens não desejam, talvez, saber quem-é-quem. Mas, relembremos JOSÉ EVARISTO DA CRUZ GOUVEIA.



Nasceu ele em Areia, a 15 de maio de 1828, filho de Inácio Evaristo Monteiro e de Sarah Miquelina de Gouveia Monteiro. Aqui mesmo foi aluno de Professor Joaquim da Silva, o grande latinista areiense, e partiu para Bahia, com a idade de 20 anos, ingressando em 1848 na Faculdade de Medicina daquele estado. Foi o primeiro areiense a frequentar um curso de medicina e o segundo paraibano a ingressar naquela Escola, pois, em 1947 de lá saía o primeiro paraibano médico, João José Inocêncio Poggi. Diplomado em 1854 defendeu a tese intitulada "Ninfomania". Dedicou-se mais à cirurgia. Prestou imensos serviços aos seus conterrâneos e tanto serviu em Areia que era raro se encontrar uma casa em que ele não tivesse um afilhado. Sua contribuição na época do primeiro Cólera mórbus, em 1856, foi sem limites. Ele clicava em Areia somente há quatro anos. Àquela época havia em toda Paraíba apenas quatro médicos, sendo três na capital e um em Areia, que era José Evaristo. Ele próprio foi vítima não fatal daquela doença que ceifou milhares de pessoas inclusive vários parentes seus. O seu próprio tio Dr. Fausto Benjamim da Cruz Gouveia foi uma das vítimas. Por essa época ele já se iniciava na política.

Em 1858 foi eleito como único deputado provincial e em 1860 volta eleito juntamente com Dr. Antonio da Cunha Xavier de Andrade e o Padre José Genuíno de Holanda Chacon, coadjutor e sobrinho do Vigário de Areia Pe. Francisco de Holanda Chacon. O senador Frederico de Almeida de Albuquerque que governava Paraíba em 1870, no ano seguinte, a 13 de Abril passa o governo a José Evaristo que era o 3º Vice-Presidente e somente a 17 de outubro este entrega o cargo ao Senador Frederico. Novamente assume as rédeas do governo de 23 de abril a 26 de julho de 1872 e governa outra vez a Paraíba no período de 20 de setembro a 17 de outubro de 1873, quando o Francisco Ferreira de Sá passou o governo ao 2º Vice-Presidente comendador João Inocêncio Poggi e este a José Evaristo.

VULTOS AREIENSES: JOSÉ EVARISTO DA CRUZ GOUVEIA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A 7 de junho de 1872, dirigindo-se à Assembléia Legislativa Provincial, no capítulo sobre "Segurança Pública e Particular", refere-se ele aplicação da lei nº 2040, 8/9/1861, a do Ventre Livre, que estava sendo aplicada "sem a mínima reclamação ou constrangimento". Ele foi sempre um batalhador pela liberdade dos escravos e prova com participação ativa na campanha desenvolvida por Manoel da Silva em favor da erradicação da escravidão em Areia.

É eleito Deputado Geral em 1876. Reeleito em 1882 para a representação nacional, permaneceu na Câmara Nacional até o final do império. Somente em 1892 é convidado pelo presidente Álvaro Machado para organizar o Partido Republicano na Paraíba, e tomar parte na comissão destinada a indicar candidatos às eleições. Isto não se pôde realizar por motivo de sua saúde já abalada, vindo ocorrer o desenlace fatal a 16 de julho do mesmo ano. Sempre pertencia ao partido conservador, de quem era o forte esteio.

Chegada a notícia de sua morte em Areia, o jornal "Verdade" abre espaço em suas páginas para lhe plantear o fim. Trajado de luto, diz o jornal: "Curvada com o povo Areiense diante de seu túmulo, verte sentida lágrima e desfolha com saudade a Redação da "Verdade". Ainda diz o mesmo jornal, lamentando o ocorrido: "Pallida mors, aqua pulsate pede pauperem tabernas, regumque turres". "A pálida morte pulsa com igual passo as choupanas dos pobres e as torres dos reis"

No dia 16 de agosto, celebram-se em Areia as suas exéquias. Chegado ao final aquele que não só o campo médico fora útil ao seu povo como na política. Aqui permaneceu quando era o único médico existente para minorar o sofrimento físico dos seus conterrâneos, numa época em que Areia já se mostrava pródiga em filhos diplomados em outras carreiras, pois era a segunda metade do século XIX e aqui residiam nove padres e dez bacharéis. Pela vida a fora exerceu ele ainda os cargos de Diretor da Instrução Pública, Inspetor de Higiene, Inspetor do Tesouro e Diretor dos Correios. Merecidamente foi Comendador da Ordem de Cristo e Oficial da Imperial Ordem da Rosa. Foi o médico da pobreza. Morreu pobre, respeitados pelos adversários, deixando aos pósteros o exemplo de suas virtudes.

VULTOS AREIENSES: CÔNEGO ODILON BENVINDO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A 17 de março de 1888, o jornal "Areiense", em circulação nesta localidade, faz o seguinte registro: Vigário - No dia 15 as 6 horas da tarde chegou a esta cidade o nosso ilustre conterrâneo, Rev. Odilon B. De Almeida Albuquerque, recentemente nomeado vigário desta freguesia. Crescido número de amigos e parentes de S. Rev. Foram ao seu encontro, e ao entrar na cidade foi recebido pela banda de música que o acompanhou até a casa onde foi instalar sua residência. Para dirigir os fiéis católicos areienses, estava o padre Odilon, de volta à terra natal. "No dia 19 do corrente, aniversário de sua ordenação, tomou posse da vigararia desta freguesia o Reverendo Odilon B. de Almeida Albuquerque. .



A cerimônia que foi praticada pelo Rev. Antônio José Borges, esteve bem concorrida e foi abrilhantada por uma missa solene, dando-se nessa ocasião a benção de uma imagem de S. José". Isto foi registrado no mesmo jornal na data de 24 de Março daquele ano.

Para a concretização do sonho de ser vigário em sua própria terra, o padre Odilon apresentou-se em novembro de 1887 uma petição ao Bispo de Olinda, na qual requeria inscrição no concurso para vigário colado em Areia, alagoa Grande e Independência (Guarabira), e no mesmo ano submeteu-se a exames no Seminário saindo classificado dentre 20 candidatos para vigário desta Paróquia. Após a vitória no concurso, ele aguardava o ato régio que surgiu no ano de 1888, do seguinte teor: " a Princesa Imperial Regente em nome do Imperador Faz saber a voz, reverendo o Bispo da Diocese de Olinda que, conformando-se com proposta, há por bem apresentar o Padre Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque na Igreja Parochial de Nossa Senhora da Conceição do Brejo de Areia, nessa diocese da Parahyba, com a cláusula de que se poderá dividir esta Igreja, quando se julgar necessário. E vos Encomenda que nella o confirmeis e lhe passeis vossas lettras de Confirmação na forma costumada em que se fará expressa menção de como o confirmaste por esta Apresentação e com a mesma Igreja haverá um mantimento e mais emolumentos pois e precalços que legitimamente lhe pertencerem. Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 8 de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e oito, sexagésimo sétimo da Independência do Império.

a) Princesa Imperial Regente, Barão de Cotegipe"

VULTOS AREIENSES: CÔNEGO ODILON BENVINDO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Em seguida vem o documento Episcopal firmado por D. José Pereira da Silva Barros, da diocese olindense e que o autorizou empossar-se no cargo de Vigário colado de Areia, como consta naquele ato: "Em virtude da dita carta, nos foi requerido pelo sobredito Padre houvessemos por bem o collar da dita Igreja, visto por Nós proposto e não ter incorrido depois da proposta em crime ou irregularidade alguma. Nós pois em vista da apresentação de Sua Majestade, collamos o dito Padre Odilon Benvindo de Almeida de Albuquerque, na referida Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Brejo de Areia, na forma de direito..."

Até 29 de junho de 1912, quando partiu para a eternidade, ele sonhou, teve vitórias e derrotas, trabalhou conseguindo deixar grandes marcos de sua passagem, falando em tom mais expressivo o Colégio Santa Rita, que vem atravessando os tempos para educar a juventude e areiense. Abolicionista, distinguiu-se na campanha que levou a extinção do cativo deste município, a Três de Maio de 1888.

A sua ação social estendeu-se também pela manutenção da antiga Casa de Caridade que era escola, e abrigo de órfãos e doentes.

Aqui em Areia ele custou o Primário e realizou os preparatórios com o Professor Joaquim da Silva, partindo para Olinda, ingressando no Seminário, de onde sai o sacerdote a 19 de Março de 1877.

Nasceu no ano de 1846, em data que se desconhece, no antigo engenho "Várzea", onde se ergue a Escola de Agronomia. Foi o terceiro filho do Capitão Augusto Clementino de Almeida e Albuquerque e dona Archanja Quitéria de Almeida.

O Cônego Odilon Benvindo, foi, sem dúvida é uma das mais altas expressões de nossa terra. Dedicaram o seu nome a uma pequena artéria que ele era imensamente significativa porque em seus extremos duas obras testemunhavam o seu trabalho: O Colégio Santa Rita e o velho sobrado que adquiriu para a residência paroquial e que, demolido em 1949, cedeu aluguer a casa de igual finalidade que hoje existe.

Perpetuado está na Galeria dos Areienses Ilustres ainda mal instalada na Casa Pedro Américo e, em 1946, os seus conterrâneos lhe tributaram expressivas homenagens pela passagem do primeiro centenário de seu nascimento.

Os restos mortais repousam neste sol amigo que o acolheu para sempre onde deve merecer a reverência dos seus conterrâneos.

VULTOS AREIENSES: ANTONIO BENVINDO DE VASCONCELOS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Dizem que o areiense é muito barrista. Tem um acendrado amor à sua terra, como o tem o campinense, o mossoroense e muitos outros por esse Brasil a fora. Um amor a terra natal que já alcança as raias do exagero era a do brejeiro citado nestas linhas - ANTONIO BENVINDO DE VASCONCELOS. Ele deveria ter sido o primeiro desta série. Não sei dizer porque não foi, agora ele surge. Ficarão aqui venerada a sua memória e agradecida a terra amada. Foi imenso o interesse por ele dedicado a Areia, levando aos seus conterrâneos a sua inteligência nas salas de aula, no Colégio Santa Rita, em sua própria, casa nas praças, nas grandes solenidades cívicas, no jornal "O Século" que fundou e dirigiu e na criação da Galeria dos Areienses Ilustres onde devia estar merecidamente o seu retrato. Para desgosto seu viu deixarem fenecer o jornal que registrava a vida areiense daquela época ainda tão cheia de esplendor do brejo paraibano. A Galeria ficou estanke após sua partida para a eternidade.

Em Areia ele fez os estudos primários com os professores José Berardo dos Santos Leal e João de Lourenço, seguindo após para o Seminário Diocesano da Paraíba. Com a morte do Vigário Odilon Benvindo, seu tio-avô e benfeitor, e por falta de vocação religiosa, abandonou a carreira eclesiástica, dedicando-se, então, ao magistério. Tentou bacharelar-se em Direito pela Faculdade do Recife, mas abandonou também. Desenvolvera várias atividades. 1920-1921 foi Adjunto de Promotor Público na Comarca de Areia e de 1921 a 1922, nesta mesma cidade foi professor da Escola Pública, Comissário do Serviço Estadual do Algodão daquele ano de 1922 a 1924 e deste em diante foi organizado e professor agrícola no recém-criado Centro Agrícola de Pindobal. Em 1928, volta a ser Adjunto de Promotor Público da cidade de Alagoa Grande e em 1938, na Comarca de Guarabira. Nestas duas cidades manteve colégio particular, centro de Guarabira denominado "Pedro Américo", em homenagem ao seu grande conterrâneo, e mantinha nesse educandário cerca de 300 alunos. Em Areia manteve curso particular em sua residência onde havia também o Curso de Datilografia sobre a responsabilidade de sua esposa. A oito de maio de 1939 é nomeado o professor de português da escola da Agronomia do Nordeste, onde permaneceu até o seu falecimento.

Muito amigo do presidente Solon de Lucena, foi deste Oficial de Gabinete e mais tarde ingressando na política foi eleito vereador na cidade de Guarabira. Dedicado às letras e dominando perfeitamente a língua pátria, deixou em fase de publicação a sua gramática portuguesa, fonte de grandes conhecimentos como foram as editadas pelos areienses Francisco Xavier Júnior e Joaquim da Silva. Uma obra de excepcional valor é a monografia que editou sobre o venerando Vigário Odilon de Almeida de Albuquerque, a quem não deixou de exaltar, promovendo em 1946 as solenes festividades do I Centenário de Nascimento do querido sacerdote. Aproveitando a amizade e o prestígio junto ao presidente Solon de Lucena, publicou através de "A União", as suas obras "ALVORADA", livreto de crônicas e Conferências e romance - "SADI", dedicado ao seu colega Sadi Castor, onde descreve a paixão amorosa entre este e Agaba Medeiros, os cognominados romeu e Julieta no ano de 1930, na Paraíba.

O teatro foi outra opção sua. Tanto nos seus colégios como em Areia impulsionou essa atividade cultural. Foi fundado aqui da Companhia Dramática "Abdon Milanez", que viveu curta temporada, e da qual foram participantes Severina Souza, Manoel Gouveia da Costa, Thales de Almeida, Cristina Gondim, André (Nendô), Rafael Freire, Zuila Lemos, José Rodrigues de Lemos, Odémia Souza, Eudo Queiroz, Ariosvaldo Frazão e muitos outros.

Descendia de Pedro Hermilio de Vasconcelos e de Arcanjo Augusta de Vasconcelos, na linhagem, portanto, dos Almeida e Cabral de Vasconcelos. Nascido a 4 de junho de 1899, no Engenho Bujari, neste município, aqui faleceu a 29 de setembro de 1951, repousando no túmulo do Vigário Odilon, no cemitério local.

Casado com a Sra. Amara de Araújo Vasconcelos, deixou poucos descendentes: Maria Saly, Maria das Graças, Maria de Fátima e Amaury de Araújo Vasconcelos, destacado bacharel, amigo das artes e da cultura, grande expressão do mundo social, inteligente e amigo de Areia. Nenhum areiense pode ser indiferente ao professor Benvindo, que foi sem favor uma das maiores expressões culturais, dedicação ao ensino e a todas as manifestações que exaltaram a vida areiense.

VULTOS AREIENSES: MONSENHOR COELHO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A partir de 1894 a Paraíba começou a formar o seu próprio clero. Este ano foi o da instalação do Seminário Diocesano, fruto do trabalho de D. Adauto, primeiro Bispo desta Arquidiocese. A diocese de Olinda abrangia grande território que ia das Alagoas ao Rio Grande do Norte e lá, no velho seminário fundado em 1800 eram ordenados os padres que serviam a esta região. Com o desmembramento da diocese, os Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, passaram a constituir outro bispado, até 1909, quando foi criada a Diocese de Natal. Os seminaristas paraibanos e norte-riograndenses foram logo transferidos de Olinda para a Paraíba naquele ano de 1894. Dois anos mais tarde, em 1896, aumentando em nosso Seminário número de estudantes, principalmente o número de areienses, ingressou naquela casa o candidato ao sacerdócio, Francisco



Coelho de Albuquerque, nascido a 11 de maio de 1879, descendente de Francisco Coelho de Albuquerque de Teresa Rosalina Cabral de Vasconcelos. O jovem seminarista havia estudado em sua terra natal com os professores José Bernardo dos Santos Leal e Frederico Campos. Percorre sem dificuldades os caminhos que o levariam ao presbiterado, alcançado a 15 de novembro de 1903, vindo do mesmo ano, celebrar em areia a sua Primeira Missa, a 8 de dezembro, quando a paróquia celebra festa de sua excelsa padroeira.

Vai então o neo-sacerdote trilhar caminhos mais difíceis que são os do paroquiato, iniciando por Currais Novos e Acari, onde permaneceu até 1912, e neste mesmo ano vindo substituir em Areia, o seu tio, o vigário Odilon Benvindo, que havia falecido a 30 de junho. Foi um paroquiano repleto de realizações espirituais e materiais. A Igreja Matriz recebeu melhores reformas com a construção do altar-mor que ainda existe ostentando rara beleza; colocou o piso de mosaico além de outros serviços de menor vulto. Enriqueceu-a com a bancada e novas imagens, fazendo vir da Itália a imagem de Nossa Senhora da Conceição e os anjos que se situam nas partes baixa e alta do altar.

Completando essa encomenda feita na Europa, vieram também os bonitos elegantes castiçais em metal dourado que se recolheram ao Museu Regional da Paróquia. Mais tarde, em 1915, trouxe e benzeu em solenidade festiva a imagem de Santa Luzia, colocada em altar próprio. A antiga Casa de Caridade, fundada pelo Padre Mestre José Maria Ibiapina mereceu também os seus cuidados, tendo a sua fachada atualizada, vindo mais tarde obrigar as Escolas Reunidas Padre Ibiapina, fundadas pelo Mons. Ruy Vieira e abrigo atualmente o serviço de saúde do INPS.

Pelo seu trabalho prestado à Igreja, vai escalando hierarquia eclesiástica e a 17 de março de 1916 recebe o título de Cônego e em 1925 foi elevado à dignidade de Monsenhor Camareiro Secreto do Papa. Por duas vezes regeu os destinos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Areia, período em que este englobava também e hoje Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio de Remígio. Um primeiro período foi de 1912 a 1925 e o segundo de 1929 a 1933.

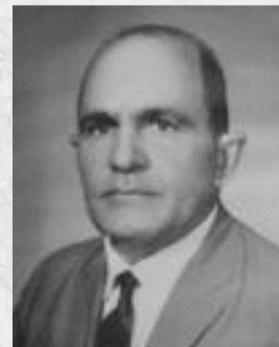
A sua última escolha foi surpreendente porque àquela época já imperavam idéias renovadoras na casa, vendo-se assim um retrocesso a uma época de disciplina mais rígida. Entretanto, era o reitor ideal previsto por D. Adauto que deseja a formação dos seus padres nos padrões do vigário de Areia. Realmente, fora mais surpreendente a direção de Monsenhor Coelho, cheia de disciplinas, de exemplos sacerdotais e, portanto, de excelente formação eclesiástica. Foi sua primeira gestão que procedeu à elaboração e promulgação dos novos estatutos do Seminário, cumprindo-se desta maneira as normas exigidas pelo Direito Canônico. Nesse período saiu a maior turma de Padre oferecida pelo seminário e muitos anos. Foi a turma de 1928 que bem se destacou pelas suas brincadeiras que alegravam o Velho Casarão. Deles saíram os padres Antônio Costa, mais tarde vigário em Areia, José Diniz, Luiz Santiago, João Honório e muitos outros.

Sua última Paróquia foi a de N. S. da Conceição de Itabaiana, de novembro de 1933 a 30 de junho de 1953, onde desenvolveu um apostolado muito proveitoso e onde era muito estimado pela população. Naquela cidade ele foi um dos Diretores-Fundadores do Colégio Nossa Senhora da Conceição, dirigido pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena e fundador do Asilo dos Velhos Desamparados. Com seu falecimento, teve como substitutos os Padres Antônio Costa e João Gomes da Costa, até que a Cúria Romana designasse o seu substituto efetivo, por que na condição de Mons. só poderia ser substituído por um sacerdote designado pela Santa Sé. Lá em Itabaiana ele repousa em paz.

VULTOS AREIENSES: AURÉLIO MORENO DE ALBUQUERQUE

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Nos primeiros anos da segunda década deste século, ou precisamente, a 27 de novembro de 1912 nasceu Aurélio Moreno de Albuquerque, que, filho de Aureliano Camêlo de Albuquerque e de Santina Moreno de Albuquerque, ambos oriundos de tradicionais famílias areienses. Somente a 7 de dezembro de 1913, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Areia, ele recebeu o santo batismo das mãos do Vigário, Padre Francisco Coêlho de Albuquerque, sendo seus padrinhos o Dr. Francisco Xavier Junior e Dona Maria de Souza Moreno. Com a mudança dos seus pais para a Capital do Estado, Aurélio ingressou na Escola Normal da Paraíba e logo depois passou a integrar o quadro do magistério público lecionando em Monteiro, cuja nomeação foi efetivada a 17 de fevereiro de 1934. Em ascensão no serviço público, foi designado Diretor dos Grupos Escolares "João Soares" "P. Abel da Silva", localizados, respectivamente, nas cidades de Caiçara e Ingá.



Ao mesmo tempo, já era aluno da Faculdade de Direito de Recife, de onde saiu Bacharel em Direito, colando grau a 10 de dezembro de 1937. A 5 de outubro de 1938 passou a integrar o Ministério Público, como Promotor da Comarca de São João do Cariri, onde permaneceu até 6 de março de 1940, ocasião em que foi transferido para a Comarca de Bananeiras e desta, para a de Areia em 12 de junho de 1943, demorando-se por poucos meses, removido logo em 25 de setembro para Comarca de Itabaiana. Durante sua permanência nesta Comarca, ocupou na interinidade e em várias ocasiões o cargo de promotor das Comarcas da Capital. Nova remoção ocorre a 8 de agosto de 1950, para Santa Rita, exercendo interinamente as Comarcas de João Pessoa e passando em seguida à disposição da Secretaria do Interior e Segurança Pública, concluindo sua carreira Ministerial Pública como Promotor em Campina Grande e em João Pessoa.

Alcançando mais alto nível funcional chega a 1 de março de 1962 ao Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, como Desembargador, cargo que exerceu até o seu desenlace. Presidiu este Tribunal nos anos 1977/78, onde prestou os mais relevantes serviços, saindo vitorioso para este mandato no pleito efetuado a 9 de dezembro de 1976. Foi integrante também da Corte de Justiça do Tribunal Regional Eleitoral e o presidiu. No magistério de segundo grau lecionou Geografia no Lyceu da Parahyba e professor da Escola Técnica Federal da Paraíba. No ensino superior lecionou Direito Administrativo na Universidade Federal da Paraíba, da qual era docente.

Destacado membro dos mais elevados órgãos culturais do Estado: Academia Paraibana de Letras, ocupando a Cadeira número 23, cuja patrono é o poeta Neves Junior, Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e Membro do Conselho Estadual de Cultura.

Como jornalista militou durante muitos anos na imprensa paraibana. Dirigiu suplementos em "A União", com especialidade Ministério Público, Direito e Justiça e em o jornal "O Norte" destacava-se pelas suas crônicas de muito agrado, e inúmeras delas versavam sobre sua terra natal. Além de cronista foi também crítico, literário escritor. Publicou alguns trabalhos, entre eles um sobre o conterrâneo - "O areiense Joaquim da Silva", editado em 1977 e uma plaquete constante da conferência que pronunciou em Areia, em 1975, intitulada "Areia, seu passado, seu presente", com dedicatória ao seu professor primário na terra manter e a quem estimava muito - Leônidas Santiago.

Na qualidade de conferencista deliciou por algumas vezes os auditórios desta cidade, sendo a última conferência proferida no auditório do Colégio Santa Rita, a 18 de maio de 1980, em grande festa de aniversário da cidade e promovida pelo Museu Regional de Areia, com maciço comparecimento de areienses residentes aqui e em outras plagas. Em resumo, a vida de um grande areiense que dedicou muito amor à sua terra. A sua presença era evidente prova deste amor. Presença às grandes festas e entusiasmo por elas. Apreensão pelo destino de Areia. Bondade e simplicidade, traços bem marcantes de sua personalidade.

A Páscoa de 1981 foi a despedida à sua terra. Pela manhã de 20 de Abril desceria a Borborema pela última vez. Faleceu a 9 de julho de 1981, no Hospital Santa Izabel em João Pessoa, sendo velado no Salão de Honra do Tribunal de Justiça da Paraíba e sepultado naquela data, às 18 horas, no Cemitério do Senhor da Boa Sentença. Nada mais resta a Areia senão o dever de gratidão, honrar-lhe a memória e ainda não refeita do inesperado e triste final, implorar que Aurélio descanse em paz.

VULTOS AREIENSES: LEÔNIDAS SANTIAGO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

O ensino e a administração tiveram em Areia esses seus grandes representantes. Até a primeira metade do século passado a Paraíba não possuía escolas públicas, o que só se verificou em 1821, na capital. Areia, não poderia ter, portanto a sua primeira escola pública primária antes daquela, mas em 1822, alcançou este estágio no setor educacional. A escola era somente para masculino. Seis anos depois, ou seja em 1828, foi estabelecida na Capital do Estado a escola destinada ao sexo feminino e Areia ele secundou no ano de 1834 sendo a primeira mestra Dona Ana Umbelina Cavalcante Chaves.

As escolas particulares houve em várias épocas, ministrando Português, Francês, Latim onde se destacaram eméritos educadores como Joaquim da Silva, José Bernardo e outros, e de onde saíram alunos preparados para os cursos superiores, evidenciando-se muitos como D. Adauto, Xavier Júnior, Abdon Milanez, Cunha Lima, Luiz Sales, Pedro Américo, José Evaristo, Valfredo Leal, Coelho Lisboa, Aurélio de Figueiredo, Alvaro Machado e muitos mais.



Daqui partiram eles para outras terras levando o talento e a instrução que abriram caminhos para mocidade daquelas épocas. Em Areia, muito educandários existiram como no Externato 25 de Março, Externato 5 de Janeiro, Colégio Culto a Letras, o Educandário Júlia Leal com internato em externato, o qual, paralelamente existiu até 1919, com Colégio Santa Rita, sob direção das irmãs da Sagrada Família, de origem francesa, e posteriormente, funcionando no próprio Colégio até a vinda das atuais ocupantes, as Irmãs de Dillingen. Mas, no ensino primário, somente no final da segunda década é que foi instalado o primeiro Grupo Escolar Estadual que, homenageando um filho da terra, recebeu o nome de “Álvaro Machado”. Em 1954, instalou-se o primeiro educandário masculino de nível secundário, o Ginásio Coelho Lisboa que já atingiu maior grau, transformando-se no atual Colégio Estadual “Ministro José Américo de Almeida”. Posteriormente, surgiram novas instituições como Carlota Barreira, de 1º grau e os Grupos Escolares “Júlia Leal”, “Monsenhor João Coutinho” e outros na zona rural.

No magistério primário houve muitos mestres, destacando-se, porém, aquele que era um verdadeiro abnegado ao ensino - LEÔNIDAS SANTIAGO. Geração de areienses que se sucederam educando-se com ele e o tiveram como seu Diretor por longos anos.

LEÔNIDAS LEONEL DA SILVA SANTIAGO - seu nome completo, nasceu em Areia 15 de abril de 1888, filho de Antônio Rogério da Silva Santiago de Maria Tertuliana de Araújo Santiago. Os seus estudos primários foram realizados na Capital do Estado da Paraíba, onde logo em seguida, efetuou matrícula na Escola Normal Estadual, diplomando-se a 18 de dezembro de 1912. Já no seguinte ano de 1913, ingressou no magistério público estadual, como professor adjunto da Cadeira Primária, do sexo masculino, da cidade de Areia. No mesmo ano, em 8 de abril, é designado para substituir o titular da respectiva Cadeira, Professor Eduardo Monteiro de Medeiros, durante seu impedimento, passando a regê-la em caráter efetivo de agosto de 1913 até o ano de 1927. Com a instalação em 1928, do grupo “Álvaro Machado”, foi Professor Leônidas Santiago seu primeiro Diretor, em cujo cargo permaneceu até 27 de maio de 1931.

VULTOS AREIENSES: LEÔNIDAS SANTIAGO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Em seu caminhar pelo magistério público vai galgando maiores posições e em 1931, recebe promoção para o cargo de Inspetor Técnico Regional de Ensino, permanecendo neste até 1934. Novas incumbências atingem Professor Leônidas. Assume o cargo de Prefeito Municipal de Areia a 16 de janeiro de 1935, interinamente, sendo eleito a 9 de setembro, estendendo-se o seu período de administração municipal até 1937, quando, no final do ano fora demitido em virtude do regime que implantou o Estado Novo no Brasil.

Voltou ainda à administração municipal a 19 de Agosto 1940, não se prolongando esse segundo período, por motivos de saúde. A sua primeira fase administrativa coincidiu com a implantação dos melhores dias para a vida educacional areense, com a instalação dos maiores estabelecimentos escolares no município.

Criado em janeiro de 1934 é inaugurada a 15 de abril de 1936 a Escola de Agronomia, primeiro Estabelecimento de Ensino Superior no Estado da Paraíba, e em junho de 1937, reabre-se o Colégio Santa Rita, com a vinda da Alemanha, das Madres Franciscanas de Dilligen. Estes acontecimentos foram de maior realce não só para Areia como para a Paraíba.

Com os poucos recursos de seu governo ainda implantou obras que o tempo não apagou. Melhorando o aspecto da cidade, e das suas ruas, levou o calçamento a uma das principais artérias que é Dr. José Evaristo.

Professor Leônidas foi antes de tudo gentleman. A sua simpatia, simplicidade e honestidade no trato das coisas públicas, se fixou na memória dos seus contemporâneos e ainda se transmite às novas gerações.

Não deixou descendentes. Casou em estreita consanguinidade com a Sra. Belarmina da Silva Santiago, em 2 de abril de 1914. O ato do seu enlace foi celebrado pelo em vigário paroquial Francisco Coelho de Albuquerque, tendo como padrinhos Alfredo Américo Santiago e André Nunes da Silva.

À entrada do cemitério local repousa Professor Leônidas, falecido a 9 de maio de 1942. A ele a reverência de todos os areenses.

VULTOS AREIENSES: RITA BARRETO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Desde tempos remotos a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia, como as demais, possui as suas Irmandades Religiosas hora destinadas a um sexo ou outro ou então mistas. Existiu quase uma dezena de irmandades nesta Paróquia. Uma de curta outras de longa duração; de algumas não se encontram mais dados que nos indique o que foi a sua existência. Não aqui, mas em outras circunscrições eclesiais houve e ainda existem associações religiosas com muito poder no âmbito de suas igrejas. Como exemplo de poder e também de desobediência temos notícias de Irmandades do Recife, que, dominadas por elementos inaceitáveis às suas hostes, desacataram as determinações episcopais levando os fatos ao desencadeamento da Questão Religiosa, que culminou com a prisão de seu Bispo, dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, condenado pelo tribunal e conduzido à prisão.

Felizmente, não ocorreu rebeldia em nossas associações brejeiras que merecessem menção em registros. Existiram em estrita obediência às ordens emanadas dos seus superiores. A mais antiga que se tem registro é a de Nossa Senhora do Rosário, existente há anos antes de sua instalação oficial a primeiro de janeiro de 1873; a de Nossa Senhora das Dôres, de 1880, e restaurada em 1924; o Apostolado Oração, de 1886 e reorganizada em 1899; a de Nossa Senhora da Conceição, de 1893; a do Coração Eucarístico, de 1901; a Conferência de N. S. da Conceição da Sociedade de São Vicente de Paula, instalar da 8 de setembro de 1902; a Congregação da Doutrina Cristã, de 1906; a Pia União das Filhas de Maria e a Sociedade de São Vicente de Paula restaurado em 1910; a Ordem III de São Francisco, de 1926; a Congregação Mariana de 1948, a de Santo Antônio Associação dos Moços Cristãos, em 1927 e sem data precisa. Além da Pia União das Filhas de Maria da Igreja Matriz existiu paralelamente a Pia União do Colégio Santa Rita, está com o número menor de associadas. Aquela, contou em suas fileiras grandes número de donzelas areienses como o Maria do Patrocínio e Amélia Gondim, Rita Ramalho Maria Amélia de Gouveia (Nenen), Júlia Verônica dos Santos Leal, Maria Dinamérica dos Santos Lisboa, Prudência Gouveia, Arsênia Carneiro de Mesquita, Aurélia Cesar, Rita Serrão Camila, Joana, Rita, Mariana, Anna e Archângela Cabral de Vasconcelos, Maria Rosa, Nenen Silva, Dulce Pereira, Maria Edelcides e Leonila Cabral, Ana e Júlia Coelho de Albuquerque, Pautila Cesar, Cícera e Celina Guimarães, Ovídia Rodrigues, Maria Eugênia de Almeida, Ester e Theresa Carvalho, Ana Perazzo, Donatila Lemos, Virgínia e Ana Medeiros, Vitória Soares, Enequina Vila Nova, e de Remigio Rosa de Jesus Sacramentado, Rita Lopes, Anália Silva, Cirila Melo, Aurea Aguiar e Maria Lourdes Leal Corrêa. Mas a referência especial é a Filha de Maria - RITA BARRETO. Se destacou por muitos anos, até a morte, como a Presidente da Associação. Dirigiu-a com zelo e amor. Extraordinário foi o seu trabalho. Intensa foi a sua vigilância sobre as co-irmãs e comandadas, fazendo com que fosse obedecido inteiramente o manual que eles era imposto. Não poderia haver falha na escolha das candidatas. A Irmandade em Bonito o uniforme branco com a faixa azul desfilava nas procissões das grandes datas religiosas e na última noite do mês mariano - lhe era dedicada, - no dia 21 de janeiro, festa litúrgica de sua patrona Santa Inês, em cujo o altar lateral da Matriz se celebrava solene missa. Em 31 de maio e em 8 de dezembro, festas marianas por excelência, estava Rita Barreto a levar ao altar as novas aspirantes e as neo-professoras Filhas de Maria aos seus votos de ingresso e de permanência no sodalicio religioso.

Ao Apostolado da Oração ela prestara também inestimável trabalho, como o fizera ainda a outras Irmandades. Dela nasceu a ideia da criação nesta Paróquia, da Congregação Mariana, aprovada pelo então Vigário Frei Patrício Seuber, O.F.M., e instalada com grande solenidades a 15 de agosto de 1948. A sua devoção mariana acompanhou-a por toda a vida. Na direção da Pia União, foi substituída pela Professora Maria do Carmo Souza. Rita Barreto prestou a igreja um trabalho contínuo e inestimável. Para ela aplicou o seu talento artístico nas flores artificiais pintura de frontais, conopeus, porta coeli e toalhas enfim destinadas a uso litúrgico. Excepcional artista e cristã. Viveu sua fé e o seu cristianismo. Deixou à posteridade o exemplo de suas virtudes. Nascida a 17 de dezembro de 1878 e falecida 2 de março de 1962, quando o seu coração não suportou mais o peso dos anos. Junto aos seus pais, Juvenal Dias Barreto e Possidônia Guedes Alcoforado, ela repousa para sempre nesta terra em que nasceu e a quem dedicara o total de suas forças e do seu amor.

VULTOS AREIENSES: AURÉLIO DE FIGUEIREDO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

O desenvolvimento das artes sob todas as formas no Brasil se verificou após a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, no início do século passado. Na Europa aquela época abriam-se grandes exposições de arte como uma inovação para levar ao público o sistema de apresentação cultural. Para o Brasil, foi um avanço notável a inauguração no Rio de Janeiro da Pinacoteca da Real Academia de Artes, no ano de 1843. Avançava, destarte, o Brasil, no desenvolvimento cultural, colocando-se ao nível de outras nações já conhecidas universalmente no campo dessa atividade. O desenvolvimento das artes sob todas as formas no Brasil se verificou após a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, no início do século passado.



Na Europa aquela época abriam-se grandes exposições de arte como uma inovação para levar ao público o sistema de apresentação cultural. Para o Brasil, foi um avanço notável a inauguração no Rio de Janeiro da Pinacoteca da Real Academia de Artes, no ano de 1843. Avançava, destarte, o Brasil, no desenvolvimento cultural, colocando-se ao nível de outras nações já conhecidas universalmente no campo dessa atividade.

Neste mesmo ano em 1843, em Areia, nascia Pedro Américo de Figueiredo de Melo, o seu genial pintor, vindo onze anos depois outro gênio para dar glórias também a sua terra natal e aos seus pais - FRANCISCO AURELIO DE FIGUEIREDO CIRNE E MELO. Nascido em 3 de agosto de 1854, feira de Daniel Eduardo de Figueiredo e de dona Feliciano Cirne, teve além de Pedro Américo, outros irmãos, herdeiros legítimos da tradição artística da família. Do lado paterno, seu avô Manoel de Cristo Granjeiro e Melo já dera eloquentes provas de sua genialidade musical, como compositor sacro e maestro, chegado a Areia no ano de 1820, deixando pelo Nordeste marcas bem vivas da capacidade de artístico-musical.

Os horizontes limitados da região natal não lhe ofereciam os meios exigidos para o seu desenvolvimento artístico e partiu para o Rio de Janeiro onde iniciou a aprendizagem no gênero que abraçar e que estava despertando em seu interior. Matriculou-se na academia de Belas Artes e depois tomou o destino da Europa. Em 1876 chega à Itália, onde permaneceu por dois anos em Florença, tendo como mestre o seu próprio irmão Pedro Américo.

Precisava ter maior visão sobre sua arte viajou a outros países naquele continente: Portugal, Espanha, França Inglaterra e Alemanha onde retornou em outra oportunidade.

Concluída a fase de experiências e apreciação sobre as obras dos grandes mestres, voltou ao Brasil onde ficou em caráter Permanente no Rio de Janeiro. Não se prendeu apenas à Europa mas encetou viagens aos países americanos do extremo sul, realizando Exposições dos seus trabalhos. Pelo Brasil viajou e encontrou boa acolhida nos Estados do Norte. No Amazonas ele conquistou grande admiração, valiosas amizades e excelente mercado para venda de seus produtos.

A beleza de sua arte e o primor dos seus trabalhos gravaram o seu nome entre os maiores expoentes da pintura nacional. Talvez sua mais expressiva obra seja o "Baile da Ilha Fiscal", que, sem previsão, marcou um dos últimos acontecimentos do final do Império. Esta e "Francesca de Rimini" foram adquiridas para a Pinacoteca da Escola de Belas Artes. Outras telas de valor são: "Abdicação de D. Pedro I", Tiradentes no Patíbulo, Descoberta do Brasil, Vaz de Caminha lendo a Cabral a Carta dirigida ao El-Rei D. Manoel I, Pátio da Casa dos Contos, adquiridas por várias Instituições formando estes um conjunto de temas históricos. Muitas outras são de temas românticos e a maioria de assuntos vários: Crepúsculo, Cabeça de Dama, Igarapé, Mefistófeles, Fundos de Casa, Encostas do Morro da Favela, Retrato de Ignácio Porto Alegre-Barão de Santo Angelo e Menina ao Piano, esta pousada por sua filha Sylvia aos 3 anos de idade.

VULTOS AREIENSES: AURÉLIO DE FIGUEIREDO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

"O Copo D'Água" - óleo sobre tela, 58x 46, 3m, pertencente ao Museu Nacional de Belas Artes, figurou recentemente em um selo postal dos Correios Brasileiros, no valor de trinta cruzeiros, integrando a série Museus de Arte do Brasil juntamente com "O Lavrador" - de Portinari, e Mademoiselle Pogany, de Brancusi (lançamento da série a 18/3/1990). Nessa tela, "Aurélio esmerou-se em transmitir um clima de nostálgica e vocação, como se a doce menina loira surgisse de repente de alguma lembrança longínqua. Para esse feito, contribui decisivamente a maestria com que jogos efeitos de "siumato", luz e sombra e transparências".

Em nosso meio, na Casa de "Pedro Américo", existe uma única tela de sua autoria, no original, que é o retrato a óleo de Pedro Américo. No vizinho município de Arara existe nos arredores da cidade do mesmo nome a Casa-Mater da Fundação das Casas de Caridade do "apóstolo do Nordeste" - Padre Dr. José Antônio Maria Pereira Ibiapina", denominada Santa Fé, em cuja Capela lá existente e onde repousam os restos mortais daquele Fundador, está a obra prima a óleo contendo Ibiapina, retratado assim por Aurélio de Figueiredo.

Recente decisão do Banco Central do Brasil coloca Aurélio de Figueiredo em evidência. Das notas emitidas em setembro deste ano de 1981, a do valor de Cr\$ 500,00 tem gravado em seu verso um painel do quadro do pintor intitulado "Juramento Constitucional" de 1896, o Juramento de Posse do Marechal da Fonseca".

Mas, ele não se restringiu somente à pintura. A sua inteligência levou pelo caminho das letras, da poesia, do conto, da tradição, do jornalismo e da escultura. Como romancista, seu mais destacado trabalho é "O Missionário", obra de ficção publicada em 1899, no Rio de Janeiro e que lhe valera o Primeiro Prêmio em concurso de literatura efetuado pela "Folha Nova", do Estado de S. Paulo.

O Amazonas lhe fascinara e o prendera por amor. Dedicar-lhe belo soneto. Em abril de 1907, publicou "A Ordem" o poema "Amor ao Berço", dedicado aos seus conterrâneos que constituíam a colônia paraibana de Manaus. Outros poemas seus: O Cysne, Vita Brevis Tempo Perdido, Desenfano, Os Beijaflores, O Jequitibá, A Mentira, Bemdieta Morta, A Gaiivota, este escrito a bordo do Araguaia em outubro de 1909, e A Cigarra, em junho de 1888, em Recife, e um grande número aqui não mencionado.

Como Conquista, grande é o número de suas fábulas, como: A Arte e a Crítica, recitada pelo autor no banqueiro dos expositores do "Salão de 1902", Os dois Architetos, As Duas Lunetas, Isinha e a Formiga (infantil), A Eloquência e a Gramática, O Beija-Flor e a Rosa (às solteirinhas), O Cysne e os Patos, o Galo de briga e o peru de paz, O Milionário e a Copeira, A Cabaça da Sogra, e outras. Como tradutor conseguiu o prêmio no concurso aberto pela "Folha Nova", de S. Paulo, pela melhor versão do poeta espanhol Emilio Carrère. Articulado com o mundo das Letras foi fundador em Recife e Rio, dos jornais "Diabo a Quatro", no gênero humorístico e "Comédia Social", onde escrevia e apresentava caricaturas.

Na poesia traduzir a marca de puro caráter:

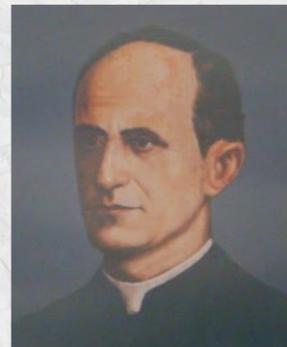
"Ser rico, achar um tesouro,
À custa de algum desdouro,
Isso não honra a ninguém;
Ter um coração de ouro,
Sempre pronto a fazer o bem,
Isto sim: Vale quem tem"
(Manaus, 30/3/1910).

No Rio de Janeiro ele vive por muitos anos e lá repousa para sempre. Faleceu a nove de abril de 1916 e sua esposa Dona Paulina de Capanema acompanhou-o à eternidade a 12 daquele mês e ano, vítimas de epidemia de febre tifoide. Do seu consórcio nasceram Suzanna, Helena, Sylvia e Heloysa, com pendores artísticos e de quem existe descendência. Em sua terra natal o seu nome é reverenciado no museu particular do Sr. José Henrique Batista de Albuquerque, de onde que eu lhe parte dos subsídios o Museu Regional de Areia já envidou esforços sem êxito para a transladação dos seus restos mortais para o cemitério local. A Exma, Sra. Dra. Adalzira Bittencourt, intelectual brasileira, fundou no Rio de Janeiro a Sociedade de Artistas e nesta a "Sala do Poeta", dedicando uma cadeira Aurélio de Figueiredo, fazendo honra aquele que se elevou pelo talento as glórias da Pátria.

VULTOS AREIENSES: MONSENHOR WALFREDO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A primeira Diocese brasileira foi a de São Salvador da Bahia, criada em 25 de fevereiro de 1551. Somente a 15 de julho de 1614, pela Bula "Fasti novi orbis", do Papa Paulo V, foi criada a Prelazia de Olinda, em 1623 anexada à Diocese da Bahia e elevada à Diocese em 16 de novembro de 1776, permanecendo, entretanto, sufragânea da Bahia até 5 de Dezembro de 1910, quando, pelo Decreto Consistorial do Papa Pio X foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana. Pelas Letras Apostólicas do Papa Bento XV, de 26 de julho de 1918 passou a denominar-se arquidiocese de Olinda e Recife. Na então Diocese de Olinda era formado clero que servia quase todo o Nordeste oriental do Brasil, à exceção de Sergipe, pois o território Diocesano e das Alagoas ao Ceará. Os paraibanos que lá se formaram antecederam ao ano de 1894 quando a Paraíba já transformada em Diocese, teve o seu Seminário a partir da posse de D. Adauto.



Monsenhor Walfredo Leal iniciou seus estudos eclesiásticos em Pernambuco indo concluí-los na cidade eterna. A sua ordenação sacerdotal ocorreu em Roma, em 1882, com a idade de 27 anos. Foi um dos sacerdotes areienses e portanto paraibano de maior projeção no clero deste Estado. Religioso e político, foi o seu grande destino.

Cinco anos após ser ordenado sacerdote, ou seja, em 1887, foi nomeado vigário colado para Guarabira (ex-Independência) e, não demorou a ingressar na política, galgando lugares de evidência no Estado e na República, com o nome respeitado no cenário público nacional. Eleito para a Assembléia Constituinte da Paraíba, no período de 1892 a 1896, conseguiu reeleger-se presidiu a Casa nessa segunda legislatura - 1887 q 1899.

Em, 1905 alcança a Câmara Federal à qual renuncia em virtude de sua eleição como Senador, àquela Câmara em 1923 e novamente em 1924- 1927. Ocupou a Vice- Presidência do Partido Republicano Conservador, visto ser elevado o conceito após atingir a mais alta casa do Legislativo Nacional. Somente em 1912, por desaparecimento do Dr. Álvaro Machado, ele dirigiu o partido na Paraíba.

Como o primeiro Vice-Presidente, governou a Paraíba de 14 de abril a 25 de julho de 1893; de 4 de Maio a 30 de agosto de 1894; de 17 de Maio a 22 de outubro de 1896 e, como substituto do Presidente Álvaro Machado, voltou ao govêrno do Estado em 28 de outubro de 1905 a 22 de outubro de 1908, completando o mandato daquele Presidente que se afastara para desempenhar o mandato de Senador.

Veio revelar como administrador, público a sua capacidade de homem de raro equilíbrio, prudência e " admirável, respeito aos dinheiros públicos". A Paraíba logo se pôs em evidência perante outros estados do Nordeste pela excelente gestão financeira do Mons. Walfredo. Ele fiscalizava totalmente as despesas e economizou a finanças como se elas fossem de sua completa propriedade.

VULTOS AREIENSES: MONSENHOR WALFREDO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Ao deixar o governo, propiciou ao seu sucessor possibilidade de realizar e empreendimentos que melhoraria uma vida da capital como se verificou com a implantação do sistema de abastecimento d'água, esgoto, iluminação e tração elétrica. Testemunhar a essa situação o Dr. Afonso Pena, na qualidade de eleito Presidente da República. Em 1906, quando esteve na Paraíba, elogiando publicamente o "regime de saldos", que era até então desconhecido.

Na realidade foi Monsenhor Walfredo um governo estimado pelo clero e pelo povo. O movimento de 1930 ainda o alcançou como deputado estadual para legislatura de 1928 a 1931 e nessa época se deu seu afastamento da vida política. Esta ele acumulou com a de sacerdote. Ainda era Vigário colado de Guarabira quando foi eleito senador.

Em 1894, era ele Primeiro Vice-Presidente da Paraíba, participando com o Presidente Álvaro Machado, seu conterrâneo e grande amigo, da Missa que Dom Adauto celebrou a 4 de março, dia de sua posse como o primeiro bispo da Paraíba. Como o prêmio a sua ilibada vida sacerdotal, da qual nunca se afastara, foi Monsenhor Walfredo elevado às honras de Monsenhor Prelado Doméstico de Sua Santidade Pio X, em 1904, juntamente com o Cônego Joaquim de Almeida, Reitor do Seminário.

Foram eles os primeiros membros do clero paraibano elevados a esta dignidade após a criação da Diocese da Paraíba. Somente em 5 de maio de 1907, recebe ele das mãos de D. Santino Coutinho, na Catedral de Nossa Senhora das Neves, o honroso título que lhe concedia a Sé Apostólica. Nesta mesma data, no cargo de Presidente do Estado, compareceu ao banquete no Palácio do Carmo, oferecido por Dom Adauto Adão Santino que foram eleito e sagrado Arcebispo de Belém do Pará. Quando assumir os destinos do governo da Paraíba, em outubro de 1905, a posse foi solenizada com um Te-Deum na Catedral, cujo oração gratulatória foi proferida pelo Vigário Cônego Fernando Lopes.

Por ocasião da sagração episcopal de D. Joaquim de Almeida que foi o primeiro bispo escolhido dentro do clero da nova diocese da Paraíba, ele se fez presente e depois, durante o banquete oferecido pelo Antístite paraibano ao novo Bispo, Mons. Walfredo proferiu brilhante saudação ao Senhor Nuncio Apostólico no Brasil - D. Julio Tonti, que veio à Paraíba especialmente para assistir a sagração de D. Joaquim.

Em poucas linhas, ligeiros traços da vida de Monsenhor Walfredo Leal, nascido em Areia a 21 de Janeiro de 1855, falecido na capital deste Estado a 30 de junho de 1942.

VULTOS AREIENSES: RANULFO CUNHA FRANÇA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Mesmo com a dificuldade de estudos superiores no Brasil, enquanto todas as carreiras existentes, parece haver sido Curso Jurídico um dos mais preferidos no século passado e nas primeiras décadas do atual. Presentemente já existem dezenas de cursos abrangendo até profissões para as quais nem mesmo há mercado de trabalho, me e ainda é grande o encaminhamento ao Bacharelado em Direito. Os antigos atravessavam o Atlântico em busca do Reino de Portugal onde em Coimbra se doutoravam e regressavam ao Brasil dominados de idealismo e ações libertárias. Somente em 1827, em São Paulo, surge o primeiro Curso de Direito, e, o segundo, em Olinda, no ano seguinte. De ambas as Faculdades partiram grandes bacharéis que conquistaram o fama como excelentes advogados ou políticos de bastante evidência.

Até 1900 a contribuição de Areia foi bastante sensível e grandes nomes surgiram: João Gonçalves Coelho Lisboa, José da Costa Machado, José Antônio Semeão Leal, expoentes políticos; Fausto Benjamim da Cruz Gouveia, Belino Cavalcanti Souto, na magistratura; Prudêncio Milanez, Crispim de Miranda Henriques, juvenino Cabral, Alípio Salles, Ulisses Costa, e muitos. Ao término da segunda década desta centúria, surge uma outra personalidade nas Ciências Jurídicas areienses: RANULFO CUNHA FRANÇA.

Nesta cidade de Areia ele foi matriculado na Escola Pública dirigida pela Professora Ana Borges, realizando os estudos primários, e, na então cidade da Parahyba iniciou e concluiu o Curso Secundário no Colégio Diocesano Pio X. Ingressou em 1924, na Faculdade de Direito do Recife, em 18 de dezembro de 1928. O início de sua vida profissional teve como campo de ação a Promotoria Pública da Comarca de Novo Exu, no Estado de Pernambuco, no ano de 1930, passando, em seguida à Comarca de Floresta, em 1931; em Bonito, no ano de 1933; Petrolina, no final de 1935, em São Lourenço da Mata, no ano de 1936, todas naquele Estado.

No decorrer de 1934, exerceu em Recife, o cargo de Delegado da Polícia do 3º Distrito em 1937, o de Curador Adjunto de Órfão e Interditos daquela Comarca. Ainda no decurso de 1936 é designado Delegado Auxiliar do Estado de Pernambuco e a partir de 14 de outubro é Secretário da Segurança Pública daquela Unidade da Federação, a cujo posto voltou, interinamente, em 6 de novembro de 1937. Em 22 de abril de 1935, assumiu a Delegacia de Polícia do 1º Distrito da Cidade do Recife. Serve a sua terra natal em 1939, quando ocupou a Procuradoria dos Feitos da Fazenda do Município de Areia.

Já no final do Governo Vargas é Secretário da Divisão Política do Departamento de Segurança Pública, no Rio de Janeiro (1944-1945) e de 1946 a 1948 gerenciou a Casa Bancária Manero Ltda., naquela cidade. No ano de 1945, passou a servir no Gabinete do Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPETEC) onde exerceu as funções de Procurador, desempenhando-a pela segunda vez em 1951. A Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP), dirigida em 1956 pelo paraibano Coronel Mindelo, atualmente General, designou-o como Chefe de Gabinete de sua Presidência. No ano de 1959, foi posto pelo IAPETEC à disposição da Presidência da República para servir na Companhia Siderúrgica Nacional, em cuja Empresa exerceu o cargo de Assistente de Diretor Comercial. No IAPETEC, onde chefiou Serviço Jurídico, obteve promoção por merecimento, em 1960, e, teve a oportunidade de presidir várias Comissões de Inquérito Administrativo. Ocupou a Diretoria da Administração da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco, em 1964, e, no ano seguinte, foi posto, pela terceira vez, a disposição da Presidência da República. O último cargo por ele exercido foi o de Sub-procurador Regional do INPS no Rio Grande do Norte, em 1975. Mas, não somente em órgãos públicos que Dr. Ranulfo prestou serviços à nação. Foi político. Na Paraíba foi suplente de deputado federal. Como advogado, trabalhou nos Estados da Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Ranulfo Cunha França, mais conhecido em sua região Natal como Ranulfo Cunha Lima, nasceu em Areia, há 14 de abril de 1906, no Engenho Mundo Novo, filho de Juvenal Espindola França e de Maria Augusta Cunha Lima França. Casou-se em Recife, a 24 de setembro de 1949, com Maria Julieta Lins Cavalcanti de Albuquerque, tendo nascido desse matrimônio Ranulfo F. Filho e Maria Adélia. Encontrava-se ele na cidade do Rio de Janeiro, quando a morte o colheu subitamente, em Dois de Dezembro de 1975. Trasladaram a seus restos mortais para o Recife, onde repousa em paz.

VULTOS AREIENSES: CARMINHA SOUZA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

O Magistério Público paraibano contou com muitos expoentes de inteligência e dedicação ao ensino e dentre estes, muitos areienses. A partir do início da década de trinta, voltando da capital estadual, Areia recebeu para engrandecimento de seu patrimônio educacional a sua ilustre e abnegada mestra MARIA DO CARMO SOUSA LIMA. Nascida no Engenho Tapuio deste Município, veio para sede municipal iniciar-se nos seus estudos, realizando o Curso Primário no Colégio "Júlia Leal", de propriedade dessa grande educadora. Ao final deste Curso, no qual conquistou o primeiro lugar foi prestar exame de admissão ao Curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Neves, dirigido pelas Irmãs da Sagrada Família e tradicional educandário da Capital Paraibana. Não desmereceu a primeira conquista e ao concluir o seu curso de professora trazia nova láurea -o primeiro lugar em classificação na turma.



Recém-diplomada regressa à terra natal e ao ambiente familiar e vai dar início a uma carreira que teve a duração de quarenta e cinco anos. Várias gerações passaram por suas mãos para receber preciosos ensinamentos principalmente sobre a língua materna. O seu trabalho começa em 1932 pelo jovem educandário areiense -o Grupo Escolar "Álvaro Machado" inaugurado no ano de 1928 e dirigido então pelo emérito Professor Leônidas Santiago. Sendo uma das mais capazes mestras, teve sempre a seu encargo as últimas séries escolares como a 5a. e o Curso Complementar.

Iniciadas as demarches para reabertura do Colégio Santa Rita, em 1937, já estava D. Carminha a integrar o corpo docente daquele educandário no ano de 1936, sob a direção da professora Filogônia Cabral até a chegada das religiosas que tomaram posse da Casa e do ensino.

Permaneceu naquele Estabelecimento como professora durante muitos anos, assumindo disciplinas em todos os Cursos que eram lá ministrados, indo do Primário ao Normal, Ginásial, Industrial e Pedagógico. Com a existência do Ginásio "Coelho Lisboa", a partir de 1954, ela passou a integrar o seu corpo docente, lecionando Português até ocasião de sua aposentadoria, quando recebeu medalha de ouro pelos seus grandes méritos. Nos anos de 1963 e 1964, lecionou Português na Escola de Agronomia do Nordeste, no Curso Preparatório mantido em Convênio com a SUDENE, ensinando candidatas para ingresso no Curso Superior de Agronomia.

Durante a sua existência, D.Carminha foi uma serva fiel à Santa Igreja, prestando-lhe os mais destacados serviços. Foi membro da Pia União das Filhas de Maria, e sua presidente por muitos anos até a era de extinção da associação na era pós-conciliar. Zeladora da parte principal da Igreja Matriz, onde exibia apreciada pureza de gosto artístico, apresentando o altar-mor esmerado cuidado e riquezas ornamental nas grandes festas religiosas e comemorativas das principais efemérides areienses.

Ao Serviço Eleitoral da 11ª Zona, ela prestou inestimável colaboração sendo por anos seguidos Membro da Junta Apuradora, função dele era reservada pela confiança e sua alta capacidade. Na assistência social aos pobres, foi dirigente do Albergue "Simeão Leal", estendendo-a aos nove Centros Sociais, todos pertencentes à Paróquia de Areia. A Casa Paroquial, prestou os mais dedicados serviços, os quais, postos em evidência, ganharia muito espaço.

Aperfeiçoando-se sempre, mesmo após os anos de magistério frequentou vários cursos no domínio da sociologia e da museologia. O Museu Regional de Areia recebeu colaboração e também muita inspiração. Foi incentivadora da criação do jornal paroquial "O Areiense", a quem servia com zelo como revisora e com alguns trabalhos publicados. Em setembro próximo passado encetou viagem pelo Velho Mundo, demorando-se até novembro, tendo visitado Itália, Portugal, Espanha, França e Holanda. Visitou os mais destacados santuários cristãos da Europa e cooperou com o Vigário de Areia, na busca entre as Instituições Cristãs daquele daqueles países de meios assistenciais para ampliação das obras de nossa Paróquia. Dona Carminha foi a primogênita do casal Salustiano de Souza Lima e Joana Augusto de Souza. Dia 28 de dezembro de 1981, ela faleceu no Hospital Geral de Esperança e foi sepultada no dia 29 seguinte às 11 horas, no cemitério desta cidade.

VULTOS AREIENSES: MONSENHOR JERÔNIMO CÉSAR

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

No decorrer do primeiro decênio de sua fundação, o Seminário Diocesano da Parayba, apresentava em seu reduzido número de sacerdotes por ele ordenados, alguns areienses. O celeiro de padres nordestinos de Alagoas ao Rio Grande do Norte era o Seminário de Olinda, mas, a partir de 4 de março, Dom Adauto instalara o Seminário desta Diocese, que nascia e unido à nova circunscrição eclesiástica.

Para recém-criada Casa de formação religiosa vieram aqueles que estudavam em Olinda, e entre estes, o seminarista Jerônimo Juvenal César Falcão. Em Areia, ele realizou os estudos primários e preparatórios e os eclesiásticos iniciou naquela Diocese Olindense. Passaram-se os fundos anos de profundos estudos e foi alcançando o ponto desejado sua vocação - o sacerdócio.

Depois das Órdenes Menores recebeu o Subdiaconato no Pontifical festivo de 5 de novembro de 1899; o Diaconato, a 18 de Maio de 1902 e neste mesmo ano, a 14 de novembro, o Presbiterado, conferido por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, sendo O 39º sacerdote ordenado por aquele antistite.

Em sua cidade natal celebrou pela primeira vez a 8 de dezembro seguinte. Sem demora, partiu o neosacerdote para a seara que a Diocese lhe oferecia e foi em Guarabira que iniciou como coadjutor do Padre Walfredo Soares dos Santos Leal, 1903. No ano de 1904 até 1914, permaneceu na paróquia de Alagoa, como Coadjutor Pró-Pároco. Em 1915 esteve como Vigário Encomendado da Catedral de Nossa Senhora das Neves, na Capital do Estado, substituindo o Cônego Manuel Moraes, no Curato da Sé. Sem nova destinação, permaneceu até o ano de 1920, quando deixou a Paraíba seguindo primeiro para o Rio de Janeiro depois para São Paulo, onde foi encarnado na antiga Diocese de São Carlos do Pinhal erigida em 7 de junho de 1908 e atualizada em 1957 para Diocese de São Carlos, sufragânea da Arquidiocese de Campinas. Foi nessa região o seu maior campo de trabalho apostólico, onde esteve durante 24 anos, até regressar, por motivos de saúde, à sua terra de origem.

Dom José Marcondes Homem de Mello, então Arcebispo-Bispo daquela Diocese de São Carlos o nomeou vigário da Paróquia de Araraquara, por Provisão datada de primeiro de março de 1920, subscrita pelo Cônego João da Ressurreição Paiva, Secretário do Bispado, em cujo documento lhe eram concedidas as faculdades de estilo para administrar os sacramentos aos fiéis sobre seu pastoreio e determinava a posse dentro de quarenta e cinco dias. O ato foi lido à Estação da Missa Paroquial e dias o Padre Jerônimo César assumia o novo encargo, como reza a "Acta da posse do muito Reverendo Parocho Padre Jerônimo Cesar- aos vinte e cinco dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte, pelas dez horas da Manhã, nesta Matriz de S. Bento de Araraquara, sendo na qualidade de convidado do novo parocho, em minha presença compareceu acompanhado das testemunhas abaixo assignadas o Reverendo Padre Jeronymo Cesar, parocho desta Freguezia, nomeado ou provisão de Sua Excellencia Reverendíssima, a primeiro de março de mil novecentos e vinte, e em acto seguido fiz a leitura da provisão e introduzi na posse desta Freguezia, observando cerimonial prescripto sem que houvesse contestação alguma - Para constar esta que assigno com o novo Parocho e testemunhas designadas. Araraquara - 25 de Abril de 1920 - Pe. Raphael dos Santos Saraiva. Pe. Jeronymo Cesar Francisco Aranha do Amaral. João Ignacio do Amaral Gurgel."

O maior marco do trabalho seu em benefício do patrimônio da Freguezia foi sem dúvida a Casa Paroquial que construiu à Rua Voluntários da Pátria, 1390, iniciada em 14 de Maio e concluída a 14 de outubro de 1938 a qual recebeu as bênçãos das mãos dos Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Gastão Liberal Pinto, porque por lá estiver em Visita Pastoral. Os recursos para essa construção conforme ele fizer a constar em livro de Tombo, foram advindos da venda da antiga residência situada à Rua padre Duarte, n. 35, porque se deu lugar com outra pertencente então a Sra. D. Carlota Vaz para edificação do Fórum. A Prefeitura de Araraquara adquiriu dito imóvel pela quantia de 66:000\$000 (sessenta e seis contos de réis), conforme a aprovação do Prefeito Sr. José Maria Paixão e Vice-Prefeito Sr. José de Abreu e Izique, este no exercício do cargo. A autorização final da transação foi concebida pelo representante legal da Mitra Diocesana, D. Gastão Liberal Pinto.

VULTOS AREIENSES: MONSENHOR JERÔNIMO CÉSAR

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A antiga residência já havia sido adquirida pelo Pe. Jerônimo aos herdeiros do Sr. Francisco Corrêa, pela importância de 14:000\$000 e se localizava em terreno atrás da Igreja Matriz de S. Bento.

Não só o trabalho com a magnanimidade do Pe. Jerônimo César se fez presente. A insuficiência de recursos o levou a contribuir "de seu próprio bolso, com mais de 8:000\$000 para diversos melhoramentos, como sejam, jardim, que não se achava na construção, mobília, etc.". Conseguiu ainda para a Paróquia mais um imóvel à Rua de S. Bento, servindo de sede à Congregação Mariana e um grande terreno situado à Av. Guianazes.

A Saúde não permitiu sua permanência por mais tempo em Araraquara e de lá partiu a 4 de julho de 1944, deixando a cidade às 7:55h., despedindo-se ainda na Estação Ferroviária se grande multidão de paroquianos. Vindo pelo Rio de Janeiro, chegou à Paraíba e a Areia.

Ao deixar a Paraíba, D. Adauto reconhecendo os bons serviços que ele prestaram no campo espiritual, concedeu-lhe e a alguns colegas seus, o título de Cônego, mesmo àqueles que não mais se encontravam neste Bispado.

O Órgão Diocesano "A Imprensa", de 19 de Abril, " noticia a nomeação dos novos cônegos, feita pelo Sr. Arcebispo aproveitando a solenidade de páscoa. Foram os seguintes: Pe. João Borges - vigário de Serraria Pe. Jerônimo César - vigário de Araraquara (São Paulo); Pe. João de Deus - Professor do Pio X; Pe. Manoel Tobias Victório - Capelão do Colégio de São (Rio); Pe. Antonio Afonso - vice-reitor do Seminário; Pe. Luiz Adolfo - vigário de Nova Cruz (Rio Grande do Norte).

Quando ainda em Araraquara, recebeu o título de Monsenhor.

Ao chegar a Areia, monsenhor Jerônimo assumiu a Capelania e o cargo de Inspetor de Ensino do Colégio Santa Rita. Valiosa foi a sua cooperação ao vicariato areiense. Assim foi até o final de sua existência, a 17 de julho de 1949.

Foi o sexto filho de Justiniano César Falcão e de Ana Aurora César Falcão, abastado senhores de engenho deste município, tendo como irmãos: Monsenhor Alvaro Pio César. Philomena Antônia, Aurélia, Eudóxia, Consórcia, Fernando, Josafá e Lucionéa. Nasceu há 4 de maio de 1880. O Museu Regional de Areia, desta Paróquia, comemorou o seu I Centenário do Nascimento, com a posição na Igreja Matriz de placa alusiva ao fato.

Dos seus batizados, um araraquense atingiu o ano passado a plenitude do sacerdócio com sua escolha para o Bispo da diocese de Campo Mourão, no Paraná - Dom Virgílio di Pauli, ex-vigário do Curato da Sé da Diocese de São Carlos - SP, que relembra com admiração a veneranda pessoa Mons. César.

Monsenhor Jerônimo descansa em paz no Cemitério desta Cidade. Em vida e na morte ele mereceu o respeito e a admiração dos seus conterrâneos e de todos aqueles que lá em outras plagas soube conquistar e manter unidos em nome de Cristo.

VULTOS AREIENSES: MADRE MARIA INVOLATA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A Casa-Mãe das Franciscanas, em Dillingen, cidade que se situa à margem do Danúbio e na região bávara alemã, atendendo à solicitação do então Vigário de Areia, Monsenhor João Coutinho, que procurava religiosamente educadoras para o Colégio Santa Rita, abriu o voluntariado para aquelas que desejassem vir ao Novo Mundo para dar continuidade ao serviço educacional a que estavam integradas na sua pátria. O regime nazista dominante na Alemanha impedira os religiosos da sua missão educadora. Diante destes fatos, vieram para Areia, chegando em junho de 1937, as primeiras religiosas daquela Congregação: Madre Venantia, Madre Urbana, Madre Trautlinde e Madre Ildelfonsa.



Madre M Inviolata Schöckenback

Naquele mesmo ano, chegam em setembro, Madre Rafaela e Madre Friedheide e, em primeiro de junho de 1938 chegava a terceira turma composta por Madre Justitia, Madre Siegfrieda, Madre Carolina, Madre Inviolata, Madre Engelsindes e Madre Gonzalez. Partiram da Alemanha pelo porto de Hamburgo vindo até Recife e de lá para cá vieram suportando as agruras da viagem terrestre, nas estradas mal conservadas. Do grupo mencionado, o destaque é Madre Maria Inviolata Scheckenbach, nascida na cidade e Diocese de Würzburg, na Baviera, a 20 de setembro de 1907, filha única de Martin Scheckenbach e de Bety Scheckenbach. Aos seis anos de idade ingressou na sua cidade natal no Curso Primário, concluindo-o em 1919 e logo em seguida cursando o secundário até 1922, em Volkach am Main, no Liceu.

Em 1926, chegou ao final de seus estudos superiores na cidade de Dillingen e durante esse mesmo período de preparação foi aluna do Conservatório de Música em Munique, a Capital da Baviera, onde se destacou pela sua genialidade. Vencedora dentre duas mil alunas daquele Conservatório, em concurso de música ali realizado, recebeu a oferta para continuar gratuitamente seus preparos musicais, considerada que foi pelo seu mestre como uma aluna excepcional nos dotes musical e vocal.

No mencionado ano de 1926, ingressou na vida religiosa, em Dillingen, como noviça até 1928, quando, a 10 de abril fez sua primeira profissão e a 13 de abril de 1931 pronunciou os votos perpétuos.

Na Casa-Mãe, foi a primeira mestra de música e vindo para o Brasil, foi a grande mestra de música e canto do Santa Rita. Aqui, ela ensinou piano, violino, violão, canto, acordeon e flauta, conseguindo mostrar a esta terra a música clássica que a empolgava, sem deixar, contudo, o que havia de mais puro e belo na música brasileira.

No Santa Rita, Madre Inviolata foi sempre dedicada ao ensino da música tendo como assistentes as professoras Madre Venantia Schmid e Maria do Patrocínio Gondim, aquela originária de Munique-Alemanha e esta, areiense, ex-aluna das Irmãs da Sagrada Família. O canto coral foi amplamente desenvolvido com a manutenção do orfeão do Colégio que abrihantava as horas de arte realizadas nas grandes datas nacionais, nas festas de colação de grau das professoras, no recebimento de visita importante ao Colégio e nas festas de onomástico da Superiora da Casa.

VULTOS AREIENSES: MADRE MARIA INVOLATA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Nos bem elaborados programas das festas de formatura, ela procurava inculcar na juventude o puro sentimento de pátria, escolhendo dos melhores compositores nacionais, as suas obras: Pátria - Hino patriótico, Mocidade brasileira - Hino. Verde Pátria, de Francisco Braga; Formada natureza - terra formosa. Brasil, de Olavo Bilac (coro falado), e muitas criações de Villa Lobos. As peças dramáticas de autoria de Madre Siegfrieda Heinrich, musicadas por Madre Inviolata, tinham também o verdadeiro cunho patriótica e religioso: "Ósculo da Paz", com os personagens: O Gênio da Guerra, acompanhado da Ambição e do Orgulho; o Gênio da Paz, ladeado pela Humildade e a Castidade. Dançarinas da Guerra e da Paz. "Grandeza do meu Brasil." "Dança das espadas", em defesa da virtude e da Pátria.

Do Orfeão, se ouviu: Canção a três vozes, de J. Jaguaribe. Os céus manifestam, de Haydn; À Pátria, de Mozart; Os céus anunciam, de Beethoven; Modelai salmos ao Senhor na harpa, de Beethoven; O terras feiticeiras; Eu nasci além dos mares; Alleluia — Oratório "Messias", de Haendel; Te-Deum, de Gertrude von le Fort (poesia, solo o coro).

Na execução musical, a invocação dos grandes mestres: Dança. de Haydn, para piano a 6 mãos; Valsa, de W. A. Mozart, para piano a 6 mãos. "Grande Fantasia Triunfante", de Gottschalk sobre o Hino Nacional Brasileiro.

Para piano a 2 mãos: Alegre, de Burgmuller, Minuette, Beethoven; Sonata Op. 10 n° 1, de Beethoven; la parte da 9ª. Sinfonia de Beethoven; Sonata "Patética" Op, 13, Beethoven. Para violino e piano: Madrigale, de Simonette; Overture "Fidelio", de Beethoven; Andante 5ª. Sinfonia de Beethoven; Overture Op. 59 de C. M. Weber, Overture Op. 73 de Kéler Béla; 1ª. parte 5ª, Sinfonia, Op. 67 Beethoven. Para violino a 4 mãos: Grande Marcha "Dona Isabel"; Coro dos Peregrinos da Ópera "Tannhauser, de Wagner. Para 2 pianos: Valsa em si-bemol maior, de Beethoven. Seria demais a citação das execuções de peças Listz, Chopin, Rachmaninof, Brahms, Schubert, Bach e outros.

Momentos inesquecíveis foram as sessões litero-musical oferecidas por ocasião da visita da Madre Geral M. Siegmunda Steifer, do Centenário de Nascimento do Cônego Odilon Benvindo de Almeida Albuquerque, Fundador do Colégio Santa Rita; do Centenário de Nascimento de Pedro Américo; do Centenário de Ruy Barbosa; da integração da EAN à UFPB. O drama "Branca de Neve", levado em Areia e em Campina Grande e o Festival de Arte comemorativo do Primeiro Decênio do Colégio Santa Rita, realizado no Teatro Minerva, em Areia, onde a primeira parte constou de músicas e canções de Wolfgang Amadeus Mozart, compostas em várias fases da vida do compositor (1756- 791), incluindo "Ave Verum", "Overture da Ópera Tito", para piano e harmônio; Overture da Ópera "D. Juan" e Overture da Ópera "As Bodas de Figaro". A segunda parte constou de uma encenação dramática de trecho da vida de Mozart, onde não faltaram as músicas executadas por ele e seu pai, na Capela Real.

A obra artística de Madre Inviolata não poderá ser citada aqui, não haveria espaço. Mas o Gênio, por vontade do mesmo Deus que recebeu o seu louvor nos cânticos das missas festivas e diárias, no Te-Deum, nas ladainhas e bênção do Santíssimo, foi sentindo fugirem as suas forças, a sua bela voz de soprano e à agilidade de seus dedos.

Pela sua vida de exemplar Religiosa, pela sua arte, pelo trabalho prestado a Areia, ela foi areiense pela vontade unânime dos areienses que, através do seu Poder Legislativo a fez areiense, outorgando-lhe a cidadania em junho de 1977.

A 17 de março, Madre Inviolata entrou para à eternidade, acompanhada dos cânticos de suas co-irmãs que louvavam ao Senhor e faziam ouvir os seus hinos religiosos prediletos. Após a missa concelebrada, os seus restos mortais foram levados à última morada no cemitério local pela população areiense, acompanhados das lágrimas, da saudade, dos cânticos, das orações e do agradecimento movido da sua segunda Pátria.

VULTOS AREIENSES: JOSÉ CALAZÂNCIO DANTAS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Por ato do governador do Estado da Paraíba foi desmembrado do município de Areia o território que constitui o Município de Remígio. Lá fica encravada propriedade Serrinha, limitada pelas propriedades Tanques, Lagoa da Cruz, Lajedo, Constantino, Queimadas e terras do senhor Rosimiro, e que era, portanto, parte integrante da antiga Freguesia do Brejo de Areia. Naquela Fazenda e no ano de 1840, em 27 de agosto como filho legítimo de Pedro Celestino Dantas e de Rita Miquelina de Santana, nasceu JOSÉ CALAZÂNCIO DANTAS, descendente de Bartolomeu da Costa Pereira, seu avô materno e primeiro capitão-mor do Brejo de Areia e de sua mulher Teresa de Jesus Maria.

Durante a primeira quinzena de sua existência ficou órfão de mãe passando aos cuidados da avó materna com quem permaneceu até os nove anos de idade e já os 13 anos residia na então cidade da Paraíba tornando-se comerciante. Após esse período voltou à companhia paterna quando o seu genitor já havia se unido em um novo matrimônio residir no Rio Grande do Norte, na fazenda Pedra do Sino, no município de Caicó.

José Calazâncio, vivendo da agropecuária, explorou também a piscicultura, e graças ao seu espírito empreendedor tornou-se um pioneiro em muitas práticas desenvolvidas pela técnica agrônoma, executando e desenvolvendo em sua fazenda, no Caicó, no ano de 1892, o plano de irrigação, primeiro naquela região seridoense, utilizando para isso a jusante do açude ali existentes e por ele construído. Outras técnicas e a introdução do arado em terras agricultáveis foram atos de elevada capacidade de agricultor no início do século e sem aprendizagem mesmo rudimentar das técnicas agrícolas.

A sua propriedade era dotada ainda de outras importantes fontes de desenvolvimento como: engenho, alambique, casa de farinha de mandioca e o descarçador de algodão. De alta expressão era a produção agrícola ali obtida, constante de arroz, batata doce, algodão, milho e feijão. Na indústria, obtinha considerável produção rapadura e aguardente. No setor pecuário obtinha quantidade elevada de suínos, bovinos e outras espécies. Nas águas represadas do seu açude que não atingia grandes proporções, retirava toneladas de peixe que lhe rendiam vários contos de réis.

A sua retirada da Paraíba para Rio Grande do Norte se deve ao fato de ser neto paterno de Silvestre José Dantas Corrêa que era filho de Caetano Dantas Corrêa e de Margarida Maria de Jesus, antigo e forte patriarca seridoense.

Aprendeu a ler com seu tio materno Padre Manoel Cassiano da Costa Pereira, cuja escola existia no Curimataú, na Fazenda Solidão, lhe proporcionou o início da aprendizagem na agropecuária que no futuro iria aplicar e desenvolver com absoluto sucesso numa região e ainda se desconheciam os métodos eficazes e benéficos da irrigação na região semi-árida e o emprego de máquinas agrícolas ainda desconhecidas naquelas paragens.

Paralelamente à vida agro-pastoril que desenvolvia no seridó norte-riograndense, encontrou ainda tempo e boa oportunidade para a política, nos idos tempos do segundo reinado, quando exerceu o cargo de Conselheiro, em Caicó.

Aos vinte e dois anos de idade convolveu núpcias com Maria Jovina de Santana, e enviuvando a 16 de setembro de 1875, já contraía novo matrimônio a primeiro de novembro daquele ano, com Enedina Maria de Santana, filha do Senhores da Fazenda Timbaúba. Do primeiro consórcio nasceram 14 filhos. Do segundo enlace houve 15 filhos, dos quais Joaquina Dantas Gurgel casada com Professor Pedro Gurgel do Amaral, pais do Senhor Walfredo Gurgel que foi deputado e Governador do Rio Grande do Norte e ex-Diretor do Colégio Santa Luzia de Mossoró, fundado pelo areiense Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Bispo da Diocese da Paraíba ao tempo em que aquele Estado era parte integrante desta sede episcopal.

ela segunda vez enviuvou, em 28 de dezembro de 1922, e do terceiro casamento com Francisca Felisbela de Melo, em 28 de março de 1923, quando contava 82 anos, não houve descendência porque escolheu uma companheira que ele não desse herdeiros, julgando não os criar em face de sua avançada idade. Diz-se haver sido ele de compleição "robusta, estatura média, muito alvo, louro, de olhos azuis, manso, de trato agradável".

Transmitiu à sua descendência a melhor educação, mostrando-lhe o dever do trabalho, a virtude de uma vida honesta e o autêntico espírito religioso. Em sua fazenda Oiticicas, além de toda a técnica agrícola que implantou e desenvolveu, servindo de padrão, àquela região e ao Estado riograndense, não pôs de lado sentido religioso demonstrado em uma capela destinada aos ofícios sagrados. A terra amiga e nobre do Caicó o recebeu após o seu falecimento aos 10 de setembro de 1935, em idade quase centenária

VULTOS AREIENSES: JOSÉ BERARDO DOS SANTOS LEAL

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Ainda no ano de 1800, era difícil o ensino primário. E especialmente em Areia. Data de 1822 a Instalação da primeira escola pública nesta terra, considerando-se isto um marco extraordinário no desenvolvimento local. A própria capital paraibana se ressentia de maior progresso na instrução dos seus habitantes, possuindo apenas duas unidades até o ano de 1821.

O desenvolvimento educacional foi bastante lento, contando este Estado, até a metade do século passado, menos de quarenta unidades de ensino e uma frequência restrita. Primeiramente, foi o sexo masculino quem recebeu maiores atenções. Muito depois é que começou a se pensar em escolas públicas femininas.

Em Areia, pouco a pouco iam sendo instalados cursos com maior adiantamento como preparatórios àqueles que pretendiam alcançar estudos superiores. Inicialmente foram os irmãos Padre Manoel Cassiano da Costa Pereira e Padre Joaquim Álvares da Costa Pereira, que ensinaram latim. No decorrer de 1835, já se ensinava latim e francês. Luiz Monteiro da França, Francisco Gareia do Amaral e Joaquim da Siiva, foram professores destas matérias.

Em 1853, havia a escola do professor JOSÉ BERARDO DOS SANTOS LEAL, que muito jovem ainda se dedicara no ensino particular, indo das primeiras letras no latim. Discípulo fora de Antonio Victor Pereira da Silva e de Joaquim da Silva - o latinista, distinguindo-se dentre muitos escolares areienses, mais tarde ilustres, como Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia, Dr. Cunha Lima, Dr. Ábdon-Milanez, Padre Sebastião Bastos, Monsenhor Luiz Sales e muitos mais. Aos 20 anos de idade, José Berardo substituiu o mestre Joaquim da Silva, já incluindo os filhos deste como seus alunos. Outros areienses notáveis estudaram com ele: Dom Aduino, Coelho Lisboa, Xavier Júnior, Aurélio de Figueiredo, Walfredo Leal, Álvaro Machado e outros. Dos seus alunos, o que mais se destacou como educador foi Xavier Júnior.

José Berardo era professor inteligente e capacitado, porém excessivamente rigoroso e exigente. Não se preocupava apenas com a aprendizagem dos alunos, porém com o comportamento na escola, na igreja e na rua, observando-os, admoestando-os e interpelando-os duramente sobre o cumprimento dos deveres. Excedia-se, muitas vezes, em castigos aplicados aos educandos. Nos moldes da escola antiga, aplicava com severidade a palmatória durante a realização da sabatina, mas poupava do castigo dos bolos os seus alunos prediletos Aduino Aurélio de Miranda Henriques e Álvaro Machado, concedendo assim um privilégio que não deixava os demais alunos satisfeitos com este ato costumeiramente repetido. Não admitia mentiras e para aquele que assim procedesse, aplicava-lhe de imediato a advertência de que não devia mentir nem por brincadeira. Conscientizava-se, portanto, com a educação total do aluno. Mas, na sua posição de mestre assim consciente e competente chegava ao extremo da prepotência e não poupava aqueles que não lhe concediam a merecida atenção. Não deixou por isto e outros motivos de contar prejuízos em sua profissão, vindo a sofrer pena de demissão a bem do serviço público no Governo de José Evaristo. Foi readmitido somente quando o seu ex-aluno Álvaro Machado assumiu o Governo da Paraíba.

Desde os 20 anos de idade, repito, e até o seu final, dedicou-se ao magistério, mas, em determinada fase o abandonou para ingressar no Seminário de Olinda, isto por volta de 1872 quando rebentou a "Questão religiosa" que culminou com a prisão e sentença do Bispo Olindense Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira. De Olinda ele se transferiu para o Seminário do Maranhão, desistindo, porém, de continuar a carreira eclesiástica. Do Maranhão segue para o Rio de Janeiro, em 1876, onde permaneceu durante quase um quarto de século. Nesse tempo, dedicou-se também a outras atividades. Foi Secretário do Ministério da Marinha e tornou-se jornalista colaborando em vários órgãos da imprensa carioca. No final do século, em 1897, ele regressou a Areia e reassumiu as cadeiras de latim e Português.

Nasceu o Professor José Berardo dos Santos Leal em Areia, a 16 de Janeiro de 1847. Nesta cidade ocorreu o seu falecimento a 7 de maio de 1907, encontrando-se os seus restos mortais em uma urna funerária existente em a nave lateral esquerda da Matriz de N. Senhora da Conceição, posta como lembrança de suas filhas Júlia Verônica dos Santos Leal - grande educadora areiense, e Maria Dinamérica dos Santos Lisboa, que também foi professora em Areia.

25 de julho de 1982 - Ano 4, N º26

Jornal O Areense

VULTOS AREIENSES: JOÃO SOARES

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Areia e Remígio constituíam um só município até o ano de 1955 quando se verificou por ato oficial estadual a separação territorial político-administrativas. No início deste século, nasceu, então, em Remígio, deste Município, JOÃO SOARES DA COSTA FILHO. Em seu berço natal iniciou os estudos primários, realizando os secundários no Colégio Pio X, na capital paraibana.

Como outros que desejavam prosseguir nos estudos, teve que enfrentar o deslocamento para outras regiões que possuíam escolas superiores instaladas.



Assim, em 1924, vai à Bahia e inicia o curso de medicina na cidade de Salvador onde permaneceu até a quarta série, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, onde concluiu os estudos na Faculdade Nacional de Medicina, no ano de 1930.

Regressando à Paraíba no ano de 1931, inicia a vida profissional instalando consultório médico em João Pessoa, com clínica infantil especializada. Evidente é a sua competência. Formou alto conceito profissional. As instituições o procuram e vai acumulando responsabilidades cargos de notoriedade.

A municipalidade o acolhe como médico no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, e à Assistência Municipal. O Estado, o designou para a Polícia Civil, como legista, concedendo-lhe patente de Capitão Honorário da Força Policial da Paraíba.

Mas, não se fixou somente na clínica particular e nos serviços oficiais. Desde o seu tempo de estudante, no Rio de Janeiro, foi interno em várias instituições médicas, tanto de pronto socorro como de amparo à infância, no sentido de ampliar os seus conhecimentos na carreira escolhida. Frequenta, então, cursos especializados na Capital Federal. Mantém contatos com especialistas famosos tanto nacionais como no exterior. Viaja pela Europa, América do Norte, Uruguai, onde representou a Paraíba no III Congresso Pan-Americano de Pediatria, realizado em Montevidéu, e na Argentina.

Foi diretor da divisão de Proteção à Maternidade, à Infância e à Adolescência pertencente ao Departamento de Saúde da Secretaria de Saúde da Paraíba: da Clínica de Lactentes do Abrigo de Menores "Jesus de Nazaré"; do Centro de Puericultura de Cruz das Armas João Soares; do Centro de Saúde da Paraíba; da Sociedade Mantenedora do Instituto de Proteção e Assistência à Infância de João Pessoa e da Legião Brasileira de Assistência.

VULTOS AREIENSES: JOÃO SOARES

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Não só prestou assistência, como criou vários serviços junto a entidades por ele dirigidas. No Centro de Puericultura de Cruz das Armas, instituiu o Banco de Leite Humano do Nordeste, primeiro no gênero nesta região. Ligados aos mesmos instalou o clube das Mães e uma creche. O Hospital Infantil criado há trinta e três anos e que hoje o tem como patrono teve também, por iniciativa sua uma escola pediátrica.

A sua atuação não foi restrita unicamente à medicina. Dedicou-se também à imprensa, tendo colaborado em jornais e revistas especializadas, onde fazia publicar os resultados de suas pesquisas e os sérios esclarecimentos sobre os perigos à saúde infantil. Algumas de suas observações médicas constam de uma grande bibliografia, dentre a qual se pode citar: Valor Nutritivo do Leite Materno; Higiene Alimentar do Lactente; Neurose Infantil e Jogos; A Febre do Açúcar no Lactente, Toxicoses Secundárias e Infecções Parenterais; Como Alimentar o Lactente Artificialmente até os Seis Meses de Vida; Distrofia, Alipogenética; Meningite Tuberculosa; Alimentação Mista e Artificial do Lactente; Considerações em torno da Paralisia Infantil. Ainda Publicou uma série intitulada "Cartas às Mães", na imprensa pessoense.

Com a criação da Faculdade de Medicina da Paraíba, no ano de 1952 e conseqüentemente com a formação do seu corpo docente, foi João Soares escolhido como catedrático de Farmacologia e posteriormente de Puericultura, sendo portanto, fundador da cadeira. A comissão de ensino superior do Ministério da Educação e Cultura em seu parecer sobre pedido de reconhecimento do curso de medicina, assim se referiu ao Doutor João Soares, no capítulo referente aos docentes: "Indica a faculdade o nome do professor João Soares da Costa Filho cujo currículo evidencia suas altas qualidades para regência da cadeira. Cumpre notar que se trata de profissional com trabalhos publicados e Diretor da Divisão de Maternidade e infância do Departamento de Saúde da Paraíba. Diretor do Centro de Puericultura de Cruz das Armas, em João Pessoa". Posteriormente, a Faculdade de Medicina se integrou à UFPB

Filho de João Soares da Costa e de Adélia Barbosa Soares, nasceu a 24 de junho de 1904 e faleceu em João Pessoa em 16 de julho de 1965, onde é sepultado.

VULTOS AREIENSES: ROSA DE JESUS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

As primeiras Irmandades Religiosa da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia datam dos anos de 1880, 1886 e 1892, sendo respectivamente, a de Nossa Senhora das Dores, o Apostolado da Oração e a de Nossa Senhora do Carmo. Estas já se encontravam em pleno funcionamento quando da instalação da Diocese, em 1894. A partir de 1910 foram sendo criadas outras Irmandades, até 1948, quando à 15 de agosto foi instalada a Congregação Mariana, que já não existe. A Pia União das Filhas de Maria, data de 1910 e teve em suas fileiras muitas jovens areienses e de outros municípios. Dona Júlia Leal, professora e dirigente do seu próprio colégio e por muitos anos presidente daquela Associação, incumbia-se do aliciamento das futuras filhas de Maria.

Eis que surge no ano de 1932, Rosa de Jesus Sacramentado, nascida Rosa Maria de Albuquerque, que ingressava nas fileiras da Pia União, recebendo a fita verde de aspirante a 31 de maio e a fita azul de Filha de Maria a 8 de dezembro do mesmo ano, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Ela nasceu a 9 de junho de 1896, no então povoado de Lagoa do Remígio, deste termo, filha de José Tonel de Albuquerque e da pernambucana de Goiana, Joana Cordeiro Cavalcanti de Albuquerque, grandes artistas, os quais formavam com os seus parentes Belísio e Joaquim Cordeiro, o grande conjunto de fogueteiros deste município. A profissão eles transmitiram aos descendentes, o que se prolongou até 1960, quando Rita Albuquerque de Medeiros encerrou definitivamente os trabalhos de sua tenda em Remígio.

Rosinha, com era conhecida, foi autodidata. Foi criada sob os cuidados maternos ao ficar órfã de pai nos dois anos de idade, em 1898. Ao mesmo tempo - costumava dizer - embaixo de frondosa árvore do seu quintal, aprendia trabalhos manuais e por si mesma alfabetizava-se. Falecendo sua genitora no ano de 1928, aumentaram às suas responsabilidades com a guarda de sua irmã mais velha - Maria, doente, e parálitica no final da existência. Eram as últimas solteiras. A família foi numerosa; nove irmãos: Rosa, Maria, Rita, Júlia, Francisco, Terto, Silvino, José e Antonio. Rita a aconselhara para o matrimônio, o que não chegou a se realizar. O seu noivo afirmara que após o enlace ela teria de deixar aquela vida de excessiva religiosidade e frequentar menos a Igreja. Com isto houve discordância imediata com forte reação. Desfez o compromisso devolvendo-lhe a aliança e dizendo haver eleito um outro para seu esposo - Jesus Cristo. E, sob este impacto, aos pés do altar pronunciou o seu voto: "Meu Jesus, de ora em diante não serei mais Rosa Albuquerque, e sim, Rosa de Jesus Sacramentado." Desde então, passou a dedicar-se mais ainda às necessidades de sua Igreja e dos seus semelhantes.

De 1 de março 1929 até 1966 ela manteve a Escola Primária "Santo Antonio", por ela fundada, onde centenas de crianças de todas as classes sociais obtiveram alfabetização e instrução na religião católica. Passaram por suas mãos muitos remigenses que, atualmente, ocupam posição de destaque nos meios sociais.

29 de agosto de 1982 - Ano 4, N °27

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: ROSA DE JESUS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Além da escola por ela mantida, trabalhava incessantemente na confecção de flores de papel, de seda e de goma, armando ramalhetes e grinaldas para noivas, capelas para “anjinhos”, grinaldas para dias de Finados e outras. Como instrutora da doutrina cristã, dedicava muitas horas ao catecismo com as crianças e a preparação destas para na primeira comunhão. Poucas horas diárias lhe sobravam para repouso. Constantemente rezava: no trabalho, na escola e na Igreja, de onde era zeladora dedicada. A Casa Paroquial foi outro objeto do seu extremado zelo.

Como filha de Maria pertenceu à Pia União da Matriz de Areia até o ano de 1948, quando, no vicariato de Frei Patrício Seubert, OFM, passou a integrar a Pia União da Igreja do Patrocínio, em Remígio. Em 1937, sob a direção do então Vigário de Areia, Padre Antonio Costa, foi fundado naquela Igreja o Apostolado da Oração, do qual fora presidente. Ingressou como Terceira Franciscana na Fraternidade da Matriz de Nossa Sra. do Bom Conselho de Esperança, à época do Vigário João Honório de Melo.

Em 1936, Monsenhor João Coutinho ainda se encontrava à frente da Paróquia de Areia e terminara, com ingentes esforços e colaboração do povo, uma remodelação no templo de Nossa Senhora do Patrocínio, enriquecendo-o com altar-mór de alvenaria, altares laterais, piso de mosaico, forro de madeira e as novas imagens do Sagrado Coração de Jesus, Mater Dolorosa e São José que foram conduzidas em procissão de Areia a Remígio, em manhã chuvosa que somente a fé e a piedade católicas suportavam.

Lá deixou em caráter definitivo, conforme autorização do Arcebispo da Paraíba, Dom Moisés Coelho, o Santíssimo Sacramento. Daí por diante, foi Rosinha sua valorosa guardiã. Viveu um ato de adoração perpétua ao Divino Sacramentado. Algo porém lhe faltava. A criação da Paróquia de Remígio, o que só aconteceu muitos anos depois, em janeiro de 1965. Por inexistência de um sacerdote permanente naquela Igreja, ela com algumas companheiras, caminhavam à pé até a cidade de Esperança, em cada primeira sexta-feira do mês para cumprimento de deveres religiosos. Aonde houvesse o doente, levava-lhe o conforto material e espiritual. Assistia-lhe, às vezes, por dias seguidos, na preparação de sua alma para a eternidade e levava o sacerdote para ministrar-lhe os últimos sacramentos. Sua existência foi repleta de bons exemplos, coragem, esforço e principalmente religiosidade.

Com a sua total consagração à Igreja, pedia a Jesus para o imitar em seus sofrimentos. Já nos 71 anos de idade, em 21 de agosto de 1967, entregava sua alma ao Criador, sem que ninguém testemunhasse o que lhe ocorrera naquela noite onde jazia em sangue.

Os seus restos mortais repousam em Remígio onde sua memória será sempre lembrada.

26 de setembro de 1982 - Ano 4, N°28

Jornal O Areense

VULTOS AREIENSES: ANTONIO SALVIANO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Somente no ano de 1918 foi inaugurada a luz elétrica em Areia, num dia festivo, com a presença do Capitão Heráclito de Almeida que representava o Presidente do Estado da Paraíba, Francisco Camilo de Holanda. Era Prefeito desta Comuna o Tenente Juvenal Espínola de França. Até então, a iluminação existente era à acetileno ou mais popularmente conhecida à carbureto, em máquinas de fabricação areiense, nova descoberta de um dos mais inteligentes filhos desta terra - ANTONIO SALVIANO DE FIGUEIREDO.

O espírito cheio de imaginação de Antonio Salviano o levou a experiências de fabricação de um tipo de máquina com bomba, composta do um cilindro maior que continha água e dentro deste um menor contendo furos e onde se colocava o carbureto. Subindo e descendo, penetrando na água, o carbureto se umedecia e provocava a liberação do gás que era conduzido por tubo metálico até a torneira que controlava a sua saída. Na parte final do tubo, aberta a torneira, com o acender de um fósforo, Aproveitava-se o gás que produzia luz muito brilhante e se difundia através do cristal ou do vidro do abajur.

No presente, ainda se observa um resto deste tipo de instalação no sobrado do Professor Américo Perazzo, que, ao tempo do uso dessa iluminação, recebia o gás que era conduzido em um tubo que atravessava a rua, visto ser localizada a máquina no prédio em frente, onde funcionava a loja do Sr., Francisco Cicero de Melo. Essa mesma modalidade de iluminação particular se estendia à via pública em postes centralizados na rua principal. Cada residência das famílias mais abastadas possuía à sua própria máquina. As experiências para esse tipo de aparelho ele as fez no sobradinho da rua Getúlio Vargas, 138, e contava com o auxílio do Sr. Artur Lopes que para lá transportava a quantidade de água necessária ao invento.

Mesmo com o perigo oferecido, apenas uma explosão de enormes proporções se verificou em Areia na residência do Sr. Joca Pontes — casa da Rua Pedro Américo, esquina com a nova estrada para o Quebra — que levou ao ar o teto e provocou queimaduras na Sra. Plácidia Pontes. A tragédia trouxe ainda aos areienses motivo para o gracejo de que o português Nicolau Lisboa aqui residente por quase toda à sua existência e exagerado na descrição do que via, lera durante a explosão o que se formara em letras de fogo: “privilegio de Antonio Salviano — Areia - Paraíba.”

Mas, nova etapa no desenvolvimento da vida areiense. Com a iluminação elétrica tudo mudou e surgiram outras ideias do nosso inventor. Outra máquina para produção de energia — o Hidro-motor. Novas lutas, nova conquista, e por fim, o esquecimento. Já distante do Areia, Antonio Salviano consegue registrar o seu invento conhecido em todo o Brasil através do cinema.

A descrição do seu engenhoso aparelho é por ele mesmo redigida: “O meu invento consiste essencialmente numa machina motriz, que aproveita duas forças naturaes agindo em sentido contrario e em direcção vertical. Uma dellas, a principal e universal é a gravidade; a outra secundaria e especial é a do movimento das ondas. A parte fundamental da minha machina está exactamente na transformação desse movimento rotatorio sempre no mesmo sentido, por mais desconstradas que sejam essas ondas. A divisão da minha invenção faz-se portanto, naturalmente em duas partes: 1ª - produção de um movimento alternativo de vai e vem; 2ª - transformação deste em movimento rotatório sempre no mesmo sentido. Movimento alternativo — Em terreno firme, junto da massa de agua em que se produzem as ondas, eu estabeleço uma fila de postes verticais sustentando travessas horizontaes, sobre as quaes repousam também horisontalmente vigas, nas quaes se acham pegadas roldanas por onde passam cabos amarrados a fluctuadores suspensos por correntes.

VULTOS AREIENSES: ANTONIO SALVIANO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Estes mesmos cabos passam por outras roldanas pregadas em outras vigas também horizontais, porém mais afastadas da água e tendo pendurados contra-pesos. A força da gravidade de que me utilizo está no próprio peso dos flutuadores e dos contrapesos. Quando a onda atua no flutuador, este suspende, e o contra-peso correspondente abaixa; o cabo que o liga tem então um movimento que vai do flutuador para o contra-peso. Passada a onda, o cabo tem movimento contrário, visto que o flutuador cai e o contra-peso levanta. Disto resulta que o movimento do cabo é alternativo. Para diminuir os movimentos dos flutuadores, diferentes dos de ascensão e descensão verticais, eu amarro nesses cabos que passam por uma roldana e terminam num peso adequado.

Transformação do movimento alternativo retilíneo em circular, sempre no mesmo sentido — É no jogo das engrenagens que se acha o aspecto mais importantes da minha invenção. Esta ainda se compõe de duas partes: a primeira formada de um conjugado de hastes dentadas, disposta horizontalmente e engrenando numa roda; a segunda é a própria roda. Na constituição da roda e no funcionamento de seus dentes é que se encontra finalmente a solução do problema de transformar movimento alternativo retilíneo em circular sempre no mesmo sentido. Para tal, é a roda constituída de dois discos circulares juxtapostos, sendo ambos dentados. Mas, em vez de serem os dentes fixos, cada um deles gira no mesmo sentido em torno de seu eixo, num arco de 90 graus apenas, e são mantidos em sua posição normal por meio de uma mola. Em consequência disto se as duas hastes dentadas atuam num sentido, só os dentes de uma delas encontram resistência nos dentes dos discos, porque os de outra haste, agindo em sentido contrário, encontram flexibilidade nos dentes dos discos. Quando porém, as hastes passam a atuar em sentido oposto, o contrário se dá. Assim sendo, em qualquer direção que os dentes das hastes comprimam os dois discos, o movimento destes se fará sempre no mesmo sentido.”

Sem aplicação ficou o maravilhoso invento do nosso conterrâneo. Decorridos mais ou menos sessenta anos, surge agora um descendente de areiense com um outro modelo de máquina porém com idêntica finalidade. É José Jardelino da Costa que há anos procura ser ouvido por autoridades que possam apoiá-lo e aproveitar a sua invenção em benefício da produção e do armazenamento da energia. O cientista explica: “a captação da energia da onda oceânica se faz por intermédio de flutuadores que, acoplados a cremalheiras, transformam o movimento oscilatório da superfície líquida do oceano (ondas) em movimento giratório em sentido único.” E lembra: “de noite ou de dia, com sol ou não, em sequência constante, vêm as ondas rebentar nas praias ou nos arrecifes. Por que não utilizar essa matéria-prima inesgotável?” Por este novo tipo de máquina já se mostraram interessados a SUDENE e a Universidade Federal de Pernambuco.

Antonio Salviano de Figueirêdo nasceu em Areia no ano de 1887, conforme se deduz de seu registro na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, desta Paróquia, do ano de 1904, sendo filho de Antonio Salviano de: Figueirêdo e de sua primeira esposa. Faleceu no Rio de Janeiro.

Areia rende-lhe um preito de gratidão.

31 de outubro de 1982 - Ano 4, N °29

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: ABEL DA SILVA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Possivelmente, foi Areia, em tempos idos, a cidade interiorana na Paraíba que mais desenvolveu no setor educacional. A longas distâncias havia pontos de formação intelectual de sua juventude, como se deu em Cajazeiras com o fumoso educandário do Padre Mestre Padre Inácio de Souza Rolim. Vários estabelecimentos foram surgindo no correr do tempo aqui no alto da Borborema e foram florescendo os mestres que não se prenderam apenas a gozar de alta conceito na terra natal, porém levaram os seus nomes a brilhar em meios já altamente desenvolvidos.

Assim, surge em 1835 a primeira cadeira de Latim que vem a ter em 1841 o seu terceiro ocupante na figura exponencial de Joaquim da Silva que se manteve em Areia até o ano de 1865, mantendo educandário de instrução secundária, lecionando latim, francês, português e matemática, e, posteriormente, publicando o seu livro intitulado “Manual do Estudante de Latim” e escrevendo um método para o ensino do grego. Fundou um segundo estabelecimento de ensino, já em 1882 na então cidade de Parayha, capital do Estado. Teve ele a sua maior realização ou o seu maior triunfo vencendo em concurso os grandes latinistas Tobias Barretos e Padre Felix Barreto, que disputavam vaga da cadeira de latim nos Cursos Anexos da Faculdade de Direito do Recife.

Mas, entre mestres e filhos de Mestre é que vem à luz em Areia no de 1871, um outro Mestre — ABEL DA SILVA. Filho de Joaquim José Henriques da Silva.

Com o seu genitor ele aprendeu as primeiras letras e fez os estudos secundários preparatórios ao seu ingresso na Faculdade de Direito do Recife e depois no Curso de Medicina no Rio de Janeiro. Não concluiu nenhum dos dois. Da capital da República ele regressou ao seu Estado Natal onde se fixou até a morte, preferindo dedicar-se exclusivamente ao ensino. Lecionou português, latim, francês física e química em vários cursos particulares e pedagogia na antiga Escola Normal da Paraíba. O seu mais elevado posto foi o cargo público de Inspetor Geral do Ensino da Paraíba, ao tempo de Xavier Jr. Diretor da Instituição Pública. Meritos não lhe faltaram; chegava mesmo a encantar pela conversação e profundos foram os seus conhecimentos de filosofia.

Contemporâneo e amigo de Augusto dos Anjos. Em 1909, este inesquecível mestre paraibano, da poesia e integrante da equipe do jornalzinho “Nonevar” que animava a Festa de Nossa Senhora das Neves, fez uma série de quadras e quadras-perfis com o título “Tipos” onde descreveu os seus íntimos amigos, iniciando a série com Abel da Silva:

“Sua magreza de faquir encerra
Como o algodão, ainda na maçã
Uma organização de Emanuel Kant,
Pontificando a crítica da terra!”

Distinguiu-se dentre os seus irmãos, muito embora não superasse Tito Silva, que deixou um marco ainda existente que é a Fábrica de Bebida que levou o seu nome e que produz os gostosos vinhos de Caju e Celeste, aqui na Paraíba. Os outros que tiveram maior atuação entre os vinte e seis filhos de Joaquim da Silva e Raquel Augusta de Gouveia, foram Horácio e Júlio.

Há um século, portanto, Joaquim da Silva fundava o “Colégio Paraibano”, o qual foi dirigido após a sua morte pelos filhos Horácio e Abel da Silva e pelo ilustre Francisco Xavier Jr. seu genro. Viveu pouco o erudito areiense. Com a idade de 62 veio a falecer em João Pessoa, no ano de 1933, onde repousa eternamente. Ao seu término lecionava ainda em caráter particular à Rua Maximiano Machado, em Jaguaribe e se dava à boemia.

A Capital e a sua terra natal lhe perpetuaram a memória nas placas de suas ruas, Simples homenagem a um homem de letras.

28 de novembro de 1982 - Ano 4, N º30

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: ÁBDON FELINTO MILANEZ FILHO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Até o final do século passado areia possui avultado número de bacharéis e de padres, estes seguidos por menor quantidade de médicos e de outras profissões liberais. Entre os médicos estava Ábdon Felinto Milanez que gozava de alto conceito entre os seus conterrâneos. Dedicou-se também à política representando a Paraíba por várias vezes, como Deputado à Assembleia Provincial elegendo-se em 1866 e 1868 e em 1878 para a Câmara Nacional, onde permaneceu até 1881. Mais tarde, elegeram-se senador. Dele e de sua mulher Gracinda de Brito Cotegipe Milanez descendeu Ábdon Felinto Milanez Filho, engenheiro civil formado em 1880 pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro.



Logo após a conclusão dos seus estudos e conseqüente doutoramento em engenharia, ele iniciou sua vida pública na Estrada de ferro D. Pedro II, no Rio de Janeiro, vindo em 1882 à Paraíba para a Estrada de Ferro Conde D'Eu. Regressou ao Rio de Janeiro onde trabalhou na Estrada de Ferro do Corcovado e outras de igual natureza. Foi Superintendente Geral da Imigração, na Europa, em 1894; Diretor da Central do Brasil, do Serviço da expansão Econômica na Suíça.

Diretor do Instituto Nacional de Música, quando em 1916 faleceu o antigo Diretor, o maestro compositor Alberto Nepomuceno. Sua administração foi das mais proveitosas, tendo construído a Escola Nacional de Música.

Atuou ao lado de destacados compositores nacionais sendo o que mais se salientou entre os musicistas areienses do seu tempo. A sua consagração foi realmente obtida através da música e não da engenharia.

Viajando pela Europa conseguiu tanto lá como no Brasil grandes triunfos com suas produções musicais e artísticas. Compôs em cada área uma série de belas peças que durante anos fizeram sucessos nas mais variadas capitais brasileiras.

Em 1886, no Rio de Janeiro, apresenta sua opereta "A Donzela Theodora", seguindo-se Heroi à Força, Joanica, A Loteria do amor, Barbeirinho de Sevilha e outras. Em 1904, apresenta também no Rio, a ópera Primizie, e em 1905 a apresenta em Lisboa. A esta segue outra ópera - Moema.

São de sua autoria uma relativa quantidade de músicas para piano, como Tuoi Capelli D'or, Minuet, O Cisne do Lago, A Romã e Marié; e, para concerto: As flores do norte, Primeiro Beijo, Cidade de Areia, Myosotis, Anjos de caridade, etc. As revistas musicais obtiveram também relativo sucesso: Mercúrio, Carioca, Zé Povinho e outras mais.

VULTOS AREIENSES: ÁBDON FELINTO MILANEZ FILHO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Compôs uma série de músicas sacras em louvor à Santíssima Virgem em uma das quais, em parceria com o poeta Rodolfo Pires de Melo, homenageia a padroeira de sua terra natal. Com Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo, compôs “Hino do Estado da Paraíba”. Das músicas sacras surgiram: “Missa de Santa Luzia, Tantum Ergo, O Salutaris, Ave Maria e Te Deum.

Em 1905, Dom Adauto regressava de sua segunda visita “Ad limina apostolorum” ao Sumo Pontífice. E a 7 de julho chegou à então cidade da Parahyba, onde fora solenemente recepcionado. Ao final da tarde o Bispo dera entrada na Catedral de Nossa Senhora das Neves ao som de Ecce Sacerdos do Maestro Ábdon Milanez, regido pelo maestro Elias Pompílio e ensaiado sob as vistas do autor. Uma das mais destacadas vozes femininas da Paraíba - Cândida de Sá Andrade, entoou com entusiasmo a “Ave Maria”. Outras destacadas vozes se salientaram no Tantum Ergo e em O Salutaris. O maestro areiense Camilo Ribeiro e o clérigo Nicodemus Neves estiveram regendo a orquestra. Nesta solenidade eram areienses: o Bispo, um maestro, o Presidente do Estado, Dr. Álvaro Machado e o autor das músicas sacras apresentadas. Após o Te Deum, D. Adauto fora levado ao Paço Episcopal sendo ladeado por seus conterrâneos Dr. Ábdon Milanez e o Presidente Álvaro Machado.

Outra marcante solenidade foi a sagração episcopal de D. Joaquim de Almeida, primeiro Bispo escolhido dentre o clero paraibano após a ereção da Diocese da Paraíba e designado primeiro Bispo da Diocese do Piauí - verificada a 4 de fevereiro de 1906, com a presença do Sr. Núncio Apostólico D. Júlio Tonti, na catedral de N. S. das Neves, onde foi entoado o Te Deum, de Ábdon Milanez. O mesmo foi cantado em outras solenidades, como nas Bodas de Prata Episcopais de Dom Adauto, em 6 de Fevereiro 1919 e no Dia da Independência em 1917, contando este com a presença do Presidente do Estado, e em ambas as vezes regido pelo Padre Odilon Coutinho, filho desta terra,

Na capital paraibana, no ano de 1902, foi fundado o Club Simfônico e seu primeiro concerto foi a 23 de junho daquele ano. Nesta ocasião se encontrava o grande compositor e maestro Ábdon Milanez que, maravilhado com o resultado da apresentação, decidiu, ao assistir um ensaio sobre a regência de Elias Pompílio, realizar na noite de 29 de julho, o concerto “Ábdon Milanez”, constante de diversas composições suas.

Em ritmos diferentes foi autor de Dengosa, Confeti, Bonitinha, Guanabara, Esmeraldina, Pompadour, Dinheiro em penca. Como dramaturgo escreveu: O Perdão, A centelha, O lírio, e as comédias: Princesa do Cajueiro e Fruto Proibido.

Nos idos de 1947, em Areia, por iniciativa Professor Antônio Benvindo, foi criada a “Sociedade Dramática Ábdon Milanez”, de curta duração, que contou com a participação de alguns jovens e senhores de então: Manoel Gouveia, Severina Souza, Thales de Almeida, Odêmia Souza, Rafael Freire e Nendô Azevedo, e outros.

Numa homenagem singular denomina-se de “Ábdon Milanez” a Banda de Música Municipal de Areia. Aqui mesmo ele aprendeu os rudimentos musicais com Maestro Tristão Granjeiro de Almeida e Melo, daí partindo para o aperfeiçoamento lá fora. Do seu genitor, herdou a política. Representou a Paraíba na Câmara Federal, no período 1903 a 1905.

Ábdon Felinto Milanez Filho, nasceu a 10 de agosto de 1858, neste Município faleceu no Rio de Janeiro a 1 de abril de 1927.

VULTOS AREIENSES: FRANKLIN TUPINAMBÁ

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Alguns setores de uma das camadas mais esclarecidas do povo procuram hoje justificar a sua pregação doutrinária modificando a História do Brasil que todo nós aprendemos por obrigação e por amor à Pátria. Deturpadamente, diz-se de uma maneira diferente sobre as razões pelas quais o Brasil foi à guerra com o país Irmão – o Paraguai. Não se justificam mais para esses pregadores os insultos recebidos pela nossa pátria, mas, afirmam que foram as tão citadas pressões externas do outras nações já àquela época poderosas. Pelas razões apontadas nos compêndios da história nacional de tantos autores famosos e, particularmente da historiadora paraibana de saudosa memória - Dra. Eudésia Vieira, ou por ambos os motivos, certo foi que as duas nações vizinhas, pela sua honra, partiram para o campo de batalha. De lá, saiu o Brasil vitorioso, e a glória chegou também ao rincão areiense com um dos seus filhos coberto de glórias e do altas honrarias.

A 17 do julho do 1831; nasceu em Areia, Franklin Tupinambá Maribondo da Trindade. Descendeu de abastados senhores de engenho: José Joaquim da Trindade e Ana Joaquina Silva da Trindade. Limitando-se ao que o seu meio de nascimento oferecia, foi aqui mesmo em Areia que ele frequentou a escola do ilustre Iatinista Joaquim da Silva para partir mais tarde com os conhecimentos preparatórios a outras regiões onde poderia desenvolver sua maior aptidão – a carreira militar. Além do Joaquim da Silva contribuiu também para o seu aprimoramento Intelectual, o Padre João Teotônio da Silva, seu tio materno.

Muito cedo, nos 12 anos de idade ficara órfão de pai, sofrendo naquele ano de 1843, a morto repentina do seu genitor, quando ambos viajavam pelo Rio Grande do Norte, passando ele a noite sozinho em uma barraca velando o corpo inanimado daquele que lhe transmitira a vida, sepultando-o no dia imediato em lugar distante e desconhecido. A partir daí, não lhe faltaram ânimo, coragem e decisão para a conservação dos bens herdados e para seguir o caminho das armas que abraçou por completa vocação.

Em janeiro de 1849, dominavam no nordeste as ideias libertárias da revolução praieira e logo se aliou o brejeiro no grupo dirigido por Pedro Ivo, Nunes Machado e Borges da Fonseca. Extinto o movimento voltou ele à agricultura, abandonando-a novamente pelas armas. Saindo de Areia, ingressou como voluntário no Batalhão da Paraíba, a 7 de julho de 1855 e já a 28 de agosto de 1856 é cadete. Muitas datas marcaram a vida deste areiense. Assim, em 14 de outubro de 1859, foi nomeado ajudante da Cavalaria de Pedestres em Tocantins, por ato do Ministério da Guerra; da Capital de Goiás para a Vila de Arraias, ele marchou a 7 de setembro de 1860, com a cavalaria; a 2 de dezembro de 1861 passou a comandar a 7ª Companhia do Corpo da Guarnição da Província de Goiás na sede provincial; em 23 de janeiro 1862 é designado para pacificar a cidade de Catelão que estava fortemente ameaçada por desordeiros e, pelo triunfo obtido mereceu forte elogio da Providência Provincial Goiana, em 30 de março do mesmo ano.

Por muitos outros feitos brilhantes recebeu outros elogios e os seus serviços altamente relevantes o levaram a ficar diretamente ligado não Presidente Provincial Dr. José Vieira Couto Magalhães. Em 1864, eclodiu a Guerra do Paraguai que se estendeu até o ano de 1870. No posto de Alferes solicitou dispensa de seus trabalhos junto à governança provincial de Goiás e foi integrar o Corpo de Voluntários do Paraná, onde lhe fora conferido o posto de Capitão e o Comando da 5ª Companhia. Participou das batalhas na passagem do Paraná em Itapiru e foi ferido no combate de Estero Belaco. Outras batalhas de sua participação foram a de Tuyuti, Bocaunha Sauce e Curupati, em 1866. Novos ferimentos recebeu no combate para tomada do Forte de Potreiro Ovelha (1867), fortaleza que abastecia as tropas de Solano Lopez e era centro de reserva

VULTOS AREIENSES: FRANKLIN TUPINAMBÁ

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

pecuária dos paraguaios, mantidos por forças de cavalaria e Infantaria. Por este ato de bravura foi promovido à Tenente embora permanecesse no posto comissionado do Capitão.

Combateu em Angustura e participou também da grande Batalha do Avaí, em 11 de dezembro do 1868 o que foi imortalizada em tela magnífica brotada do pincel de seu conterrâneo areiense, o Imortal Pedro Américo. Daí, até Cerro Corá onde terminou o ditador Lopez. Afinal, promovido ao posto que de fato já ocupava – o de capitão, por decreto de 20 de fevereiro do 1869, sendo-lhe acrescido o título de Comendador. Este e a comenda da Ordem da Rosa e os Hábitos do Aviz, Cruzeiros e Cristo, foram-lhe conferidos por S. Magestade o Imperador.

Regressando de Assunção em 1872, volta pela segunda vez a Goiás onde exerceu o Comando do 20º Batalhão, lutou pela libertação dos escravos e foi fundador provincial do Partido Republicano, como liberal que sempre foi.

Por toda a sua bravura, o seu heroísmo e seus altos sentimentos de brasilidade, recebeu elogios e honrarias, merecendo registro as palavras do Marechal Marquês e depois Duque de Caxias - Luiz Alves de Lima e Silva, a ele dirigidas quando se encontrava enfermo em virtude de ferimentos - que lhe causaram na batalha de Potreiro Ovelha: “Quebraram-te a asa e eu te dou as esporas”

Antes de partir para a luta que se desenrolava entre Brasil e Paraguai, veio a Areia em 1865 para rever a sua genitora e receber dela a benção materna. Muitos anos depois de sua morte ocorrida em 30 de setembro de 1886, sua terra natal lhe prestou a única e significativa homenagem. Por iniciativa do Professor Antonto Benvindo de Vasconcelos foi criada no ano do 1946 a Galeria dos Areienses Ilustres e a inauguração, que se realizou a 29 de setembro daquele ano foi com o retrato do Capitão Comendador Franklin Tupinambá Maribondo da Trindade, em cuja solenidade se encontravam presentes autoridades, a sociedade areiense e parentes do homenageado.

Os seus dias terminaram na velha Goiás, onde vivera por muitos anos e se casara com Dona Maria da Ressurreição Godinho, deixando vasta descendência. Católico fervoroso e devoto da padroeira da sua terra natal - N. Sra. Da Conceição, faleceu Franklin Tupinambá confortado com os sacramentos da Santa Igreja, recebendo como homenagem derradeira no ato do seu sepultamento belíssima oração pronunciada por seu colega de armas em nome da pátria agradecida.

Franklin Tupinambá Maribondo da Trindade, bravo Capitão Comendador, é areiense, militar e herói da Guerra do Paraguai.

30 de janeiro de 1983 - Ano 4, N°32

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: BENTO VICTÓRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Quase uma centena de engenhos de rapadura existiam até há poucos anos no Município de Areia, além de uma usina de açúcar. Com as dificuldades existentes na agricultura das últimas décadas, a adoção de obrigações sociais para patrões e trabalhadores e uma tendência para implantação e/ou desenvolvimento da pecuária nesta região, houve séria transformação, na qual foi abolida a moeda, e portanto, o fabrico de rapadura e às vezes de aguardente, passando a propriedade é cultivada com a cana-de-açúcar que em época própria vai ter ao seu destino final - a usina, único meio absorvente desta produção.



Muitas dessas empresas ainda existentes se denominam: São Benedito, Coruja, Lavapés, Olho D'água, Carro, Bujari, Bonfim, Cipó, este já nos limites com o Município de Alagoa Nova. Cito com ênfase especial a este que serviu de berço a Bento Victóri Barbosa Torres que lá nasceu a 15 de agosto de 1866, descendente da terceira geração de Luiz Barbosa, fundador da povoação de Remígio.

Entre a infância e a juventude viera ele para casa de seus tios paternos Manoel e Reinel Victório, negociantes de tecidos em Areia, onde teve a oportunidade de escolarizar-se. Logo cedo, aos 17 anos e meio de idade convolou núpcias com uma sua prima na Fazenda "O Jacinto", em Esperança, passando a residir em Lagoa de Pedra, daquele Município, onde nasceram os primeiros filhos de sua bem numerosa descendência: Manoel, Silvino, Joaquim, João e Alfredo. Àquela época já havia se dedicado à agropecuária, passando no ano de 1887 às terras que adquirira no Genipapo, em cujo lugar o número de seus descentes: Antônio (Tôta), Emigdio, Luiz, Maria (Yayá), Amália (Sinházinha), Theodomiro, David e Rachel. Ligava-se essa propriedade a outra que lhe pertencera - Gruta da Cobra, ambas nas proximidades da atual sede do Município de Remígio.

Em 1918, adquiriu um pequeno sítio com a casa inicial da povoação, construída pelo seu tetravô Luiz Barbosa da Silva Freire que havia em tempos idos permutado umas terras que possuía no Rio Grande do Norte com uma data de terra de duas léguas nesta região (atual Remígio), servindo como documento para essa transação apenas fios-de-barba. Esta casa de morada e uma de casa de fabricação de farinha foram destruídas para se erguer no local a de nº1 que existe na rua com o nome do fundador, pertencente atual a Yayá Victório. O sítio, repartido em avenidas, abriga hoje a maior parte da cidade nova de Remígio.

30 de janeiro de 1983 - Ano 4, N°32

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: BENTO VICTÓRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Paralelamente a sua vida de agricultor dos maiores da região, exerceu por várias décadas, do final do século passado até a terceira deste, o poder político sobre aquela comunidade, chefiando os remigenses sempre ao lado dos partidos governistas e aliado a proeminentes próceres políticos areienses, com destacada ligação ao Major Remígio D'Ávila Lins, de quem também era compadre amigo.

Atravessou épocas difíceis quando imperava em toda parte o cangaceirismo. Todos os seus esforços foram no sentido de afastar de sua gleba esses de facínoras. Defendeu com destemor, muito embora lhe custasse esta atitude um preço muito elevado com prejuízos de seus negócios. Faltou-lhe o apoio governamental em hora decisiva, mas sua autoridade e dignidade mantiveram-se intactas. Não lhes restaram meios a dispor a não ser migrar para outras regiões. De areia para capital do Estado esteve por mais de um lustre. Somente após terem sido iniciados os trabalhos de construção da rodagem Soledade-Santa Luzia do Sabugí, sob direção do Engenheiro Civil José D'Ávila Lins é que deixou a antiga cidade da Parahyba. Convidado a participar desses trabalhos nos melhores postos abaixo da direção, ele e alguns filhos lá estiveram por longos dias.

Regressando a Remígio continuou no exercício de suas atividades políticas e pastorís. Adquiriu no ano de 1923, de Jerônimo Costa, a Fazenda Tanques que se situa entre outras: Serrinha, Pia Lages, Constantino, Lagoa da Cruz e Lagoa do Jogo, tomando posse de suas terras no ano seguinte e lá permanecendo até quando lhe restavam forças para o trabalho.

Sem conhecimentos adquiridos em escolas agrícolas, pratica nos seus domínios mais recomendados métodos de agricultura e de criação.

O destaque de sua vida foi a política. A Revolução de 30 o alcançou ao lado dos liberais onde proporcionou triunfos locais ao partido e foi prestigiado pelas forças emergentes. Prestigiaram-lhe o Presidente João Pessoa, com sua comitiva que foram recepcionados e hospedados em sua vivenda remigense e depois Juarez Távora e José Américo de Almeida. Além da política, foi professor público em sua terra. Se Bento Victório não alcançou em épocas difíceis posições que o pusessem em maior evidência, teve então a felicidade de mostrar-se digno aos seus contemporâneos.

Descende de Davi Vitório Barbosa e de Rachel Sales de Abreu. Foi casado com Rosa Apolinário Xavier Meira Victório Barbosa Torres. Faleceu em Remígio, a 14 de janeiro de 1950 e no cemitério local e repousa para sempre.

Reconhecendo-lhe os méritos, o então Deputado Pedro Moreno Gondim, na Assembleia Legislativa da Paraíba, em 13 de Fevereiro de 1950, após "a leitura do expediente pede a palavra e encaminha à Mês a um requerimento solicitando um voto de pesar pelo falecimento do Sr. Bento Victório, destacado político areiense e antigo vereador à Câmara Municipal daquele Município", conforme notícia em "O Norte", de 14 de fevereiro de 1950.

VULTOS AREIENSES: PADRE IBIAPINA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

“JOSÉ, filho legítimo de Francisco Miguel Pereira e Thereza Maria de Jesus, naturaes e moradores nesta freguezia de Sobral, nasceu a 5 de Agosto de 1806, e foi batisada nesta fazenda do Olho d'Agua à 25 do mesmo mez e anno pelo Rvd. Pe. Antonio Mendes de Mesquita: padrinhos Joaquim José de Souza e sua mãe Thereza Maria d'Assumpção; e para constar, mandei fazer este assento, em que me assigno. O vigário José Gonçalves de Medeiros”. Este é o assentamento de batismo de José Antonio Pereira Ibiapina. Assim foi o seu primeiro nome. Conquanto trouxesse apenas Pereira como nome de família, o seu pai, pela gratidão aos bons dias passados no lugar onde constituíra um lar, colocara em todos os filhos o nome final de Ibiapina.



Mais tarde, por devoção à Virgem Santíssima, passara a se chamar José Antonio Maria Ibiapina e muitas vezes ainda trazia alterada a sua assinatura como aconteceu no caso do júri do Brejo de Areia em que deixou apenas assinado Dr. Pereira Ibiapina. Foi este o grande Mestre Ibiapina que o passado conheceu e que os contemporâneos denominaram o “Apóstolo do Nordeste”.

Verdadeiramente, não foi o Padre Ibiapina um areiense de nascimento, mas quem lhe negaria o direito a esta cidadania? Deixou ele nesta terra um marco ainda existente que desafia a muitos areienses natos que nada fizeram por sua terra.

A sua infância e juventude atormentadas pelas sucessivas mudanças de domicílio e pelo envolvimento do genitor e do irmão na revolução de 1824, que levou o primeiro ao fuzilamento e o segundo ao desterro em Fernando de Noronha onde atualmente encerrou a vida, o fez fixar-se em Pernambuco, onde por várias vezes decidira-se pelo sacerdócio, somente encontrando o caminho das Ciências Sociais e Jurídicas, quando em 1828 foi instalado o Curso Jurídico em Olinda. Formou-se na primeira turma de bacharéis, em 1832. Durante o Curso que era instalado no Convento de São Bento fora lente substituto de Direito Natural e em 1833 era chefe de polícia e Juiz de Direito em Quixeramobim. Participou da política e representou o Ceará como deputado à Assembléia Geral no período de 1834 a 1837. De regresso à Província natal sofreu o rude golpe sentimental quando sua noiva Carolina Clarence de Alencar, filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, chefe em 1824 da Confederação do Equador e sobrinha do Padre Martiniano de Alencar que governava o Ceará, fugira para se casar com um primo. Reassumiu a função de magistrado e logo depois a abandonou. Deixando também o Parlamento, foi fixar-se novamente em Recife, onde iniciou os trabalhos de advocacia. Instalou escritório à Praça do Carmo e “foi alcançando sucesso por competência, probidade e brilho”. Foi nesta fase que veio à Areia “a serviço de demorada ação comercial”. Ao mesmo tempo, em 18 de março de 1838, participou do Juri como advogado de defesa de um parricida que matara em defesa de sua própria honra. Fora ele o “advogado de ofício do pobre réu que não possuía nada e nem ninguém a seu favor.

VULTOS AREIENSES: PADRE IBIAPINA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Tanto assim que Ibiapina vendo esse abandono assim se expressou: “E afinal recái tão árdua tarefa em quem? Em um homem sem sensibilidade, novel na prática do fôro, desconhecido no lugar, e até; (darei tudo) infeliz também!” Iniciou ele sua peça de defesa: “Tão desgraçado, senhores, nunca vi alguém! Todos os homens têm um pai, Mãe, irmão, um parente, um amigo, ao menos um protetor, que a favor de sua sorte figure, pedindo alegando razões que o defendem; a este infeliz, porém, ninguém protege! Desconhece o pai, nunca viu a mãe e quem será parente dele, perseguido e desgraçado? É uma ovelha desgarrada que em rebanho estranho vive: só lhe faz companhia, só o procura a desventura!

O poeta popular João Melchades Ferreira, de Juazeiro, relatou em versos este fato:

Ninguém se julgue infeliz,
Nem desanime da sorte,
Viu-se no Brejo da Areia,
Da Paraíba do Norte
Um reu escapar da força
Já sentenciado a morte
Quando o padre Ibiapina
Ainda era doutor
Que depois disso ordenou-se
É foi grande pregador
Se foi bom advogado
Ainda foi melhor pastor.

E finalizando:

Ali entrou o conselho
Ibiapina saiu
Quando chegou no hotel
É o almoço pediu
Com pouco chegou o réu
Curvado aos seus pés caiu.
Levante-se disse o doutor
Não tens que me agradecer,
Quem deu-lhe a vida foi Deus
O mesmo que fez viver,
Eu apenas fiz no juri
O que Deus mandou fazer.

Desiludido de tudo viveu até a idade de 47 anos quando foi ordenado sacerdote por Dom João Perdigão, Bispo de Olinda. A providência Divina intercedera em sua vida através de um seu colega e amigo que certo dia o abordou procurando saber porque não se tornaria sacerdote. Serviu de intermediário entre ele e a Cúria. Não se submeteu às exigências episcopais e fizera ver que diante do seu alto nível intelectual e moral e preparo geral sobre religião, nada mais precisaria para se ordenar. Relutante, a princípio, chegou D. João Perdigão a lhe conferir as ordens menores a 19 de julho de 1853 e no dia 26 daquele mês, o presbiterato. No dia 29 celebrou a sua primeira missa na Igreja da Madre de Deus, em Recife. Foi nessa época a permuta de seu nome de Pereira pelo de Maria. Nomeou-o o Sr. Bispo para Vigário Geral e Promovedor do Bispado e Professor de Eloquencia no Seminário de Olinda.

VULTOS AREIENSES: PADRE IBIAPINA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Novas mudanças surgiram. Desligara-se dos novos cargos eclesiásticos e seu destino seria dali em diante o de missionário.

Em 1856, esteve na Paraíba e sua ação se processou junto aos doentes do cólera, ocasião em que construiu para aqueles que sucumbiam deste mal um cemitério que denominou de Soledade e daí surgiu a cidade que ostenta este nome. O seu trabalho se estende do Piauí a Pernambuco.

Em 1862 é que ele vem novamente à Paraíba, por ocasião do segundo cólera, quando fundou a Casa de Caridade de Areia que ainda existe, pertencente à Paróquia e onde funciona o Posto do INAMPS. Construiu nas proximidades um cemitério, em Alagoa Grande. Ao mesmo tempo fundou a Casa de Alagoa Nova. Ireneu Pinto registra a presença do missionário na Paraíba já em 1860, tempo em que também esteve fundando a Casa de Caridade de Mossoró, segundo Câmara Cascudo. As Casas de sua Fundação serviam de hospital, escolas, abrigos de órfãos e de desamparados. Em 1866 vem novamente a Areia onde declara à próxima inauguração da Caridade de Santa Fé, em Arara, que lhe serviria de base nos trabalhos e de Casa Mãe da futura Congregação feminina que criaria em breve - as Ibiapinas como foram chamadas depois - que se extinguiu antes mesmo de ser aprovada canonicamente, pois, sem haver um fundo financeiro para sua sustentação não puderam subsistir. De acordo com o pensamento do Padre Mestre nada teria para provir as necessidades, a não a caridade fraterna.

A Casa de Santa Fé foi instalada a 1 de maio de 1866 em terreno doado pelo Major Antonio José da Cunha e sua mulher d. Cândida Americana Hermogenes de Miranda Cunha, incluindo as propriedades de Santa Fé e Salgadinho e residentes no engenho Poções, deste Município.

Junto à sua obra, repousa o Padre Mestre e próximo ao seu túmulo, os doadores. Velho e doente, o Padre Ibiapina vem a falecer a 19 de fevereiro de 1883, cujo centenário se celebrou festivamente este mês.

A ele se atribuem vários milagres. Na capelinha humilde, pende de uma das paredes uma tela do pintor areiense Aurélio de Figueiredo, datado de 1916, como doação do antigo e destacado político desta terra, Dr. José Antonio Maria da Cunha Lima que lhe herdara “na Pia o nome e a amizade”.

VULTOS AREIENSES: PADRE IGNÁCIO DE ALMEIDA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Até o final da década do cinquenta ainda se conservava o bom costume de escolher para as festas religiosas padres considerados - grandes oradores. Ainda no início deste século, não era qualquer sacerdote que assomava no púlpito para pronunciar o sermão nas festas da padroeira. Pela fama do bom orador, muitos padres atraíam às igrejas, não somente os católicos como também aqueles que não a frequentavam por falta de fé.

Sacerdotes areienses houve muitos desde o final da centúria passada. No início desta, surgia a exponencial figura de grande orador sacro que foi o Padre Ignácio de Almeida. Sua voz, segundo dizem, era sonora e os seus pensamentos os mais brilhantes. Era por isso, um dos mais destacados membros do clero paraibano para proferir os sermões quaresmais e das mais imponentes solenidades oficiais da Igreja Católica.

De Areia, sua terra de nascimento, logo saiu para os estudos eclesiásticos no Seminário de Olinda, vindo transferido para o Seminário da Diocese da Paraíba, instalado em março de 1894, quando Dom Adauto tomara posse da recém-criada divisão eclesiástica. Um grupo numeroso de seminaristas paraibanos também veio de Olinda para a nova Casa de Estudos Superiores Eclesiásticos. Caminhava ele para o final de sua carreira. Assim, vem a sucessão de ordens sacras. A 14 de novembro de 1897, ele recebeu a tonsura juntamente com os seus colegas Aristides Ferreira da Cruz, que veio a ser mais tarde “o mártir de Piancó”; Moysés Coelho que ocupou depois o sólio episcopal como 1º Bispo de Cajazeiras e 2º Arcebispo da Paraíba; Francisco Ernesto de Vasconcelos, Gabriel Toscano da Rocha, Leôncio Fernandes da Costa, Pedro Paulino Duarte e os areienses José João Pessoa da Costa, Odilon da Silva Coutinho, Simão Fileto da Corta e o português José Augusto de Freitas. As Ordens Menores - de Ostiário e Leitor, ele as recebeu em 11 de janeiro de 1898. Foi elevado no Subdiaconato em 6 de junho de 1901; ao Diaconato, em 11 de maio de 1902 e no dia 18 seguinte, atingiu o sacerdócio, recebendo o Presbiterato das mãos do venerando D. Adauto, em solenidade distinta, na Catedral de N. S. das Neves.

No ano seguinte de 1903 é professor no Seminário. Em 1904, é designado coadjutor do seu tio, Padre Walfredo dos Santos Leal, Vigário Colado de Guarabira, passando de 1905 a 1911 à condição de pró-pároco daquela Paróquia, até ser substituído em 1912, pelo Co. Vicente Pimentel. Em geral, os registros nos livros paroquiais são muito escassos. Limitavam-se os vigários a escreverem pouca coisa, tudo muito sucinto, onde no presente pouco se pode colher, Registros de batizados, casamentos e algumas festas. Na Matriz de Guarabira ele construiu, na ausência do Vigário, as colunas que embelezam o templo e em uma das alas laterais instituiu uma escola sob a direção de Virgílio de Almeida. O que se extrai em registros outros daquela sua permanência em Guarabira foi a recepção que ofereceu a 8 de maio de 1907, à Ilustre comitiva composta por D. Adauto-Bispo da Paraíba; D. Frederico Benício de Sousa Costa-Bispo de Amazonas; D. Santino Coutinho-Arcebispo do Pará; Mons. Walfredo Leal-Presidente da Paraíba, Monsenhores Manoel Paiva e Francisco Sales e o Co. Floriano de Queiroz Coutinho, que vinha por aquela cidade em demanda do Avezzeado, sede residencial da família de D. Santino.

No mesmo ano de 1907, o Padre Ignácio era deputado à assembléia da Paraíba, quando a 20 de agosto discursou em nome da Casa em homenagem a D. Adauto que aniversariava.

VULTOS AREIENSES: PADRE IGNÁCIO DE ALMEIDA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Ele não se confiou aos limites da Paraíba. A Diocese o enviou a Roma onde se doutorou em Teologia e obteve licenciatura em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana, conforme notícia “A Imprensa”, de 4 de setembro de 1916. Na Itália, onde aprendeu e dominou a língua pátria, exerceu as atividades do seu sacerdócio e realizou viagem de estudos pela antiga Palestina ou Terra Santa e posteriormente pelo Egito frequentou Mosteiros Coptas na península do Sinai.

A partir de 1917, sua presença é mais notada nas pregações da Semana Santa, na festa de Pentecostes de N. S. das Neves, registrando a imprensa sua brilhante oração gratulatória pronunciada em Natal no solene Te-Deum pela criação daquela Diocese. As solenidades do 7 de Setembro daquele ano, tomaram cunho religioso e teve presença do Sr. Arcebispo D. Adauto na missa de 7 horas, na Catedral, e a tarde, no mesmo templo se ouviu a palavra atraente do Pe. Inácio, por ocasião do canto em ação de graças.

O mesmo se verificou em 1919, quando o Sr. Arcebispo, mais uma vez quis agradecer solenemente à Providência Divina as graças que havia prodigalizado à Pátria Brasileira. Parece haver sido o ano de 1917 uma de suas maiores atividades na Capital do Estado, Chegara a meados daquele ano o padre apóstata João José Júlio Elizalde que realizou várias conferências em ataque à doutrina católica. Em defesa desta saíram os Padres Pedro Anísio, João Bezerril e Ignácio de Almeida e do laicato católico as figuras notáveis do jornalismo paraibano, como José Américo de Almeida em o “Diário do Estado”; Dr. Manoel Tavares Cavalcanti, em “A União”.

Não foi duradora a presença do Padre Ignácio em seu Estado de origem. Logo cedo partiu com destino a outra região. Possivelmente foi em 1920 que chegou ao Estado de São Paulo e foi incardinar-se na Diocese de São Carlos e nesta, na Paróquia de Orlândia, vizinha a Araraquara, onde já era Vigário o areiense Pe. Jerônimo Cesar e o outro conterrâneo Padre Manoel Tobias Victório, Vigário da Catedral de São Carlos.

Em 1929, já se encontrava no Rio de Janeiro, não se tendo notícia de sua incardinação naquela Diocese, porém a certeza de sua vida como padre avulso, exercendo o ministério sacerdotal na Igreja de Santa Rita junto ao seu colega Padre Bezerril e mais tarde como auxiliar de Monsenhor Nabuco, na Igreja Paroquial do Bairro de Santa Tereza, situada à Rua Oriente, onde residia.

Paralelamente às atividades eclesásticas exerceu função como fiscal do ensino e na qual se aposentou. Sua fama de excelente orador sacro permanecia devido ser também um homem altamente qualificado e de profundos conhecimentos nos mais diversos ramos de cultura e, prosseguia a pronunciar palestras e conferências. Sua defesa não faltou, com veemência, em favor da inclusão do latim e a sua obrigatoriedade no currículo secundário. Sua presença era destacada nas festividades religiosas de inúmeras paróquias.

Com relação à terra natal, sempre a visitava. Tomava parte nas celebrações festivas da Padroeira, na administração de sacramentos e participava dos exames finais do Colégio de Júlia Leal.

VULTOS AREIENSES: PADRE IGNÁCIO DE ALMEIDA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Um dos registros encontrados é do ano de 1910, quando a 28 de novembro, D. Adauto iniciou visita pastoral a Areia. Juntamente com o Vigário Co. Odilon Benvindo, seu tio, ele, o Pe. Francisco Bandeira, Diácono Firmino Cavalcanti, Subdiáconos Antonio Gomes de Brito e Manuel de Almeida, prestaram os mais relevantes serviços durante a visita. Foi nesta ocasião que, a 4 de dezembro, o Sr. Bispo benzeu a Capela de Santa Rita construída pelo Co. Odilon Benvindo aproveitando os restos da antiga igreja do mesmo nome e integrada atualmente ao Colégio Santa Rita. No dia 8, Festa da Padroeira, a missa teve assistência pontifical de Dom Adauto, sendo celebrada pelo Co. Odilon Coutinho, achando-se presente o Presidente do Estado, Dr. João Machado, filho desta terra.

O Padre Doutor Ignácio de Almeida nasceu em Areia, no Engenho Olho D'Água, a 21 de março de 1880, sendo filho do Capitão Ignácio Augusto de Almeida e de D. Josefa Augusta de Almeida e foi batizado a 15 de abril do mesmo ano pelo seu tio paterno Padre Odilon Benvindo do Almeida e Albuquerque, na Casa Grande daquele engenho, por licença especial do então vigário de Areia, Padre Sebastião Bastos de Almeida Pessoa, sendo padrinhos os seus avós maternos Capitão Mathias Soares Cavalcante e D. Maria Emília dos Santos. O Ministro José Américo de Almeida, seu irmão, assim registrou em seu livro de memórias "Antes que me esqueça": "O mais velho chamou-se Inácio. Ordenou-se padre por um equívoco. Possuia talento oratório, sendo um dos oradores mais agradáveis que já conheci, da palavra pronta e imaginosa e de uma dicção encantadora. Teria sido político de primeira pela facilidade de relacionamento, como daria um bom advogado. A batina embaraçou-lhe a marcha". (Pág. 71).

O Padre Dr. Ignácio de Almeida faleceu no mês de novembro de 1962, no Rio de Janeiro, onde é sepultado.

VULTOS AREIENSES: PLÍNIO LEMOS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Um dos poucos areienses ainda em evidência no presente era Plínio Lemos. Bacharel em Direito, dedicou-se em grande parte de sua existência à carreira que escolheu para profissionalizar-se. Iniciou na magistratura e foi pouco a pouco rumando para outras atividades até alcançar a política que o empolgou por muitos longos anos. Quase duas décadas ele representou o povo paraibano na Baixa Câmara do País. É o representou bem. Incessantes foram os seus esforços para trazer as instituições ou povoações os benefícios financeiros oriundos dos seus projetos incorporados no orçamento federal de cada ano em que foi legislador.



Nascido menino de engenho, logo cedo veio para a cidade onde poderia ser alfabetizado. Para completar a sua formação superior esteve matriculado na Faculdade de Direito do Recife de onde se transferiu para a de Belo Horizonte onde concluiu os estudos e em cuja Instituição pertenceu como docente e representante de sua classe no primeiro Conselho Universitário.

Regressou ao Estado da Paraíba e logo ocupou a promotoria da Comarca de Patos, indo, posteriormente, para igual cargo nas comarcas de Cajazeiras, Itabaiana, Areia, Campina Grande, neste Estado, e em Ituiutaba, em Minas Gerais.

Desde 1930, aliando-se a José Américo de Almeida, vai com este prestar serviços ao Ministério da Viação e Obras Públicas como Oficial de Gabinete do Ministro. Como Deputado Federal por 17 anos, fez parte da Constituinte de 1946 e em 1951 é eleito Prefeito da cidade de Campina Grande, cujo mandato se estendeu até 1956. Neste seu governo, muito se beneficiou aquela comuna que fora dotada de grandes melhoramentos em todos os setores, salientando-se o de educação com a criação da Faculdade de Ciências Econômicas.

No Ministério da Viação e Obras Públicas exerceu várias comissões de destaque; no Ministério da Educação e Cultura, em 1959, trabalhou com interesse pelo berço natal, conseguido junto à Diretoria do Ensino Superior assinar o Convênio COSUPI (Comissão Superior do Plano dos Institutos) que se destinava à pesquisa, implantando-se este serviço na Escola de Agronomia do Nordeste, vigorando o convênio até o exercício de 1963, participando deste, professores e alunos da velha EAN.

Em Minas Gerais foi integrante do 4º Ba-talhão da Força Pública como Oficial, sediado em Uberaba, em 1930.

Outras atividades, como a política, o levaram a Membro Observador à União Interparlamentar em Copenhagen-Dinamarca e como Relator do segundo e terceiro Plano Diretor do Órgão de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE.

VULTOS AREIENSES: PLÍNIO LEMOS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Com movimentada e profícua atuação na vida parlamentar ele foi um dos representantes que maior número de leis apresentou, algumas em defesa da Paraíba, onde se incluiu o seguinte: legislação que criava quadros em ministérios, regulava situações de impostos e taxas, ora isentando ora obrigando à sua regularização; sobre limites de propriedades, concedendo auxílios a campanhas de vulto nacional como foi a dos Educandários Gratuitos, a lei da Fundação da Casa Popular, antecessora, portanto, do BNH; regulando forma de pagamento de pessoal inativo e outras modalidades de pagamentos e mesmo concedendo nomes a grandes obras como os aeroportos de João Pessoa e Campina Grande que são denominados respectivamente, Castro Pinto e João Suassuna.

Como legislador não pôs de lado o problema primordial do nordeste - a seca. Apresentou ao ante-projeto de Constituição de 1946 a incorporação de antigo artigo da Carta de 1934 onde mandava separar 3% da renda não tributável da União para aplicação no combate às secas. Seus projetos tratavam sempre de melhoras de sistemas de colonização de terras, de açudes, de crédito rural, de recursos para construção de aeroportos, de barragens no Rio Paraíba, de reconstrução de açudes arrombados, de crédito para compra de material agrícola e revenda aos agricultores, criando a hidro-elétrica da Borborema; efetivando pessoal do Hospital "Alcides Carneiro", de Campina Grande; tratando de equiparação de pessoal das autarquias aos servidores federais, isentando de impostos indústrias que se instalassem no nordeste; abrindo crédito financeiro para a saída do sisal; projetos de pavimentação de estradas e linhas telegráficas melhoradas entre as cidades de João Pessoa e Campina Grande; construção do frigorífico para batatinha em Lagoa Seca, federalização da Faculdade de Ciências Econômicas e reconhecimento da de Serviço Social de Campina Grande e muitos outros beneficiando os setores de educação, comunicação e economia rural. Alguns de maiores vultos foi para obtenção de verbas destinadas a construções dos açudes de Boqueirão de Cabaceiras, Riacho de S. Antonio, Serra Branca, Frei Martinho, Sumé, Nova Palmeira, Barra de Santa Rosa e Princesa Isabel e eletrificação da estrada Cabedelo - S. Rita e das cidades de Conceição, Sumé, Ibiara, Serra Redonda, Serra Branca, S. João do Cariri, Picuí, Cuité, Princesa Isabel, Nova Floresta e Ingá.

VULTOS AREIENSES: PLÍNIO LEMOS

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

No setor saúde, conseguiu verbas para construção de hospitais regionais em Misericórdia e Campina Grande, em Conceição e auxílio para construção de Hospitais em Picuí, Itabaiana, S. Vicente de Paula, Princesa, Monteiro, Serra Branca e Hospital da FAP em Campina Grande.

Conseguiu ao longo do seu trabalho na Câmara incluir nos orçamentos subvenções para escolas, hospitais, instituições beneficentes, fundações, sociedades, faculdades, abrigos de menores e de velhos, filarmônicas, e, principalmente em Areia, para as Obras Sociais da Paróquia, Colégio Santa Rita, Artesanato D. Adauto e Albergue Semeão Leal.

Ultimamente, afastado da vida política partidária dedicava-se à advocacia. Por tudo que fez, e observado o peso maior de sua existência política, foi agraciado com várias condecorações: Comendador da Ordem do Mérito Naval; Medalha do Mérito Tamandaré, Medalha do Centenário de Clovis Bevilacqua; a do Pacificador e a de Benemérito da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos.

Plínio Lemos conseguiu sustentar entre os seus conterrâneos a amizade e a simpatia e destes recebeu em compensação e na maioria das vezes o reconhecimento pela verdade do seu trabalho em prol não somente de Areia porém de toda a comunidade paraibana.

Sempre aqui voltava, e desejou provando isto nos instantes finais de sua vida quando sentiu que lhe fugiam as forças e bem próximas estavam se abrindo as portas da eternidade, veio repousar definitivamente nesta terra que o viu nascer. Falecido a 23 de abril no Hospital da Beneficência Portuguesa em São Paulo de lá fora trasladado via área para cidade de João Pessoa e para aqui viera recebendo na Igreja Matriz as últimas homenagens de seus amigos e conterrâneos. Após as solenes exéquias promovidas às 16 horas, partiu o cortejo fúnebre para o cemitério local de São Miguel, onde o deixaram para a paz eterna.

Plínio Lemos nasceu no Engenho Boa Vista, deste município, a 3 de abril de 1903 filho de José Justo de Lemos e de Francisca Maria de Melo. Levado à pia batismal a 14 de abril também de 1903, recebeu o sacramento ministrado pelo Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, tendo como padrinhos Carlos Leitão Pereira de Mello e Antonia Enedina Pereira de Melo. Foi casado com a Sra. Maria Nina Almeida Lemos, não deixando descendentes.

VULTOS AREIENSES: CAMILO RIBEIRO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

CAMILO RIBEIRO DOS SANTOS. Um areiense desconhecido em sua terra natal. Talvez ainda jovem tenha daqui se ausentado à procura de melhores oportunidades para viver. De origem humilde, o que não importa. Desenvolveu o seu pendor artístico, alcançando sucesso no seu trabalho, foi destaque como maestro, na Paraíba. Viveu a época de esplendor das grandes festas da capital, colocando-se em evidência quando outros areienses também se encontravam dominando nas artes, nas letras, na política e no clero.

Para muitos que partiam do interior encontravam com maior facilidade as portas do quartel. Assim, a Polícia Militar da Paraíba o recebeu como músico em 1862, quando contava apenas dezesseis anos de idade. Nesta corporação foi alcançando promoções com certa frequência, tanto assim, que a 8 de abril de 1898 já se encontrava no posto de contra-mestre e a 19 de fevereiro de 1903 o de mestre de música e no ano seguinte, a 7 de outubro era, alferes e ensaiador da Banda de Música da Polícia Militar. A 10 de março de 1917 é capitão e a 5 de abril de 1980, atingiu a reforma em caráter provisório, saindo definitivamente em 27 de outubro do mesmo ano.

Camilo Ribeiro, como passou a assim se assinar a partir do ano de 1925, foi autodidata. Tudo o que fez brotou exclusivamente dos seus puros sentimentos, expressando nas composições que criou, alegrias, angústias ou a homenagem àquelas figuras ou grandes fatos que julgava merecedores tanto de sua admiração como da louvação pública. Cultivou a música em todos os seus matizes e a considerou como preocupação única e inigualável. Conservou em si a simplicidade, venceu os obstáculos e perenizou-se em seu meio.

Em muitos destacados atos se fez presente pela sua arte. Em 1905, ficou registrado um dos mais expressivos acontecimentos da Paraíba. - o regresso da Europa, do Bispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques que fora solenemente recepcionado pelas autoridades e pelo povo. Na Catedral de N. S. das Neves, o grande ato de agradecimento ao Criador. Quando o antístite areiense penetrou no templo soaram os acordes do "Ecce Sacerdos" regido pelo maestro Elias Pompílio. Prosseguindo a cerimônia, foram entoados os Cânticos da Ave Maria, O Salutaris e o Tantum Ergo, todos composições do Maestro Ábdon Milanez. Na regência do grande coro, o Maestro Camilo Ribeiro e o clérigo Nicodemus Neves. Entre a seleta assistência, o Presidente Álvaro Machado. Naquele momento Areia se encontrava presente no altar, no coro, na música e na chefia da Paraíba. Outra solenidade na qual regeu a orquestra foi à de 2 de maio de 1915, na Catedral, por ocasião da sagração episcopal de Dom Moysés Coelho como Bispo eleito da recém-criada Diocese de Cajazeiras, tendo ao seu lado como diretor da "Schola Cantorum", o seu conterrâneo Cônego Odilon Coutinho.

Além de maestro, Camilo Ribeiro foi compositor. As suas obras inspiradas nas formas do seu modo de sentir n existência também se arrimaram nos fatos e pessoas. Distribuíram-se em três classes conforme o ritmo. As marchas solenes: Luz, Continência - esta executada sempre por ocasião da chegada do Governador às solenidades oficiais. Marchas fúnebres: "Gama e Melo" na qual aproveita um trecho da missa de requiem, homenageando o ex-governante paraibano. "26 de julho" - homenagem no Presidente João Pessoa, em cuja data fora assassinado.

VULTOS AREIENSES: CAMILO RIBEIRO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

“Elias Pompílio” (em 1907) - esta homenagem o seu colega maestro, uma das grandes expressões musicais da Paraíba - e que fora executada durante a missa de 7º dia pelo falecimento daquele que foi o primeiro regente do Clube Sinfônico da Paraíba. “Último adeus” (1915), executada nas exéquias do Capitão-tenente Raul Romero, Comandante dos Portos na Paraíba e em homenagem póstuma ao seu, conterrâneo D. Aduato.

Os dobrados não deixaram de ser também homenagens pessoais e por notáveis acontecimentos: Tira Dúvida, Redenção, Dr. Argemiro de Figueiredo, EIM, Galeria, Ministro José Américo, Na linha de Frente, Os Sargentos, Os Bravos do Front, O Patriota e Padre Luiz Santiago. As valsas inspiradas em motivos sentimentais: A Simpatia, Amando Ocultamente, Afeto de Mãe e Promessas. O Hino da Paraíba, o segundo a ser composto para este Estado, foi de autoria sua em 1902 e se intitula “5 de Agosto”.

Um dos triunfos de Camilo Ribeiro a ser ressaltado, aconteceu por ocasião do centenário da Revolução Republicana de 1817. A Paraíba, dispondo-se a comemorar a efeméride, convocou os compositores e musicistas ao concurso, para escolha do Hino Oficial. Muitas criações foram inscritas e algumas até ignoradas pelos julgadores. Joaquim Claudino Ferreira Filho, João Guimarães Barreto, Carlos Rocha e Theódulo Gouveia de Figueiredo, este último ex-discípulo de Camilo Ribeiro, tiveram seus trabalhos rejeitados. Saiu então vitoriosa a composição do poeta e jornalista Carlos Dias Fernandes com música deste nosso patricio.

Outros marcos de sua vida: Membro Fundador é integrante da Diretoria da orquestra Sinfônica da Paraíba e Conservatório Paraibano de Música, pertencentes à Sociedade de Cultura Musical da Paraíba. Foi dirigente de Conjuntos musicais, corais, bandas de música e professor de teoria e solfejo.

No início deste século, dirigia a Banda do Batalhão de Segurança que competia com a do 27º Batalhão de Infantaria dirigida pelo Maestro Manoel Menelau Gomes Marinho, mantenedoras de constante rivalidade. Abrilhantavam entre outras as festas da Padroeira, N. S. das Neves, sempre presentes no pátio da Igreja onde executavam marchas, mazurcas, dobrados, valsas, polcas, shots e muitas peças de harmonia. Dirigia também, a Banda de Música do Seminário Diocesano da Paraíba, criada para abrilhantar as festas da Casa. Esta teve, pouco tempo de existência.

VULTOS AREIENSES: CAMILO RIBEIRO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Camilo Ribeiro, possivelmente, veio pouco a Areia e o registro de sua passagem por aqui foi a 31 de agosto de 1946, por ocasião da apresentação pela primeira no interior deste Estado, da Orquestra Sinfônica da Paraíba e da qual era ela integrante. Sua presença fora lembrada naquele momento no Teatro Minerva pelo desembargador Paulo Bezerril, e o público muito o aplaudiu. Sob a sua batuta, a orquestra executou um número extra, de sua autoria – Berço da Artistas – fantasia com que homenageia a terra natal. “Levanta-se de entre os companheiros, toma da batuta e, com a elegância que lhe é habitual, inicia a entoação de sua fantasia, onde se nota o sentimento nostálgico e a alegria da exaltação. Os seus cabelos grisalhos bailam na alegria de ver a terra que lhe foi berço e o orgulho de ver-se aplaudido pelos conterrâneos que não desconhecem os arroubos da arte. Prolongadas palmas coroam o irmão artista”.

Descendia de escravos, pelo lado materno, e assim, teve ocasião de participar da campanha abolicionista em Areia, da qual era Manoel da Silva o líder que levou esta terra a extinguir o trabalho escravo a 3 de maio de 1888.

Nasceu em Areia a 15 de julho de 1876, filho de Manoel Braz Ribeiro e Paulina Maria da Conceição. Do seu consórcio com Olindina Ribeiro dos Santos houve os filhos Walfredo (violinista), Reginaldo (pianista), Lourival, Albertina e Jocemar.

O Capitão da Polícia Militar da Paraíba, Camilo Ribeiro dos Santos faleceu na cidade de João Pessoa, aos 9 de maio de 1957, onde foi sepultado.

Segundo quem o conheceu, foi “o traço marcante de sua personalidade, uma calma permanente e a bondade aliada à sua extrema humildade”.

VULTOS AREIENSES: MARIA DO ROSÁRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Parece não haver mais muita novidade para se tratar sobre a vida de artistas da família Figueiredo e Melo, vinda do Estado de Pernambuco para estas plagas, trazida pelo interesse de aqui encontrar os meios para o seu sustento ou à procura de zona mais agradável para residir. Conforme várias citações, o maestro Manoel de Cristo Grangeiro chegara a Areia “pouco depois de 1902”, trazendo consigo já numerosa família oriunda do primeiro matrimônio contraído em Bom Jardim, Pernambuco. Do seu segundo consórcio, houve outros filhos, alguns nascidos em Areia e um no Rio Grande do Norte. Era o referido cidadão um dos maiores regentes e compositores de música sacra no nordeste, afirmam aqueles que o conheceram.

Aqui, ele encontrou um ambiente ainda musicalmente adormecido e o tornou ideal ao desenvolvimento da sua arte, aperfeiçoando-a e difundindo-a no que de melhor podia oferecer, ensinando a teoria e o solfejo, bem como o canto e a aprendizagem instrumental. Participava das maiores festas religiosas nas capitais nordestinas: a de Nossa Senhora das Neves, na Paraíba; a de Nossa Senhora do Carmo, em Recife e a de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal.

Além de maestro era compositor. O seu espírito místico com sua existência de religiosidade o levou a uma série de composições que, infelizmente, o descaso do homem destruíram. Nesse elenco havia missas votivas: da Ressurreição; invocativas de Nossa Senhora e de alguns santos; ao Espírito Santo, a irmandades; marchas fúnebres e para procissões e muitas outras que eram adequadas às divisões litúrgicas dentro dos atos religiosos. Dirigia ele uma orquestra particular. Com o seu desaparecimento, regeu-a Claudina Joaquina de Albuquerque Melo (Dondon) sua filha do segundo matrimônio, natural, de Areia, nascida a 10 de novembro de 1828, possuidora de grande talento musical, violonista e dirigente dos cânticos sacros e orquestra na Matriz desta cidade. Era ela a guardiã do tesouro musical do seu pai, de todas as composições dele que desapareceram na umidade das cômodas paroquiais.

Por herança ou pelo desejo e estorço em transmitir essa arte, alguns dos seus filhos não desmereceram e também se puseram em evidência na vida musical. Tristão, Maria do Rosário e Claudina foram seus sucessores, a pós sua morte em 1856, e conseguiram manter em Areia o esplendor do canto e da música.

Dos seus descendentes, ficou em evidência, não só pela arte mas pela cultura ampla que possuía, sua filha Maria do Rosário Brasileira e Melo, nascida em Areia a 24 de maio de 1830.

VULTOS AREIENSES: MARIA DO ROSÁRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Alfabetizada no próprio lar, aprimorou-se na arte musical sendo exímia flautista, violinista e violonista e possuidora de voz classificada como soprano, usando-a como solista nos mais destacados momentos no coro da Matriz, principalmente na festa da Conceição. Católica fervorosa e membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, inscrita sob nº 206, a primeiro de janeiro de 1874, aos 43 anos de idade, seguida de sua irmã Claudina que se filiara também em igual data com o número 207. Para isso, pagaram a jóia de 2\$000 ao então juiz-presidente José Ignácio Guedes Pereira. Maria do Rosário era bastante instruída, com conhecimentos tanto da língua materna como do latim e com razoável preparo humanístico.

Mais tarde, despertou para o ensino. Àquela época, a Paraíba andava a passos lentos no tocante à educação feminina. Somente em 1821 é que fora instalada na capital do Estado a primeira escola pública para este sexo, e em Areia, este benefício chegou em 1836, sofrendo supressão em 1841 e reinstalando-se em 1847.

Durante treze anos a cadeira foi ocupada por D. Ana Umbelina Cavalcanti Chaves. Sua substituta apareceu na professora Maria do Rosário Brasileira e Melo que desenvolveu o ensino prestando um trabalho de grande valor para a comunidade daquela era.

Não deve espantar a sua má remuneração. Percebia a quantia de 36\$000 (trinta e seis mil réis) por mês e mesmo desta, por seu grande patriotismo, solicitara ao Presidente da Província da Paraíba o desconto mensal de 5% como contribuição às despesas com a guerra do Paraguai o que foi aceito enquanto durou o conflito.

Diante do seu gesto tão nobre, dignou-se aquela autoridade a agradecer-lhe, o que fez através do ofício datado de 12 de março de 1865:

“D. Maria do Rosário Brasileira e Melo: Apreciando devidamente os sentimentos de patriotismo que Vmcê manifesta, pondo à disposição do Governo para as despesas de guerra, enquanto ela durar, cinco por cento do seu ordenado de Professora pública, cabe-me dizer-lhe, em resposta ao seu ofício de 11 do corrente, sobre semelhante objeto, que por esse ato se faz Vmcê superiora a todo elogio, e que passo a expedir ordem ao Tesoureiro Provincial para proceder ao devido desconto. Deus guarde Vmcê. Ass. Sinval Odorico de Moura.”

O seu sentimento de brasilidade parece haver-lhe sido transmitido por herança paterna. Manoel de Cristo, por amor pátrio, acrescentou a palavra Brasileira ao nome da filha. Nem por esta atitude que tanto a dignificou, recebeu honraria ou recompensas. Apenas o esquecimento. Nada lhe restou para a velhice como também à sua irmã Claudina e sua doméstica, que, terminaram sem recursos, vivendo graças à caridade de sua vizinha e amiga Eleonora Apratto Perazzo que lhe havia adquirido por compra o imóvel onde chegaram no final da existência, na rua do Teatro e onde hoje se ergue nova residência.

20 de junho de 1983 - Ano 4, N º37

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: MARIA DO ROSÁRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

No quintal dessa casa ainda existe perfumado jasmineiro plantado pelas ilustres tias do grande pintor Pedro Américo.

O sobrinho famoso, muito embora as tenha deixado quando ele daqui partiu em tenra idade, guardava delas a mais carinhosa recordação como provam algumas de suas cartas. De Paris, em 29 de junho de 1862, escreve à Tia Maria do Rosário, cujo trecho diz o seguinte: “Se acontecer eu voltar breve (o que não suponho), por lá estarei o mais breve possível respirando esse belo ar de Areia e o suave perfume dessas flores campestres. No meio da magnificência das grandes cidades, no centro de uma confusão de comércio e de distrações, nunca se pode esquecer os primeiros lugares que se conheceu, aqueles cuja simplicidade tem alguma coisa de poético e que inspiram saudades.” Na mesma carta ainda o seguinte: “Estimo que se tenha dado muito bem com as suas ocupações, que tenha continuado com suas amáveis alunas, e que está encantada com o ensino.” De Florença, Itália, a 25 de setembro de 1894, dirige-se às queridas tias Bahia e Dondon, apelidos pelas quais eram conhecidas: “Desejo-lhes saúde e todas as felicidades possíveis e assim a quantos nos são caros nessa saudosa terra. Amo a minha saudosa Areia, e todos os parentes e conhecidos de infância, como se jamais daí me houvesse afastado: e a vivo contemplando; ora as minhas recordações da primeira idade, ora umas fotografias que cá tenho de diversos pontos da minha cidade natal, e que eu mostro aos conhecidos daqui, explicando-lhes as circunstâncias mais interessantes. E mais adiante: Ainda possuo um bom retratinho da minha Tia Dondon, e outro da minha Tia Bahia: ambos cá estão sobre a mesa, entre as mais apreciadas da minha coleção. Outra, datada de 27 de fevereiro de 1895, vem de Roma: “É verdade, no meio das grandezas da “Cidade Eterna” e dos écos da irrequieta e pomposa (Europa, estão presentes no meu espírito as recordações do tempo do meu querido e saudoso Avô, das harmonias da sua Orquestra, da batuta do meu Tio Senhorzinho, da bondade de ambos e de quantos como Rodolfo e os meus camaradas de infância, foram desaparecendo até hoje, em que em vão eu chamaria por meus extremos Pais, Irmãos, Tios, etc. Não esqueci uma única pequenina circunstância, ou o mais insignificante objeto (quanto mais das pessoas) de que tive impressão quando criança; e ainda depois de volta à terra natal, desde a Gameleira até a Botica de Simão... “De modo que vivo aqui, ou no Rio de Janeiro, por causa das exigências da minha existência intelectual, porém uma grande parte de meu ser moral, e principalmente do meu coração, lá está a minha querida Areia, ou pelos sertões, onde viajei, ou ainda pelas bandas do mar, que também deixaram recordações inefáveis.”

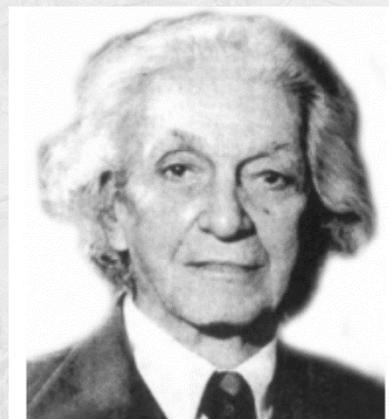
Dez anos depois desta, faleceu Pedro Américo. Os parentes restantes parece que as esqueceram e assim também o fez a maioria dos seus conterrâneos.

Maria do Rosário Brasileira e Melo (Bahia) faleceu nesta cidade, onde foi sepultada. Resta ainda na lembrança de muitos areienses da atualidade e seus conhecidos das primeiras décadas desta centúria, a sua figura fidalga, e que encantou no seu tempo, nas múltiplas reuniões artísticas, com a sua voz melodiosa, a sua flauta, o violino e o violão.

VULTOS AREIENSES: HORÁCIO DE ALMEIDA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

“Tive ensejo de dar a minha terra uma contribuição mais duradoura, a sua própria história”. Assim se expressou em uma conferência o historiador areiense Horácio de Almeida. A ele deve esta terra a gravação dos fatos que fizeram de Areia um dos mais elevados marcos da história da Paraíba. Em feliz oportunidade, o autor de Brejo de Areia - memória de um município - recolheu o que ainda restava do século passado em documentos e tradição, adentrando-se em algumas décadas desta centúria, para gravá-las e assim perenizá-las para as gerações vindouras.



Horácio de Almeida aqui nasceu a 21 de outubro de 1896. Aos seis anos de idade foi levado a escola primária do professor Frederico Campos, seu primeiro mestre e daí prosseguiu na caminhada pelas demais aulas primárias de Miguel Gouveia, Chico Pereira, Antônio Pereira dos Anjos Junior (Junior Pereira) José Mascarenhas Eduardo de Medeiros e João de Lourenço. Passando pelo preparatório de ginásial atingiu a Faculdade de Direito do Recife, bacharelado-se no ano de 1930, já aos trinta e quatro anos de idade Nesta mesma época despertou-lhe a vocação de escritor com seu primeiro livro intitulado “Álbum de formatura dos Bacharéis de 1930”, onde traça o perfil de seus colegas de turma e oferece o dele próprio: “Ego sum que sum..... e nada mais. Magro, pálido, escavado e com o pensamento fúnebre a torturar-me a alma”. Pouco antes andava recolhendo subsídios para a história de Areia que somente trinta anos depois a escreveria.

Desta obra, partiu para muitas outras. Sua vida, foi quase totalmente absorvida por grande atividade literária. Assim, participou, não somente na Paraíba como no Rio de Janeiro, dos mais expressivos sodalícios literários.

Residiu na Paraíba até o ano de 1946. Foi um dos dez membros fundadores da Associação Paraibana de Imprensa e o último deles a falecer; fundador e membro da Academia Paraibana de Letras; membro fundador do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba. Militou na imprensa paraibana. Em 1917 fundou em Areia o Jornal “A Ronda”, com a participação de José Rufino de Almeida (seu irmão) Otaviano Carneiro da Cunha, José da Costa Machado Nestor de Queirós e Ladislau Ramos de Vasconcelos.

VULTOS AREIENSES: HORÁCIO DE ALMEIDA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

“O Smart” foi outro jornal seu que circulava em Areia por ocasião da festa da Conceição e contava com a colaboração de Gutemberg Barreto. Mais tarde, quando estudante de direito e como um dos diretores, fundou a revista “Era Nova”, editada na capital deste Estado com a qual colaboravam José Américo de Almeida, Manoel Tavares Cavalcante, Ademar Vidal, Pe. Pedro Anísio Dantas Bezerra, Coriolano de Medeiros, Pe. Matias Freire, Carlos Dias Fernandes, José Lins do Rêgo, Álvaro de Carvalho entre outros. A revista “Reação” também foi por ele fundada tendo como co-fundadores João Santa Cruz e Osias Gomes. Ainda em Areia fundou no ano de 1927 “O Luzeiro”, com menos de um ano de circulação.

Sua última atividade na Paraíba foi de natureza política, quando ocupou a pasta do Interior no Governo de Odon Bezerra, ocasião em que teve oportunidade de promover a celebração do I Centenário de Nascimento do seu conterrâneo Pedro Américo de Figueiredo e Melo e na mesma ocasião proceder à instalação da Casa Pedro Américo, em Areia, na antiga residência onde nascera o grande pintor. Da mesma forma, e por sua iniciativa, foram celebradas com excepcionais pompas o I Centenário de Emancipação política do Município de Areia.

Passando a residir no Rio de Janeiro, veio-lhe a idéia de escrever a história de sua terra — Brejo de Areia, cuja primeira edição veio a público no ano de 1955 e, segundo ele próprio “que mais repercussão teve lá fora que aqui dentro”. Conforme reflete na apresentação da segunda edição dessa obra, no ano de 1978, sentia-se magoado porque não haviam os seus conterrâneos reivindicado a reedição de seu mais precioso trabalho sobre esta terra.

Outras obras foram surgindo. Em 1943, por ocasião do Centenário de Pedro Américo, publicou um estudo biográfico sobre o pintor, obra reeditada pela Secretaria de Educação da Paraíba, no ano de 1981, por ocasião do VI Festival de Arte de Areia. Em 1966, publicou com o interesse do Governo Pedro Gondim, o 1º volume de História da Paraíba que depois de sofrer revisão saiu publicado igualmente com o segundo volume em 1978, pela Universidade Federal da Paraíba, na gestão do Professor Lynaldo Cavalcante de Albuquerque.

Foram de sua autoria: “Augusto dos Anjos — Razões de sua angústia”, Bibliografia Paraibana”, “Dicionário Popular Paraibano”, e, por fim! “Dicionário de termos eróticos e afins”, já em sua segunda edição. Encontra-se em fase de publicação o “Catálogo dos dicionários da Coleção Horácio de Almeida” e segundo notícias jornalísticas sairão breve um ensaio sobre Elias Herckmann e um romance “onde os personagens são perfis de vultos eminevtes sobretudo da sociedade paraibana.

VULTOS AREIENSES: HORÁCIO DE ALMEIDA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

“Publicou outros ensaios e artigos em vários jornais e revistas dos institutos a que pertencia, e várias conferências, sendo a última aqui pronunciada a 27 de dezembro de 1959 quando do transcurso do Centenário do Teatro Minerva.

No Rio de Janeiro foi membro fundador e Presidente da Academia Brasileira de Literatura em cujo cargo se encontrava e que iria presidir a 13 de junho p. passado a posse do escritor paraibano Edilberto Coutinho, que a esta altura ocupa a cadeira nº 4 cujo patrono é Aluizio de Azevedo. Membro da Academia Carioca de Letras; Presidente da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil que teve como fundados o Imperados D. Pedro II e que no próximo mês de agosto comemorará o seu centenário de existência; ex-Presidente do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, durante um lustre; Membro efetivo da Ordem dos velhos Jornalistas Brasileiros, tendo participado de sua primeira diretoria; Tesoureiro do Sindicato dos Escritores; ex-Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Como bacharel, advogou durante quinze anos na Paraíba e sua primeira causa foi registrada em Areia. Ao seu estado natal prestaria ainda um relevante serviço como membro da comissão de organização do IV Centenário da Paraíba.

Horácio de Almeida era descendente de Rufino Augusto de Almeida e de Adelaide Jácome Gondim de Almeida. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 6 de Junho de 1983, vitimado por uma colápsio cardíaco, em sua própria residência. No dia seguinte ao óbito, verificou-se o seu sepultamento no Cemitério São Francisco Xavier, com numerosa presença de amigos, parentes, conterrâneos e colegas. Horácio foi, enfim, jornalista, advogado, crítico literário, escritor e historiador.

Escrevera ele a um amigo, como citação de suas memórias: “Não deixa de ser um testamento de pobre, que na unha se escreve. Mas tenho alguma coisa a contar e revelações a fazer. Ocupo-me mais com o mundo que me circundou. Não faço como os outros que se aprazem em ver o mundo girar ao seu redor. Longe disso, conto insucessos e frustrações, porque o lado negativo é bem maior que o positivo. Vou acelerar o motor para ver se concluo até o fim do ano”.

Carlos Drummond de Andrade em sua crônica após o falecimento de Horácio de Almeida, intitulada “Vovô é um barato”, publicada em o Jornal do Brasil, diz: Era o anti-preguiçoso, o anti-convencional, o velhinho mais desinibido com que contávamos no Rio de Janeiro. Se chegasse aos 90 ou aos 100, haveria de querer aproveitar até a última gota o vinho do trabalho intelectual sem omitir os prazeres da boa mesa, entre familiares e bons amigos. Não chegou, mas jamais desistiu de viver a vida plena da inteligência e de atualização com o tempo. Um barato, realmente”.

VULTOS AREIENSES: FAUSTO BENJAMIM DA CRUZ GOUVEIA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Depois de muitos brasileiros partirem para a Europa ao encontro de universidades de graduação em ciências jurídicas, surge a oportunidade de encontrar estudo superior em seu próprio país. A 11 de agosto de 1827, a Carta de Lei Imperial cria os Cursos de Ciências Jurídicas e Sociais em São Paulo e em Olinda.

Para ambas as regiões abria-se a possibilidade à mocidade vocacionada para a Ciência do Direito. Convergiram então, para Olinda, muitos paraibanos e alguns areienses.

Foi em 1832, que Olinda entregou ao Brasil a primeira turma de bacharéis, com quarenta e um concluintes, dentre os quais o Padre Antonio Maria Pereira Ibiapina - “o apóstolo do Nordeste” - e que tanto bem fez a esta terra.

Na décima quinta turma, no ano de 1540, entre dezoito novos diplomados figuravam dois paraibanos: Francisco de Paulo da Silveira Lobo, descendente de Manoel Lobo de Miranda Henriques, originário de portugueses radicados no Nordeste e neto paterno do “Capitão-mór Francisco Xavier de Miranda Henriques, Moço Fidalgo da Casa Real governou as Capitanias do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba fixando-se, por fim, como proprietário do Engenho Bolandeira, em Areia...” e o outro, o areiense FAUSTO BENJAMIM DA CRUZ GOUVEIA, também descendente de portugueses radicados no Nordeste, desembarcados na Bahia em 1808, com alta posição de destaque junto à Casa Real, visto procederem da linhagem de Dom Diogo Gouvêa, este nascido em Beja, Portugal, por volta de 1472, chado a Paris em 1490 e em 1499 recebendo bolsa de estudo concedida por el-Rei Dom Manuel — o Venturoso, para frequentar o Colégio de Montaigne, tornando-se em 1500 mestre em Artes. Em 1510, ainda se encontrando no mesmo Colégio, obtém licenciatura em Teologia e é convocado pelo Rei em 1516 para concorrer a uma cátedra em Lisboa, não aceitando, e passando a dirigir em 1520 o Colégio de Santa Bárbara. “Manteve relações de amizade com Santo Inácio de Loyola e com São Francisco Xavier”. Regressou a Portugal em 1556 quando foi provido à um canonicato na Sé de Lisboa, vindo a falecer em 1557.

Na Paraíba radicou-se Antonio de Sousa Gouveia que mais tarde alteraria o seu nome para Antonio de Sousa da Cruz Gouveia, por residir em um sítio Cruz do Peixe, próximo a Tambiá, na Capital paraibana. Deste vem a descendência dos Gouveia areienses, como Inácio Evaristo Monteiro, Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia, Capitão Benjamim da Cruz Gouveia, Coronel Ciro Cândido de Gouveia Monteiro, Capitão Marcolino Evaristo da Cruz Gouveia e o ilustre aqui referido.

VULTOS AREIENSES: FAUSTO BENJAMIM DA CRUZ GOUVEIA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Ao regressar à terra natal, Fausto Benjamim logo se integrou às lides jurídicas de sua profissão e ingressou também na política, a partir de 1850, quando é eleito para a Assembléia Provincial, juntamente com o Dr. Crispim Antonio de Miranda Henriques e Joaquim José Enrique da Silva. Todos foram reeleitos para outra legislatura cuja representação fora aumentada com José Costa Machado e Manuel Martins Casado. Os quatro e mais o promotor público desta Comarca, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque integram a representação areiense de 1854 e 1856, à exceção de Manuel Martins Casado que fora vitimado pelo Colera-morbus. O mandato expirara em 1857 e no ano seguinte somente Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia, sobrinho de Fausto Benjamim, é eleito Deputado Provincial Areia, pelo Partido Conservador.

Em 1859, exercia Fausto Benjamim o cargo de Juiz Municipal de Areia. No final deste ano, importante acontecimento se registra na história da Paraíba — a visita de Sua Magestade o Imperador Dom Pedro I que, além da Capital visitou as cidades de Mamanguape e Pilar. Areia preparou-se para a recepção ao Imperador, em cujo sobrado da Praça 3 de Maio se hospedaria o monarca visitante. Diante de sua posição oficial, o juiz areiense esteve entre as Autoridades que cumprimentaram Sua Magestade verificando-se naquela ocasião fato de merecedor registro. D. Pedro I! indagou do juiz “sobre as condições do seu Termo informando-se particularmente do que pertencia a órfãos e testamentaria e dignou-se declarar que não lhe era possível ir à cidade de Areia por ter que demorar-se muito poucos dias na província”. Registrado também ficou para gáudio dos areienses a “boa impressão que o Senhor D. Pedro II tivera do Juiz Municipal de Areia”. Isto lhe valeu a comenda com que lhe agraciara Sua Magestade Imperial no encerrar sua viagem, reconhecendo assim os serviços que lhe prestaram os distintos paraibanos por ocasião da visita que fizera a esta Província. À Ordem da Rosa lhe fora conferida no grau de Cavaleiro, e a mais sessenta personalidades, por Decreto Imperial de 14 de março de 1860.

Foi Suplente de Deputado Geral pelo 2.º Distrito. Como magistrado exerceu ainda os cargos de Juiz Municipal dos Termos de Bananeiras e Guarabira que eram então unificados; Juiz de Direito Substituto de Areia e Juiz Municipal dos Termos Reunidos de Pilar e Pedras de Fogo, reduzidos a estes por força do Decreto Imperial de 8 de junho de 1861.

No ano seguinte de 1962, a 18 de abril, veio a falecer na Capital deste Estado, vítima do Colera-morbus. Não deixou descendentes, ficando viúva a Sra. Débora Gouveia, também sua sobrinha.

VULTOS AREIENSES: FÉLIX ANTONIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Descendente de Bartolomeu da Costa Pereira, Capitão-Mor de Areia, casado em primeiras núpcias com Maria do Nascimento Lins de Albuquerque Costa Pereira e em segundas com Tereza de Jesus da Costa Pereira sua sobrinha, de onde provêm muitas ilustres famílias areienses e de outras regiões nordestinas. O seu genitor, de igual nome, fora o bravo revolucionário de 1824, Presidente temporário da Paraíba na Confederação do Equador e Presidente Câmara do Brejo de Areia, no ano de 1820. Era Sargento-Mor. Foi casado com Maria Joaquina de Santana.



Nasceu Félix Antônio Ferreira de Albuquerque, filho em Areia, num momento de graves agitações políticas, nas quais era envolvida toda sua família, tanto os parentes aqui residentes como os de outras regiões, principalmente os seus ancestrais pelo lado paterno. Seu avô era o Capitão-Mor do Pilar, Inácio Bento de Ávila Cavalcanti, casado com Ana de Jesus Pereira, participante do fracassado movimento revolucionário de 1817, o qual ainda sofria as más consequências do seu envolvimento naquela rebelião. Afirmam haver sido, possivelmente, este o motivo que trouxera o seu pai a estas paragens.

Entretanto, não teve Félix Antônio iguais inclinações para movimentos revolucionários e políticos; A sua iniciação à carreira política foi 1851, ingressando na Câmara Provincial em vaga decorrente do falecimento do Deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha.

Após este aparecimento político, outro não se registrou em sua existência, na Paraíba. Somente 1858 a 1859, representou o Rio Grande do Norte como Deputado Provincial pelo 1º Distrito. Há quem suscite a possibilidade de haver ele se radicado naquele Estado, no Município de Canguaretama, onde foi Promotor Público e presidente da Câmara Municipal.

No ano de 1842 que ele se formara em Olinda, como Bacharel em Direito, tendo outro areiense como seu colega de turma José da Costa Machado Junior de forte atuação na política paraibana. Os demais componentes de sua turma descendiam de outras unidades da federação mais atuaram brilhantemente na Paraíba. Francisco Xavier Paes Barreto e Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, Pernambucanos, governaram a Província e foram Conselheiros do Império e Ministros de Estado. Cearenses eram Francisco de Araújo Lima, Presidente Provincial da Paraíba; Hipólito Cassiano Pamplona, Juiz de Direito em Sousa e José Thomaz Arnold, descendente de paraibanos e Deputado Provincial de 1845 a 1849.

VULTOS AREIENSES: CRISPIM ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

A presença dos Miranda Henriques na Paraíba, data de 1670, quando esta Província foi governada por Bernardo de Miranda Henriques, e, posteriormente, de 1760 a 1764, por Francisco Xavier de Miranda Henriques, proprietário do Engenho Bolandeira, neste Município de Areia, casado com Joana Bezerra de Miranda Henriques, de quem descende Crispim Antonio de Miranda Henriques, que saiu bacharel em Direito no ano de 1849, pela Faculdade de Direito de Olinda, em cuja turma figuravam seis paraibanos: Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque e Francisco Antonio de Almeida e Albuquerque, naturais de Mamanguape; Felinto Henriques de Almeida, da capital da Paraíba; Ivo Miquelino de Cunha Souto Maior e José Maria Ferreira da Silva, de Pilar.

Crispim Antonio além das atividades agrícolas que desenvolvia neste Município exerceu o honroso cargo de Juiz Municipal como também serviu de suplente do Juiz da Comarca. As suas atividades jurídicas foram desenvolvidas não somente como advogado, mas existiram desde o decorrer de sua vida estudantil quando teve a oportunidade de ocupar em caráter interino a Promotoria da Comarca de Bananeiras.

Após doutorar-se, filiou-se ao Partido Conservador, iniciando a carreira política com muito sucesso, sendo eleito Deputado Provincial no ano de 1858, quando os areienses mandaram também outros seus representantes à Assembléia paraibana; Dr. Fausto Benjamim da Cruz Gouveia e José Enrique da Silva membros do Partido Liberal. Na seguinte legislatura voltaram os mesmos acrescida a representação por José da Costa Machado Filho e Manoel Martins Casado. Em 1853, José da Costa Machado é reeleito e Crispim Antonio de Miranda Henriques assume a cadeira de Deputado Geral em substituição a Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque, seu colega de turma e representante legislativo por Mamanguape. Saem reeleitos em 1854 e em 1856 não voltou Manoel Casado por haver falecido do cólera morbus. No pleito de 1862 Crispim Antonio saiu novamente vitorioso ao lado de um novo representante de Areia na Assembléia Provincial — Dr. Ábdon Felinto Milanez. De 1864 a 1865 ele representou Alagoa Grande na Assembléia Provincial. Vai reaparecer como legislador somente em 1872 e 1874, tendo no último período como companheiro na representação areiense o Padre Luiz Cavalcanti de Albuquerque Burity. Em período compreendido entre 1850 a 1857, representou a Paraíba na Câmara Nacional como suplente do Deputado Francisco de Assis Pereira Rocha, eleito também pelo 8º Distrito e que governara a Paraíba de 1827 a 1828; Exerceu o cargo de Juiz de Direito em Areia quando conseguiu grande vitória a 22 de abril de 1853, condenando o réu Joaquim José dos Santos Leal a 20 anos de prisão e não à galés perpétua como o Júri o condenara, isto no processo do assassinato do Dr. Trajano Chacon. Assim foi evitada maior injustiça ao réu.

30 de outubro de 1983 - Ano 4, N º41

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: CRISPIM ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Continuou suas atividades políticas em Alagoa Grande onde fixou residência e exerceu novos cargos públicos como Delegado de Polícia e Primeiro Suplente de Juiz Municipal e ainda escolhido Presidente da Junta Conservadora daquele Município.

Em 28 de Julho de 1870, mudou o seu domicílio para a Capital do Estado afim de poder exercer ali o cargo de Procurador Fiscal do Tesouro Provincial, do qual fora exonerado, a pedido, em 6 de junho de 1872, e retornou a este em 28 de setembro do mesmo ano, somente se afastando por invalidez, em 1885.

No ano de 1872, foi membro integrante de comissão Censitária, e em 1873, quando representante areiense na Câmara Provincial apresentou entre outros projetos que criou a Freguesia de Pilões.

Seu último serviço público foi no cargo de Comissário Escolar.

O Governo Imperial o distinguiu por ato de 12 de outubro de 1867, no grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa.

Os seus últimos dias foram vividos na cidade de Santa Rita, neste Estado, onde faleceu a 17 de janeiro de 1891.

VULTOS AREIENSES: MANOEL CORREIA LIMA

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Cinco paraibanos integraram a nona turma de bacharéis diplomados pelo Curso de Ciências Sociais e Jurídicas instalado no Mosteiro de São Bento, em Olinda e criado por Carta de Lei Imperial a 11 de agosto de 1827.

Deles, evidenciou-se Flávio Clementino da Silva Freire, parlamentar desde 1842 na Câmara Provincial da Paraíba, sendo sucessivamente reeleito até 1850 e 1854 quando a presidiu e foi representante no Parlamento Nacional de 1857 a 1864, chegando a Senador do Império em 1870. Governou a Paraíba em 1853. Distingui-o Sua Magestade com o título de Barão de Mamanguape, por ato de 14 de março de 1860, após a visita real à Paraíba. Este e sua esposa a Baronesa estiveram em Areia a 24 de março de 1872 para levarem à pia batismal a párvula Miquelina, filha de Dr. José Evaristo da Cruz Gouveia e de sua consorte Dona Joaquina Augusta de Gouvêa Neiva. Neste mesmo ano Dr. José Evaristo, primeiro médico areiense, governara a Paraíba.

Os demais foram Inácio de Souza Gouveia, Cavaleiro da Ordem da Rosa, Promotor Público da Capital, Conselheiro em Alagoa Nova, Comissário da Instrução Pública, Deputado Provincial em várias legislaturas quando foi aprovado projeto de sua autoria criando a Freguezia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Alagoa Grande. Foi Juiz Municipal de Pedras de Fogo, na Paraíba, e Rio Formoso em Pernambuco; Dr. Vitorino do Rêgo Toseano Barreto, mamanguapense, Deputado Provincial e Geral e genro do escritor José de Alencar. Exerceu vários cargos de relevo nos Estados do Ceará, Paraíba, Espírito Santo, Mato Grosso e Pernambuco. Agraciado pelo Imperador com a Ordem da Rosa, no grau de Oficial. Outro, foi Quirino da Rocha Galvão, sem referências à mencionar. Por último, MANOEL CORREIA LIMA, primeiro areiense a ser bacharelado em Direito. Nascido em 1812, diplomado em 1840. Descendente da antiga família Correia Lima. de origem pernambucana, cuja presença em Areia se faz notar desde 1824.

Como os seus demais companheiros paraibanos aqui já citados, envolveu-se desde sua volta à terra natal com a política, ingressando no partido Conservador, conseguindo eleger-se Deputado Provincial em 1842 e 1844.

Desempenhava Manoel Correia Lima o cargo de Promotor Público de Areia, em 1849, quando se realizou a 5 de setembro daquele ano, neste Município, a eleição para Deputado Geral saindo vitorioso Dr. Trajano Alípio de Holanda Chacon que fora assassinado na mesma data. Assim. no período legislativo de 1850 a 1852, Correia Lima, na qualidade de suplente de Trajano Chacon fora assumir suas altas funções no Parlamento Nacional.

Posteriormente, foi Juiz de Direito no Estado do Maranhão, na Comarca de Brejo, cuja remoção para a capital paraibana se verificou por Decreto Imperial de 21 de junho de 1861,

Exerceu ainda a terceira vice-presidência da Província da Paraíba, residindo na capital onde a 16 de novembro de 1863, faleceu vítima de males cardíacos, após longos padecimentos.

VULTOS AREIENSES: CLAUDINO LEAL

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Por volta de 1838 organizava-se o Partido Conservador em Areia com razoável número de filiados dentre muitas das principais famílias de então: Miranda Henriques, Chacon, Correia Lima e Gouveia Monteiro.

Como opositores do Partido Liberal outras famílias de relevo local também a ele pertenciam como Costa Machado, Fonseca Milanez, Santos Leal e muitos honrados cidadãos: Manoel José da Silva - o abolicionista, João Gonçalves Coelho Lisboa Luiz Vicente Borges, Joaquim Gomes e Gonçalves Lima.

O Vigário da Freguezia era o Padre Francisco de Holanda Chacon em cujo cargo permaneceu 52 anos, com preponderante papel nos movimentos religiosos e políticos do brejo. Foi ele um dos três primeiros representantes de Areia na Assembléia Provincial, instalada em 1834. Não mais regressando à Assembléia, vai seu irmão Dr. Trajano Alipio de Holanda Chacon, então Juiz Municipal neste Têrmo, como novo representante areiense naquela Casa. Em 1849 é este eleito à Assembléia Geral, não assumindo por haver sido assassinado nesta cidade, na mesma data de sua vitória eleitoral. Venceu o seu opositor Joaquim José dos Santos Leal que já fora também Deputado pela Província da Paraíba.

O acontecimento trouxera graves consequências à família Leal. Claudino, irmão de Joaquim José, era aquela época estudante de Direito em Olinda, já ao final do Curso, quando tivera de interromper os estudos para ficar à frente dos destinos familiares. Somente em 1851 bacharelou-se em numerosa turma de concluintes de Direito, em Olinda, dentre os quais dez eram paraibanos. Destes, somente Olinto José Meira teve maior projeção. Os demais foram Adelmo Augusto Cândido Carneiro da Cunha, Antero Manuel de Medeiros Furtado, Luiz Rodrigues de Albuquerque, Joaquim e José Carlos da Costa Ribeiro, António Felipe de Albuquerque Maranhão, Francisco Jovita Cavalcanti de Albuquerque Melo, Luiz Afonso de Albuquerque Maranhão e Antonio Cavalcanti de Albuquerque Melo que logo após bacharelar-se veio residir em Areia, de onde lhe atribuem a naturalidade e chegou a ser Deputado Geral pelo 1º Distrito.

CLAUDINO JOSÉ DOS SANTOS LEAL, após profissionalizar-se em Direito prestou inestimáveis serviços aos seus familiares que eram militantes do Partido Liberal.

De Areia ele partiu para fixar residência em São João do Cariri, onde casou, constituindo família. Naquela Comarca exerceu o cargo de Promotor Público, renunciando à nomeação de Juiz Municipal de Maués, Amazonas, preferindo ficar onde residia e praticava a advocacia. Foi na mesma sede de São João do Cariri Suplente de Juiz Municipal. Lá se encontra sepultado. Faleceu no ano de 1863.

29 de janeiro de 1984 - Ano 5, N º44

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: CÔNEGO TOBIAS VICTÓRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Nascido a 26 de Novembro de 1889, no então Distrito de Remígio, do Município de Areia, Manuel Tobias Victório era filho de Joaquim Victório do Nascimento e de Maria Deolinda Flora da Silva. Após os estudos primários, quando contava 15 anos de idade, ingressou no Seminário Diocesano da Paraíba. Seus estudos sacerdotais decorreram sem interrupção. Em 1907, matriculou-se na quarta série do Curso Preparatório e recebeu batina; em 1908, a Prima Tonsura; em 1909, cursando Teologia, recebeu-a 14 de novembro, as Órdenes Menores de Ostiário e Leitor e as seguintes, de Exorcista e Acólito, a 13 de novembro do 1910.



Por ocasião da ordenação geral na Catedral, em 12 de novembro de 1911 foi promovido ao Subdiaconato, e, ao Diaconato a 17 de novembro de 1912. Ordenou-se sacerdote a 16 de novembro de 1913, tendo como companheiros de presbiterato naquele ano, os Diáconos Constantino Vieira e Luiz Gonzaga de Araujo.

Depois de ordenado permaneceu na capital da Paraíba onde desenvolveu grande atividade na imprensa católica, na qual militava desde os tempos de seminarista, ocupando o cargo de Diretor Gerente de “A Imprensa”, órgão de divulgação da Diocese, veículo de defesa da Igreja e de desenvolvimento cultural da Paraíba.

No jornalismo, não se limitou apenas à imprensa paraibana, mas na do Rio de Janeiro — jornal “A Cruz”, usando pseudônimo de Bueno Freire e em Portugal, no jornal “Novidades”.

Foi conferencista e diretor de órgãos literários como a Arcádia Pio X, do Colégio do mesmo nome. Sempre destacado e prestigiado pelo Arcebispo D. Adauto, participou o Padre Tobias dos grandes eventos da vida religiosa paraibana.

Como não havia ocupado nenhuma paróquia, veio o Padre Tobias para Remígio, nos idos, de 1918, onde permaneceu até fevereiro de 1920, na vã esperança de que seu superior eclesiástico se dignasse a erigir aquela paróquia. Desiludido, regressou à Capital e de lá rumou ao Rio de Janeiro, onde teria a possibilidade de melhor campo de trabalho. Assim, em 1921 já se encontrava como Capelão e professor do Colégio Nossa Senhora de Sion, uma das mais afamadas casas de ensino daquela cidade. Em 1930, atendendo o convite do Bispo de São Carlos, no Estado de São Paulo, foi trabalhar naquela Diocese, ocupando durante 13 anos o cargo de Cura da Sé Catedral. O seu apostolado naquela cidade foi muito proveitoso.

29 de janeiro de 1984 - Ano 5, N.º 44

Jornal O Areense

VULTOS AREIENSES: CÔNEGO TOBIAS VICTÓRIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

De volta a Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 1943, foi designado pelo Cardeal Arcebispo D. Jaime Câmara como Pró-Pároco da Igreja de São José, no Engenho de Dentro, passando em poucos meses a vigário daquela Paróquia. Muito trabalho foi por ele realizado na Igreja Matriz, inclusive a fundação do jornal “O Apóstolo”, e vários serviços sociais.

Foram desdobradas as suas atividades no Rio de Janeiro com a direção do Arciprestado de Nossa Senhora dos Anjos, constituído pelas Paróquias de Engenho de Dentro, Imaculada, Encantado, Conceição, Engenho da Rainha, Nossa Senhora da Guia, -São Vicente, São Salvador, Quintino Bocaiuva, Lins de Vasconcelos, Piedade, São Pedro, Pilares e Inhauma. Mesmo com o auxílio de um sacerdote coadjutor, o trabalho lhe pesou muito sobre os ombros. Com a saúde abalada, veio a falecer a 7 de maio de 1955, aos sessenta e cinco anos de idade.

Várias homenagens póstumas lhe foram prestadas.

No Rio, a então Vereadora Dulce Magalhães e Presidente da Confederação das Filhas de Maria do Rio de Janeiro, hoje ministro do Tribunal de Contas daquele Estado, apresentou à Câmara Municipal um requerimento solicitando um voto de pesar pelo falecimento do Cônego Tobias e, mais tarde, um outro pedido também aprovado, para a denominação de uma das ruas de Engenho de Dentro, com o nome do venerando sacerdote. Esta proposição foi aprovada pelo Decreto n.º 13.223, de 14 de maio de 1956, em que as ruas da República do Paraguai e o prolongamento da rua Figueiredo, situadas no Meier e em Copacabana, respectivamente, hoje levam o nome de Cônego Tobias.

Em São Carlos, sua antiga sede paroquial, a Prefeitura Municipal, através da Lei n.º 3.144, de 22 de dezembro de 1955, também lhe conferiu nome ao Parque Infantil Municipal de Vila Nery.

O Cônego Manuel Tobias Victório, não mais regressou à Paraíba. Mesmo ausente da Arquidiocese, fora agraciado por D. Adauto, em 1922, com o título de Cônego, pelos bons serviços que havia prestado a esta Arquidiocese.

Seus restos mortais repousam no Cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro.

26 de fevereiro de 1984 - Ano 5, N º45

Jornal O Areiense

VULTOS AREIENSES: SEVERINO PATRÍCIO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

Desde o século XVIII que vêm despertadas as vocações médicas na Paraíba. Manoel e Francisco de Arruda Câmara, descendentes do Capitão-Mór de Piancó e Pombal – Francisco de Arruda Câmara e de sua mulher D. Maria Saraiva da Silva de Arruda Câmara, naturais do Vale do Piancó, foram os precursores desta nobre profissão. Diplomaram-se na França, em 1791.

Na mãe-pátria lusitana ou mais precisamente, em Coimbra, eram diplomados os primeiros médicos brasileiros de outras Províncias como Rio de Janeiro e Minas Gerais. No século XIX é que vieram a ser instaladas as primeiras Escolas de Medicina, no Rio e na Bahia.

Assim, foi João José Inocêncio Poggi o primeiro médico paraibano diplomado em Escola de Medicina brasileira, em 1874. Logo em seguida, vem o primeiro areiense a se diplomar em medicina, em 1852, e o segundo paraibano a cursar a mesma carreira na Faculdade Bahia – José Evaristo da Cruz Gouveia.

As vocações médicas areienses não estacionaram nesse conterrâneo. Outros a seguiram: Ábdon Milanez, Otacílio de Albuquerque, João Lopes Machado, Luiz Galdino de Sales, José Elias D'Ávila Lins e muitos outros do século passado e deste.

Há 55 anos, portanto, outro areiense diplomava-se médico a 28 de dezembro de 1929, no Rio de Janeiro – SEVERINO PATRÍCIO DA SILVA.

A Paraíba e outras unidades da Federação não dispunham de Escolas Superiores para a educação do seu povo, como no presente. Os sacrifícios eram grandes para atingirem grau superior, e, assim, o nosso conterrâneo enfrentou muitas dificuldades para a concretização do seu ideal.

Logo após ser diplomado, Severino Patrício escolheu mesmo a Paraíba como campo de trabalho em sua profissão. Na Capital paraibana fixou-se por toda a sua existência. Ingressando no Serviço Público Estadual, do Departamento de Saúde Pública logo foi designado para o Hospital Colônia “Juliano Moreira”, considerando desta maneira a sua especialidade psiquiátrica. Ali prestou os mais relevantes serviços, credenciando-se a dirigir o Manicômio Judiciário da Paraíba.

A sua imensa -comunicabilidade e vivacidade de espírito o conduziram à política. No ano de 1950 foi eleito vereador à Câmara Municipal de João Pessoa e conseguiu reeleger-se por várias legislaturas. Outra atividade de Severino Patrício foi o magistério superior como docente de Medicina Legal na Faculdade de Direito da Paraíba.

Nasceu em Areia, a 17 de dezembro de 1899 e foi batizado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição a 11 de fevereiro de 1900, pelo Cônego Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, tendo como padrinhos Manoel Miguel e Luisa Maria da Conceição. Era descendente de Patrício Pereira, da Silva que foi alto comerciante e Delegado de Polícia de Areia, e de sua mulher D. Anna Faustina da Silva. Faleceu na cidade de João Pessoa, onde é sepultado.

VULTOS AREIENSES: D. SANTINO MARIA DA SILVA COUTINHO

Escrito por: Francisco Tancredo Torres

No Engenho Avarzeado, Município de Areia, nasceu a 17 de dezembro de 1865, Santino Maria da Silva Coutinho, filho de Antonia da Silva Coutinho e de Manoel da Silva Coutinho, que vinha a ser mais tarde, uma das exponenciais figuras do episcopado brasileiro.

Cursou Humanidades no Colégio Diocesano de Olinda em 1882 e a 8 de abril de 1884 foi matriculado no Colégio Pio Latino-Americano. Doutorou-se em Filosofia, em Teologia Dogmática e Direito Canônico pela Universidade Gregoriana, em Roma, sendo o único brasileiro àquele tempo a conquistar três laúreas. Ordenou-se em Roma, aos 19 de dezembro de 1891. Foi precisamente no ano de seu retorno da Europa que era instalada em, 1894, a Diocese da Paraíba, tendo como seu primeiro bispo, o areiense D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, o qual encontrou no Padre Doutor Santino um dos seus maiores amigos e eficiente auxiliar. À Diocese foi instalada a 4 de março e logo a 30 de maio, D. Adauto o designou como Secretário do Bispado e lente de Teologia Dogmática do também recém-criado Seminário da Paraíba. Em 20 de agosto de 1896, por Provisão do Diocesano lhe foi conferido o título de Cônego Honorário da Igreja de N. S. das Neves e Vigário Geral da Cúria Episcopal e Professor de Teologia Dogmática e Direito Canônico, em cujos postos permaneceu até o ano de 1900, tendo no mesmo período lecionado Filosofia, História Eclesiástica, Latim, Física e Química. Integrou também o corpo docente do Liceu Paraibano.

No precendente ano de 1901, além da docência exercida passou a assessorar toda a Diocese. Em 1904 foi consultor Teológico da Diocese e a 8 de agosto de 1905 foi designado por Decreto de D. Adauto para o cargo de Deão do Cabido da Santa Igreja Catedral de N.S. das Neves erigido no dia 5 do mesmo mês e ano. Em 1906 é nomeado Membro do Conselho Diocesano da Congregação da Doutrina Cristã e redator de “A Imprensa”, órgão diocesano fundado em 2 de agosto de 1897, por D. Adauto. Foi o Cônego Santino Capelão do Colégio de N. S. das Neves.

A Santa Igreja lhe reservara um futuro mais promissor e, assim, em 9 de setembro de 1906, é eleito Bispo do Maranhão, e antes de sua sagração episcopal e posse é promovido a Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará, em 6 de dezembro daquele mesmo ano. Em Roma, a 19 de março de 1907 é sagrado Bispo e retorna à Paraíba, onde recebeu o Pálio imposto por D. Adauto, na Catedral de N. S. das Neves, em 4 de maio, com a assistência do Cabido, do Clero e dos fiéis. A Santa Sé havia concedido ao Antístite paraibano as faculdades especiais para essa imposição.

D. Santino tomou posse do arcebispado do Pará, aos 20 de junho de 1907, permanecendo lá até do ano de 1923. Fora para aquela arquidiocese em virtude da renúncia de D. José Marcondes Homem de Melo que obteve sua nomeação como Arcebispo-Bispo da Diocese de São Carlos, no Estado de São Paulo. No Pará o seu trabalho apostólico foi dos mais importantes tendo defendido a Igreja em prol da moral, dos costumes e da justiça. Foi transferido para a Arquidiocese de Maceió pela Bula do Santo Padre Pio XI, de 10 -de janeiro de 1923. Sobre o fato, lançou uma Carta Pastoral a 15 de agosto daquele ano.

Substituiu na Arquidiocese de Maceio a D. Manuel de Roni de Oliveira Lopes e tomou posse aos 16 de setembro de 1923, tendo governado o arcebispado por mais de quinze anos. Desenvolveu em Maceió trabalho de grande valor social, criando a Casa dos Pobres, o Colégio dirigido pelas religiosas de Santa Catarina, a Escola Doméstica dirigida pelas Irmãs de N. S. do Amparo, a “Aliança Eclesiástica” para o Clero de Maceió e muitas outras.

Sentindo-se doente, D. Santino deslocou-se para João Pessoa em 8 de setembro de 1937, vindo a falecer naquela cidade a 10 de janeiro de 1939, com 71 anos de idade. O seu corpo embalsamado foi trasladado para Maceió onde foi sepultado a entrada do Coro da Catedral, aos 12 de janeiro.

Foi o seu lema episcopal: “Dominus Fortitudo mea”.

APÊNDICE A – CATÁLOGO DAS FOTOGRAFIAS

CATÁLOGO FOTOGRÁFICO - ESPÓLIO FRANCISCO TANCREDO TORRES

Legenda: Eventos (EV) / Lugar (LU) / Pessoas (PE) / Arquitetura (AR) / Objetos (OB)

Nº	Categoria	Sub Categoria	Local	Ano	Descrição da imagem	Material	Cromia	Orientação	Medida (cm)	Conservação	Outras informações
001	PE	Horácio de Almeida	[s.l.]	[1932?]	Cinco homens: da esquerda para a direita: José Tavares, desconhecido, Verguiand Wanderley, desconhecido e Horácio de Almeida	Brilhoso	Sépia	Retrato	14x9	Bom estado	Escrito na fotografia o nome de Horácio no canto inferior e outro escrito não identificável. Escrito no verso: "da esquerda para a / direita:/ José Tavares,/ Verguiand Wanderley/ +- 1932/ e Horácio de Almeida"
002	PE	Horácio de Almeida	Baía da Traição	[s.d.]	Quatro homens em pé observando um lugar: Horácio de Almeida, Leon Clerot, Carlos Romero e João Soares Padilha	Folha de jornal	Preto e Branco	Paisagem	15x15	Bordas Frágeis	Recorte de Jornal com fotografia e reportagem. Fala sobre a viagem de Horácio de Almeida a Baiá da Traição com o objetivo de realizar pesquisas para o livro sobre a história da Paraíba
003	AR	Interior de residência	João Pessoa	1945	Sala de Jantar da residência de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Retrato	19x13	Bom estado	Sala de jantar com alguns objetos, no verso a inscrição: "Residência de Horácio de/ Almeida./ Av. João Machado, 259./ João Pessoa: 1945/ Sala de Jantar/Ignez Almeida"
004	PE	Horácio de Almeida	[s.l.]	1915	Foto de Perfil de Horácio de Almeida	Fosco	Preto e Branco	Retrato	11x7	Fotografia com falhas	Inscrição no verso: "Horácio de Almeida / Areia 1915/ tio Horácio"
005	AR	Interior de residência	João Pessoa	s.d.	Sala de visita, casa de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	19x13	Bom estado	Inscrição no verso: "Parte da sala de visitas da residência/ de Horácio de Almeida na Av. João/ Machado 259. João Pessoa - Paraíba."

006	EV	Horácio de Almeida - evento	Rio de Janeiro	1980	Horácio de Almeida autografando no lançamento do seu livro Dicionário Erótico da Língua Portuguesa e outras três pessoas desconhecidas	Fosco	Preto e Branco	Paisagem	19x13	Fotografia com falhas	Inscrição no verso: "Lançamento do /Dicionário Erótico da Língua Portuguesa/Rio, 14 de março de 1980/ assinatura de Horácio de Almeida"
007	AR	Casario	Areia	s.d.	Fachada do Casarão José Rufino	Papel	Preto e Branco	Retrato	16x11	Bom estado	Informação em datilografia: "Aqui nasceu/ Horácio de Almeida"
008	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1964	Dez homens em pé em evento	Fosco	Sépia	Paisagem	15x10	Bom estado	Inscrição no verso com assinaturas: "Federação da Academia de Letras/23-5-64/ Horácio de Almeida/ Othon Costa/ Luiz de Castro Souza/Astério de Campos/ José Augusto/ Mauricio Furtado"
009	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1981	Horácio de Almeida com duas pessoas	Fosco	Colorida	Paisagem	14x10	Bom estado	Inscrição no verso: "Chá da Sociedade dos/ homens de letra.s/ Rio, maio, 1981"
010	EV	Horácio de Almeida	Paraíba	1944	Horácio e outras pessoas em pé num evento	Fosco	Preto e Branco	Paisagem	15x9	Foto com manchas	Inscrição no verso: "1944/ Horácio de Almeida / Época que começou a militar/ na política na Paraíba". De cabeça abaixada possivelmente é Zé Rufino
011	PE	Horácio de Almeida	Paraíba	1922	Foto de Perfil de Horácio de Almeida	Fosco	Preto e Branco	Retrato	15X10	Fotografia com falhas	Inscrição no verso: "Aos meus bons pais/com a estima do/ Horácio de Almeida/ Par ^a , 15/4/22."
012	PE	Horácio de Almeida		1977	Pintura de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Retrato	11x10	Bom estado	Inscrição no verso: Retrato a um pro - / feta pintado por [Win] Van / Dyck em seu atelier/ de Petrópolis. Serviu / de modelo Horácio / de Almeida. Em maio/ de 1977."
013	PE	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1980	Foto de Perfil de Horácio de Almeida	Fosco	Preto e Branco	Retrato	15x10	Com manchas	Inscrição no verso: " Horácio de Almeida / Rio de Janeiro / 1980"
014	PE	Horácio de Almeida	João Pessoa	1937	Foto de Perfil de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Retrato	15x10	Com manchas	Inscrição no verso: "Horácio de Almeida / João Pessoa, 1937".

015	EV	Horácio de Almeida	João Pessoa	1941	Homens no evento de fundação da Academida Praibana de Letras	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	19x13	Com manchas	Inscrição no verso: "Sentados, da esquerda para a direita: / Hortênsio Ribeiro, Matias Freire, Coriola- /no de Medeiros, Horácio de Almeida e /Álvaro de Carvalho. Em pé: Celso/ Mariz, Durval de Almeida, A. Rocha/ Barreto, Veiga Júnior e Luis Pinto". "Fundação da Academia/Paraibana de Letras./ João Pessoa, 12-10-1941/ Horácio de Almeida"
016	EV	Horácio de Almeida	João Pessoa	1946	Horácio e outras pessoas a escuta de uma leitura	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	19x15	Com manchas	Inscrição no verso: "João Pessoa - PB/ 1946/ Horácio de Almeida (secretário do interior)/ Odon Bezerra (governador)"
017	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1980	Horácio de Almeida lançando seu livro Dicionário Erótico da Língua Portuguesa com filhos e netos	Fosco	Preto e Branco	Paisagem	19x15	Com manchas	Inscrição no verso: "Lançamento do / Dicionário Erótico da Língua Portuguesa/Grupo de família - filhos e netos/ Rio, 14 de março de 1980/ Horácio de Almeida"
018	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1946	Horácio de Almeida visitando um lugar	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	19x13	Com manchas	Inscrição no verso: "Época do governo de/ Odon Bezerra/ 1946/ Horácio de Almeida"
019	AR	Interior de residência	João Pessoa	[s.d.]	Sala da residência de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	18x13	Bom estado	Inscrição no verso: "Uma das salas da residência de/ Horácio de Almeida/ Av. João Pessoa Machado 259. João Pessoa / Paraíba"
020	AR	Interior de residência	João Pessoa	[s.d.]	Sala da residência de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	18x13	Bom estado	Inscrição no verso: "Outra sala de jantar/Av. João Machado, 259"
021	AR	Interior de residência	João Pessoa	[s.d.]	Sala de visita da residência de Horácio de Almeida	Brilhoso	Preto e Branco	Paisagem	18x13	Bom estado	Inscrição no verso: "Parte da sala de visita/Av. João Machado, 259/ João Pessoa - Paraíba"
022	PE	Antonio Carlos Silveira	João Pessoa	1945	Foto de perfil de Antonio Carlos Silveira	Fosco	Preto e Branco	Retrato	3x4	Com manchas	Inscrição no verso: "Ao amigo/ Tancredo uma/ expressão viva do/ meu grande afeto. Antonio Carlos Silveira/ João Pessoa/ 17/4/1945."
023	PE		[s.l.]	[s.d.]	Um homem e uma mulher, pais de padre Ruy Vieira	Fosco	Preto e Branco	Retrato	9,8x7,3	Com manchas	Pais de padre Ruy Vieira, Carlota Barreira Vieira e Hilário Vieira de Souza

024	PE		[s.l.]	[s.d.]	Um homem e uma mulher	Fosco	Preto e Branco	Retrato	15,4x10,1	Com manchas. Borda inferior escura	Sem mais informações
025	AR		Areia	1975	Imagem da Casa paroquial de Areia	Brilhoso	Colorida	Retrato	12,06x10	Bom estado	Escrito na foto "Casa Paroquial"
026	PE	Padre Ruy	Cisjordânia	[s.d.]	Padre Ruy visitando a Cisjordânia	Fosco	Colorida	Paisagem	14,06x10,1	Com manchas	Sem mais informações
027	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy ajoelhado numa igreja	Fosco	Colorida	Paisagem	14,09x10	Bom estado	Sem mais informações
028	PE	Padre Ruy e Carminha	[s.l.]	[s.d.]	Um homem e uma mulher	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Inscrição no verso: "Lalsberg"?
029	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy celebrando missa no túmulo de São Pedro	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Inscrição no verso: "Missa no túmulo de S. Pedro"
030	LU	Engenhos	Areia	[s.d.]	Engenho ipueira	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Inscrição no verso: "e - ipueira 16"
031	LU	Engenhos	Areia	[s.d.]	Engenho ipueira	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas e bordas frágeis	Inscrição no verso: "ipueira Areia" e "Donato Feitosa"
032	AR	Casario	Alagoa Grande	[s.d.]	Rua em Alagoa Grande, com destaque para uma residência	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas e bordas frágeis	Inscrição no verso: A Grande".
033	AR	Casario	[s.l.]	[s.d.]	Rua em Alagoa Grande	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas	Sem mais informações
034	AR	Casario	[s.l.]	[s.d.]	Rua em Alagoa Grande	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas	sem mais informações
035	AR		[s.l.]	1966	Imagem de um prédio	Fosco	Colorida	Paisagem	08,8x06,3	Com manchas	sem mais informações
036	PE		[s.l.]	[s.d.]	Um homem e uma mulher	Fosco	Preto e Branco	Retrato	10x7,5	Bom estado	Parentes de Padre Ruy Vieira
037	PE	Padre Ruy	Viena	[s.d.]	Padre Ruy e Maria do Carmo em Viena	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Escrito no verso: "Viena"

038	EV		[s.l.]	[s.d.]	Descerramento por Padre Ruy e professora Maria das Vitórias Silva do quadro com o retrato da Sra Carlota Barreira, patrona da Escola	Brilhoso	Colorida	Retrato	14,6x10	Com manchas	Escrito no verso: "Foto - 24 - B"
039	PE		[s.l.]	[s.d.]	Arcebispo Dom Moisés Sizenando Coelho	Brilhoso	Sépia	Retrato	13,5x8,4	Com manchas	Inscrição no verso: "D. Moises/que ordenou/Padre Ruy"
040	AR	Capela	Areia	[s.d.]	Capela da escola Carlota Barreira	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas	Escrito no verso: "Capela da escola Carlota/ Barreira em Areia, PB. Brasil/ tem como padroeira N. Senhora/ das Vitórias".
041	PE		Cuité	[197?]	Padre Ruy e outros dois homens	Brilhoso	Preto e Branco	Retrato	13,5x8,4	Com manchas	Escrito no verso: "Ao meu querido amigo cônego/ Vieira, lembranças do/ Miguel Arcanjo Almeida/ Cuité, 16-6-7?"
042	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e uma estante de livros e retratos ao fundo	Brilhoso	Colorida	Retrato	16,3x10,7	Bom estado	Sem mais informações
043	PE	Padre Ruy	Areia	1978	Frei Damião e Monsenhor Ruy Barreira Vieira	Brilhoso	Sépia	Retrato	14,4x09,7	Com manchas	Escrito no verso "Santas Missões Areia/ de 25 - Setembro a 1º 10 -/ 1978"
044	PE	Carminha	[s.l.]	[s.d.]	Professora Maria do Carmo Souza Lima	Brilhoso	Preto e Branco	Retrato	13,5x8,5	Bom estado	Informação no verso: "10881"
045	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy com pessoas à mesa	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações
046	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy, Maria do Carmo e outras pessoas participando de um evento	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações
047	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy abraçando um homem na rua	Brilhoso	Colorida	Retrato	15x10	Bom estado	Sem mais informações
048	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy conversando com um homem em uma biblioteca	Brilhoso	Colorida	Retrato	15x10	Bom estado	Sem mais informações
049	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e duas mulheres em uma biblioteca	Brilhoso	Colorida	Paisagem	12,2x8,8	Bom estado	Sem mais informações
050	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e um quadro ao fundo	Brilhoso	Colorida	Paisagem	12,9x8,7	Bom estado	Escrito no verso: "Casa na/ praia do Bessa/ JPessoa-PB/ 19.11.94"

051	EV		[s.l.]	[s.d.]	Inauguração do busto de Padre Ruy na praça D. Adauto por ocasião das comemorações do seu 40º aniversário. 9/10/1989	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações
052	EV		João Pessoa	1994	Homens na festa do 1º Centenário da Fundação Diocese da Paraíba	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Escrito no verso: " João Pessoa, 27.02.94/ Festa do 1º centenário da/ Fundação da Diocese da Paraíba"
053	PE		[s.l.]	[s.d.]	Freira e uma mulher de mãos dadas	Fosco	Preto e Branco	Retrato	8,5x6	Bom estado	Escrito no verso: "A mui bondosa/ Ir. Assistente, em/ lembrança de /Antônia Rosa"
054	PE		[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy em um jardim	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações
055	AR		São Luís	1969	Estátua no centro da fotografia, palmeiras e casas históricas.	Fosco	Preto e Branco	Paisagem	13,6x8,6	Amarelada	Escrito no verso: "Para o amigo Tancredo, quan-/ do vir a S. Luís, ter uma/ idéia da cidade dos velhos/ sobradões de azuleijos. / S. Luís, 6/8/69/ Francisco José"
056	AR		[s.l.]	[s.d.]	Rua de igreja com casas paralelas	Fosco	Preto e Branco	Paisagem	13,5x8,2	Amarelada	Sem mais informações
057	AR		[s.l.]	[s.d.]	Rua com pedestres e um veículo	Fosco	Preto e Branco	Paisagem	13,4x8	Amarelada	Sem mais informações
058	PE		[s.l.]	1923	Donina Torres sentada em uma cadeira de madeira com um buquê de flores	Fosco	Preto e Branco	Retrato	16,2x10	Amarelada	Escrito no verso: "As carrissimas amigas/ D. Joanninha e Nanzinha/ Fialho, como prova da gran/de amizade e consideração que/ lhes dedica, oferece: / Donina Torres/ 25/11/1923.
059	PE	Padre Ruy	[s.l.]	1999	Padre Ruy lendo algo em público	Brilhoso	Colorida	Retrato	12,3x8,8	Com manchas	Escrito no verso: "Foto J Maia/ Ao pesquisa-/dor e crítico/ F Tancredo /Torres- /Ruy mente /ou pensa nos bodes/ do prefeito / Adauto?/ 13/9/1999
060	PE		[s.l.]	[s.d.]	Mulher não identificada em possível evento	Fosco	Preto e Branco	Retrato	11,6x10	Com manchas	Sem mais informações
061	PE		[s.l.]	1996	Quadro com foto de homem religioso sentado com um livro nas mãos	Fosco	Preto e Branco	Retrato	15x10	Bom estado	Escrito no verso: "To Tancredo / Dom Carloto/ F Silva Távora/ 30/1/96-/ Tio da minha/ mãe -"
062	AR		Areia	[s.d.]	Casarios da cidade de Areia	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações

063	PE		[s.l.]	[s.d.]	Mulheres em pé	Fosco	Colorida	Paisagem	17,5x12,5	Com manchas	Sem mais informações
064	EV		[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy andando na rua com algumas autoridades	Fosco	Preto e branco	Paisagem	17,5x10,9	Com rasuras	É possível ver um cartaz agradecendo ao Padre Ruy
065	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Retrato de Padre Ruy de perfil	Fosco	Sépia	Retrato	13,2x8,3	Bom estado	Sem mais informações
066	PE	Padre Ruy	[s.l.]	1955	Padre Ruy com uma mão estendida olhando para o céu	Fosco	Sépia	Paisagem	16,7x11,1	Com rasuras	Escrito no verso: "O Padre Rui/ [avançe no futuro]/ no governo Pedro Gouveia/ 1955". Esta foi usada para pintura do teto da igreja.
067	PE		[s.l.]	[s.d.]	Três homens não identificados diante de uma mesa com louças e alimento	Fosco	Sépia	Paisagem	17x12	Com rasuras	Sem mais informações
068	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Fotografia do padre Ruy Vieira	Fosco	Sépia	Retrato	13,5x8,3	Bom estado	Escrito no verso da fotografia: "Seminarista cursando o curso de filósofo/ R B-/ Hilário Vieira". Foto encontrada com um papel com anotações: "O Seminarista/ Padre Ruy Vieira, no Seminário/ Arquidiocesano da Paraíba".
069	PE				Fotografia padre Ibiapina	Fosco	Sépia	Retrato	13,7x8,9	Com manchas	Escrito no verso: "Padre Ibiapina/ 1º centº de nasci-/ mento. 19/2/1983/ Arara- Santa Fé/ Pintado p/ Aurélio de/ Figueiredo." "Grus von Pe. Ruy/5/3/83" (tradução: saudações de Pe. Ruy)
070	LU		[s.l.]	[s.d.]	Bovinos em pasto verde	Brilhoso	Colorida	Paisagem	14,8x10	Bom estado	Sem mais informações
071	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy celebrando missa	Brilhoso	Colorida	Paisagem	14,7x10	Bom estado	Sem mais informações
072	AR		[s.l.]	[s.d.]	Busto do Padre Ruy	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações
073	PE		[s.l.]	[s.d.]	Retrato de um homem desconhecido	Fosco	Sepia	Retrato	10x8,1	Com rasuras	Sem mais informações
074	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e outras pessoas sentadas	Fosco	Sepia	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações
075	AR		Areia	[s.d.]	Busto do Padre Ruy	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Escrito no verso: "Areia/Busto do Padre/Ruy"
076	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy em sua casa com pessoas fazendo	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Sem mais informações

					refeição						
077	PE		[s.l.]	[s.d.]	Quatro homens a mesa bebendo, todos vestidos de terno.	Fosco	Preto e branco	Paisagem	6,5x6,5	Bom estado	Sem mais informações
078	PE		[s.l.]	[s.d.]	Homem em pé palestrando com pessoas sentadas a sua escuta	Fosco	Sepia	Paisagem	6,5x6,5	Com manchas	Sem mais informações
079	EV		[s.l.]	[s.d.]	Muitas pessoas em frente ao edifício. Homens com muitas crianças	Fosco	Sepia	Paisagem	6,4x6,3	Foto estourada	Sem mais informações
080	EV		[s.l.]	[s.d.]	Pessoas sentadas ouvindo um homem falar	Fosco	Sepia	Paisagem	6,5x6,2	Foto estourada	Sem mais informações
081	EV		[s.l.]	[s.d.]	Pessoas sentada	Fosco	Sepia	Paisagem	6,6x6,0	Foto estourada	Sem mais informações
082	EV		[s.l.]	[s.d.]	Pessoas reunidas conversando	Fosco	Sepia	Paisagem	6,2x6,0	Foto estourada	Sem mais informações
083	EV		[s.l.]	[s.d.]	Homem segura microfone enquanto mulher ler algo para a plateia	Fosco	Sepia	Paisagem	6,5x6,3	Foto estourada	Sem mais informações
084	PE		[s.l.]	[s.d.]	Horácio sentado a mesa com algumas pessoas, com bebidas a mesa.	Fosco	Preto e branco	Paisagem	6,5x6,3	Foto estourada	Sem mais informações
085	LU	Salão S. Vicente de Paulo	Pilões	[s.d.]	Muitas pessoas em frente ao edifício	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,0x6,2	Foto estourada	Há uma placa no edifício com a informação: "Ministério da Agricultura. Escola de Agronomia do Nordeste. Centro de Treinamento de Economia doméstica de Pilões".
086	EV		[s.l.]	[s.d.]	Muitas pessoas escutando um pronunciamento	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,4x6,3	Foto estourada	Sem mais informações
087	LU		[s.l.]	[s.d.]	Paisagem de planaltos e montanhas	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,3x6,2	Bom estado	Sem mais informações
088	AR	Salão S. Vicente de Paulo	Pilões	[s.d.]	Prédio da escola de agronomia em Pilões	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,4x6,0	Foto estourada	Sem mais informações
089	AR	Salão S. Vicente	Pilões	[s.d.]	Prédio do Salão S. Vicente de Paulo, em Pilões, PB	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,4x6,3	Com manchas	No prédio funcionava o treinamento de economia doméstica, da Escola de

		de Paulo									Agronomia do Nordeste.
090	EV		[s.l.]	[s.d.]	Pessoas sentadas ouvindo um homem falar	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,5x6,4	Foto estourada	Sem mais informações
091	EV		[s.l.]	[s.d.]	Reunião com a presença de figuras religiosas	Fosco	Preto e branco	Quadrado	6,4x6,5	Foto estourada	Sem mais informações
092	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy em pé a frente de um jardim	Brilhoso	Colorida	Retrato	12,3x8,7	Bom estado	Sem mais informações
093	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Pessoas sentadas a mesa, comemorando um aniversário	Brilhoso	Colorida	Paisagem	12,7x8,7	Bom estado	Escrito no verso: "Floracy e Moacir (irmão de Mons. Ruy) / [Dep.]Armando Vieira (primo de Mons. Ruy) / Hilário Vieira Filho (irmão de Mons. Ruy)".
094	EV	José Américo de Almeida	[s.l.]	[s.d.]	José Américo de Almeida e outros homens de pé, numa biblioteca	Brilhoso	Preto e branco	Paisagem	17,4x11,2	Com manchas	Provavelmente é a biblioteca da EAN
095	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Tião Gomes, padre Ruy e outras pessoas em um evento.	Brilhoso	Colorida	Paisagem	17,5x12,5	Com manchas	Sem mais informações
096	AR		[s.l.]	[s.d.]	Escola Estadual Carlota Barreira	Brilhoso	Colorida	Paisagem	17,5x12,5	bom estado de conservação	Sem mais informações
097	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy junto a um padre celebrando uma missa	Brilhoso	Brilhoso	Paisagem	17,5x12,5	Com manchas	Sem mais informações
098	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy com algumas pessoas em volta de uma mesa	Fosco	Sépia	Paisagem	8,2x5,2	Bom estado	Sem mais informações
099	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy frente a uma parede branca com três quadros pendurados	Brilhoso	Colorida	Retrato	17,5x12,5	Bom estado	Sem mais informações
100	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy de pé, próximo a um quadro com a foto de seus pais	Brilhoso	Colorida	Retrato	17,5x12,6	Bom estado	Sem mais informações
101	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy de pé, segurando um quadro, próximo a uma mulher não	Brilhoso	Colorida	Retrato	17,5x12,7	Bom estado	Sem mais informações

					identificada						
102	PE	Padre Ruy	[s.l.]	1999	Padre Ruy de pé em frente a um jardim	Brilhoso	Colorida	Retrato	17,5x12,7	Bom estado	No verso, uma escrita pouco compreensível: "A querida/ [?], com / estima/ Ruy/ [?], 14-2-99
103	OB	Escultura	[s.l.]	[s.d.]	Escultura de Nossa Senhora da Conceição	Brilhoso	Colorida	Retrato	17,5x12,7	Bom estado	Sem mais informações
104	PE	Padre Ruy	Alemanha	[s.d.]	Padre Ruy e uma freira, em um altar	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x9,5	Bom estado	No verso está escrito: "Alemanha"
105	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e outros 5 homens	Brilhoso	Colorida	Paisagem	17,5x12,7	Bom estado	Sem mais informações
106	PE	Padre Ruy	Areia	[s.d.]	Padre Ruy segurando o diploma da Academia Campinense de Letras, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição	Brilhoso	Colorida	Paisagem	17,5x12,7	Bom estado	Acompanha papel com escrito: "Padre Ruy exibindo o diploma da Academia Campinense de / Letras, na matriz de Nossa Senhora da Conceição / em Areia, PB".
107	OB	Escultura	[s.l.]	[s.d.]	Escultura de Nossa Senhora da Conceição	Brilhoso	Colorida	Paisagem	17,5x12,7	Bom estado	Sem mais informações
108	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Foto de perfil do Padre Ruy	Brilhoso	Colorida	Retrato	17,5x12,7	Bom estado	Sem mais informações
109	OB		Areia	[s.d.]	Pintura que está desenhada no teto da igreja Matriz de Areia	Brilhoso	Colorida	Paisagem	12,5x8,5	Bom estado	Sem mais informações
110	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy alimentando pombos em uma praça	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x9,5	Bom estado	Sem mais informações
111	PE	Padre Ruy	Berlim	[s.d.]	Padre Ruy e duas pessoas ao lado de uma parede onde está escrito "DemoKratie"	Brilhoso	Colorida	Paisagem	15x9,5	Bom estado	Escrito no verso: "Berlim"
112	EV		[s.l.]	1966	6 homens com trajes de futebol, num evento esportivo com torcida	Brilhoso	Colorida	Paisagem	8,7x6,3	Bom estado	Sem mais informações
113	EV		[s.l.]	1966	Reunião de várias pessoas a campo, se assemelhando a um evento fúnebre, contando com a participação de homens fardados	Brilhante	Colorida	Paisagem	8,7x6,3	Bom estado	No verso observa-se o número "497".

114	EV		[s.l.]	[s.d.]	Três homens e uma mulher em pé conversando	Brilhante	Sépia	Paisagem	12,1x8,6	Bom estado	Na borda superior, está escrito: "Dr Lauro Xavier - o orador, destacou/ a figura de Manoel da Silva".
115	AR	Rua	Areia	[s.d.]	Rua Dr. José Evaristo	Brilhante	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Escrito na fotografia no canto inferior: "Casario da cidade de Areia-PB-Brasil"
116	AR	Paisagem	Areia	[s.d.]	Vista aérea da cidade de Areia	Brilhante	Colorida	Paisagem	15x10	Bom estado	Na borda inferior, está escrito: "Vista aérea de Areia - PB - Brasil".
117	PE	Tancredo Torres	Campina Grande	1999	Tancredo entregando um livro a uma colunista	Brilhante	Colorida	Retrato	15x10	Bom estado	Escrito no verso: "Para você Tancredo/ esta foto de amigos /para sempre / carinhosamente: / [Levy Nunes]/ C. Grande, 23/7/99".
118	EV		[s.l.]	[s.d.]	Várias pessoas vestidas com trajes semelhantes a becas de colação de grau.	Brilhante	Colorida	Retrato	15x10	Bom estado	O local dispõe de azulejos semelhantes aos encontrados nos prédios do CCA-UFPA. Nas cadeiras, estão enfiados laços azuis (seria uma colação da agronomia?)
119	PE		[s.l.]	[s.d.]	um bebê sentado em uma poltrona	Brilhante	Colorida	Retrato	15x10	Bom estado	Sem mais informações
120	PE		[s.l.]	[s.d.]	Um rapaz de pé, a noite, com um cigarro na mão	Brilhante	Colorida	Retrato	14,5x9,5	Bom estado	Sem mais informações
121	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy sentado na orla de uma praia, com uma criança	Brilhante	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas	Sem mais informações
122	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy sentado à uma mesa, junto a um homem, uma mulher e duas freiras	Brilhante	Colorida	Paisagem	14,5x10	Bom estado	No verso está escrita uma frase cuja caligrafia é ilegível.
123	PE		[s.l.]	[s.d.]	Imagem de uma criança não identificada, sentada em uma cadeira	Brilhante	Colorida	Paisagem	11x8,6	Bom estado	Sem mais informações
124	PE		[s.l.]	[s.d.]	Uma mulher sentada em uma cadeira, lendo um livro	Fosco	Preto e branco	Retrato	25,2x15,5	Bom estado	Sem mais informações
125	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy próximo a uma mesa, junto a mais 4 homens não identificados, no que parece uma confraternização ou aniversário	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x17,7	Com manchas e rasuras	Sem mais informações

126	PE		[s.l.]	[s.d.]	Uma mulher e uma moça abraçadas	Fosco	Preto e branco	Retrato	25,2x16	Bom estado	Sem mais informações
127	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e outras religiosos em um evento	Fosco	Preto e branco	Paisagem	23,8x17,9	Bom estado	Sem mais informações
128	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e outros três figuras religiosas	Fosco	Preto e branco	Retrato	24x17,8	Bom estado	Escrito na fotografia: "Dom Fragoso, C ^{os} Alfredo, Ruy, Fernando e Cornélio, com".
129	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e outras três figuras religiosas não identificadas em uma igreja	Brilhante	Colorida	Paisagem	21,4x15	Bom estado	Sem mais informações
130	PE		[s.l.]	[s.d.]	Arcebispo Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques	Fosco	Sépia	Oval	21,5x15,5	Bom estado	Sem mais informações
131	PE	José Américo de Almeida	[s.l.]	[s.d.]	José Américo de Almeida com sua professora Julia Verônica dos Santos Leal	Fosco	Preto e branco	Paisagem	23x17,3	Com manchas	Sem mais informações
132	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy e outro homem de pé	Fosco	Preto e branco	Paisagem	22,7x16,8	Com manchas e rasuras	Sem mais informações
133	PE		[s.l.]	[s.d.]	Três crianças não identificadas	Fosco	Sépia	Paisagem	25x20	Com manchas	As crianças aparecem na fotografia de número 146, são familiares de Padre Ruy
134	EV	Padre Ruy	[s.l.]	João Pessoa	Missa comemorativa aos 40 anos de sacerdócio do padre Ruy	Brilhante	Colorida	Paisagem	25x20	Com manchas	Escrito no verso: "40 anos de / Padre". Acompanha uma folha onde está escrito "Missa pelos 40 anos de sacerdócio do padre Ruy Vieira na / Catedral Metropolitana da capital, celebrada por Dom José Maria / Pires".
135	LU	Engenho	Areia	[s.d.]	Duas fotos coladas do engenho Guarim	Brilhante	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas	Escrito no verso: "Eng. Guarim/ Areia, Milton Jovencio"
136	LU	Engenho	Areia	[s.d.]	Duas fotos coladas do Engenho Mandaú	Brilhante	Colorida	Paisagem	15x10	Com manchas	Escrito no verso "Areia: Eng. Mandaú: / Josenias Marcelino"
137	EV		[s.l.]	[s.d.]	Duas figuras religiosas sentadas a uma mesa e uma mulher de pé, falando ao microfone	Brilhante	Colorida	Paisagem	21,4x15	Bom estado	Sem mais informações

138	EV	Padre Ruy	[s.l.]	1984	Padre Ruy e outras 6 figuras religiosas reunidas de pé, próximos a uma mesa	Brilhante	Colorida	Paisagem	25x20	Bom estado	Escrito no verso: "Foto - 28 / redução para 17 cm". Comemoração dos 40 anos de sacerdócio de Padre Ruy. Da direita para esquerda: Co. Cornélio F. Belo, Mons. Ruy, D. Manoel Pereira da Costa, D. José Maria Pires, D. Antonio Fragoso, Co. Fernando Abath e Co. Alfredo Barbosa.
139	EV	Padre Ruy	João Pessoa	1994	Padre Ruy, sua afilhada e outros representantes da paróquia de Areia, na Câmara municipal de João Pessoa	Brilhante	Colorida	Paisagem	21,5x15	Bom estado	Escrito no verso "Câmara municipal de João Pessoa / Mons Ruy Vieira com a sua afilhada Camila Nóbrega / e representantes da Paróquia de Areia. / Novembro de 1994".
140	EV	Padre Ruy	João Pessoa	1994	Padre Ruy durante o recebimento de título de cidadão Pessoaense na Câmara municipal de João Pessoa	Brilhante	Colorida	Paisagem	21,5x15	Bom estado	Escrito no verso: "Flagrante do recebimento do Título de / Cidadão pessoaense. Da esquerda para a direita/ Dr. thales de Almeida, Cônego José Fidelis, profª Maria / das Vitórias, / Prof. Avani Queiroz / Monsenhor Ruy Vieira e outros".
141	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy utilizando trajes religiosos brancos	Brilhante	Colorida	Retrato	25x20	Bom estado	Sem mais informações
142	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy utilizando trajes brancos em um lugar com algumas pessoas ao fundo	Brilhante	Colorida	Retrato	25x20	Bom estado	Sem mais informações
143	EV		Areia	[s.d.]	Padre Ruy junto a alguns homens e mulheres durante a inauguração da rede elétrica de Cepilho	Fosco	Preto e branco	Paisagem	23x16,7	Com manchas	Escrito no verso: "[?] / Inauguração solene da luz de Cepilho, ativi-/ dades do Pe. Ruy".
144	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Padre Ruy junto a alguns representantes religiosos durante uma missa	Brilhante	Colorida	Paisagem	20x15	Bom estado	Sem mais informações
145	PE		[s.l.]	[s.d.]	4 pessoas não identificadas: da esquerda para a direita, uma mulher vestida de branco, um homem com bata religiosa, um homem de terno branco e outro homem de bata religiosa	Fosco	Preto e branco	Paisagem	25x20	Bom estado	Sem mais informações

146	PE	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Família de Padre Ruy: no canto direito Carlota Barreira e em pé Hilário Vieira, pais de Padre Ruy	Fosco	Preto e branco	Paisagem	21x15	Bom estado	Sem mais informações
147	EV	Padre Ruy	[s.l.]	[s.d.]	Várias figuras religiosas não identificadas, em uma arquibancada, entre elas o Padre Ruy	Fosco	Preto e branco	Paisagem	23,8x18	Com manchas	Sem mais informações
148	PE		[s.l.]	[s.d.]	Foto de perfil de Santos da Costa Gondim, avô materno de Horácio de Almeida	Fosco	Preto e branco	Retrato	18x15	Bom estado	Escrito no verso: "Santos da Costa Gondim, avô ma-/terno de Horácio de Almeida. / Nasceu em 1809. Era filho de João Batista Borges da Fonseca e / Joana Gertrudes Palmeira./ Recebeu o sobrenome , Costa /Gondim, em homenagem a/ seu padrinho, dando assim/ início a família Costa Gondim / em Areia-PB. /Casou-se com Maria Franca /Torres em 04 de junho de 1846 /morreu em 1894". "casou com 37 / morreu 85".
149	PE		[s.l.]	[s.d.]	Foto de perfil de Maria Franca Torres, avó materna de Horácio de Almeida	Fosco	Preto e branco	Retrato	17,9x15	Bom estado	Escrito no verso: "Maria Franca Torres, avó /materna de Horácio de Almeida. /Nasceu em Areia em 1826. /Era filha de Francisco Jorge/ Torres e Maria Franca Torres/ casal de portugueses./ Casou-se com Santos da Costa /Gondim em 04 de junho de/ 1846, na cidade de Areia. /Morreu em 1872, vítima de/ tifo no Engenho Vaca Brava /que pertencia a seu marido." "casou com 20/ morreu com 46".
150	PE		[s.l.]	[s.d.]	Família Simões	Fosco	Sépia	Retrato	17,2x11,2	Com rasgos e manchas	Escrito no verso: "Dr. Augusto Almeida/, Pe. Inácio/ M. José Américo de Almeida".
151	PE	Horácio de Almeida	Goiás	1972	Horácio de Almeida no encontro das Academias de Letras do Brasil	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x18	Com manchas	Na borda inferior , legenda: "Encontro em Goiás das Academias de Letras do Brasil. Goiânia de 20 a 24 de abril de 1972"

152	EV	Horácio de Almeida	Areia	1922	Casamento de Horácio e Corinha	Fosco	Preto e branco	Paisagem	26,5x17,8	Com manchas	Escrito no verso: "Casamento de Horácio de Almeida e Corinha realizado em/ Areia no dia 12-12-1922/ Retrato do grupo. Da esquerda para a direita em pé:/ Pedro Perazzo - Germano de Freitas - Armando de Freitas - João D'Avila/ Lins - Major Remígio D'Avila Lins - Rivaldo Garcia - Eudocia[?]/ Garcia - Sinhazinha D'Avila Lins. / Sentados:/ Ana Joaquina (Donana) - Adelaide Jocunda (Yaya) - Horacio - /Corinha - Manuel Torquato - Naniza Leal - Delquito /Garcia Severina Freitas e Honorina de Freitas".
153	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1962	Horácio de Almeida segurando uma folha de papel e discursando na posse de Alcides Carneiro	Fosco	Preto e branco	Paisagem	23,5x17,30	Bom estado	Escrito no verso: "Academia Paraibana de Letras/ Posse de Alcides Carneiro/ 3 de novembro de 1962/ Horácio de Almeida - falando".
154	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1970	Horácio de Almeida e outras Três pessoas na Federação das Academias de Letras	Fosco	Preto e branco	Paisagem	18,5x24,5	Bom estado	No verso está escrito "Federação das Academias de Letras / 1970"
155	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1948	Horácio de Almeida e mais outros tres homens bebendo algo em taças	Fosco	Preto e branco	Paisagem	17x23,2	Bom estado	No verso, algumas palavras ilegíveis e "Horácio de Almeida" "Rio 1948". Há um carimbo no canto inferior do verso "Foto - Mozart/ Rua Mexico 41 s/ 1003/ foto n° 7526".
156	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1974	Horácio de Almeida e outras pessoas num evento	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x18	Bom estado	No verso está escrito "Ceráculo Brasileiro de Letras e Artes / Sessão do dia 4 de maio de 1974".
157	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1980	Lançamento do livro Dicionário erótico da língua portuguesa	Fosco	Preto e branco	Paisagem	27x18,8	Bom estado	No verso está escrito "Lançamento / Dicionário erótico da língua portuguesa/ Rio, 14 de março de 1980 / Horácio de Almeida" (assinatura)
158	EV		[s.l.]	1970	Cinco pessoas sentadas a uma mesa, em frente a um público	Fosco	Preto e branco	Paisagem	28,8x18	Bom estado	No verso está escrito "Federação das Academias de Letras / 1970"
159	PE	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1973	Horácio de Almeida apertando a mão de Nair	Fosco	Preto e branco	Retrato	24x18	Bom estado	No verso está escrito "Nair Starling / Rio, 25-8-73".

		Almeida			Starling						
160	EV	Horácio de Almeida	João Pessoa	1962	Posse de Dr. Alcides Carneiro na Academia Paraibana de Letras	Fosco	Preto e branco	Paisagem	23,5x17,5	Bom estado	Escrito no verso: "Da esquerda para a direita / Jorge Lira, Maria Helena de Almeida Lira / Horácio de Almeida / Oscar de Castro / Alcides Carneiro / Euline R. de Almeida / João Pessoa - PB, Academia Paraibana de Letras / 3 de novembro de 1962 / Por ocasião da posse do Dr. Alcides Carneiro."
161	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1977	Fotografia da Posse de Hugo Silva	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x17,8	Bom estado	Escrito no verso "Ao consagrado beletista Dr. Horácio / de Almeida, - exemplo vivo, para os mais / jovens de vigor mental e atividade / cultural - por sua honrosa e carinhosa / presença em minha modesta posse no / Vernáculo Brasileiro de Letras e Artes,/ minha profunda admiração e / sincera gratidão. / Hugo Silva / Rio, Julho 1977."
162	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1976	Horácio de Almeida de pé, discursando ao microfone	Fosco	Preto e branco	Retrato	24,3x17,6	Bom estado	Escrito no verso "Sociedade dos homens de letras/ Rio - março - 1976 / Horácio de Almeida" (assinatura).
163	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1978	Horácio de Almeida com uma mulher, no lançamento do livro "Historia da Paraíba"	Fosco	Preto e branco	Retrato	24x18	Bom estado	Escrito no verso "Lançamento de História da Paraíba./Rio - 15 - 06 - 1978"
164	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1980	Horácio de Almeida apertando a mão de outro homem	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x12	Com manchas	Escrito no verso "Instalação da / Academia Brasileira de Literatura/ Rio, 21-8-1980"
165	PE	Horácio de Almeida	[s.l.]	[1922?]	Horácio de Almeida de pé, ao lado da sua esposa que está assentada em uma cadeira, usando trajes de noiva e segurando flores.	Fosco	Preto e branco	Retrato	24x18	Com manchas	Sem mais informações
166	PE	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1946	Horácio de Almeida sentado ao lado do General Eurico Gaspar Dutra	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x18	Com manchas	Escrito no verso "Palacio do Catete/ 1946/ Horácio e o Gen. Eurico Gaspar Dutra / quando presidente do Brasil/ Horácio na ocasião exercia o cargo de Secretário / do Interior no governo Odon Bezerra".

167	LU	Horácio de Almeida	João Pessoa	[s.d.]	Horácio de Almeida e sua família no alpendre de sua casa	Fosco	Preto e branco	Paisagem	28,8x20	Bom estado	Escrito no verso "Residência de Horácio de Almeida, na / Av. João Machado nº 259 - João Pessoa - PB. / No alpendre, Horácio e Corinha com / os filhos. / Adquiriu esta casa em 1933, onde morou / com a família, até fins de 1946, quando / mudou-se para o Rio de Janeiro. "
168	PE	Horácio de Almeida	João Pessoa	1936	Filhos de Horácio de Almeida e Corinha	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x18	Com manchas	Escrito no verso "Filhos do casal Horácio e Corinha / Átila Augusto, Armênia, Libânia, / Luiz José, Carlos Eduardo, Ignez e Doris / João Pessoa, 1936".
169	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1976	Posse de Horácio de Almeida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x18	Com manchas	Escrito no verso "Posse de Horácio de Almeida no / Instituto Histórico e Geográfico Bra- / sileiro, em 26 de Maio de 1976 / Rio de Janeiro".
170	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1976	Posse de Horácio de Almeida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Fosco	Preto e branco	Paisagem	24x18	Com manchas	Escrito no verso "Posse de Horácio de Almeida no / Instituto Histórico e Geográfico / Brasileiro em 26 de maio de 1976 / Rio de Janeiro".
171	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	[s.d.]	Horácio discursando ao microfone, sentado em uma mesa, ao lado de outros homens não identificados	brilhante	Colorida	Paisagem	24x18	Com manchas	Sem mais informações
172	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1974	Horácio de Almeida ao lado de Antonia Vinhais? durante sua posse no Cenáculo Brasileiro de letras e Artes	Fosco	Preto e branco	Paisagem	17x11,6	Bordas frágeis	Escrito no verso "Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes - Sessão de 7-6-1974 - Posse de Antônia Vinhais".
173	EV	Horácio de Almeida	Rio de Janeiro	1980	Horácio de Almeida segurando uma folha de papel, ao lado de um homem não identificado.	Fosco	Preto e branco	Paisagem	13,4x8	Com manchas	Escrito no verso "Instalação da/ Academia Brasileira de Literatura/ Rio, 21-8-1980".
174	EV	Horácio de Almeida	[s.l.]	1974	Horácio de Almeida discursando ao microfone	Fosco	Preto e branco	Retrato	8,3x6,2	Com manchas	Escrito no verso "Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes/ Sessão de 7-6-1974 - Posse de Antônia Vinhais".
175	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Química Analítica	Fosco	Preto e branco	Paisagem	13,3x8	Com manchas e desbotada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Química Analítica, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".

176	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Vista das pocilgas	Fosco	Preto e branco	Paisagem	3,5x10	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Vista parcial das pocilgas, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
177	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Fitopatologia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Fitopatologia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
178	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Química Agrícola e Geologia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Química Agrícola e Geologia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
179	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Departamento de Agricultura	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Vista parcial do Departamento de Agricultura, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
180	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Aparelhamento para microfotografia. Imagem dos microscópios	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Aparelhamento para microfotografia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
181	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Aparelhamento para microfotografia. Imagem dos microscópios	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Aparelhamento para microfotografia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
182	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Anatomia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Anatomia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
183	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Entomologia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Entomologia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
184	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Engenharia Rural	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Engenharia Rural, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
185	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Química Analítica	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Química Analítica, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
186	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Química Agrícola e Geologia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Química Agrícola e Geologia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
187	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Aparelhamento para microfotografia. Imagem dos microscópios	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Aparelhamento para microfotografia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
188	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Química Analítica	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Química Analítica, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
189	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Aparelhamento para microfotografia. Imagem dos microscópios	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Aparelhamento para microfotografia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".

190	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de Anatomia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada e amarelada	Registrado na borda inferior "Gabinete de Anatomia, E.A.N., AREIA - PARAÍBA".
191	PE	-	[s.l.]	[s.d.]	Imagem de perfil do Conego Francisco Gomes de Lima	Fosco	sépia	Retrato	-	Com manchas	Escrito no verso "Conego Francisco Gomes de Lima / quando servira ao exército".
192	PE	-	[s.l.]	[s.d.]	Imagem de perfil do Conego Francisco Gomes de Lima	Fosco	Sépia	Retrato	-	Com manchas	Escrito no verso "Conego Francisco Gomes de Lima quando servira ao exército e / mais tarde ordenado sacerdote/ Conego Francisco Lima, Vig° de Areia de 1941 a 1948 / Areia, 26/08/2007 FTTorres" (assinatura).
193	PE		[s.l.]	[s.d.]	Casamento de Ossias Salatiel Pereira e Dalila Almeida	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Com manchas	Escrito no verso "casamento de Dr. Ossias Salatiel Pereira e Dalila Almeida"
194	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Gabinete de mineralogia	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Com manchas	Escrito no verso "Gabinete de Mineralogia / EAN /Areia - Pb".
195	LU	EAN	Areia	1940	Construção do serpentário	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Com manchas	Escrito no verso "Construção do serpentário da / EAN onde hoje é a cantina - 1940? / a cantina é de 1949".
196	PE		Recife	1951	Tres mulheres sentadas em um banco	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Desbotada	Escrito na frente "Jardim do Club Portugues: Recife". Escrito no verso "Para / voce, Tancredo, / atenciosamente sua / amiga: /Djane / Areia, 22/4/951".
197	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Departamento de Agricultura	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Amarelada	Escrito no verso "Vista parcial do Departamento de Agricultura, E.A.N., AREIA- PARAÍBA".
198	LU	EAN	Areia	[s.d.]	Construção do Serpentário	Fosco	Preto e branco	Paisagem	-	Com manchas e amarelada	Escrito no verso "Serpentário EAN onde / é a cantina - 1948 / A cantina foi inaugurada /1949 por Dr. Osvaldo Trigueiro/ à época Gov. Paraíba./ Tancredo".

APÊNDICE B – CATÁLOGO DOS JORNAIS

Catálogo Jornais – Espólio Francisco Tancredo Torres					
Nº	Nº do Ano	Mês	Ano	Quant.	Principais Matérias e Observações
01	02	Maio	1980	02	<ul style="list-style-type: none"> • Ruy Barreira Vieira (Texto de Ezilda Milanez Barreto- madrastra de Haroldo Barreto) dando as boas-vindas à chegada de Padre Ruy em Areia trazendo benefícios para a cidade; • Monsenhor Jerônimo César (Texto de Tancredo Torres enaltecendo o Centenário de nascimento do Cônego, contando sua vida sacerdotal até sua morte em 1949); • As cigarras do Brejo (Texto de Manuel Félix da Silva, Professor da UFPB e esposo de Dra Niédja Silva, onde fala sobre as cigarras e suas características entomológicas, suas crenças e a beleza do som no final da tarde especialmente no Centro de Ciências Agrárias); • 18 de Maio - Texto de Carminha Souza, ressaltando a importância de Areia em décadas passadas para o Estado, com contribuições em todas as áreas, como culturais e políticas; • Areia e Futebol - Paulino Arantes escreve sobre a formação do Jaguar Futebol Clube com suas conquistas e participação efetiva no esporte da Paraíba, mesmo sem apoio político. O time encerrou suas atividades em 1966. Destaca-se também no texto a reclamação por um campo de futebol que naquela época não existia em Areia; • Aconteceu - coluna escrita por Francisco Tancredo Torres onde informava em pequenas linhas acontecimentos do mês anterior: destaque para a missa de trigésimo dia de falecimento de José Américo de Almeida com discursos de Padre Ruy e das freiras do Colégio Santa Rita. Outra informação foi o recebimento de título de cidadã areiense a Prof. Niedja do Nascimento Silva, em 1 de abril de 1980, na Câmara Municipal.
03	02	Julho	1980	02	<ul style="list-style-type: none"> • Texto de Dr. Manoel Gouveia sobre a construção do Hotel Bruxaxá e sua relevante importância para a economia e turismo de Areia; • Vultos areienses: coluna escrita por Francisco Tancredo Torres. Neste exemplar fala sobre Antônio Pereira dos Anjos - comerciante bem sucedido da cidade e dono de uma loja muito grande no centro de Areia, A Fidelidade. Também foi a primeira pessoa a trazer o telefone para Areia em 1892, destacando que, no mesmo período João Pessoa possuía um telefone. Antônio Pereira dos Anjos faleceu em 11 de outubro de 1934, no Recife, e seu corpo foi embalsamado para Areia;

					<ul style="list-style-type: none"> • Sugestão aos colegas - Texto de Manoel Félix (Professor do CCA): o autor enfatiza a importância da agricultura e dos agrônomos na economia, mas também sugere mudanças bruscas no melhoramento dessa profissão e mais reconhecimento; • Artur Lopes da Silva- Texto de Sílvia Perazzo Barboza, esposa do Professor Abel Barboza, e grande musicista e pianista areiense, falando sobre o folclore e sua contribuição para a cidade participando da Nau Catarineta com apenas 12 anos, mas também pede que maiores incentivos sejam feitos para não deixar que o folclore e a cultura sejam esquecidos; • Exaltação a Areia -Texto de José Alves de Lima: escreve sobre a potencialidade cultural que Areia representa. O autor destaca também a necessidade de progresso da cidade em todos os aspectos; • Matematicidas - Texto de Assis Melo. Escreveu uma pequena coluna enfatizando o uso da matemática no dia a dia e sua função e importância para várias profissões; • Aniversariou Padre Ruy: lembrete do aniversário de Padre Ruy descrevendo que muitos amigos o felicitaram na data do dia 24 de maio; • Frei Martinho Jansweid, o servo de Deus: Texto de Crisalda de Almeida Silveira (Professora do Colégio Santa Rita) relata o cinquentenário de sua morte, suas boas ações em cidades do interior como construção de escolas e igrejas. Relata também que a Fraternidade que homenageia o Frei em Areia é composta por Maria Augusta de Medeiros Jardimino (Professora) e por Niedja Santos do Nascimento (Professora do CCA); • Dia 19/11/1979- Uma justa homenagem (Pedro da Cunha Lima Filho) - Texto em agradecimento e comemoração pelos 30 anos da chegada de Padre Ruy a Areia e suas boas ações; • O sonho acabou (Nésio Antônio Moreira Teixeira de Barros): o texto retrata sobre um grupo de jovens (Jovens Pra Frente), em 1970, que promovia festas para as ações da Igreja, o grupo se reunia no Centro Social Dom Moisés, perto do Colégio Santa Rita. Relata também que o grupo promovia bingos, shows dançantes para realização da Festa do Rosário e a pintura da Igreja. Lançou-se a ideia da formação de um grupo musical, já existiam os componentes e alguns instrumentos musicais. Porém, várias tentativas foram feitas para arrecadação de ajuda financeira para formar o grupo, tendo resultados negativos, o grupo chegou ao fim e por isso, o sonho acabou.
04	02	Agosto	1980	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses II Dom Adauto - Texto de Francisco Tancredo Torres. Descreve a vida de Dom Adauto, nascido em Areia no dia 30 de agosto de 1855. Relata sua ida à Europa para estudar filosofia e depois sua volta ao Brasil. Fundou e ajudou a fundar várias escolas na Paraíba, entre elas contribuiu

				<p>para a abertura do Colégio Santa Rita, em Areia. Foi o primeiro bispo e arcebispo da Paraíba. O texto continua com adjetivos ao Dom Aduino e sua importância tanto para Areia quanto para a Paraíba;</p> <ul style="list-style-type: none"> • O músico alfaiate - Texto de Sílvia Perazzo Barbosa: relata a vida de Francisco Rafael, conhecido como Picico, membro da Banda de Música local que organizou seu próprio clube orquestral em 1908. Destaca também sua vida como alfaiate, e que sua “banda” estava localizada na Rua do Teatro e sua alfaiataria na Rua Getúlio Vargas. Era sempre muito educado e gostava de sentar-se à porta da alfaiataria aos domingos. Faleceu em 1936, em Campina Grande, com problemas reumáticos; • Texto de entrada fala sobre Areia e sua vantagem em ter muita água e que é distribuída para várias cidades. A crítica é que a cidade tem vários mananciais que fornecem água para cidades vizinhas, mas que falta água para a própria população. Relata o descaso da CAGEPA e a falta de compromisso com a população areiense; • Cônego Tobias- Texto de Padre José R. Fidelis (durante muito tempo foi padre na cidade de Remígio). Relata a vida fotográfica do Cônego Tobias, e também a participação de Tancredo Torres nessa “aventura”. Fala de amigos padres que também contribuíram neste projeto; • Areia e o Censo de 1980 -Texto de Patrício Maracajá onde retrata o início do Censo Demográfico feito em Areia no dia 1 de setembro pelo IBGE e sua importância para Areia e as outras cidades como uma forma de melhoramento econômico; • Dona Júlia- Texto de Plácido Manso: O texto relata a vida da areiense Júlia Verônica dos Santos Leal, nascida em 9 de julho de 1871. Começou cedo os estudos de Português e Música Vocal. Tornou-se professora e ensinou tanto na zona rural quanto na urbana, onde fundou o Curso Júlia Leal. Ficou na pobreza e teve ajuda de várias alunas para não passar fome. Morreu em 10 de fevereiro de 1971; • Adeus, Areia. Poema de Severino Jardimino de Azevedo retratando sua partida de Areia para estudar fora; • E a sirene deixou de tocar. Texto de Antônio Carlos Queiroz Teixeira de Barros (ex prefeito de Areia na década de 90) - Relata o fechamento da fábrica Fiação e Tecelagem Arenópolis S/A. que era situada na Rua do Sertão (onde hoje fica nas proximidades do prédio da Caixa Econômica, em Areia). Fundada em 1930, a fábrica empregava diversas famílias da cidade e acelerava a economia de Areia. Funcionou até 1974, quando os funcionários foram pegos de surpresa quando chegaram para trabalhar em um dia normal, mas encontraram o salão vazio, pois as máquinas tinham sido levadas para uma filial na capital do Estado, causando desespero e choro nos trabalhadores e familiares. O texto prossegue com pedidos de reivindicação das autoridades políticas locais para uma possível
--	--	--	--	--

					<p>“ressuscitação” da fábrica, mas nada pôde ser feito. A fábrica fechou e muitos moradores foram morar em João Pessoa, mais especificamente no Bairro de Mandacaru, tentar a vida de outra forma ou trabalhar na filial na capital;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Esportes: coluna onde cita dois atletas areienses que participaram de eventos esportivos na Paraíba. Os dois atletas eram: Edmundo Marinho do Monte Silva e Valter Cardoso (popularmente conhecido como Tonga); • Dos clássicos à pornografia (Texto de Assis Melo) - Crítica sobre o aparecimento do gênero pornô nas bancas de jornais, e que requer maiores condições financeiras para comprar determinada revista; • Na seção Fatos: cita-se a presença do Jornal Areiense na Europa: Holanda, Alemanha e Itália.
05	02	Setembro	1980	01	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses - João Lourenço- Texto de Francisco Tancredo Torres: Nasceu no dia 8 de fevereiro de 1893, foi redator do Jornal oficial “A União” e da Assembleia Legislativa da Paraíba. Depois foi para o Rio de Janeiro estudar Direito. Lá conseguiu trabalhar em diversos jornais, além de trabalhar também para o Governo Federal como Ministro do Tribunal de Contas no Governo do General Eurico Gaspar Dutra. Na sua cidade natal, várias homenagens foram feitas, principalmente pelas irmãs do Colégio Santa Rita e pela Igreja Nossa Senhora da Conceição; • Independência - Texto de capa do jornal. Relata os desfiles de independência na cidade, com a participação das escolas nas ruas, mas com poucas pessoas assistindo. O texto continua falando dos problemas que o Brasil enfrenta e que causa certo desconforto na população. Nota-se um desinteresse nas pessoas que desfilaram no dia 7, mostrando frieza e falta de patriotismo, associando essa falta de entusiasmo aos problemas que o país enfrenta e a invasão das empresas internacionais no Brasil; • Areia- Celeiro de Artistas -Texto de Assis Melo- Areia sempre foi uma terra cheia de influências em todos os ramos na Paraíba e no Brasil. Porém deve-se destacar o ano de 1933, quando um Conjunto Musical foi formado com artistas da cidade. A criação aconteceu sob apoio de muitos, mas também sofreu críticas. As pessoas que formavam o conjunto foram: Cidalino Pimenta (clarineta), Dr. Walfredo Alves, Francisco Neves, Jacinto Martins de Abreu, Manuel Nunes (violinista), Severino José dos Santos, Rafael Freire, Lauro Santos entre outros. Destaque desse conjunto foi uma apresentação em uma cerimônia de visita do Presidente Getúlio Vargas a Areia juntamente com José Américo de Almeida e que rendeu muitos elogios na noite de apresentação; • Esportes- Coluna de Manoel Adair de Araújo (Presidente da Associação Atlética do CCA nos anos 80) Relata a realização dos Jogos Universitários e a participação de atletas de Areia em diversas modalidades; • Apologia à mestra das mestras -Texto de Ezilda Milanez Barreto (mãe de Haroldo Barreto, familiar de

					<p>Tancredo Torres): enfatiza a genialidade de Júlia Leal mesmo depois da velhice, mas que ainda permanece inteligente e capaz de discutir vários temas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • O circo e a vida (Texto de Beatriz Perazzo Barbosa - professora, violinista e poeta areiense) fala do circo como um instrumento de diversão, descrevendo os trapezistas, músicos e mágicos. O texto segue com alusão ao circo como uma comparação à vida; • Os jovens, nossa esperança (Texto de Carminha Duarte, Professora Areiense): Fala de um grupo de jovens que formaram um Coral do CCA/NEC liderado por Sílvia Perazzo como uma forma de desenvolvimento do folclore areiense e pede interesse dos outros jovens da cidade a participarem de mais eventos culturais que engrandeçam a cultura e a cidade; • Areia- Pioneira no Movimento Ecológico na Paraíba (Texto de Edilson e Marcos) - Fundação da APAN (Associação Paraibana dos Amigos da Natureza) em 15 de setembro de 1978 no Centro Social Pio XII por alunos do Centro de Ciências Agrárias. A APAN é uma entidade sem fins lucrativos e que visa a preservação do meio ambiente. Participou de vários eventos e palestras pelo Brasil e luta contra o massacre da baleia. Ainda se relata a necessidade de regularização e registro de estatutos.
06	02	Outubro	1980	02	<ul style="list-style-type: none"> • Refletindo: Texto de entrada da sexta edição: Evento realizado pelo Lions Club de Areia com o Professor Amaury Vasconcelos de uma palestra sobre sua viagem à Europa, principalmente aos países da Escandinávia e Leste Europeu. A principal observação do palestrante durante sua visita foi a desintegração da família para um pensamento mais capitalista e por outro lado comentou sobre sua visita à Rússia e sua peculiar cultura. A palestra seguiu sendo ouvida com entusiasmo pelas pessoas no Teatro Minerva; • Vultos Areienses: Rita Ramalho - Nascida em 10 de maio de 1913, sempre teve a religiosidade como sua principal tarefa. Durante toda a vida tem a religião católica como base. Há relatos de graças alcançadas em intervenção de Rita Ramalho, principalmente quando sua mãe esteve doente de câncer, e de uma graça alcançada. Faleceu em 4 de novembro de 1948 e seus restos mortais estão na Basílica Nossa Senhora da Penha, no Recife, onde muitos fiéis a visitam; • A cavalhada (Texto de Antônio Melo) - Descreve um tipo de jogo de origem Ibérica bastante difundido no Nordeste e também em Areia, principalmente na zona rural. Chamado de argolinha pelos locais, foi bastante praticado por pessoas da época em Areia, principalmente nos fins de semana; • Evolução cultural da batatinha na Paraíba (Manoel Félix da Silva- Professor do Centro de Ciências Agrárias): Relata a implantação da batatinha na região de Esperança em 1906 e em Remígio (1916), sendo prejudicada por uma seca entre 1920 e 1929. O texto continua relatando o desenvolvimento e importância dessa cultura na região, durante um certo período a produção teve uma baixa, mas com o

					<p>incremento de técnicas de adubação orgânica a produção alavancou e obteve grandes colheitas;</p> <ul style="list-style-type: none"> Um areiense de Remígio- Texto de Pe. José Rodrigues Fidelis- Descreve a visita do Padre de Remígio, de Areia e do Agrônomo Fernando Gondim para recepcionar o Padre Luiz Santiago no Museu Regional de Areia. O Padre Luiz fez doação de livros, moedas e armas antigas. Dentre essas doações, está uma moeda da época do Império.
07	02	Novembro	1980	07	<ul style="list-style-type: none"> Hotel, favelas e coisas mais- Texto de entrada sobre a construção do Hotel Bruxaxá e sua demora na execução. o Hotel fica em uma região de área pobre com casas de alvenaria, e o texto até cita o perigo da proliferação da doença de Chagas, porém há a necessidade da retirada dos moradores daquela região conhecida como Favela do Taquari para melhorar a urbanização e construir o Hotel. O texto termina com a ideia que o Hotel trará benefícios econômicos para Areia, além da esperança na melhoria do turismo; Vultos Areienses: Ana Emília da Silva (Nenem): Zeladora da Igreja do Rosário e que nas horas vagas fazia serviços voluntários como Professora para as pessoas mais necessitadas. Contribuiu também em outros lugares de Areia como a Casa de Pedro Américo, doando uma palmatória que pertencia à professora de Pedro Américo. D Nenem nasceu em 11 de novembro de 1882 e faleceu em 6 de maio de 1964; “Areia, cidade esquecida” -Texto de Antônio Carlos Queiroz Teixeira de Barros (ex-Prefeito de Areia na década de 90): Relato feito como uma forma de resgate para os mais jovens do que Areia representou para o Estado e o país. Mas que reforça também a questão que Areia precisa ser resgatada e reconhecida nos dias de hoje. Várias reivindicações são feitas no texto: a construção da CEHAP, conjunto habitacional esquecido pelo Poder Público; a abertura da Caixa Econômica, o Hotel Turístico; Um ano de vida - Texto comemorativo do primeiro ano de circulação do Areiense. Retrata-se o jornal como um instrumento informativo e que ajuda no registro da história de Areia, com várias contribuições culturais e educacionais; Crise de decisões - Texto de Nésio Antônio: Fala sobre a crise de energia que assola o mundo e consequentemente o Brasil. Citando até um projeto realizado por técnicos do Centro de Ciências Agrárias de saída natural de biomassa. Relata a questão da fome no mundo e do consumo exacerbado de alguns países. O texto finaliza agradecendo à ONU por ajudar a erradicar tais problemas;

					<ul style="list-style-type: none"> • O que é o NAI? Texto que fala sobre o Núcleo de Assistência Industrial da Paraíba, que é uma sociedade civil sem fins lucrativos com a finalidade de dar apoio técnico, gerencial e de crédito para micro e médias empresas. O texto continua com orientações de como os interessados devem fazer para adquirir esse apoio; • Areia viu, Areia vê - Texto de José Alves de Lima: Relata o sofrimento de Ana Tristão, filha de Tristão Grangeiro Almeida e Melo (construtor do Quebra), em 1921, que não teve sucesso em Areia nem apoio de seus conterrâneos. Mas que com esforço e dedicação, criou seus filhos e em especial Severino Tristão, que resolveu ir embora para o Rio de Janeiro para graduar-se em Direito e que mais tarde resolve voltar para Areia para encontrar sua mãe, porém recebe a triste notícia do falecimento de sua genitora, fazendo assim total desligamento de Areia e nunca mais tendo ele voltado à cidade; • Saudação a Areia e o seu trintenário pastor (texto de Praxedes Pitanua): Relata a comemoração pelos 30 anos de sacerdócio do Padre Ruy Barreira em Areia com suas inúmeras contribuições para o município, principalmente no setor religioso e educacional.
8/9	02	Dezembro/ Janeiro	1980/ 1981	01	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - João de Deus Coelho Serrão- Texto de Francisco Tancredo Torres- Aluno do Professor Francisco Xavier Júnior até 1890, chegando muitas vezes substituindo o mestre, em cursos preparatórios de Latim, Francês e Português. Começou a trabalhar cedo, aos 18 anos, na Coletoria Estadual em Areia. Participou de várias atividades culturais na cidade, como no Teatro Minerva e na Banda de Música. Faleceu em João Pessoa no dia 17 de agosto de 1958; • Igreja do Rosário (Texto de Francisco Tancredo Torres): Relata a história de construção da Igreja Rosário dos Pretos em Areia, na época da escravidão com destaque para as primeiras reuniões e seus componentes para ajudar durante as missas. Cita também a caracterização da Igreja que foi construída por negros mas que depois foi frequentada por todas as pessoas, sejam negras ou não; • Fevereiro tem Festival- Texto de Assis Melo: O autor exalta a questão da realização do Festival de Artes de Areia, que naquele ano não foi realizado no Colégio Santa Rita pois no ano anterior houve badernas de alguns participantes que iam contra as normas do Colégio. As críticas são muitas quanto à participação dos areienses no Festival, relatando que Areia sempre viveu às sombras do passado e que deveria repensar sobre isso; • Cadê o Hotel de Areia (José Alves de Lima): O texto cobra de maneira crítica a construção do Hotel Bruxaxá em Areia, promessa feita pelo então Governador Tarcísio de Miranda Burity na imprensa estadual, mas que até naquele momento permanece só no papel. O autor cita que diversos hotéis estão sendo construídos no Estado, mas a falta de interesse na construção em Areia é um problema que deve ser resolvido, pois a população pede por esse empreendimento turístico;

					<ul style="list-style-type: none"> • Mulungu (Texto de Manoel Félix da Silva, Professor do Centro de Ciências Agrárias): explica a importância desta leguminosa tanto para fins agrícolas quanto para decoração. Enfatiza também que há uma cidade na Paraíba com esse nome, como também no Ceará e na Bahia.
10	03	Fevereiro	1981	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: José Evaristo da Cruz Gouveia (Texto de Francisco Tancredo Torres): Relata a vida de José Evaristo, nome de uma rua em Areia. Foi o primeiro areiense a ingressar no curso de Medicina no estado da Bahia. Atendeu várias pessoas na cidade, onde naquela época (1856) só existiam quatro médicos no estado, três em João Pessoa e um em Areia que era justamente José Evaristo. Entra para política também nessa época, sendo um grande contribuinte na libertação dos escravos, ajudando na campanha de Manoel da Silva. Participou com diversos políticos da Paraíba no desenvolvimento do Estado. Morreu em 16 de julho de 1892, pobre, porém reconhecido pela população e pelos adversários políticos; • O brasileiro intoxicado- Texto de entrada do jornal. Critica o uso indiscriminado de produtos químicos em alimentos como balas dadas às crianças de edulcorantes artificiais, bromato de potássio na fabricação de pães e até de inseticida na carne de sol para espantar as moscas. O texto ressalta a importância da população em pesquisar e denunciar o uso desses produtos e ainda conclama uma resposta cabível dos agentes de saúde do estado; • Reminiscências -Texto de Expedito Ramalho de Alencar: Ex-estudante da Escola de Agronomia do Nordeste relata visita de Padre Ruy e Dona Carminha a Campinas (São Paulo), em que enaltece a riqueza cultural de Areia e os bons tempos de quando estudava na Universidade onde teve professores como: Anastácio, Fernando Nascimento, Lyra entre outros; • Macaíba (Texto de Manoel Félix Silva, ex Professor do Centro de Ciências Agrárias): Fala sobre as características da macaíba e seu uso de diversas formas; como alimento para bovinos, o palmito para consumo humano e o caule para uso em móveis; • Areia, industrialização e comercialização: Texto de José Alves de Lima- Relata a dificuldade de crescimento econômico de Areia e a falta de interesse do Governo Estadual em investir na cidade, já que outras cidades têm incentivo para crescer, mas, Areia não. Finaliza o texto enfatizando a necessidade de que Areia só irá crescer quando a ampliação de sua indústria for feita. • D. Áurea, minha mãe - texto de Auri Mesquita de Andrade: O autor descreve a vida profissional de sua mãe como Professora infantil a partir de 1924. Escreveu várias peças teatrais de cunho político e atuou em algumas delas. Foi diretora da Escola Álvaro Machado e implantou o primeiro jardim de infância em Areia. Foi também professora de Português no Colégio Santa Rita. Passou 20 anos em Areia onde foi transferida para João Pessoa, exercendo ainda a profissão de professora na Capital. Finaliza o texto exaltando as homenagens feitas pela Câmara Municipal de João Pessoa e Junta de Recursos da Previdência Social ocorridas em outubro de 1975, quando ocorreu a sua morte;

					<ul style="list-style-type: none"> • Ode à cidade de Areia. Poema de Nísia Nóbrega: fala sobre as maravilhas da cidade e seus filhos ilustres que contribuíram para a cultura e política do Estado. O poema foi escrito durante o Festival de Artes de Areia, em 19/02/1989; • Sexto Festival de Artes de Areia- Realizado no início de fevereiro de 1981 com abertura no Centro de Ciências Agrárias, o Festival teve como homenageado o poeta Augusto dos Anjos. A abertura foi feita pelo então Governador Tarcísio Burity e a secretária de Educação e Cultura, Professora Giselda Navarro Dutra. Várias personalidades culturais participaram do Festival que contou com oficinas, apresentações teatrais e do Coral de Sílvia Perazzo e da cidade de Cajazeiras. Ficou também estabelecido que Pedro Américo será o próximo homenageado do Festival que será realizado no ano de 1982.
11	03	Março	1981	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: Cônego Odilon Bemvindo- Conta a vida sacerdotal do Cônego Odilon em sua terra natal, Areia. Nasceu em 1846 no Engenho Várzea. Tinha o desejo de ser padre em sua terra natal, e conseguiu em 19 de março de 1888. Como abolicionista, ajudou na libertação dos escravos em 3 de maio de 1888. Foi exímio colaborador na construção do Colégio Santa Rita e da Casa Paroquial. Na Casa de Pedro Américo há uma seção de homenageados, onde existe uma foto do Cônego. Faleceu em 29 de junho de 1912 e está sepultado no cemitério de Areia; • Vingança da natureza- Enfatiza sobre as mudanças climáticas ocorridas no Brejo Paraibano, especialmente em Areia. O texto cita possíveis consequências dessas mudanças, como: uso impróprio do solo, queimadas e corte indiscriminado de árvores. A diminuição das chuvas no Brejo é consequência desses maus tratos e dessa forma, uma possível vingança da natureza; • Problemas brasileiros- Texto de Expedito Ramalho de Alencar: Comenta sobre a deficiência de muitos alunos quando saem do ensino fundamental e secundário, e que causam problemas enormes na educação e na vida profissional desses estudantes. O autor ainda acrescenta que o ensino de Política nas universidades seria uma forma de conscientizar as pessoas da importância da educação no país; • Nossos irmãos irracionais (texto de Ezilda Milanez Barreto) - Crítica ao livro de contos Argus, de autoria de João Milanez da Cunha Lima. Em um dos capítulos o autor faz alusão a certas características dos suínos e que servem de comparação aos animais racionais. Dessa forma, o texto funciona como uma crítica aos comportamentos de seres racionais e irracionais, e que cabe a nós, seres racionais, prezar pela vida de todos os seres; • Homenagem ao gênio- Texto de Francisco Tancredo Torres- Pedro Américo sempre foi homenageado

					<p>por muitos areienses em várias ocasiões, mas que muitas vezes também foi criticado pelos seus conterrâneos. De acordo com informações recebidas pelo autor do texto, os restos mortais de Pedro Américo chegaram em João Pessoa, vindo da Europa de navio nomeado “Alagoas”. Quando o corpo chegou a capital, ficou na Catedral Metropolitana e como nenhum membro do Governo do Estado apareceu, foi então procurado o Presidente da Paraíba, o conterrâneo Walfredo Leal para despesas na construção de um mausoléu em homenagem ao pintor. Mas o então Presidente da Paraíba negou ajuda alegando falta de recursos financeiros, sendo levado o corpo para o Cemitério Senhor da Boa Sentença, na Capital. Tempos depois foi descoberto pelo Sr. Lima Moura o real motivo do abandono da chegada do corpo de Pedro Américo à Paraíba. O motivo foi que o Diretor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro pediu para que nada fosse feito e nem celebrado quando o corpo de Pedro Américo chegasse ao Estado, pois esse diretor era inimigo ferrenho do pintor. Somente em 1943, sob o comando de Horácio de Almeida que não poupou esforços para o traslado do corpo de Pedro Américo, que seus restos mortais foram trazidos para Areia onde repousa no Cemitério local;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Polo Nordeste: uma mudança radical de enfoque para o brejo paraibano. Autor: José Alves de Lima. Programa de incentivo ao desenvolvimento do Brejo Paraibano em parceria com o governo do Estado e o Centro de Ciências Agrárias que ajuda o homem do campo e pequenas empresas no seu melhoramento econômico; • A escola integrante Carlota Barreira- Texto informativo sobre a implementação da quinta série na escola e assim uma maior oportunidade para quem quiser estudar, sob a direção da Professora Maria das Vitórias Silva.
12	03	Maio	1981	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: Antonio Benvindo de Vasconcelos- Grande professor da cidade e que ajudou muitas pessoas. Lecionou no Colégio Santa Rita e foi fundador do Jornal “O Século”. Chegou a ir para o Seminário, mas abandonou por falta de vocação. Exerceu vários cargos em Areia, como: Adjunto de Promotor Público em cidades vizinhas e em Areia e foi nomeado Professor de Português em 1939 pela Escola de Agronomia do Nordeste até o seu falecimento. Foi um grande contribuinte para a cultura de Areia, seja no ramo das letras como também no lado teatral. Faleceu em 29 de setembro de 1951, onde está sepultado no túmulo de Vigário Odilon, seu tio-avô; • Por que “Praça 3 de maio” - Texto de entrada do jornal que enfatiza o significado da Praça 3 de Maio para Areia, significado esse que marca o I Centenário de Areia a elevação de cidade. Essa denominação foi aprovada pela Câmara Municipal que realizou cerimônia em alusão a esta data; • Centenário de Areienses - Texto de Gouveia Torres- Relata as comemorações feitas pelo Museu Regional de Areia acerca do I Centenário de nascimento do ex-Prefeito Jayme de Almeida, aquele que de forma ainda em discussão, mandou derrubar a Gameleira alegando que a árvore causava infiltrações no solo e apodrecimento do seu tronco.

					<ul style="list-style-type: none"> • Gameleira (Manoel Félix da Silva) - No texto, o professor exalta a importância da Gameleira para a cidade e que em homenagem à Gameleira derrubada no início da década de 30, foram plantadas duas amostras dessa árvore no Balneário "O Quebra". O autor também fala de suas propriedades em diversos usos, tanto na medicina quanto para alimentação animal, e que é fácil sua identificação principalmente quando passa-se pelas estradas com destino a Alagoa Grande. • O Professor Miguel da Rocha- Texto de Silvia Perazzo Barbosa: Musicista que a partir de 1914 organizou e regeu a Banda de Música em Areia. Participou de vários movimentos na cidade, como: apresentações na missa, e também como professor de música; • Campina Grande, 22 de março de 1981- Texto de Amaury de Vasconcelos (advogado radicado em Campina Grande e com forte ligação com Areia). O autor enaltece a vantagem de Areia ter um Jornal e agradece também aos seus fundadores, tais como: Padre Ruy, Tancredo Torres, Carminha Souza, Ezilda Milanez, entre outros; • À aniversariante - Texto de Antônio Carlos Queiroz Teixeira de Barros- O autor parabeniza Areia na sua data de aniversário, 18 de maio, citando que a cidade já foi considerada a "Atenas da Paraíba" e "Terra da Cultura", mas que vem sofrendo e passando por modificações que a empobrecem. Algumas novas implementações estão prometidas para Areia, como a construção de um Hotel (o Bruxaxá) e uma agência da Caixa Econômica Federal; mas também problemas antigos que persistem em durar como o fechamento da Tecelagem Arenópolis e construção de casas pela CEHAP que nunca aconteceu; • Areia, dos meus sonhos (Cônego José R. Fidélis, durante anos foi pároco na cidade de Remígio) - O Pároco relata a apresentação do conjunto musical da maestrina Silvia Perazzo na cidade de Remígio, enfatizando assim a constelação artística e cultural que Areia tem, como: o escritor José Américo, o Colégio Santa Rita, Estadual e o Campus Universitário.
13	03	Junho	1981	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Monsenhor Coelho (Texto de Francisco Tancredo Torres) - Francisco Coelho de Albuquerque foi um dos primeiros seminaristas a ingressar no clero depois que a Diocese da Paraíba fundou seu primeiro seminário por Dom Adauto (primeiro Bispo da Paraíba). Monsenhor Coelho foi por duas vezes pároco da Igreja em Areia (1915 até 1933), exercendo com muita responsabilidade. Sua última paróquia foi em Itabaiana, onde repousa em paz; • Do êxito ao fracasso: texto que exalta o leilão realizado na Capital da Empresa de Tecelagem e Fiação Arenópolis. fundada em 1927 a Empresa cresceu e chegou a atingir outros estados de forma comercial, mas que começou a decair causando frustração e desespero para inúmeras famílias que sobreviviam dessa Empresa. Pede-se que a Prefeitura intervenha para evitar o abandono do terreno e que novas construções sejam feitas naquele local fazendo assim que a cidade cresça;

					<ul style="list-style-type: none"> • Pensamentos e reflexões- Pedro Jardelino da Costa Neto (Professor de música do Colégio Santa Rita, além de teatrólogo) Poesias e pensamentos sobre a fé e o amor; • A orquídea- Leonardo Félix e Olaf Andreas Bakke – (agrônomos do CCA) - Ressalta a etimologia da orquídea e suas características comuns à espécie bem como também sua origem; • Dr. José Rodrigues de Carvalho (Foi Presidente do Instituto Histórico da Paraíba e do Arqueológico de Pernambuco e do Ceará, além de jurista e escritor) - Texto de Ezilda Milanez Barreto- Relata uma homenagem feita ao Dr. José Rodrigues onde várias personalidades se fizeram presente, como: José Américo de Almeida, Horácio de Almeida, Alcides Carneiro e Celso Mariz. Várias citações foram feitas pela autora a outros oradores como Tancredo Torres e Pedro da Cunha Lima Filho; • Seminário Rural- Trata-se de um seminário religioso constituído por filhos de agricultores humildes e que exercem várias funções para o engrandecimento da religião em Areia. O Seminário conta com o apoio da Arquidiocese da Paraíba e conta com um aprendizado de 6 anos para aqueles que têm interesse em ingressar na vida sacerdotal.
14	03	Julho	1981	03	<ul style="list-style-type: none"> • O areiense Aurélio - Texto de entrada do jornal- Relata a vida do Desembargador Aurélio de Albuquerque que mesmo distante da cidade sempre lembrava de sua terra natal e quando visitava Areia era bem recebido e sempre lembrado. Foi Professor universitário, Presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba, membro da Academia Paraibana de Letras entre outros cargos. Sempre esteve preocupado com o desenvolvimento de Areia; • Vultos areienses- Aurélio de Albuquerque: Nasceu em 27 de novembro de 1912. Seus pais se mudaram para a Capital onde ingressou na escola Normal da Paraíba e depois integrou o magistério. Passou a estudar Direito no Recife onde formou-se em 10 de dezembro de 1937. Foi Promotor em diversas comarcas na Paraíba, alcançando o cargo de Desembargador em 1962; além de Jornalista e conferencista. Faleceu em 9 de julho de 1981, em João Pessoa e onde está sepultado; • Saburá versus Samburá- Texto de Manoel Félix da Silva- O texto explica a diferença entre as duas palavras. Saburá é o nome de um antigo sítio em Areia, onde mora o Professor com sua esposa Niedja Silva, e o nome de origem indígena significa o mel que é produzido pelo urucu; já a palavra Samburá está ligada à pesca e ao litoral; • Religiosidade popular: Resumo informativo da Arquidiocese da Paraíba com explicações de diversas festas religiosas realizadas pela Igreja Católica durante o ano, tais como: Ano Novo, Festas de Reis, Festa da Padroeira, Quaresma e Semana Santa, Domingo de Páscoa, dia de São José, São João e Santana entre outras;

					<ul style="list-style-type: none"> • Caixa Econômica em Areia- Foi instalada em Areia no dia 29 de junho de 1981, na Rua Epitácio Pessoa com a presença de Padre Ruy e outras personalidades.
15	03	Agosto	1981	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses- Leônidas Santiago- Nasceu em 15 de abril de 1888. Realizou seus estudos primários na Capital. Em 1913 ingressou no Magistério Público Estadual, depois foi designado Diretor da Escola Estadual Álvaro Machado em 1931. Assumiu o cargo de Prefeito até 1937 e depois voltou à segunda administração municipal até 1940. Sua primeira administração coincide com os melhores anos da educação areiense, com a implantação da Escola de Agronomia do Nordeste e a fundação do Colégio Santa Rita pelas Irmãs Franciscanas de Dilligen. Morreu em 9 de maio de 1942; • As ideias e o poder- Coluna de opinião do Jornal criticando a administração municipal que não dá ouvidos à população e deixa certas ruas abandonadas e sendo mal vistas pelo povo; • Recordação - Padre Antônio Costa - Texto de Francisco Tancredo Torres: O autor enfatiza o Padre e relata a tristeza de muitos pela saída do Pároco da Igreja de Areia. Escreveu uma carta direcionada ao Padre elogiando seu tempo à frente da Paróquia e que tenha bastante felicidade na sua nova paróquia. A carta é de 28 de fevereiro de 1941; • Um amigo que se foi- Texto de José Alves de Lima- No texto, o autor lembra da morte de Aurélio de Figueiredo e outros três areienses. O primeiro foi José Rufino de Almeida, depois o Coronel José Antônio Maria da Cunha Lima e por fim, José Américo de Almeida. Todas essas três personalidades areienses desempenharam importante papel tanto no município quanto a nível estadual e nacional; • Carta à Madre Rafaela (uma das fundadoras do Colégio Santa Rita e Professora de desenho e pintura): relata os bons tempos vividos dentro do Colégio Santa Rita e cita algumas freiras como Irmã Frida e Irmã Trautlinde, outras duas personagens fundadoras. Também relata as mudanças ocorridas no Colégio em decorrência dos tempos modernos; • Juazeiro do Norte e visitantes- Descreve a visita de Padre Ruy, Professor Antônio Inácio da Silva, Maria do Carmo Souza e Maria das Vitórias Silva ao Juazeiro com visita ao cemitério onde está sepultado Padre Cícero Romão Batista.
16	03	Setembro	1981	03	<ul style="list-style-type: none"> • Indiferentismo dos políticos - Texto de entrada do Jornal: Critica a falta de empenho dos políticos no desenvolvimento de Areia. Apesar ainda do envolvimento de alguns políticos, mas mesmo assim a falta de interesse que Areia cresça é nítida. Não há um investimento para melhorar o fornecimento de água na cidade, outras cidades são contempladas por núcleos habitacionais, mas, Areia permanece esquecida e atrasada; • Vultos areienses- Rita Barreto: O autor Francisco Tancredo Torres destaca a vida religiosa de Rita

				<p>Ribeiro na Igreja Nossa Senhora do Rosário e como fundadora da Congregação Mariana também nesta Diocese em 15 de agosto de 1948. Prestou serviços de pintura e ornamentação de flores na Igreja e teve muito respeito pelas pessoas da cidade. Faleceu em 2 de março de 1962, em Areia;</p> <ul style="list-style-type: none"> • O sacerdócio do magistério - Texto de Expedito Ramalho de Alencar: O autor enfatiza a importância de ser professor e suas contribuições para a vida dos alunos e os exemplos que todo mestre deve deixar, cita sua vida acadêmica na Escola Técnica de Pernambuco e na Escola Técnica de Bananeiras. Também lembra a importância que alguns professores tiveram na sua formação e em especial, D. Carminha (Professora de Português) e que foi revisora do Jornal Areiense; • O erro de Milanez- José Alves de Lima- Na inauguração da Caixa Econômica em Areia, o então Presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba citou em seu discurso que a fundação da Usina Santa Maria teria sido feita pelo industrial Solon Lira Lins, causando desconforto entre os areienses, mas que depois foi corrigida por Padre Ruy afirmando que o verdadeiro idealizador da Usina foi o Coronel Francisco de Assis Pereira de Melo, homem que trouxe muitas obras para a cidade; • Ratos de biblioteca - Texto de Francisco Pimentel Gomes- Descreve sobre a biblioteca da cidade de Piracicaba onde passou um bom tempo. No texto o autor relata a falta de investimentos tanto físicos quanto educacionais na biblioteca, como: falta de livros e revistas para pesquisa direcionadas aos alunos. Mas que mesmo assim, ele e outros conhecidos ainda frequentam a biblioteca como uma forma de engrandecer os conhecimentos; • Areia e Aurélio- Texto de Pedro da Cunha Lima Filho- Homenagem feita ao Desembargador Aurélio de Albuquerque que foi Professor do Liceu Paraibano, em João Pessoa e que sempre engrandecia o nome de Areia e de seus conterrâneos. Aurélio de Albuquerque sempre ia à Areia visitar amigos e era bem recebido; • “S.O.S” Texto de Assis Melo: Os calçadões sempre foram lugares onde pessoas de todos os tipos se reúnem, e em uma dessas reuniões o autor do texto encontrou um jovem que pretendia lançar seu livro e precisava de ajuda. Várias tentativas foram feitas no calçadão para arrecadar ajuda para o jovem, mas nada foi feito e o jovem se viu decepcionado e na esperança de um dia conseguir o lançamento de seu livro; • Teria sido o trem sempre um sonho do areiense? Texto de Francisco Tancredo Torres: Areia até o final da segunda década do século passado não tinha estrada que ligava a João Pessoa. Foi construída então uma estrada que ligava Areia a Alagoa Grande. Mas o que realmente traria benefícios para a cidade seria um trem pois facilitava o comércio para as outras cidades e até para o sertão. Porém, esse desejo ficou somente na perspectiva e nunca Areia teve um meio de transporte que ligasse a destinos mais distantes trazendo assim turismo e desenvolvimento para a cidade.
--	--	--	--	--

17	03	Outubro	1981	22	<ul style="list-style-type: none"> • O Colégio Estadual- Retrata a decadência que o antes Ginásio Coelho Lisboa, hoje Colégio Estadual Ministro José Américo de Almeida vem passando. Transformado em escola pública com o intuito de melhorar a educação dos mais necessitados, foi apenas ilusão. Os alunos sofrem com professores mal preparados e com péssimo desempenho nos exames vestibulares. O texto também relata que o Colégio fora interdito para reforma, deixando assim muitos estudantes sem ter para onde ir. Problema social que persiste e prejudicou muitos estudantes da época; • Vultos areienses - Aurélio de Figueiredo: Nasceu em 3 de agosto de 1854, era irmão de Pedro Américo. Mas como não obteve êxito na sua cidade natal, partiu para o Rio de Janeiro e depois para a Itália onde teve seu próprio irmão como mestre para aprimorar sua arte. Voltou para o Brasil e se estabeleceu no Rio de Janeiro onde apresentou suas exposições também para os estados do Norte. Pintou diversos quadros e um deles está na Casa de Pedro Américo que é um retrato a óleo de Pedro Américo. Escreveu também diversos contos com teor naturalista. Faleceu em 9 de abril de 1916. O Museu Regional de Areia já tentou, sem êxito, trazer seus restos mortais para sua cidade natal; • Ineficiência do Judiciário - Texto de Expedito Ramalho de Alencar: Critica a justiça sobre a lentidão em resolver determinadas ações que poderiam ajudar no crescimento e desenvolvimento das cidades; • Areia e o esperanto- Ivanildo Souza Baracho- O esperanto foi criado na Holanda como uma forma de universalizar a linguagem. Em Brasília Foi realizado um Congresso Universal de Esperanto, e o autor desse texto pesquisou se algum evento de esperanto tinha sido realizado em Areia, para surpresa dele, o seu pai-Ivanhoé Baracho, criou o movimento esperantista no Brasil, e em 1952 realizou cursos de esperanto em Areia tendo como alunos: Dr. Hercílio Rodrigues, Dr. Anastácio Pereira, Ademar Martins entre outros.
18	03	Novembro	1981	05	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses- Monsenhor Walfredo (Texto de Francisco Tancredo Torres): Monsenhor Walfredo Leal iniciou seus estudos eclesiais em Pernambuco e terminou em Roma, em 1882. Foi religioso e político. Foi denominado vigário para Guarabira cinco anos após ser ordenado sacerdote, em 1887. Foi Vice Presidente da Paraíba em 1893; e substituiu o Presidente Álvaro Machado em 1908. Durante sua administração teve uma excelente gestão financeira, elogiada até pelo Presidente da República, Afonso Pena. Faleceu na Capital em 30 de julho de 1942; • Areia, estância turística - Texto de Expedito Ramalho de Alencar. Areia teria todas as características para se tornar uma estância turística e engrandecer o nome da cidade, do Estado e do país. Tudo poderia ser criado pela iniciativa privada ou pelas associações da cidade. O Balneário "O Quebra", o Colégio Santa Rita, a Rua Pedro Américo, o Museu Histórico, a Casa Pedro Américo e o Centro de Ciências Agrárias poderiam contribuir para incrementar o turismo em Areia. Basta o empenho do

					<p>governo e dos habitantes da cidade para atrair turistas e dessa forma, deixar também dinheiro na cidade. É uma possibilidade que deve ser pensada e realizada para o bem da cidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dia de Finados: Em Areia a visitação ocorre no Dia de Todos os Santos, e essa cultura é desconhecida, não se sabe o motivo da população de Areia visitar seus entes falecidos na véspera. Essa cultura também acontece em cidades próximas como Remígio. Ficando o dia 2 de novembro como dia de descanso; • Libertarismo areiense -Texto de Cônego José Rodrigues Fidelis: Relata as manifestações das famílias da vila operária Arenópolis, lutando por dias melhores e pedindo justiça pelos atos cometidos contra suas famílias com relação ao fechamento da Empresa; • Seu Maninho- Texto de Sílvia Perazzo- Seu Maninho sempre foi uma figura exemplar para Areia, principalmente no ramo cultural e religioso. Ajudava na Igreja nas ornamentações e também sabia tocar alguns instrumentos. Não se sabe qual destino tomou Seu Maninho, indo embora de Areia e deixando saudades; • A visita do Núncio- Francisco Tancredo Torres- O autor relata a visita do representante oficial do Papa em Areia, nos dias 7 a 12 de fevereiro de 1906. Dom Júlio Tonti ficou maravilhado com as belezas da cidade e foi recepcionado por figuras como Álvaro Machado, Coelho Lisboa, Dom Adauto e Monsenhor Leal. Várias celebrações foram realizadas durante sua visita, como: missas e apresentações no Teatro.
19	03	Dezembro	1981	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Ranulfo Cunha França: Começou seus estudos em Areia e depois indo terminar o secundário em João Pessoa. Depois partiu para o Recife para estudar Direito, onde saiu de Bacharel em 18 de dezembro de 1928. Exerceu vários cargos em Pernambuco como delegado de polícia e promotor, depois vindo a exercer também o cargo de delegado em Areia. Além disso, foi também Diretor de Administração da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, em 1964. Foi político, sendo suplente de Deputado Federal. Morreu em 12 de dezembro de 1975, no Rio de Janeiro; • Não há vaga, não há lugar- Dom Manuel Pereira da Costa: Texto com alusão ao acolhimento feito por Jesus quando nasceu na época do Natal, e o autor compara esse acolhimento com muitas famílias que partem para o sul do país em busca de melhorias, mas que só encontra respostas negativas tanto para trabalho quanto para habitação; • Ipê- Texto de Manoel Félix da Silva: Descreve os ipês ou pau d'arcos que embelezam a cidade com sua cor amarela. Denomina de forma mais técnica sua nomenclatura e sua espécie. Cita seus usos em diversas funções. Relata que existem muitos ipês no Estado, em especial na Capital e finaliza o texto com uma mensagem de preservação da natureza;

					<ul style="list-style-type: none"> • Festa baile- Expedito Ramalho de Alencar- Os bailes que acontecem na Capital Paulista fazem o autor lembrar dos bailes que aconteciam em Areia e na sua época áurea, onde participavam personalidades como Silvia Perazzo, Auri Mesquita e Carminha Bronzeado. Relembra que Areia sempre o acolheu de braços abertos e que sente saudades da cidade; • Entrevista: No exemplar, o Jornal faz uma entrevista com o Cônego Ruy Barreira que tinha voltado de visita da Europa, em especial França, Itália, Holanda e Alemanha. Na entrevista, o Cônego relata sua viagem a esses países com suas particularidades e também visitas a igrejas e locais de pessoas conhecidas que moraram em Areia ou tiveram alguma ligação com a cidade, como relata sua visita a Dilligen, cidade onde as freiras alemãs saíram e foram para Areia e fundaram o Colégio Santa Rita.
20	04	Janeiro	1982	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Carminha Souza: Iniciou seus estudos primários no Colégio Júlia Leal e quando terminou foi estudar no Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa. Quando regressa à Areia, inicia sua carreira como professora que durou 45 anos. Começou a lecionar em 1932, na Escola Álvaro Machado. Em 1937, também fez parte do corpo docente do Colégio Santa Rita. Foi Professora do Ginásio Coelho Lisboa (atual Colégio Estadual), em 1954. Lecionou Português entre os anos de 1963 e 1964 na Escola de Agronomia do Nordeste. Além de professora, Carminha Souza também foi zeladora da Igreja Matriz, membro durante anos da Junta Apuradora das eleições e uma das incentivadoras do Jornal O Areiense. Faleceu no dia 28 de dezembro de 1981 e está sepultada no cemitério local; • Um belo exemplo: Transcrição do Jornal Diário da Borborema, de Campina Grande em 10/01/1982- o autor do texto enfatiza a importância de Carminha Souza para a educação de Areia e lamenta sua morte assim como também diz que Areia está triste; • Carminha - Epitácio Soares: Texto que fala sobre o choque causado pelo autor, que mora em Campina Grande, sobre a morte de Carminha Souza. O autor enfatiza sua partida e diz que Areia está mais pobre e que dificilmente outra pessoa poderá substituí-la; • Canto de saudade: - À memória da minha Irmã Carminha Souza Lima: Texto de Severina Souza do Monte Silva: a autora escreveu um texto de memórias sobre Carminha relatando sua amizade desde o Engenho Tapujo, na infância até os bons tempos de colégio tanto em Areia quanto em João Pessoa. Outras recordações como a casa onde Carminha morava e que ainda deixa lembranças de tudo que ela gostava e fazia para o bem de Areia; • D. Carminha: recordação e traços- Texto de Maria da Conceição Araújo (ex-professora do CCA em Areia): a autora relembra os bons tempos quando Carminha foi sua Professora no Colégio Santa Rita nos tempos de internato, exemplificando suas boas aulas de Português e sua assiduidade;

					<ul style="list-style-type: none"> • Quem pode esquecê-la? Texto de Irmã Maria Siegrida (pertencente ao Colégio Santa Rita): Destaca sua importância como professora de português no Colégio Santa Rita e também no Colégio Estadual, sendo sempre prestativa e assídua nas suas aulas e pronta para ajudar a todos.
22	04	Março	1982	04	<ul style="list-style-type: none"> • Colégio Agônico (Santa Rita). Texto de entrada do Jornal onde enfatiza que há 45 anos as Irmãs Franciscanas chegavam à Areia para fundar o Colégio Santa Rita. Mas relata também sobre o fechamento de algumas turmas desse referido Colégio que talvez não tenha prejuízo, já que existem ainda outras turmas que podem ser preenchidas por alunos. A educação sempre será algo que deve ser levado a sério, com a preservação e prioridade às crianças; • Vultos Areienses: Monsenhor Jerônimo César: Estudou na casa de formação religiosa fundada por Dom Adauto, em João Pessoa. Recebeu o Subdiaconato em 5 de novembro de 1899. Foi Vigário da Paróquia de Araraquara, São Paulo. Sua maior obra foi a construção da Paróquia da Freguesia em São Paulo. Por motivos de saúde, veio para Areia assumindo a Capelania e o cargo de inspetor de ensino do Colégio Santa Rita, até sua morte em 17 de julho de 1949; • Madre Inviolata faleceu. Madre Inviolata Schekenbach foi uma das primeiras freiras vindas da Alemanha em 1938. Foi professora de música e canto no Colégio Santa Rita por mais de trinta anos. Faleceu no dia 17 de março de 1982, nas dependências do Colégio Santa Rita, em Areia; • Carminha e sua Verdade. Texto de Ezilda Milanez Barreto (professora e escritora areiense): a autora revela que conheceu Carminha Souza no Colégio das Neves, em João Pessoa, no ano de 1927. Sempre foi uma aluna exemplar e tirava notas altas. No decorrer do texto a autora revela que Carminha chegou no Álvaro Machado para salvá-la da tarefa árdua de trabalhar com duas turmas, ficando uma para Carminha. Outro ponto a destacar foi sempre a disponibilidade para ajudar seus colegas de profissão, ajudando-a em um discurso na cidade de Guarabira. Carminha sempre será lembrada como uma pessoa de bom coração; • Dependência Política de Areia- Texto de José Alves de Lima: O autor critica que os partidos políticos de Areia não se preocupam com o bem estar da população, mas sim somente de se auto promover. Não investe em nada e dessa forma, faz que Areia não tenha mais representantes na política do Estado como tinha há tempos; • Revivendo o Passado (poema de Cláudio Lemos): nesse poema o autor exalta o saudosismo de volta ao passado, da infância e juventude. Tendo estado em outros lugares à procura da felicidade, mas

					que retorna ao seu lar para encontrar a paz.
23	04	Abril	1982	04	<ul style="list-style-type: none"> • Será o Hotel Concluído? (Hotel Bruxaxá)- Crítica quanto a demora na construção do Hotel Bruxaxá. A coluna retrata que Areia é privilegiada pela natureza por suas belezas naturais e que a construção de um hotel trará benefícios econômicos e turísticos para a cidade, mas que a demora na construção causa uma certa desconfiança com os governantes, já que outras obras nunca foram finalizadas e o Hotel Bruxaxá poderia ser mais uma obra inacabada; • Vultos Areienses: Madre Maria Inviolata: Nascida na Alemanha, em 20 de setembro de 1920. Começou seus estudos superiores na cidade de Dilligen, em 1926. Foi aluno do Conservatório de Música, em Munique, obtendo nota máxima em um concurso de música. Ingressou na vida religiosa também em 1926, em Dilligen. Veio para o Brasil sob ameaças do governo de Hitler. Em Areia foi professora de piano, violino, violão, canto e acordeom. No Colégio Santa Rita desenvolveu um Conjunto de Canto que sempre brilhou nas festas daquela instituição. Recebeu o Título de Cidadã Areiense em 1977. Em 17 de março, ela faleceu onde uma missa de corpo presente foi celebrada e sepultada no cemitério de Areia; • Madre Inviolata – Autora Silva Perazzo Barbosa: Texto que homenageia a vida de Madre Inviolata e sua contribuição para Areia e em especial para a própria autora do texto, que se dedicou mais ainda aos estudos da música graças ao exemplo de Madre Inviolata. Relembra de um livro de música dado pela Madre e que serviu muito para seus estudos, além de ajudar também nos estudos de sua filha; • Uma mestra dedicada à instrução e à devoção (Maria do Carmo Sousa Lima) – Autor José Alves de Lima- Carminha Souza sempre foi exemplar em tudo que fazia. Foi Professora de Português de muitas pessoas em Areia, e hoje repousa tendo a satisfação do dever cumprido, também no seu lado religioso sempre ajudando as pessoas; • O naturismo como ele é – Autor F. Pimentel Gomes: O autor enfatiza aqui o uso indiscriminado de agrotóxicos na agricultura, mas que tem seu lado bom e mau. Relata que alguns amigos dizem que o não uso desses agrotóxicos é algo natural, mas o autor questiona que realmente a natureza seria se tudo que consumimos fosse retirado diretamente das matas e do solo, mas que na verdade isso não acontece pois os produtos passam por alterações químicas e chegam à mesa já totalmente diferente do original; • Para Carminha Souza (poema) – Autora Guiomar Travasso Chianca: Poema em homenagem à

					Professora Carminha citando a saudade que deixou e sua importância para a educação da cidade.
24	04	Maio	1982	04	<ul style="list-style-type: none"> • Aniversário. Indiferença. Arte. (aniversário de Areia): Coluna do jornal que cita o aniversário de Areia, mas que não teve a mínima atenção das autoridades municipais. Descreve que nem a Banda de Música saiu de manhã cedo para acordar os areienses, ficando essa tarefa a Banda do Carlota Barreira. Porém, nem tudo está perdido, já que houve celebração no Colégio Santa Rita com uma peça teatral criada por Silvia Perazzo e uma exposição de artes da Professora Lourdinha Duarte, que abrilhantaram o feriado. O Jornal exalta que os governantes devem olhar mais para a cultura da cidade e que os artistas merecem os aplausos sempre; • Vultos Areienses: José Calazâncio Dantas – Autor Francisco Tancredo Torres: Nasceu em 27 de agosto de 1840, na cidade de Remígio. Ficou órfão de mãe cedo, indo para João Pessoa ficando lá até os 13 anos quando voltou a morar com o pai e residir no Rio Grande do Norte. Devido ao seu espírito empreendedor, tinha conhecimento na agropecuária e executou o primeiro plano de irrigação de Caicó, em 1892. Além de trabalhar na área agropecuária, também tinha criação de suínos e bovinos, além de ser político. Sempre trabalhou no ramo da agricultura até sua morte, em 10 de setembro de 1935, em Caicó RN; • Vultos Areienses - Carminha – Autora Guiomar Travassos Chianca: Texto para lembrar a amizade da autora com a Professora Carminha desde os tempos em que estudavam no Colégio Santa Rita. A autora do texto lembra que mora em Brasília, mas que nunca esqueceu da amiga e que soube da morte da professora através do Jornal O Areiense; • Os escravos e os engenhos de Areia – Autor José Alves de Lima- Relata a vida dos negros nos engenhos de Areia e que nos dias de folga, nas senzalas, realizavam danças comemorativas denominadas batuques. Em Areia, naquela época, os engenhos mais conhecidos eram: Jussara, Saboeiro, Mundo Novo e Vaca Brava. A característica principal do engenho era o senhor de engenho e o feitor que ficava responsável pela administração do engenho. Depois houve um declínio desses engenhos e se sobressaindo somente a Usina Santa Maria na produção de rapadura.
25	04	Junho	1982	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: José Berardo dos Santos Leal - Texto de Francisco Tancredo Torres: Exímio Professor que ajudou a introduzir a escola primária em Areia. Data de 1822 a instalação da primeira escola primária na cidade, e José Berardo dos Santos Leal contribuiu bastante com a educação na cidade. Porém não ficou muito tempo em Areia e foi para outros destinos para servir como eclesiástico na Diocese de Olinda, substituindo Dom Frei Vital Maria. Depois seguiu para o Maranhão, passando pouco tempo lá, e indo para o Rio de Janeiro para dedicar-se a outras atividades. Faleceu no dia 7 de maio de 1907 e está sepultado no cemitério da cidade de Areia;

					<ul style="list-style-type: none"> • Mundo conturbado (Francisco Pimentel Gomes): O interior das famílias é muitas vezes perturbado por desconfianças, ciúmes e antipatias, e enganam-nos as aparências de satisfação, calma e cordialidade, fazendo-nos supor uma paz que não existe; poucas há que ganham em ser aprofundadas; • Leão imortal (Texto de autores do Jornal): Publicado originalmente em 1882 na revista feminina carioca <i>A Estação</i>, dividido em seis partes, o conto “O imortal” foi baseado em outro conto de Machado de Assis, “Rui de Leão”, publicado dez anos antes.
26	04	Julho	1982	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses - João Soares – Autor Francisco Tancredo Torres: Nascido em Remígio, iniciou seus estudos primários na sua cidade natal, transferindo-se para João Pessoa para os estudos secundários. Depois foi para a Bahia e o Rio de Janeiro para estudar medicina, concluindo seus estudos em 1930. Volta à Paraíba e exerce sua função de médico em várias cidades do estado e em várias especialidades da Medicina. Além de médico, também se dedicou a imprensa, onde escrevia sobre assuntos voltados à saúde. Em 1952, foi Professor da Faculdade de Medicina da Paraíba que posteriormente se integrou à UFPB. Faleceu em 16 de julho de 1965, em João Pessoa, onde está sepultado; • Vigário Aniversaria: Destaque para o dia do aniversário de Padre Ruy, com celebração de missa e depois uma recepção para convidados oferecida pelo Conselho Paroquial com a presença do coral da cidade; • Nascer e morrer – Autora Maria Cristina Correia de Abreu: Aqui a autora faz uma comparação entre o nascer e morrer. As dificuldades são muitas quando não se nasce por desejo, mas que o nascer exige um aprendizado durante toda a vida, e que o amor é sempre válido e sempre praticado. Já a morte é uma consequência sadia do viver, é algo já estabelecido por Deus e que esses dois acontecimentos é a realidade do existir; • A adorável Areia: O texto fala sobre a vinda dos portugueses para Areia à procura de temperaturas mais amenas. Desde então, diversas pessoas vieram para Areia fazer turismo, desde as que procuram algo mais peculiar ou algo mais sofisticado e popular. Exemplos comuns são os estudantes da Universidade que chegam de várias localidades para estudar aqui. O banho O Quebra também é um atrativo turístico da cidade, assim como os casarões do centro da cidade; • José Américo (referências a Julia Leal): Em artigo escrito em um jornal de Pernambuco, há uma manchete que merece destaque. O lançamento da obra <i>A Bagaceira</i>, em Buenos Aires na sua versão

					<p>em espanhol. A ligação com Júlia Verônica é que ela foi a primeira professora de José Américo, no Engenho Olho D'Água. O escritor em sua obra cita várias vezes que teve Júlia Leal como sua primeira professora e que o ensinou muito na sua formação;</p> <ul style="list-style-type: none"> • A gameleira da minha terra – Poema em homenagem à Gameleira, árvore que por muito tempo existiu em Areia e que foi derrubada ainda causando polêmica. A Gameleira deixou saudades para muitos que na infância brincavam debaixo da árvore imortalizada;
27	04	Agosto	1982	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Rosa de Jesus (Texto de Francisco Tancredo Torres): Nasceu em Remígio, em 9 de junho de 1896. Seu pai era fogueteiros naquela cidade. Rosinha, como era conhecida, ficou órfã de pai muito cedo, sendo criada pela mãe. Foi autodidata. Quando sua mãe faleceu, em 1928, ficou responsável pela criação de uma irmã paralítica. Rosinha chegou a noivar, mas desfez do casamento dizendo que seu único esposo seria Jesus Cristo, fazendo um juramento se auto denominando Rosa de Jesus Sacramentado. Fundou a Escola Primária Santo Antônio (1929 até 1966), em Remígio. Dedicou muitas horas de catecismo para crianças. Desejava que Remígio tivesse sua própria Paróquia, que só se concretizou em 1965. Sua existência foi repleta de bons exemplos, coragem e esforço. Morreu em 21 de agosto de 1967, e seus restos mortais estão sepultados em sua terra natal; • O índio brasileiro: Texto de capa do jornal que comenta a construção de um Museu Nacional do índio, em Brasília. É interessante a construção de um Museu para os verdadeiros donos do Brasil que estão esquecidos e abandonados pelo Governo, de todas as formas sejam elas culturais ou sociais. O índio está sendo dizimado pela cultura branca e dessa forma, a cultura indígena é esquecida. Muito mais que construir um Museu, melhor seria se a verdadeira identidade do índio fosse resgatada e valorizada; • O Presidente Getúlio Vargas em Areia (parte I) - Ezilda Milanez Barreto: No seu relato, a autora e escritora fala de maneira entusiasmada sobre a visita do Presidente Getúlio Vargas em 15 de agosto de 1933. Foi durante a gestão do prefeito Jaime de Almeida que encabeçada por José Américo de Almeida e outras influências da época, surgiu o pedido feito ao Presidente para a fundação da Escola de Agronomia do Nordeste. Uma verdadeira exposição de produtos regionais foi feita para receber o Presidente com uma comissão formada por homens e mulheres. A autora relata que foi uma das melhores festas que ela já participou; • Algumas plantas venenosas - José Félix da Silva: Nesta coluna, o Professor Manoel Félix cita algumas plantas que são venenosas com suas características fenotípicas e suas possíveis consequências se ingeridas;

					<ul style="list-style-type: none"> • Inauguração no CAMPUS III (hoje CAMPUS II) - foi inaugurado no CCA, na propriedade Jardim, a micro destilaria Didática que se destina a produzir álcool extraído da cana de açúcar. Participaram da inauguração Edvaldo Mesquita Brandão (diretor do centro), Professor Berilo Borba (reitor da UFPB) e o Presidente do CNPq, Professor Lynaldo Cavalcanti. A destilaria produzirá dez mil litros de álcool por ano e será coordenada pelo Professor Lidney Henrique da Silva.
28	04	Setembro	1982	05	<ul style="list-style-type: none"> • Teste para o MOBRAL- Texto de entrada do jornal que critica o uso do MOBRAL como ferramenta política e de apoio a certos políticos. O MOBRAL é visto como um incentivo à educação, mas que precisa ser melhorado e devidamente usado para aqueles que mais precisam; • Vultos areienses - Antônio Salviano: Nascido em Areia no ano de 1887, criou uma nova maneira de iluminação em Areia. A cidade naquela época era iluminada à base de carboneto, mas Antônio Salviano criou uma máquina com bomba, composta de um cilindro maior que continha água e dentro deste um menor contendo furos e onde se colocava o carboreto. Essa invenção era mais econômica e mais duradoura. Foi primeiramente testada na Rua Getúlio Vargas (centro de Areia). Faleceu no Rio de Janeiro; • O Presidente Getúlio Vargas em Areia (parte II) - Ezilda Milanez Barreto: Na última parte sobre a visita do Presidente Getúlio Vargas à Areia, a autora relata sobre a festa realizada pela Comissão. A festa de boas-vindas aconteceu no Álvaro Machado com a presença de muitas pessoas, relata-se que os membros da Comitiva do Presidente saborearam as comidas regionais e o Presidente elogiou bastante os doces. Depois foram para a Escola de Agronomia do Nordeste para o lançamento de uma pedra fundamental e de lá partiram para outros destinos, finalizando assim a visita; • Escola de Agronomia: Nesta edição do jornal, destaca-se os 48 anos de fundação da Escola de Agronomia do Nordeste, sendo fruto do Ministro José Américo de Almeida, a quem se deve sua fundação. O texto também é complementado por uma foto em preto e branco de 1936 de uma aula de Genética ministrada pelo Professor Carlos Farias; • O dia do estudante no Santa Rita- Padre Fidélis- Relato do Padre José Fidélis sobre uma palestra dada por ele aos alunos do Colégio Santa Rita sobre o dia do estudante. O autor revela que ficou maravilhado com o nível de perguntas dos alunos e enalteceu que a educação sempre é a melhor forma de desenvolver uma pessoa para o bem. Padre Fidélis parabeniza o Colégio e também os alunos pelo seu dia.

29	04	Outubro	1982	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses- Abel da Silva: Professor de Português, Latim. Francês, Química e Física. Foi esposo da musicista Silvia Perazzo, em Areia. Foi amigo de Augusto dos Anjos, e era irmão de Tito Silva (nome de uma rua em João Pessoa). cursou Medicina e Direito, mas não concluiu nenhum dos dois, no Rio de Janeiro e em Recife, respectivamente. Voltou para a Paraíba, onde lecionou durante muito tempo. Há uma rua em Areia em homenagem ao ilustre areiense. Faleceu no ano de 1933, em João Pessoa, onde repousa eternamente; • Pedro Américo- Amaury Vasconcelos: O autor e advogado descreve a injusta reportagem da Revista Veja, que acusa o pintor de plágio em suas obras. O Museu Regional de Areia, juntamente com o nobre autor Amaury, relatam que o erro deve ser corrigido e revisto. O autor enfatiza que Pedro Américo nunca plagiou nenhuma obra, como citado pelo jornalista da Veja (as telas seriam O Grito do Ipiranga e a Batalha do Avaí). Também pede que o colunista da Veja relate que em Florença houve de forma bastante bem visitada uma exposição dessas telas, tendo uma grande aceitação de público em terras europeias; • Teatro Recreio Minerva - Silvia Perazzo: Relata as apresentações ocorridas no Teatro, que a princípio em 1859, foi chamado de Recreio Dramático e posteriormente Teatro Minerva. Foi idealizado por uma Sociedade Teatral que contribuía para sua manutenção. Foi palco de muitas encenações com diversos artistas tanto nacionais quanto internacionais; • Dia do Engenheiro Agrônomo- Anastácio Pereira da Silva (Professor do CCA): O Professor destaca a importância do Agrônomo para todos os setores e parabeniza todos os colegas de profissão pelo seu dia (12 de outubro). Também agradece pelas homenagens recebidas por ele, como a da Associação dos Engenheiros Agrônomos da Paraíba com a Medalha do Mérito Agrícola e como Profissional Emérito do Ano; • Aos Srs. Candidatos a prefeito de Areia: Pedido feito pela Ordem Franciscana Secular, composta por: Maria Augusta Jardelino, Crizalda Andrade, Irmã Francisca e Niedja Silva; por uma melhoria do beco próximo à Igreja da Matriz que durante as festas de rua sempre vira um verdadeiro banheiro público. A reivindicação solicita que seja erguido um santuário em homenagem ao Beato Padre Anchieta.
30	04	Novembro	1982	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: Abdon Felinto Milanez Filho: Foi Engenheiro Civil e começou sua vida pública no Rio de Janeiro. Foi Superintendente Geral de Imigração, na Europa em 1894. Construiu a Escola Nacional de Música, quando diretor do Instituto Nacional de Música em 1916. Destacou-se mais na música do que na Engenharia, compondo uma série de músicas sacras. Em homenagem ao areiense, a banda de música da cidade é chamada de Banda de Música Municipal Abdon Milanez. Foi também político representando a Paraíba de 1903 a 1905. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 1 de abril de 1927;

					<ul style="list-style-type: none"> • Democracia autêntica: Texto de entrada do jornal que celebra o início de uma possível democracia no Brasil em que o Governo demonstra total interesse em desenvolver. O país precisa de mudanças e essas mudanças devem ser benéficas para a população. Várias promessas foram feitas durante as eleições (diminuição da miséria, respeito com o dinheiro do povo, combate à corrupção entre outros) e espera-se que realmente sejam cumpridas. Em uma nota de rodapé, destaca-se a eleição realizada em Areia para Prefeito com a vitória de Sebastião Gomes Pereira, com 138 votos de diferença; • Nenen Silva - Auri Mesquita de Andrade: Texto que homenageia Nenen Silva, filha do abolicionista Manuel da Silva. Dona Neném, como era conhecida, foi uma professora em Areia que mantinha um curso gratuito de alfabetização em sua casa. Também foi a primeira diretora da Casa de Pedro Américo. A autora do texto relata que foi aluna de Dona Nenen e que trabalhavam o crochê e artesanato, além de ensaios de peças teatrais; • Carro de boi- José Correia Lima: Poesia que retrata a vinda dos bandeirantes e desbravou as terras trazendo sua cultura e miscigenação. Relata um saudosismo bucólico das terras que foram conquistadas pelos bandeirantes; • Bodas de ouro- Irmã Inês Cabral Gondim: Texto com foto em preto e branco parabeniza os 50 anos de vida consagrada, dedicando sua vida religiosa em cidades como Pouso Alegre e Pesqueira.
31	04	Dezembro	1982	04	<ul style="list-style-type: none"> • Alegria! Por que? O texto de entrada do jornal faz uma reflexão sobre o fim de ano e suas perspectivas para o próximo. Com esperanças de dias melhores, políticos que realmente se preocupam com a população e crendo que o país terá dias melhores. Finaliza o texto com a mensagem que haverá uma conscientização universal quando a liberdade for conquistada e a segurança no país estiver realmente concretizada; • Vultos areienses - Franklin Tupinambá: Nasceu em Areia no dia 17 de julho de 1831. Começou seus estudos em Areia e depois desenvolveu-se na carreira militar. Ingressou como voluntário no Batalhão da Paraíba, em 1859 foi nomeado Ajudante da Cavalaria em Tocantins. Participou de diversas guerras, entre elas a Guerra do Paraguai. Participou também da Batalha do Avaí em 1868. Passou muito tempo no Paraguai, sendo promovido Capitão. Regressando de Assunção em 1872, lutou pela libertação dos escravos e foi fundador provincial do Partido Republicano. Faleceu em Goiás no dia 30 de setembro de 1886; • Final de batalha- Antonio Carlos Queiroz Teixeira de Barros: No texto o autor exclama sobre o fim das eleições municipais realizadas no dia 15 de novembro. O autor exige que os novos governantes olhem mais para os mais necessitados e ajudem os mais precisam. Areia não pode viver de uma política de troca de favores e que nunca nada é resolvido nem estabelecido para uma melhoria da população. O autor pede que investimentos na educação, saúde e turismo sejam realmente feitos e que não fique

					<p>somente em promessas que já não solucionam os problemas sociais existentes;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Remigenses de Remígio - Cônego José Fidelis: Começa o texto falando sobre Francisco Freire Remígio dos Reis, personagem que deu origem ao nome da cidade. Pesquisas feitas pelo autor do texto relatam que Remígio dos Reis foi um português proprietário de uma sesmaria na região de Caicó- RN. Por questões políticas da época, é forçado a deixar a região e assim, chega à região do Agreste. Desenvolve o comércio na região que hoje é Remígio, de onde mantém contato com outros alferes da proximidade, fundando as lagoas do Remígio entre 1770 e 1780; • D. Ezilda- Texto de Alaide de Almeida Luna: A ex-aluna da Professora Ezilda a engrandece relatando que a mesma foi sua professora no Álvaro Machado e que sempre exerceu suas atividades de docente de forma coesa e responsável. Relembra dos bons tempos de sala de aula quando D. Ezilda sempre inovou nas suas aulas. Além de exercer a docência, D. Ezilda também ajudou aos mais necessitados com campanhas para arrecadar alimentos e roupas para os pobres; • Na seção Notícias do Jornal, destaque para a comemoração dos dez anos de formatura da Turma Sesquicentenário da Independência, da Escola de Agronomia do Nordeste. Na ocasião, a turma se denominava Professor Anastácio Pereira da Silva como Patrono daqueles concluintes em 1972.
32	04	Janeiro	1983	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses: Bento Victório – Autor Francisco Tancredo Torres: Nasceu em 15 de agosto de 1866, no Engenho Cipó, nos limites para Alagoa Nova. Começou seus estudos logo cedo em Areia, onde morou na casa dos tios comerciantes de tecidos. Adquiriu conhecimentos da agropecuária e em 1918 já possuía sítio. Paralelamente à sua vida de agricultor, exerce poder político naquela comunidade, passando por momentos difíceis para salvar sua comunidade do cangaceirismo. Faleceu em Remígio a 14 de janeiro de 1950 onde está sepultado; • Homenagem (José Américo de Almeida) – Autor José Soares Filho: José Américo de Almeida foi um dos personagens mais notáveis que Areia já teve. Foi escritor, romancista e autor de A Bagaceira, além de ter sido Membro da Academia Brasileira de Letras. Mas o lado político de José Américo também deve ser lembrado. Durante o Governo de Getúlio Vargas, como Ministro da Viação, José Américo empreendeu em diversos estados do Nordeste a construção de açudes para beneficiar milhares de sertanejos em uma tentativa de sanar os problemas da falta de água nesta região; • Maria Lisboa – Autora Ezilda Milanez Barreto: Reivindicação da Professora Ezilda sobre a vida da também Professora Maria Lisboa. A autora do texto relata que Maria Lisboa foi a mestra das mestras, mas que nunca foi reconhecida na sua terra natal. Sempre foi desprezada e esquecida por muitos conterrâneos. Nem sequer uma rua em seu nome tem! Maria Lisboa sempre teve uma vida fadada ao anonimato e nunca nem uma aposentadoria conseguiu como Professora. Ezilda Milanez termina o

					<p>texto pedindo para que as autoridades de Areia revejam sua posição quanto à vida profissional de Maria Lisboa e a engrandecida como merecidamente deve ser;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Remigenses de Remigio II – Autor Co. José R. Fidelis: Relata sobre a propriedade Gitó que antes tinha sido habitada por indígenas potiguares e que em uma tentativa de mudança de comportamento e melhorias de convívio foi oferecida uma permuta entre as terras de Gitó e as da sesmaria em Caicó. Dessa forma, o alferes Remígio dos Reis podia trazer sua família para conviver com ele já nas terras que hoje é a cidade de Remígio. Porém os Gitó que eram os donos da terra não gostaram dessa ideia pois viram que ia sair perdidos nessa mudança. Causou-se uma grande luta entre os índios e o Alferes Remígio dos Reis, mas que foi enfraquecida pelo tempo e dando causa ganha aos alferes; • Cidade Relíquia (poema)- Autor Carlos Moreno: No poema o autor relembra os bons tempos e as figuras que fizeram parte de Areia, do Estado e do País. Figuras como Tristão Grangeiro, José Américo de Almeida, Otacílio de Albuquerque, Manuel da Silva e outros que contribuíram para a cultura, política e vida de muitos.
33	04	Fevereiro	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: Padre Ibiapina: Formou-se em Direito, tendo ocupado cargos na Magistratura e Câmara dos Deputados. Iniciou sua vida religiosa aos 47 anos, percorrendo a Região Nordeste em missões evangelizadoras, erguendo casas de caridade, igrejas, capelas e açudes. Vem à Paraíba em 1856 e visita doentes de cólera e fundou um cemitério denominado Soledade, nome que depois dá o nome a cidade. Em 1862 vem novamente à Paraíba e visita Areia, onde fundou a Casa de Caridade e fundou um cemitério nas proximidades de Alagoa Grande. Em 1866 anuncia a Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara. Faleceu em 19 de fevereiro de 1883 e até hoje são atribuídos vários milagres a ele; • Leite: Problema nacional: Texto crítico do jornal que fala sobre o aumento do leite em todas as regiões do Brasil causando revolta entre a população e ao mesmo tempo preocupação para alimentar milhões de crianças que precisam desse alimento; • Mamão- José Félix da Silva: O ex-professor do CCA descreve as características do mamão e seu uso. Faz uma divisão entre o mamão de corda e os não cordais. Dá dicas de plantio e cultivo em casa ou em áreas maiores e que é um fruto bastante consumido no Brasil pois é de fácil acesso e saboroso. Destaca também que suas sementes são vermífugas e as folhas usadas para amaciar as mãos; • Creche Prof. Carminha Souza: Notícia sobre a construção da creche de nome da Professora, mérito do Monsenhor Ruy Barreira com a ajuda da família Teotônio, Ordem Franciscana e Dr. Armando Vieira.
34	04	Março	1983	04	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses: Padre Ignácio de Almeida – Autor Francisco Tancredo Torres: Começa sua vida sacerdotal em 1903, quando é designado professor de Seminário. Em 1904 foi designado pelo seu tio

					<p>Walfredo Leal, Vigário Colorado de Guarabira. No ano de 1907, Ignácio de Almeida torna-se Deputado. Depois volta à vida sacerdotal e é enviado para Roma onde estuda Direito Canônico e aprende italiano. De volta ao Brasil, em 1917, estabelece moradia em João Pessoa, onde inicia atividades de peregrinação da Semana Santa, mas não passa muito tempo no Estado, indo para São Paulo sendo vigário na Diocese de São Carlos. Vai para o Rio de Janeiro onde se estabelece até sua morte em novembro de 1962;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Instalação da Comarca de Remígio – Autor Co. José Rodrigues Fidelis: Texto sobre a instalação da comarca de Remígio em 12 de março de 1983, com a presença de diversas autoridades como os desembargadores Semeão Cananéa e Luiz Bronzeado à frente de tão sonhada façanha. O autor cita que há tempo que a cidade precisava de uma Comarca para suprir as necessidades e até mesmo ajudar as comarcas vizinhas em uma tentativa de melhorar os serviços para todas as comarcas; • Coitezeiro – Autor Dr. Manoel Félix: Refere-se as cuias ou coités que são plantas que servem para arborizar jardins, além de usos medicinais quando usada de forma correta. Além de ser uma planta, também é bastante conhecida na Paraíba pois dá nome a várias cidades como: Cuité, Cuité de Guarabira (atual Cuitegi) e Fazenda Coitezeiro, na cidade de Mamanguape; • O voô da Gaivota (homenagem a Guiomar Travassos Chianca) – Autora Ezilda Milanez Barreto: Ezilda Milanez aqui parabeniza Guiomar Travassos Chianca por ser Membro da Academia de Letras de Brasília, recebimento de uma comenda de Portugal pelo seu livro Música de Estrelas e que seus livros já chegam até São Paulo e sendo bastante elogiados; • Carnavais de Areia – Autora Beatriz Perazzo Barbosa: Relata a realização em 1983 do verdadeiro carnaval com o aparecimento das batucadas dos índios, baile do clube dos Capetas realizado na Câmara Municipal, além da saída de diversos blocos pelas ruas em uma perfeita harmonia e paz; • A gameleira de minha terra (poema) – Autora Guiomar Travassos: Poema que relembra a imponente Gameleira que fora derrubada e que já não mais é vista por imprudência do governo. O texto relata que a Gameleira é o símbolo de saudade e capítulo na vida de muitos que tiveram na infância, a árvore que está imortalizada.
35	04	Abril	1983	05	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses: Plínio Lemos – Autor Francisco Tancredo Torres: Foi um grande Bacharel em Direito, exercendo de forma brilhante sua profissão. Saiu da zona rural de Areia para começar a estudar, onde depois foi estudar no Recife transferindo-se para Belo Horizonte onde terminou os

				<p>estudos e foi Professor universitário naquela cidade. Retornou à Paraíba e logo assumiu a Promotoria de Patos, Campina Grande, Itabaiana e Areia. Trabalho com José Américo de Almeida no Ministério de Viação e Obras Públicas. Outras atividades levaram-no a Membro Observador à União Interparlamentar na Dinamarca. Trouxe investimentos para a Escola de Agronomia do Nordeste. No setor da saúde conseguiu verbas para a construção de hospitais em Campina Grande e João Pessoa. Faleceu dia 23 de abril em São Paulo e depois seus restos mortais vieram para Areia onde repousam no cemitério local;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mecenas Por acaso (aparecimento do quadro de Pedro Américo) – Autor Expedito Ramalho de Alencar: O autor relata que após um telefonema reportando que tinha aparecido um quadro que havia sido roubado do Museu Pedro Américo, em Areia. O quadro em questão foi o “Independência ou morte” e que tinha sido endereçado ao Jornal Areiense vindo de Guarulhos-SP; • Os areienses lembrados (apresentação de requerimentos solicitando nomes a várias ruas e praças da cidade) – autor Carlos Queiroz Teixeira de Barros: Relata que um vereador requereu para que alguns nomes famosos de Areia fossem lembrados e convertidos em nomes de ruas ou praças. Algumas dessas homenagens poderiam ser para os seguintes filhos ilustres: o Coronel Cunha Lima deverá ter um busto na Praça do Trabalho, outras praças levariam o nome de Júlio Silva e Abdon Milanez Barreto, e nomes de rua para: Tito Silva, a Professora Nenen Silva, Maria Lisboa, Deputado Plínio Lemos, Francisco Jorge Torres, Cícero Barros, Dr Hercílio Rodrigues e Dr Moraes Galvão. Cabe ao prefeito acatar tal pedido mais que digno e imortalizar como homenagem a essas figuras tão ilustres da que engrandeceram o nome de Areia; • Os italianos em Areia – Autora Sílvia Perazzo Barbosa: Começou na segunda metade do século dezenove com a chegada do italiano Rocco Pagano à Areia que se deslumbrou com a beleza da cidade e seu clima parecido com o da Itália. Depois dele, vários outros italianos chegaram em Areia e se estabeleceram como Nicolau Pagano que se casou com uma areiense, e Tommaso Apratto que também se estabeleceu em Areia. Francesco Casullo foi quem praticamente radicou a família Perazzo em Areia, convidando Giuseppe Perazzo para trabalhar na sua loja, Giuseppe Perazzo casou-se com Eleonora Apratto em Areia firmando assim uma vila de italianos em Areia. Os Perazzo permanecem em Areia já na quinta geração formada por tios, sobrinhos, netos e bisnetos; • Prefeito envia esforços na recuperação do quadro de Pedro Américo: Reportagem onde relata o esforço do Prefeito Sebastião Gomes juntamente com a Polícia do Estado e a Polícia Federal no intuito de descobrir quem teria sido a pessoa que roubou o quadro de Pedro Américo. Além disso, o prefeito também entrou em contato com o Governador para pedir uma reforma no Museu e assim
--	--	--	--	---

					<p>aumentar sua segurança;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prefeito recebe convite de concluintes: A turma concluinte do curso de Zootecnia da UFPB convidou o Prefeito de Areia para ser paraninfo da turma, o prefeito que é formado em Agronomia, aceitou o convite e se disse lisonjeado por tamanha homenagem; • Notícias: Recebimento da tela “Cristo Morto” de Pedro Américo- Foi recebido pelo Colégio Santa Rita a encomenda entregue pela Empresa Itapemirim que logo se dispôs a entregar ao Vigário e este entregou a peça ao Prefeito. O quadro havia sido roubado em fevereiro e chegou no Colégio Santa Rita sem remetente;
36	04	Maio	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Aniversariou o Carlota Barreira: Anúncio de entrada do Jornal sobre o aniversário da Escola Carlota Barreira, no dia 26 de maio. Com 15 anos de dedicação à educação, a Escola fundada pelo Cônego Ruy Barreira Vieira destaca-se na boa educação e formação de alunos para todas as áreas; • Vultos Areienses: Camilo Ribeiro – Autor Francisco Tancredo Torres: Camilo Ribeiro dos Santos foi um grande músico areiense que começou seus estudos de forma autodidata. Seguiu carreira de músico entrando na Polícia Militar do Estado da Paraíba e mais tarde tornou-se maestro da referida instituição. Passou a reger várias comemorações com personalidades estaduais e nacionais. Foi autor do Hino da Paraíba, em 1902 que se intitula 5 de agosto. Participou de diversas bandas do estado onde sempre foi maestro. Veio pouco em Areia, descendia de escravos e dessa forma, participou da campanha abolicionista em Areia. Nasceu no dia 15 de julho de 1876 e faleceu em João Pessoa no dia 9 de maio de 1957 onde está sepultado; • Areia e Boa Esperança – Autor Expedito Ramalho de Alencar: Comparação feita devido a uma reportagem do Globo Repórter que citava a cidade Boa Esperança como exemplo de desenvolvimento através de cooperativas e associações que ajudavam o município a crescer. O autor sugere que Areia siga esse exemplo e que não espere somente pelas autoridades, mas que também faça a sua parte para o crescimento da cidade; • Miguel da Rocha Vasconcelos Filho – Autora Maria Angelina Vasconcelos de Farias: músico que embora não fosse areiense, desenvolveu a arte da música na cidade durante muito tempo. Foi compositor e tocava muito bem piano, se apresentando várias vezes na cidade onde arrastava um público seleta e culto. Morreu no dia 28 de setembro de 1940 e seus restos mortais encontram-se na cripta de Frei Martinho, em João Pessoa; • Para que lembrar o que passou (poema) – Autora Beatriz Perazzo Barbosa: A poetisa e musicista

					Beatriz Perazzo revela um sentimento, resgatando um passado de sua infância demonstrando saudade. O poema é revestido de um sentimentalismo bucólico e também esperançoso, com demonstração de que o passado ainda guarda algo, mas que devemos pensar no presente e esquecer sentimentos que não nos engrandecem.
37	04	Junho	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Deixou-nos Horácio de Almeida: Texto de entrada do jornal relatando a morte do grande historiador, escritor e advogado Horácio de Almeida. O autor do texto pergunta o porquê de tantas figuras ilustres estão indo embora tão precocemente. Ainda ressalta que a obra Brejo de Areia é uma verdadeira Bíblia do turismo e o primeiro livro a contar a história de uma cidade no país. Morreu pobre aos 87 anos, lúcido e ainda em atividade intelectual, mas que deixará para sempre o legado de Areia para as futuras gerações que devem aprender com o mestre; • Vultos Areienses: Maria do Rosário – Autor Francisco Tancredo Torres: Nasceu em Areia a 24 de maio de 1830. Alfabetizada no próprio lar, aprimorou-se na arte musical sendo uma excelente flautista e destacando-se sempre no coro da Igreja principalmente na festa do Rosário. Tinha conhecimentos de latim e dessa forma, começou a vontade de lecionar, embora o ensino feminino só tenha chegado à Areia em 1836. Era tia de Pedro Américo onde o famoso pintor a escrevia de quando em vez da Europa para contar-lhe sobre os acontecimentos do Novo Mundo e para demonstrar saudades da tia que conheceu ainda menino quando residia em Areia. Faleceu em Areia e até à época da circulação do jornal ainda era lembrada por muitos pela sua bela voz e desenvoltura em instrumentos como flauta, violão e violino; • Areia de José Américo de Almeida – Autor José Alves de Lima: Texto saudosista onde o autor retrata a figura de José Américo como um grande divulgador da cidade de Areia mostrando os costumes da época da Bagaceira. Descreve Areia como um lugar encantador e que deve ser sempre visitado por todos que apreciam uma boa história e também querem aprender mais sobre a cultura local e regional. Porém, o autor adverte que a Areia de José Américo e a Bagaceira não é mais a mesma. Hoje (época do Jornal), Areia está repleta de estudiosos, pesquisadores que colaboram para o desenvolvimento do país, principalmente nas áreas das ciências agrárias com os cursos de Agronomia e Zootecnia pela Escola de Agronomia do Nordeste, fundada justamente pelo próprio José Américo de Almeida; • Areia e seus problemas – Autor Antônio Carlos Queiroz Teixeira de Barros: Em alusão ao aniversário de 137 anos de Areia, o autor descreve que Areia precisa muito melhorar em vários setores. As reclamações ou reivindicações surgem há 20 anos com a necessidade de um hotel para impulsionar o turismo, construção essa que já começou, mas que está parada há 1 ano. Outro problema é a falta de

					<p>água constante, e quando tem é de péssima qualidade. Areia também não dispõe de um hospital devidamente aparelhado. O autor enumera vários problemas que Areia como a falta de um Fórum, de um clube social, de um sistema eficiente de limpeza pública, de boa iluminação e de casas para beneficiar muitas pessoas que vivem em terrenos invadidos ou estão sem teto. Areia precisa retomar sua posição de destaque no Estado e para isso, precisa do envolvimento de todos os setores da sociedade para que cheguem a um denominador comum e assim, a cidade cresça e tenha melhores condições para todos.</p>
38	04	Julho	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: Horácio de Almeida: Nasceu em Areia no dia 21 de outubro de 1896, depois foi estudar Direito no Recife onde terminou o curso em 1930. Foi um dos fundadores da Associação Paraibana de Imprensa, fundador e membro da Academia Paraibana de Letras. Em 1917 fundou o jornal “A Ronda”, na área de Direito fundou a revista Nova Era com participações de José Américo de Almeida e José Lins do Rego. Sua última atividade na Paraíba foi política no governo de Odon Bezerra, onde participou das celebrações do Centenário de nascimento de Pedro Américo. Foi para o Rio de Janeiro onde começou a escrever sua obra mais conhecida: Brejo de Areia, em 1955, e foi bastante divulgada muito mais fora do que na própria Areia. Outras obras foram surgindo como “Dicionário de termos erótico e afins” e Augusto dos Anjos-razões de sua angústia. Foi Membro e Fundador da Academia Brasileira de Literatura. Horácio de Almeida faleceu no Rio de Janeiro no dia 6 de junho de 1983, de infarto em sua casa, e sepultado também no Rio de Janeiro; • Pátria enferma: Texto crítico sobre a situação econômica que o país enfrenta com alta de produtos e a ameaça do não pagamento da dívida externa. O autor também relata a falta de interesse do Presidente em trabalhar para melhorar essa situação. Problema esse que só afeta os mais necessitados que precisam de comida, trabalho e saúde; • Areia e seus filhos ilustres: A cidade de Areia sempre foi o celeiro cultural da Paraíba com figuras ilustres como: José Américo de Almeida, Pedro Américo, Horácio de Almeida e outros que contribuíram para o crescimento e conhecimento dessa cidade. Porém, novos artistas têm surgido e renovado a semente da cultura de Areia. Vale destacar: Guiomar Chianca, Claudio Lemos e Beatriz Perazzo no ramo das artes; na literatura temos Ezilda Milanez, José Alves de Lima e Átila Almeida; na música temos Genival Medeiros e Silvia Perazzo; as crônicas de Amaury Vasconcelos e Pedro Cunha Lima Filho; no ramo da política temos: Plínio Lemos, o Desembargador Aurélio de Albuquerque. Várias são as figuras que surgem no cenário cultural e político de Areia, mas a conscientização da população em valorizar esses artistas e o empenho das autoridades do município também devem ser feitos e assim Areia será mais valorizada; • Alerta - Verônica Maria Correia Lima: A crítica é feita sobre a cultura de Areia que vive de um

					<p>passado, mas sem perspectiva do presente e nem do futuro. É preciso desenvolver políticas públicas de incentivo à cultura para que os habitantes da cidade não sejam iludidos por uma cultura distante que ficou no passado, mas que não se recicla e nem muito menos é valorizada pelos mais jovens. Areia é um berço da cultura, mas que não pode viver do passado somente. A História deve ser feita com ideias de um futuro promissor e grandioso para prestigiar e capacitar os mais novos ilustres que podem surgir;</p> <ul style="list-style-type: none"> • As siglas- Expedito Ramalho de Alencar: O autor aqui faz uma crítica quanto ao uso indiscriminado das siglas em todos os setores da sociedade. Hoje tudo que nos está ao redor é inundado por siglas que muitas delas são úteis e usadas largamente como uma forma de melhor comunicação. Várias delas surgem como utilidade pública como: ONU, UNESCO, INAMPS, PETROBRÁS, PIS, FGTS, LUZ. Uma forma até de abreviar certos diálogos, quando não há necessidade em explicar muito quando se vai PAGAR A LUZ, por exemplo. Essa nova comunicação é benéfica para todos. Isso influencia também na comunicação dos jovens que hoje só falam de forma monossilábica usando expressões como: oi, opa, tô aqui, tá legal e tudo bem; • Tatajuba- Manuel Félix da Silva: Explicação para um tipo de árvore muito comum no Brejo de Areia e que tem várias utilidades, principalmente para a construção civil com o uso da madeira. Seu uso medicinal também é importante, como o seu leite para tratamento da dor de leite. De frente ao almoxarifado da Escola de Agronomia há um exemplar dessa nobre árvore como uma forma de preservação natural e conhecimento para futuras gerações dessa árvore;
39	04	Agosto	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses: Fausto Benjamim da Cruz Gouveia: Estudou Direito em Olinda e quando formou-se veio para Areia e foi Juiz dessa cidade. E nessa época, em 1859 um importante evento aconteceu na história da Paraíba, a visita do Imperador Dom Pedro que foi para João Pessoa e Mamanguape. Houve até uma tentativa da visita de Dom Pedro à Areia, mas não foi possível, alegando Dom Pedro que ia demorar pouco tempo no Estado. Recebeu a Ordem da Rosa dada pelo Imperador Dom Pedro. Faleceu no dia 18 de abril de 1862 em João Pessoa, vítima de cólera; • Campeão do mundo: o texto de entrada do jornal fala sobre a exorbitante dívida externa do Brasil e suas drásticas consequências especialmente sentida pelo povo mais humilde. O Brasil tinha tudo para crescer, mas anda para trás e sempre com um pensamento retrógrado que só causa problemas para a sociedade. A insatisfação é grande perante a população, já que o Brasil é campeão mundial em dívida externa, fato que preocupa e deixa indignada uma sociedade já sofrida e que vê sempre uma esperança de dias melhores se distanciar e causar desconforto e desolação; • Flor no pântano- Texto de José Soares Filho: o texto fala sobre o brutal assassinato da líder sindical

					<p>de Alagoa Grande Margarida Maria Alves. Relata que ela foi uma heroína para todos os trabalhadores. Pede justiça para os assassinos e que a esperança que Margarida deixe de renovação seja cumprida e sempre levada em conta como um incentivo na luta dos trabalhadores que sofrem nas mãos dos que só querem ficar ricos, mas não reconhecem o trabalho dos homens da terra;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em defesa de Areia e do CCA - José Alves de Lima: O texto descreve a possibilidade de uma anexação do Campus III de Areia à Universidade Federal de Campina Grande, trazendo assim sérios problemas para Areia. Trata-se de um projeto da Câmara de Vereadores de Campina Grande que tenta levar os cursos de Areia para Campina Grande, onde funciona o Campus II. Várias manifestações contrárias foram realizadas com interferência do Diretor do Campus III em Areia, Edvaldo Beltrão e outras autoridades que protegem a educação superior na cidade. O texto finaliza com a perspectiva que o projeto não seja acatado pela Presidência da República e que Areia continue com seus cursos educando mais pessoas de todo o país; • Areia - poesia de Guiomar Travassos Chianca: A autora escreve a poesia em homenagem à Areia retratando o orgulho que a cidade nos dá, desde o seu clima ameno até a imensidão dos campos. Poema saudosista que reflete sentimentos de tristeza, mas ao mesmo tempo de satisfação em fazer parte dessa cidade tão acolhedora e bonita.
40	04	Setembro	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses: Félix Antônio: Nasceu em um período conturbado da esfera política do Estado, sua família estava reunida no Movimento Revolucionário de 1817, mas Félix Antônio não se envolveu nessa área. Partiu para o lado político. Estudou Direito na Faculdade em Olinda, onde desenvolveu mais ainda seu lado político. Foi Conselheiro do Império e Ministro do Estado. Seu pai foi o grande revolucionário da Confederação do Equador e Presidente temporário da Paraíba, em 1824; • Creche Carminha Souza: Relata de forma grandiosa a inauguração da Creche Carminha Souza que ajudará na educação de muitas pessoas em Areia, em especial aos mais necessitados. A creche é mais uma das muitas realizações da Paróquia de Areia, que tem a frente o Monsenhor Ruy Barreira que não mediu esforços na realização dessa obra. Trata-se de uma homenagem a Carminha Souza que durante anos foi Professora de Português em diversas escolas em Areia e também um presente para os pobres tanto da zona urbana quanto da zona rural; • A creche Prof. Carminha Souza - Antonio Carlos Queiroz Teixeira de Barros: No dia 9 de outubro, o Monsenhor Padre Ruy entregará à comunidade a Creche Carminha Souza que beneficiará muitos necessitados da cidade. É sempre plausível o que faz o Monsenhor em benefício de todos. O autor relembra que Carminha foi uma professora muito bem conceituada e que trabalhou muito para o engrandecimento da educação municipal. Vale lembrar também que esse esforço do Monsenhor Ruy

					<p>em trazer escolas para Areia é um exemplo a ser seguido pelos governantes que muitas vezes fazem politicagem e esquecem o que realmente a cidade e a população precisam;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Areiense Clube: Famoso clube da década de 70 e 80 em Areia que era frequentado pela elite da cidade. Mas agora está doando seu prédio para a Prefeitura Municipal, onde será o Fórum de Areia. Depois de muita confusão até mesmo com agressão física entre a polícia e alguns frequentadores do clube é que o clube se encontra fechado; • Botada do Engenho - Poema de Cláudio Lemos: O autor fazendo alusão à Usina Santa Maria que na madrugada funcionava e tocava um estrondoso sinal que estava prestes a funcionar para moer cana de açúcar.
41	04	Outubro	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses: Crispim Antonio de Miranda Henriques: Formado em Direito em 1849, exerceu o Cargo de Juiz. Além desse cargo também teve participação no ramo agrícola. Filiou-se ao Partido Conservador, iniciando a carreira política com muito sucesso, sendo eleito Deputado Provincial no ano de 1858. Continuou suas atividades políticas em Alagoa Grande onde fixou residência e exerceu novos cargos políticos como Delegado de Polícia e Suplente de Juiz Municipal. Em 1870, mudou-se para a Capital do Estado para exercer o cargo de Procurador Fiscal do Tesouro. Mas em 1872, voltou à Areia e como representante na Câmara apresentou um projeto que criou a Freguesia de Pilões. Faleceu em 17 de janeiro de 1891 na cidade de Santa Rita; • O poeta: João de Cristo Rei - Figura nascida na cidade de Areia em 24 de julho de 1900, logo cedo perdeu os pais e foi criado por uma tia. Desenvolveu seus estudos no meio da lavoura onde aprendeu as primeiras letras. Seu sonho era ser padre e costumava ler o Novo Testamento. Foi para Juazeiro do Norte em 1927, e em 1930 iniciou sua vida de vendedor de cordel em Juazeiro, onde ficou residência. Escreveu vários cordéis, entre eles: O sermão misterioso de Padrinho Cícero Romão e a Profecia misteriosa sobre os três dias de escuro. Casou-se duas vezes porque dizia que não se sentia bem estando sozinho. Faleceu no dia 15 de outubro de 1983; • Lions Clube- Louvável a construção de uma Escola da parte do Lions Clube tendo um terreno doado pelo senhor João Barreto. A escola contou com a ajuda de professores do CCA que se comprometeram a ensinar aos mais necessitados as primeiras letras de forma voluntária. A escola funcionava na forma de semi internato e os alunos recebem certificado; • Hotel Bruxaxá: Reclamação feita à PBTUR pelo descaso na construção do Hotel Bruxaxá, já que o Governo dizia que não haveria problemas na construção, mas que agora está suspensa e sem perspectiva de volta. É uma falta de consideração com a cidade e falta de compromisso com o

					turismo.
42	04	Novembro	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos Areienses: Manoel Correia Lima - Autor Francisco Tancredo Torres: Primeiro areiense a ser Bacharelado em Direito, em 1840. Nascido em 1812, veio de família pernambucana que se instalou em Areia. Envolveu-se com a política local no Partido Conservador e tornou-se Deputado Provincial em 1842 e 1844. Enquanto Promotor Público da cidade de Areia, foi realizada eleição pública para Deputado Geral, saindo vitorioso Dr. Trajano Alípio de Holanda Chacon, mas foi assassinado e então Manoel Correia Lima assumiu o cargo. Faleceu no dia 16 de novembro de 1863, em João Pessoa, vítima de problemas cardíacos; • Areia: o sino da matriz - Texto que remete ao sino da Igreja Matriz em Areia que marcava determinados acontecimentos como anúncio da Missa, convocar as crianças para o catecismo, no final da tarde, e também quando alguém conhecido na cidade morria, o sino tocava como uma última homenagem ao falecido. Mas o momento mais sublime era às 18h quando anunciava a hora da Virgem Maria; • Uma chama patriótica (Conferência do Equador) – Autor J.V. de Carvalho: Movimento que surgiu em Pernambuco e se estendeu pela Paraíba, a Confederação do Equador também surgiu em Areia como uma forma republicana e de um governo revolucionário, trazendo esperança para muitos moradores. Várias manifestações foram realizadas em Areia como discursos inflamados, saudações ao novo governo e declaração de um ato de guerra ao governo imperial. Jovens foram convocados para lutar em prol de uma pátria mais igualitária e de combate ao absolutismo; • Coral Universitário- Visita do Coral Universitário da Paraíba Gazzzi de Sá em apresentação no Colégio Santa Rita onde desenvolveu grande performance de seus componentes. O destaque deve ser dado à Universidade Federal da Paraíba, Secretaria de Cultura do Estado, PBTUR e a Prefeitura Municipal de Areia; • Lions Clube - Tudo pronto para o início das atividades da Escola patrocinada pelo Lions Clube de Areia. A Prefeitura se comprometeu a ajudar de todas as formas com apoio social e logístico para o bem da cidade e dos alunos que irão estudar nessa escola.
43	04	Dezembro	1983	02	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Claudino Leal: O ano era de 1838, e foi organizado em Areia o Partido Conservador com a filiação de muitas famílias e em oposição a esse Partido surgiu o Liberal com adesão de outras famílias, dentre elas a Leal. Dr Trajano Alípio é designado representante da Assembleia Geral, mas

					<p>não assume, pois foi assassinado. Esse acontecimento traz sérias mudanças para a família Leal, já que Claudino Leal estudava Direito em Olinda, mas teve que retornar à Areia para assumir a família, mas depois muda-se para São João do Cariri onde estabelece moradia e exerce a função de Promotor. Faleceu em 1863 naquela mesma cidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fatos históricos- Uma lição de bravura- J.V. de Carvalho: Fato ocorrido no dia 21 de fevereiro de 1849, onde a cidade de Areia acordou assombrada com a possibilidade de um ataque vindo da cidade de Alagoa Grande. A tensão aumentou quando deu 9 horas da manhã quando se ouviram os primeiros tiros que só foram aumentando. A rua da Palha virou um campo de batalha. A tropa da cidade de Alagoa Grande era maior que a local, causando assim intensa derrota dos areienses. Caía o último baluarte da Revolução Praieira em Areia. Embora derrotada, a cidade de Areia deu provas de um futuro promissor para suas ideias; • Parricidas brejeiros - Tancredo Torres: Relata dois crimes acontecidos em Areia em duas épocas diferentes. O primeiro aconteceu no ano de 1909, quando Belissário assassinou seu pai Tertuliano Batista, crime ocorrido na zona rural. O autor relata que conheceu Belissário. O outro crime aconteceu mais recente, com a data do jornal, em 18 de agosto de 1981, quando Gabriel Laurentino assassinou seu pai, crime ocorrido na zona urbana de Areia. O autor fala aqui que os dois permaneceram em liberdade por muito tempo, mesmo tendo a recebido a denúncia; • Santa ou pecadora - Poema de Cláudio Lemos: o poeta aqui escreve em seus versos um possível amor não correspondido de uma mulher desconhecida e que ele espera em breve revê-la para que se possível, ainda tê-la em seus braços.
44	05	Janeiro	1984	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses- Tobias Victorio: Nasceu em 26 de novembro de 1889, no distrito de Remígio, cidade de Areia. Ingressou no Seminário da Paraíba assim que terminou os estudos secundários. Ordenou-se Sacerdote em 16 de novembro de 1913. Passou a morar na Capital e dedicou-se à imprensa católica, escrevendo para o jornal A Imprensa. Voltou para Remígio na esperança que fosse designado Pároco daquela cidade, mas não obteve sucesso e assim partiu para o Rio de Janeiro, sendo professor naquela cidade até sua morte em 7 de maio de 1955; • Hotel e turismo- texto de entrada do Jornal que retrata a retomada da construção do Hotel Bruxaxá com uma nova empresa construtora e novos recursos. Mas não é somente a construção do Hotel que irá melhorar o turismo em Areia. Toda área envolta do Hotel é uma favela que não embeleza o lugar e que precisa ser retirada o mais rápido possível, sendo assim mais um problema que surge para a administração municipal que é o problema da habitação. A PBTUR também se comprometeu a reformar a Casa Pedro Américo, o Museu Regional de Areia, o Teatro Minerva e o Sobrado José Rufino. Mas o Jornal enfatiza que todas essas promessas não são novidade e o que resta agora é que

					<p>sejam cumpridas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fantasia Cósmica- Anastácio Pereira: texto do Professor da Escola de Agronomia do Nordeste em que relata o surgimento da Terra com a formação dos planetas, estrelas e do Sol. De uma forma bastante poética, o autor descreve a formação da galáxia com um tom religioso, até mesmo pelo título percebe-se que seja realmente uma fantasia toda essa criação. O autor finaliza seu texto com uma pergunta intrigante: onde termina o Universo? e Onde começa Deus até que se prove o contrário?; • Ilusões mortas - Poema de Cláudio Lemos: a melancolia é retratada aqui em seu poema com um teor bastante triste de alguma ação que não foi realizada ou até mesmo um sentimento negativista que envolve o autor. O poema descreve nitidamente sua insatisfação com a vida ou algum amor não correspondido, onde tudo não passou de uma ilusão.
45	05	Fevereiro	1984	03	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Severino Patrício: Médico areense diplomado em 28 de dezembro de 1929, no Rio de Janeiro. Fixou-se na Capital da Paraíba para exercer sua função. Trabalhou na Colônia Psíquica Juliano Moreira, sendo especialista nessa área e também trabalhou no Manicômio Judiciário. Também foi político sendo vereador em João Pessoa. Foi Professor Universitário da disciplina de Medicina Legal. Nasceu em Areia no dia 17 de dezembro de 1899 e faleceu em João Pessoa onde está sepultado; • Eu não queria- Monsenhor Ruy Barreira Vieira (Diretor Presidente do Jornal O Areense): relato do fundador do Jornal sobre o fechamento e a não mais circulação do Jornal. O autor descreve que sempre trabalhou muito por Areia, trazendo várias contribuições como o Carlota Barreira, O Museu Regional, o Centro Social Pio XII e a Biblioteca José Américo de Almeida. Mas a situação econômica do país o forçou a dar essa notícia do fechamento do jornal. Padre Ruy diz explicitamente que a maior razão de acabar o Jornal é financeira. Relata também que apesar de Areia ser privilegiada de muitos intelectuais, nada foi feito por parte da sociedade para que isso acontecesse. Finaliza o texto agradecendo a todos que contribuíram durante a circulação do Jornal; • O prefeito e a seca-Pedro Freire de Souza Filho: o autor descreve no seu texto sobre a seca que assola a região Nordeste há anos e causando fome e falta de água em várias localidades do Estado, e, em especial a zona rural. Descreve que Areia por ser uma cidade privilegiada geograficamente, mesmo assim sofre com esse problema da seca. Mas a administração municipal preocupada com a população trouxe com ajuda do Governo estadual um carro pipa para levar água a todos os recantos da cidade. Dessa forma, a cidade deveria se preocupar em trabalhar em conjunto para o bem de todos

					<p>e não ficar criticando, pois assim não adiantaria o prefeito está trabalhando, mas a população não agradece;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Areia-Alemanha- velhas e boas relações culturais- José Alves de Lima: o primeiro alemão a pisar solo areiense foi um naturalista Bindsell junto com Brunet, que logo havia descoberto Pedro Américo e o levou com sua expedição pelo Sertão do Nordeste e logo depois para a Europa. Em 1937 foi a vez das freiras de Diligen, assombradas pelo Nazismo, desembarcarem em Areia trazendo a cultura e a educação. Recentemente (na época do Jornal), o Cônsul Geral da Alemanha visitou Areia a convite da Paróquia local e da EMATER, ficando entusiasmado com as belezas da cidade e o clima. O Cônsul também afirmou que irá lutar para trazer para a cidade bolsas de estudos para estudantes que queiram estudar na Alemanha, assim como também professores universitários que trabalham com pesquisas voltadas para engenharia e ciências agrárias; <ul style="list-style-type: none"> • Na seção FATOS algumas notícias relacionadas às obras da Prefeitura Municipal como a aquisição de um novo ônibus para trazer os alunos da zona rural para estudar na cidade; e a inauguração da Creche Carminha Souza, fruto do desejo de Padre Ruy como uma forma de agradecimento a esta Professora.
46	05	Março	1984	01	<ul style="list-style-type: none"> • Vultos areienses - Dom Santino Maria da Silva Coutinho: Nasceu em 17 de dezembro de 1865, no Engenho Avarzeado. Foi um grande exponencial do episcopado brasileiro. Estudou em Roma os cursos de Filosofia, Teologia Dogmática e Direito Canônico. Retornou à Paraíba em 1895 sendo designado como Secretário do Bispado e durante os demais anos trabalhou sempre na sua área religiosa. Também fez parte do corpo docente do Liceu Paraibano. Desenvolveu atividades em Maceió e outros estados do Nordeste. Em Maceió criou a Casa dos Pobres e a Escola Doméstica dirigida pelas Irmãs de Nossa Senhora do Amparo. Já doente, deslocou-se para João Pessoa vindo a falecer em 10 de janeiro de 1939, tendo o seu corpo embalsamado e enviado a Maceió; • Vamos às diretas: no texto de entrada, o Jornal retrata o pronunciamento do Presidente Figueiredo sobre uma possível abertura para à democracia e assim, desperta uma esperança na população por novos direitos estabelecidos por uma Constituição que ainda pede por diretrizes que facilitem as camadas mais necessitadas do país. Descreve sobre as eleições de 1982 com a população insatisfeita em votar em um colegiado eleitoral, e com anseio para eleições diretas onde as pessoas possam realmente votar em líderes que trabalham para o bem da Nação; • Fatos históricos - a abolição da escravatura em Areia: comenta sobre a libertação dos escravos em Areia 10 dias antes da oficial liberdade dada aos escravos em todo o Brasil, tornando assim, Areia um marco histórico para o Estado e o Brasil;

				<ul style="list-style-type: none">• Universitários e alimentação: diante da alta no preço da alimentação servida nos restaurantes universitários, os estudantes organizaram-se em movimento de protesto, culminando com a greve de fome de sete jovens. O diálogo entre o Reitor Berilo Borba e o Governador Wilson Braga não surtiu efeito. O texto questiona que é inadmissível que tal situação esteja acontecendo, pois os órgãos públicos recebem quantias simbólicas para alimentar seus estudantes e dar apoio psicológico e social;• A água de vaca brava- Antonio Carlos Queiroz Teixeira de Barros: A Barragem de Vaca Brava foi construída em 1930, e dessa forma não suporta mais a demanda atual já que a população aumentou. O quadro atual é de total abandono; além da falta de água, o assoreamento também prejudica para os baixos níveis de água. O autor reclama da incompetência da CAGEPA em não drenar para retirar o material sedimentado. Finaliza o texto pedindo que a CAGEPA tome consciência e trabalhe de forma responsável para manter o bom funcionamento da água para Areia e evitar um possível colapso;• Por que mudar? - Plácido Carneiro Manso: o motivo pelo qual não houve a realização do Festival de Artes em Areia, segundo rumores, foi a não concessão das dependências do Colégio Santa Rita, mas o motivo não é apenas esse: fala-se também que a própria Universidade alegou que a realização do Festival no Campus, atrapalhava o início do ano letivo. Espera-se que em 1985 as portas estejam abertas para realização de tão prestigiado Festival, e Areia volte a abrilhantar o Estado com sua cultura;• Na coluna NOTÍCIAS, há uma nota da realização do Festival de Artes, que era realizado em Areia, mas que esse ano (1984) foi realizado em João Pessoa, tendo como patrono o escritor areense Horácio de Almeida.
--	--	--	--	--